



.....

# NAS SELVAS DO BRASIL

*Theodore Roosevelt*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

*Volume 141*

## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

**M**issão Rondon, obra compila artigos publicados no *Jornal do Comércio*, em 1915. É uma visão coetânea aos feitos desbravadores de Cândido Mariano da Silva Rondon. Neste volume, estão descritas as expedições para o reconhecimento do traçado e construção de linhas telegráficas, explorações geográficas e riqueza dos sertões do noroeste mato-grossense, populações indígenas e seus contatos e relações entre elas e a Comissão Rondon e, por fim, a Expedição Roosevelt para determinação do curso do rio da Dúvida.

**V**iagens pelo Amazonas e rio Negro, o autor Alfred Russel Wallace, viajante e naturalista inglês, nasceu em 1823. No dia 1º de julho de 1858, Wallace apresentou, na Sociedade Lineana de Londres, suas idéias sobre a seleção natural das espécies. Na tarde do mesmo dia, na mesma Sociedade, Darwin leu o manuscrito sobre *A Origem das Espécies pela Seleção Natural*. Ambos os trabalhos foram aceitos, pois constituíam pesquisas desenvolvidas simultaneamente, sem contato entre seus autores. Esta obra é o resultado de quatro anos de experiência na bacia do Amazonas, viagem realizada às expensas do naturalista inglês, em que relata suas excursões e impressões. A primeira e a última parte do livro foram extraídas de seu diário de viagem, posto que muito do material que recolheu extraviou-se. Suas observações não se limitam à geografia dos trópicos, à flora e à fauna da região amazônica, alcançam também os costumes e a vida social de índios e portugueses que habitavam a Amazônia.

## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

**P***aisagens brasileiras*, é uma compilação de artigos do renomado autor Visconde de Taunay, escritos para diversos jornais da sua época, que versam sobre viagens e comentários variados. Coligidos por Afonso E. Taunay, os artigos não só apresentam elementos de curiosidade cultural, mas também servem para compreender a personalidade de um homem que deixou marcada a cultura brasileira, seja pelo seu romance *Inocência*, seja por sua produção sobre a História do Brasil, como é o caso do livro *A retirada da Laguna*. Aqui, o escritor observa vários recantos do Brasil, desde os campos de Curitiba, a gruta de Tapiruçu, o salto do Visconde do Rio Branco até sua excursão pelo rio Iguaçu. Na segunda parte do livro, inédita em periódicos, o autor faz digressões sobre a costa meridional brasileira, as opiniões de D. Pedro II, episódios eleitorais e muitas outras viagens, paragens e observações políticas. É um volume para quem quer completar o conhecimento sobre a obra do autor. Contém trechos do diário íntimo, conforme assinalou Afonso E. Taunay. “Foram traçadas a uma época em que ativamente colaborava no Comércio de S. Paulo, no *Imparcial*, jornais de S. Paulo, e na *Gazeta de Notícias*, *Notícia* e *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro.”



Em foto do filho Kermit, Theodoro Roosevelt (\* 1858 – † 1919)  
e o coronel Cândido Rondon (\* 1865 – † 1958) com um veado-campeiro,  
abatido pelo ex-presidente dos Estados Unidos.



.....

NAS SELVAS DO  
BRASIL



*Mesa Diretora*

Biênio 2009/2010

Senador José Sarney  
*Presidente*

Senador Marconi Perillo  
*1º Vice-Presidente*

Senadora Serys Slhessarenko  
*2º Vice-Presidente*

Senador Heráclito Fortes  
*1º Secretário*

Senador João Vicente Claudino  
*2º Secretário*

Senador Mão Santa  
*3º Secretário*

Senadora Patrícia Saboya  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador César Borges  
Senador Cícero Lucena

Senador Adelmir Santana  
Senador Gerson Camata

*Conselho Editorial*

Senador José Sarney  
Presidente

Joaquim Campelo Marques  
Vice-Presidente

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 141*

NAS SELVAS DO  
BRASIL  
(Viagem ao Brasil selvagem)

ILUSTRADO COM FOTOGRAFIAS TIRADAS POR  
KERMIT ROOSEVELT E OUTROS MEMBROS DA EXPEDIÇÃO

POR  
*Theodore Roosevelt*

TRADUÇÃO DE  
*Luís Guimarães Júnior*



*Brasília – 2010*



EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

Vol. 141

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Título em inglês:

© 1914 *Through the Brazilian Wilderness*

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2010

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-309-5

.....

Roosevelt, Theodore.

Nas selvas do Brasil / Theodore Roosevelt ; ilustrado com fotografias tiradas por Kermit Roosevelt e outros membros da expedição ; tradução de Luís Guimarães Júnior. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

366 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 141)

1. Brasil, descrição. 2. Relatório de viagem, Brasil. 3. Expedição exploradora, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 918.1

.....

.....

## *Sumário*

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

por Apolônio Sales

*pág. 11*

PREFÁCIO

*pág. 23*

CAPÍTULO I

A partida

*pág. 25*

CAPÍTULO II

Subindo o Paraguai

*pág. 56*

CAPÍTULO III

Uma caçada de jaguar no Taquari

*pág. 80*

CAPÍTULO IV

As cabeceiras do Paraguai

*pág. 112*

CAPÍTULO V

Subindo o rio das Antas

*pág. 146*

CAPÍTULO VI

Atravessando o planalto selvagem do Oeste brasileiro

*pág. 179*

CAPÍTULO VII

Na terra dos nhambiquaras

*pág. 214*

CAPÍTULO VIII

O rio da Dúvida

*pág. 252*

CAPÍTULO IX

Descendo um rio desconhecido na floresta equatorial

*pág. 293*

CAPÍTULO X

Em direção ao Amazonas para o regresso à pátria;

resultados zoológicos e geográficos da Expedição

*pág. 329*

APÊNDICE A

A tarefa do zoólogo e do geógrafo na América do Sul

*pág. 348*

APÊNDICE B

Minha carta de 1º de maio, ao General Lauro Müller

*pág. 358*



*Mapa da América do Sul, indicando o itinerário da expedição*



.....

*Prefácio da 1ª edição*

APOLÔNIO SALES

*P*ELA VEZ PRIMEIRA, o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura dá à publicidade uma tradução de livro norte-americano de maior fôlego, escolhendo, para tanto, a obra *Nas Selvas do Brasil*, de Theodore Roosevelt, que contém um apanhado das observações desse grande estadista, realizadas no curso de uma viagem pelo interior de nosso país.

*A Expedição Científica Roosevelt-Rondon, por sua concepção e organização, pelos que nela tomaram parte e pelos trabalhos que levou a efeito, foi, indiscutivelmente, notável e original.*

*Circunstância singular, antes de tudo, a de ter sido essa viagem organizada e chefiada por um político ilustre, cujos sucessos haviam culminado na sua ascensão ao posto de Presidente da maior república americana. À quietude e serenidade de um merecido ócio, após ter emprestado a seu país o melhor de suas energias e de sua capacidade de administrador, preferiu o Sr. Theodore Roosevelt arrostar os riscos de uma viagem através de regiões desconhecidas,*

*contando apenas com o concurso de poucos elementos de segurança e conforto pessoais, mínimos em relação às dificuldades da tarefa a que se ia lançar.*

*O interesse científico e, sobretudo, o sabor esquisito da aventura em terra estranha, levaram o estadista ilustre a transformar-se em uma nova sorte de sertanista, à cata de exemplares zoológicos, explorador da geografia de zonas ainda não conquistadas pela civilização, observador inteligente da terra e do homem que iria conhecer, os quais analisaria com carinho e justiça.*

*É assim que, em junho de 1913, se reúnem, no Museu Americano de História Natural da cidade de Nova Iorque, um dos diretores dessa instituição, aquele ex-presidente dos Estados Unidos, um sacerdote católico e alguns naturalistas. O projeto apresentado por Roosevelt, de uma excursão pelo interior do Brasil, com o intuito de estudar e recolher exemplares da fauna dessa região, é abraçado entusiasticamente pelos presentes.*

*Dessarte, organiza-se a expedição, composta de pessoas de diferentes credos políticos e religiosos, como de vida pregressa a mais diversa, numa curiosa demonstração de tolerância democrática. Partem um ex-presidente da República, um padre católico, dois naturalistas do Museu e um antigo explorador ártico.*

*Ao chegarem ao Rio de Janeiro, por proposta de nosso Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, consente Roosevelt na ampliação do caráter da viagem, dando-lhe paralelamente um aspecto de exploração geográfica de extensa região, não bem conhecida, do oeste de Mato Grosso. Por esse motivo, aos primeiros excursionistas juntaram-se o então Coronel Rondon e outros auxiliares.*

*Pôs-se dessa forma a caminho a Expedição Científica Roosevelt-Rondon. O melhor êxito cercou todos os empreendimentos dos viajantes. Fantástico material zoológico foi colhido e enviado*

aos Estados Unidos. Extensas áreas pouco conhecidas dos Estados de Mato Grosso e Amazonas foram exploradas e levantadas. Um grande rio, cujas cabeceiras e curso permaneciam incertos, foi navegado e inscrito nas cartas geográficas.

E o relato de todas as peripécias e observações dessa Expedição, enfeixadas nesta obra, mostra-se à altura de seus feitos.

Assim, é de dizer-se que o verde intenso da floresta tropical, como as vivas tonalidades das plumagens multicores das aves brasileiras, penetraram tão fundamentalmente os olhos do viajante que a sua descrição ainda traz aquele colorido, que, por certo, se teria conservado muito tempo em sua retina. Eis um exemplo, entre muitos, da intensidade descritiva da prosa de Roosevelt: “E o rio rolava, em curso largo, suas águas amareladas como ouro líquido, sob a luz do céu flamejante; e os montes longínquos pareciam projetar reflexos de púrpura sobre os pauis. Como cintas verdes, as margens do rio eram lambidas pelas águas espumejantes que fugiam do leito; e, em frente, à medida que singrávamos em reta, surgia a noite tropical, sombria e vasta.”

O carinho da recepção que cercou os excursionistas, por todos os sítios que percorreram, foi largamente retribuído pelo calor com que se refere o ex-presidente ao nosso povo, mencionando particularmente, com justa admiração, os nomes de Vital Brasil, Osvaldo Cruz, Lauro Müller, Rondon e outros, exaltando as qualidades de nosso povo e pregando com entusiasmo maior aproximação pan-americana, de que esta Expedição serviu de demonstração efetiva.

O interesse de Roosevelt pelas, questões sociais e sua capacidade de administrador patenteiam-se claramente, no texto desta obra, quando preconiza as possibilidades e a necessidade de colonização do Oeste brasileiro, acenando com o regime cooperativista como a modalidade ideal para se levar a cabo tal empresa. Dir-se-ia



*que o grande estadista americano anteviu o que hoje o Presidente Vargas, com visão não menor das necessidades sociais do país, está aí a indicar, como solução para nossa desorganização agrícola e para a penúria que reina soberana na maior parte dos recantos agrícolas do Brasil.*

*Diante das riquezas que vinha descobrindo, com seu olhar de economista experimentado, brotavam, ainda, durante a excursão, frases como estas, gravadas em seu livro: “Há minas, quedas d’água e abundância de solos ricos. Breve, essa zona será cortada por estradas de ferro. Oferece, pois, todas as possibilidades de colonização. É uma zona de grande futuro.”*

*Esses conceitos, que hoje ainda bem podem ser considerados como inteiramente atuais, lisonjeiam ainda os nossos sentimentos nacionais, orgulhosos de uma opinião tão sensata e, por que não dizer, profética.*

*Bastariam, portanto, as qualidades intrínsecas deste relatório para que a iniciativa do Serviço de Informação Agrícola merecesse o mais franco apoio e os melhores elogios.*

*No entanto, a personalidade de seu autor acrescenta novos elementos de juízo dessa Expedição, especialmente quando se remonta à época em que viveu e se considera a influência que exercitou, no seio dos tom patriotas, a figura de seu chefe.*

*Theodore Roosevelt foi um homem múltiplo. Fazendeiro, naturalista, caçador, explorador, soldado, historiador, escritor, homem de ação, era, sempre e acima de tudo, homem público. Impetuoso, enérgico, imprimia o máximo de seu entusiasmo, contagiante para os que dele se acercavam, ao procurar levar a cabo os projetos que concebia.*

*Nascido na abundância, vitimado por uma afecção que teve de dominar no início, uma vontade férrea fez de seu organismo um*

*milagre de saúde exuberante. Como estadista, caracterizou-se pela energia máscula de suas campanhas e extraordinária coragem nas lutas que manteve com os adversários.*

*Na política externa, pugnou sem descanso pela entrada dos Estados Unidos na primeira guerra mundial; ao mesmo tempo que grande entusiasta do regime democrático, como fórmula ideal de governo dos povos, era ardente partidário, em seus escritos e discursos, do mais amplo e sadio pan-americanismo. Na política interna, conseguiu implantar medidas administrativas quase revolucionárias, responsáveis por uma salutar reforma da moral industrial de seu país, medidas que, lhe custando a maior oposição, mereceram da maioria os aplausos e a gratidão.*

*Assim, a análise da vida e da obra de Theodore Roosevelt leva-nos, por força, a encontrar, na sua figura, uma irrecusável similitude com o vulto, hoje universal, do Presidente Franklin D. Roosevelt, membro, como aquele, de uma família notável por todos os títulos.*

*Que mais sincera e viva homenagem poderíamos prestar ao autor desta obra senão a de, ao aproximá-lo do líder de hoje da grande nação norte-americana aproveitar o ensejo para apontar a ambos como figuras exponenciais e representativas de um povo irmão, que admiramos, queremos e respeitamos?*

*O destemor, o gosto pela aventura, o devotamento a causas universais, o interesse pelo progresso científico, a capacidade de realização de um norte-americano típico brotam incoercivelmente aqui, através deste livro, na figura do ex-presidente.*

*E tais virtudes ianques ainda hoje, como sempre, arrastam a sua mais desempenada mocidade às frentes de batalha da mais mortífera das guerras que têm empolgado o mundo. À agressão traiçoeira de um inimigo refalsado, responderam os norte-america-*

*nos, a uma voz, com o comparecimento em massa de seus homens e mulheres aos serviços militares e civis, nas frentes interna e externa da luta, ao mesmo passo que efetuariam a maior transformação, em sua economia e organização social, que se pode registrar na história das nações.*

*Nesta hora, em que nos empenhamos, ao lado dos Estados Unidos, com as mãos dadas e os corações a baterem sincronicamente, numa luta pela sobrevivência dos mais elevados postulados do respeito aos indivíduos e suas idéias como às nações e seu direito de existir, mais do que oportuno é o lançamento desta tradução.*

*Que os leitores tenham sempre presente no espírito a importância de que se revestiu, no que tange ao conhecimento mais perfeito do Brasil pelos americanos-do-norte, o relato da excursão de Theodore Roosevelt. E atentem a que, só conhecendo as qualidades e atributos de uma nação e seu povo, se pode querer e admirar a ambos. E lembrem-se de que a simpatia desse amigo de nossa pátria, a brotar em todas as estâncias de sua obra, há de se ter transmitido aos que percorreram as páginas do original.*

*Registrar-se-á, assim, mais um serviço que devemos nós brasileiros àquele ex-presidente.*

*Fixa-se, nas páginas deste livro, exemplar demonstração, extraordinário exemplo de cooperação entre os diversos membros de uma expedição, que, na aparência tão heterogênea, era, entretanto, forte pela existência de um ideal comum. Nem mesmo faltou, ao conjunto que ansiava por descobrir as riquezas da nossa pátria, um coração brasileiro, como o do General Rondon, sem dúvida um dos mais valiosos elementos de êxito naquele empreendimento tão difícil de se levar a bom termo.*

*Estou certo de que, ao cabo da leitura demorada deste livro, colherá o leitor, para si, muita coisa interessante; do ponto de vista científico, e, de um dos mais destacados membros da aristocracia moral norte-americana, muito mais preciosa messe de exemplos de intrepidez, de cooperação e de sacrifício.*



# NAS SELVAS DO BRASIL



A  
SUA EXCELÊNCIA DR. LAURO MÜLLER  
SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO EXTERIOR E A  
SEUS COLEGAS DE GOVERNO

AO  
CORONEL RONDON  
BRILHANTE OFICIAL, ILUSTRE CIDADÃO E EXPLORADOR INTRÉPIDO,  
E AOS SEUS ASSISTENTES  
CAPITÃO AMILCAR, TENENTE LIRA, TENENTE MELO, TENENTE  
AUREADO E DR. CAJAZEIRAS, DO EXÉRCITO BRASILEIRO,  
E EUSÉBIO DE OLIVEIRA  
NOSSOS COMPANHEIROS NOS TRABALHOS CIENTÍFICOS E  
NA EXPLORAÇÃO DAS SELVAS

DEDICA ESTE LIVRO  
COM ESTIMA, SAUDADE E AFETO,

THEODORE ROOSEVELT





.....

## *Prefácio*

***E**STE LIVRO é um relatório sobre o reconhecimento zoogeográfico do sertão brasileiro.*

*O próprio título oficial da expedição foi dado pelo Governo do Brasil: “Expedição Científica Roosevelt-Rondon”.*

*Quando parti dos Estados Unidos, tencionava fazer inicialmente uma expedição dedicada ao estudo de mamíferos e aves para o Museu Americano de História Natural, de Nova Iorque. Essa tarefa foi empreendida sob os auspícios dos Srs. Osborn e Chapman em benefício do Museu. No decorrer desta narrativa, explico como a finalidade da expedição foi ampliada e porque se lhe deu um caráter geográfico e zoológico em consequência de atenciosa proposta do Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil, Gal. Lauro Müller. E, assim, a sua nova e aumentada forma só se tornou exequível graças à assistência generosa do Governo brasileiro.*

*No desenvolver deste trabalho encontrar-se-ão as referências devidas aos meus colegas e companheiros de expedição, cujos serviços à Ciência procurei evidenciar e aos quais consigno a mais cordial amizade e recordação.*

SAGAMORE HILL,  
1º de setembro de 1914

THEODORE ROOSEVELT.

.....

## *Capítulo I*

### A PARTIDA

**U**M DIA, EM 1908, quando se aproximava o término do meu período governamental, o pe. Zahm, religioso de minhas relações, veio visitar-me.

O pe. Zahm e eu tínhamos sido bons amigos em certa época; porque éramos ambos grandes admiradores de Dante, de História e de Ciências, e eu sempre recomendava seu livro *Evolução e Dogma*, aos teólogos.

Era ele um jovem de Ohio e sua primeira instrução foi ministrada à velha moda americana, numa pequena escola rural de madeira, onde, aliás, também estudou Januarius Aloysius Mac Gahan, que se fez, mais tarde, famoso correspondente de guerra e amigo de Shobeloff. O pe. Zahm contou-me que Mac Gahan já naquela época associava à sua ternura cavalheiresca para com os fracos uma extrema intrepidez, fazendo-se defensor dos meninos que se sentissem oprimidos por outros mais fortes. Mais tarde, o pe. Zahm freqüentou a Universidade de Notre Dame, na Indiana, com Maurice Egau, a quem eu fiz ministro na Dinamarca, quando presidente.

Nessa ocasião o pe. Zahm havia justamente regressado de uma viagem que empreendera nos Andes e na Amazônia e viera propor-me que, depois que eu deixasse a presidência, subíssemos o rio Paraguai no interior da América do Sul.

Por esse tempo eu desejava ir à África e, assim, o assunto ficou sem solução; porém, de quando em vez voltava à baila.

Cinco anos mais tarde, na primavera de 1913, aceitei os convites que me dirigiram os governos da Argentina e do Brasil, para fazer conferências perante algumas associações culturais daqueles países.

Ocorreu-me então que, ao invés de fazer puramente a convencional viagem turística, por mar, em volta da América do Sul, após terminar as minhas preleções, seria mais interessante regressar passando pelo interior do Continente, através do vale do Amazonas; e decidi neste sentido escrever ao pe. Zahm.

Antes, porém, afigurou-se-me a necessidade de me entender com as autoridades do Museu Americano de História Natural, da cidade de Nova Iorque, a fim de verificar se havia interesse em que levasse comigo ao Brasil alguns naturalistas incumbidos da coleta de material para aquele museu. Sobre o caso escrevi a Frank Chapman, diretor de ornitologia, e aceitei o seu convite para um *lunch* naquela instituição, nos primeiros dias de junho.

Nesta ocasião, além da presença de vários naturalistas, tive a surpresa de ali encontrar também o pe. Zahm e, logo que o vi, falei-lhe do meu plano de viagem à América do Sul.

Evidentemente ele mantinha ainda o seu antigo propósito e naquele momento ali se achava para solicitar de Chapman a indicação de um naturalista que o acompanhasse também, tanto que imediatamente resolveu ir comigo.

Chapman ficou satisfeito ao saber da nossa intenção de subirmos o Paraguai em busca do vale do Amazonas, por isso que grande parte da região que nos propúnhamos atravessar ainda não havia sido estudada por cientistas.

Entendeu-se com o presidente do Museu, Henry Fairfield Osborn, que me escreveu manifestando a satisfação daquele Instituto em pôr

à minha disposição dois naturalistas designados por Chapman mediante a minha aprovação.

Os naturalistas George K. Cherrie e Leo E. Miller foram os indicados e eu os aceitei com prazer.

O primeiro trataria principalmente de ornitologia, enquanto o outro se encarregaria do estudo dos mamíferos; ambos, contudo, trabalhando em colaboração. Não se poderia ter encontrado pessoas mais indicadas para tal fim. Eram velhos conhecedores das florestas tropicais da América.

Miller era ainda jovem, filho de Indiana, naturalista entusiasta, senhor de boa cultura literária e científica. Achava-se no momento nas florestas da Guiana e foi encontrar-se conosco em Barbados.

Cherrie era menos jovem, natural de Iowa, e presentemente fazendeiro em Vermont. Tinha mulher e seis filhos. A Sra. Cherrie o havia acompanhado durante dois ou três anos, nos primeiros tempos de casados, em suas viagens de estudo ao longo do Orenoco.

Seu segundo filho nasceu quando eles se achavam acampados a algumas centenas de milhas afastados da civilização.

De uma feita, após algumas semanas de excursão, foram obrigados a abandonar o acampamento onde pretendiam pernoitar, em busca de lugar mais seguro, pela aproximação de um jaguar, que, atraído pelo choro da criança doentinha, se pôs a rondar-lhes a tenda, ao cair da noite.

Cherrie passara na América tropical cerca de vinte e dois anos coligindo material científico. Como a maioria dos naturalistas que tenho conhecido, era extraordinariamente destemeroso e eficiente, porém de espírito aventureiro ao ponto de ser forçado, por vezes, a interromper seus trabalhos para tomar parte em insurreições.

Em conseqüência disto fora preso por duas vezes, sendo que de uma delas ficou três meses recluso e ameaçado de ser passado pelas armas em uma das repúblicas sul-americanas.

Em outro país teve ele, numa interrupção às suas pesquisas ornitológicas, de seguir a carreira de “contrabandista de armas” durante dois anos e meio. O chefe revolucionário, cuja causa defendia, subiu finalmente ao poder e Cherrie imortalizou o seu nome em uma nova espécie de tordo. Com esta elegante homenagem realizou ele uma combinação prática entre

duas coisas que não têm lá grande afinidade, como sejam: a ornitologia e o contrabando de armas.

Em Antonio Fiala, antigo explorador ártico, encontramos um excelente camarada para o preparo do equipamento, seu manuseio e transporte.

Além dos seus quatro anos de experiência nas regiões árticas, Fiala servira no Esquadrão Nova Iorque, em Porto Rico, durante a guerra espanhola, onde conheceu a sua pequenina esposa do Tennessee.

Ela e os seus quatro filhos vieram despedir-se dele à saída do navio.

Meu secretário, Frank Harper, viajou também conosco.

Jacob Sigg, que havia servido durante três anos no Exército norte-americano, acumulava as funções de enfermeiro e cozinheiro, e, tendo em vista o seu pendor especial para aventuras, foi escolhido como assistente pessoal do pe. Zahm.

Meu filho Kermit encontrou-se comigo no sul do Brasil. Estava trabalhando na construção de pontes e, alguns meses antes, quando neste mister, fora vítima de um acidente provocado pela queda de um suporte em que se achava, caindo com este sobre o leito de pedra, embaixo. Conseguiu escapar, porém, com duas costelas fraturadas, dois dentes quebrados e um dos joelhos parcialmente luxado; mas já estava restabelecido quando iniciamos a viagem.

A nossa expedição era tipicamente americana.

Kermit e eu éramos de velha estirpe revolucionária e em nossas veias corria sangue de todas as raças existentes deste lado do Atlântico, nos tempos coloniais. O pai de Cherrie nascerá na Irlanda e sua mãe, na Escócia; ambos aqui chegaram muito jovens, sendo que o pai servira no Regimento de Cavalaria de Iowa durante a Guerra Civil. Sua esposa era descendente de família de revolucionários.

O pai do pe. Zahm foi um imigrante alsaciano, e sua mãe era, por um lado, irlandesa e, por outro, de origem americana, descendendo de uma sobrinha do Gal. Braddock. O pai de Miller era alemão e sua mãe francesa.

O pai e a mãe de Fiala nasceram na Boêmia, sendo ambos checos, tendo servido aquele, durante quatro anos, no Union Army na Guerra Civil.

Sua esposa, natural de Tennessee, descendia também de família revolucionária.

Harper era inglês e Sigg suíço. Os nossos credos religiosos eram tão variados como as nossas origens étnicas. O pe. Zahm e Miller eram católicos; Kermit e Harper, episcopais; Cherrie, presbiteriano; Fiala, batista; Sigg, luterano, e eu pertencia à Igreja Reformadora Holandesa.

Os naturalistas trouxeram, como armas de defesa, espingardas de calibre 16, tendo uma das de Cherrie o cano raiado. Para o restante da comitiva as armas de fogo foram fornecidas por mim e Kermit, inclusive meu rifle Springfield, duas Winchesters de Kermit, de 405 e 30-40, uma Fox calibre 12, uma outra, calibre 16, um par de revólveres, sendo um Colt e um Smith Wesson. Levamos de Nova Iorque alguns botes de lona, tendas, mosquiteiros; uma provisão de roupas apropriadas, inclusive telas para chapéus, redes e macas. Conduzimos também cordas e roldanas de muita utilidade para as nossas viagens de canoa.

Cada um se equipara com a vestimenta de sua preferência. A minha era cáqui, tal como usei na África, e mais algumas camisas de flanela do Exército dos Estados Unidos, camisas de seda, um par de botas de tacha com perneiras e um par de borzeguins de cano até o Joelho.

Ambos os naturalistas disseram-me da necessidade de usar as botas de cano alto ou perneiras para proteger-me contra as picadas de cobras. Levava também luvas compridas contra mosquitos e vespas.

Pretendíamos abastecer-nos de gêneros onde fosse possível, entretanto obtivemos algumas provisões de emergência daquelas usadas pelo Exército americano e ainda noventa latas de conservas, cada uma suficiente para alimentar cinco homens diariamente e que foram preparadas por Fiala.

\* \* \*

A viagem que me propus realizar só pode ser bem compreendida por quem tiver algum conhecimento da topografia da América do Sul. A grande cordilheira dos Andes se estende ao longo de toda a costa oeste, tão



junta do Pacífico que nenhum rio de importância pode penetrar naquela região.

Os rios da América do Sul deságuam no Atlântico. A parte mais meridional do continente, incluindo mais da metade do território da República Argentina, é formada principalmente de planícies temperadas.

Mais ao norte desta região e ao oriente dos Andes desdobra-se a maior porção do continente sul-americano, na qual se acham as regiões tropical e subtropical.

O Brasil ocupa a maior parte deste território. Afora certas e relativamente pequenas extensões territoriais banhadas por costeiros rios essa imensa região tropical e subtropical a leste dos Andes tem como escoadouro os três grandes sistemas fluviais: rios da Prata, Amazonas e Orenoco. Nas cabeceiras dos sistemas Amazonas e Oreneco estão esses rios ligados por varadouros.

As cabeceiras dos afluentes do norte do rio Paraguai e as dos afluentes do sul do Amazonas são separadas por um planalto, o qual, alargando-se para leste, vai formar o Planalto Central do Brasil.

Geologicamente falando, esta região é de formação remotíssima, tendo emergido das águas na aurora da idade dos répteis, ou melhor ainda, dos vertebrados de todo o globo. Este planalto é uma região em parte coberta de campinas mais ou menos secas, arenosas e saudáveis e em parte revestida de florestas. A grande bacia do Paraguai, de pequena altitude e cujos limites atingem o sul do continente, é uma das maiores existentes, sendo porém, a do Amazonas, ao norte, a maior do mundo.

Nessas bacias, especialmente na do Amazonas e dali para diante em direção ao mar dos Caraíbas, encontram-se as maiores extensões de florestas tropicais do mundo.

As florestas tropicais da África Ocidental e as das regiões indianas mais longínquas são as únicas que se lhes podem comparar.

Grande soma de dificuldade se apresenta na exploração dessas florestas, por isso que, sob o regime torrencial das chuvas e dos ventos aquecidos, a vegetação é de tal sorte espessa e vigorosa que se torna quase impenetrável; as correntezas embarçam a navegação, ao mesmo tempo que o explorador sofre o terrível azorrague dos insetos e das moléstias mor-

tíferas que a ciência moderna descobriu serem ocasionadas, na sua maior parte, pelas picadas dos mesmos. A fauna e a flora, contudo, são muito interessantes. O museu americano estava muito especialmente empenhado em obter coleções da zona que divide as cabeceiras do Paraguai e do Amazonas e dos afluentes meridionais deste último. O nosso propósito era de subir o Paraguai o mais próximo possível de sua cabeceira navegável e dali atravessarmos a nascente de um dos afluentes do Amazonas e, se possível, descê-lo em canoas construídas na própria região. O Paraguai é um rio regularmente navegável. O ponto inicial da viagem deveria ser Assunção, capital do Paraguai.

Meu verdadeiro plano de ação não estava definitivamente asentado; porém, ao chegar ao Rio de Janeiro, o Ministro do Exterior, Dr. Lauro Müller, que gentilmente havia demonstrado grande interesse pela minha excursão, informou-me de que já tomara as necessárias providências para que eu me encontrasse, na cidade de Cáceres, à margem do Paraguai, com o oficial do Exército brasileiro, de sangue indígena, Cel. Rondon. O Cel. Rondon foi, durante um quarto de século, o mais insigne desbravador dos sertões brasileiros. Estava, naquela ocasião, em Manaus, porém seus auxiliares se encontravam em Cáceres, onde receberam comunicação de nossa próxima chegada.

Mais importante ainda foi que Lauro Müller – que aliava às qualidades de homem público, uma sólida cultura, fazendo-me lembrar John Hay – ofereceu-me auxílio para que a minha excursão se tornasse de muito maior amplitude do que eu havia inicialmente imaginado. Tinha ele enorme interesse na exploração e no desenvolvimento do interior do Brasil e estava convencido de que a minha expedição seria de grande alcance para tornar o país mais conhecido no exterior. Disse que cooperaria comigo de toda a maneira possível se eu quisesse assumir a direção de uma expedição de grande vulto, através das regiões desconhecidas do oeste de Mato Grosso, a fim de tentar descer um rio de que ninguém sabia o curso, porém tido pelos mais entendidos como de grande volume, mas, completamente ignorado pelos geógrafos. Aceitei gostosamente o oferecimento, mesmo porque, com o auxílio proposto, a expedição se tornaria de muito maior valor científico, além das possibilidades de serem aumentados os conhecimentos geográficos de uma das regiões me-

nos exploradas da América do Sul. Isto posto, combinou-se que o Cel. Rondon e alguns auxiliares e cientistas se encontrariam comigo em Corumbá ou pouco abaixo, e que tentaríamos descer o tal rio, do qual eles já haviam atravessado as cabeceiras.

Eu tinha de visitar o Brasil, o Uruguai, a Argentina e o Chile durante seis semanas, para saldar meus compromissos relativos às conferências. Fiala, Cherrie, Miller e Sigg deixaram-me no Rio, continuando viagem até Buenos Aires no mesmo vapor em que viéramos de Nova Iorque. De Buenos Aires subiram o Paraguai até Corumbá, onde aguardaram a minha chegada. Os dois naturalistas seguiram na frente com o objetivo de coletarem o melhor material possível, ao passo que Fiala e Sigg foram mais vagarosamente com a bagagem, que era bastante volumosa.

Antes de alcançar a comitiva, eu presenciei um fato digno de nota, sob o ponto de vista naturalista, e bastante importante para nós outros expedicionários considerando a viagem que íamos empreender.

\* \* \*

A América do Sul, mais do que a Austrália e África e quase tanto quanto a Índia, é uma região de serpentes venenosas. Como na Índia, também nesse país, embora em menor escala, as cobras são responsáveis por séria mortalidade.

Um dos mais interessantes marcos de adiantamento do Brasil é o Instituto Butantã, em São Paulo, especialmente destinado ao estudo das serpentes e do preparo de soros antídotos ao seu veneno. Manifestei desejo de levar conosco, na expedição, alguns frascos de soro, atendendo ao perigo que sempre havíamos de enfrentar com relação às cobras. Em uma de suas viagens, Cherrie perdera um guia nativo picado por cobra. O pobre homem foi mordido pela serpente quando estava sozinho na floresta e, embora ainda conseguisse alcançar o acampamento, chegou de tal sorte envenenado que nada mais de compreensível pôde dizer, morrendo logo depois.

As serpentes venenosas pertencem a várias e diferentes famílias, porém as mais venenosas de todas, e que constituem realmente grande perigo para o homem, fazem parte dos dois grandes grupos: *Colubridae*

e *Viperidae*. A maioria das colubrídeas, entretanto, é inteiramente inofensiva e representa o maior número de cobras comuns que se encontram em toda a parte. Porém, algumas delas, as “najas”<sup>1</sup>, por exemplo, constituem talvez o maior e mais perigoso contingente dessas serpentes. As únicas venenosas do Novo Mundo são as “serpentes aneladas”<sup>2</sup> e as corais do gênero *elaps*,<sup>3</sup> que se encontram desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina. As corais não são agressivas e têm as presas tão pequenas que não podem atravessar um tecido comum. São apenas perigosas quando pisadas por pés descalços ou apanhadas imprevidentemente com as mãos.

Há corais inofensivas, de colorido muito semelhante às outras e que são, às vezes, criadas como passatempo, porém aqueles que se dedicam a esse gênero de distração precisam ter muito cuidado em saber distingui-las.

A maior parte das serpentes venenosas da América, inclusive das “crotalídeas”, largamente espalhadas e conhecidas pelo nome de “botróferas”.

Na América do Sul, as venenosas se incluem em duas subfamílias distintas – em que pesem as expressões subfamília, família e gênero, de acordo com o ponto de vista pessoal do herpetólogo que as estude.

Há um gênero no qual se inclui a cascavel, que representa a mais terrível das espécies brasileiras e que é tão perigosa quanto as do sul dos Estados Unidos. Porém a maioria das cobras venenosas da América tropical, quer em número de espécies ou de indivíduos, pertence ao gênero *lachesis*. São muito ágeis, agressivas e não têm chocalho. São excessivamente venenosas. Algumas atingem a um tamanho considerável, podendo ser classificadas entre as maiores cobras venenosas do mundo, rivalizando apenas com a cascavel-diamante da Flórida, a mambas da África e a hamadriada, ou serpente come-cobra, da Índia. Ainda neste

---

1 Serpentes venenosíssimas da Índia, cujo representante mais conspícuo é a *Naja tripudians* ou “cobra-de-capelo” (N. do trad.).

2 *Tropidonotus* (N. do trad.).

3 O gênero que antigamente se denominava *Elaps* hoje se diz *Micrurus*. (N. do trad.)

gênero se incluem a fer-de-lance<sup>4</sup> tão temida na Martinica, e a surucucu das Guianas. Uma dezena de espécies é conhecida no Brasil, sendo a maior delas idêntica à surucucu da Guiana e a mais comum, a jararaca, à fer-de-lance da Martinica.

As cobras deste gênero, como as cascavéis, as víboras do Velho Mundo e as “clotos”<sup>5</sup>, possuem longas presas inoculadoras, que atravessam o pano ou qualquer vestimenta, exceto as de couro grosso. Além disso são muito agressivas, mais do que quaisquer outras do mundo, havendo, apenas possivelmente, raríssimas exceções. Como são também numerosas, constituem realmente um terrível perigo para os indivíduos mal-vestidos que trabalham nos campos e nas florestas ou para aqueles que são forçados, por qualquer motivo, a andar pelo campo durante a noite.

O veneno das serpentes não tem, absolutamente, a mesma composição em todas elas. Muito pelo contrário, a virulência natural – para usar de uma expressão um tanto vaga, porém suficientemente exata em relação aos conhecimentos hodiernos – que se desenvolve nas inúmeras famílias de cobras de glândulas venenosas, opera de duas ou três maneiras completamente diferentes.

Ao contrário das lachesis, as corais venenosas têm pequenas presas inoculadoras, e seu veneno, que, de um modo geral, é mais violento, apresenta efeitos bastante diferentes, em face de sua composição. Mesmo dentro de uma única família de serpentes, encontra-se grande diferença de veneno. A jararaca expele grande quantidade de um líquido de cor amarela através de suas longas presas inoculadoras. Esse veneno é segregado em glândulas avantajadas, glândulas essas que, nas víboras, imprimem uma forma peculiar de ás de espadas às respectivas cabeças.

As cascavéis produzem muito menor quantidade de veneno, de cor branca, porém, guardadas as proporções, é mais letal do que o amarelo das jararacas.

---

4 *Bothrops lanceolatus* (N. do trad.).

5 A maior e mais venenosa serpente africana (*Clotho orietans*). Habitualmente enterra-se na areia, ficando apenas com a cabeça de fora, para melhor apanhar sua vítima desprevenida (N. do trad.).

É a grande quantidade de veneno injetado pela jararaca, pela surucucu e outras semelhantes que torna as suas picadas verdadeiramente fatais.

Contudo, mesmo entre esses dois gêneros afins de serpentes, as diferenças na ação do veneno são facilmente notadas, de maneira a se poder determinar qual o soro mais eficiente para cada caso. Entretanto, o mesmo soro pode ser aplicado para neutralizar os efeitos do veneno de qualquer uma delas, e, conforme mostrarei mais adiante, aquela que é imune a uma espécie de veneno o é também à outra.

Porém o efeito mortífero do veneno das corais é totalmente diferente do produzido pelo da cascavel ou jararaca, posto que sejam equivalentes na sua intensidade. O soro empregado contra o veneno destas é quase ou totalmente inútil contra o das primeiras.

O animal que é infenso à picada de uma delas pode não ser à de outra. A picada de uma cobra venenosa do gênero *elaps* é mais dolorosa em seus efeitos imediatos do que a de uma das grandes viperídeas. A vítima sofre muito mais.

Manifesta-se uma grande excitação nos centros nervosos, porém com menor inchação na parte ofendida, e, enquanto o sangue da vítima de uma cascavel se coagula, o da vítima de uma coral – isto é, uma das poucas serpentes venenosas da América do Norte – torna-se aquoso, incapaz de coagular.

As cobras têm suas preferências especiais, mesmo com relação às presas. Umhas vivem exclusivamente de animais de sangue quente, ou seja, mamíferos e pássaros. Outras se alimentam apenas de batráquios, e outras, ainda, em menor número, de insetos. Há também um número muito reduzido de espécies que se alimentam de outras cobras. Nesse número está incluída uma extraordinariamente venenosa, a hamadriada da Índia, ou cobra gigante, e diversas não venenosas.

Na África matei uma pequena cobra que trazia no bojo uma outra poucos centímetros menor do que ela, mas, segundo pude verificar, as serpentes daquela parte do mundo habitualmente não dão preferência às suas companheiras para sua alimentação.

As cobras venenosas aplicam o veneno para matar suas vítimas e também para combater qualquer inimigo presumível. Existem algumas de

boa índole e que somente investem quando provocadas ou quando se assustam. Outras são excessivamente irritadiças e em alguns casos costumam atacar sem que sejam provocadas ou ameaçadas.

Ao chegarmos em São Paulo, na viagem do Rio a Montevideú, visitamos o Instituto Serunterápico, destinado ao estudo dos venenos das cobras do Brasil. Seu diretor é o Dr. Vital Brasil, que tem realizado um trabalho verdadeiramente extraordinário e cujos experimentos e investigações não são apenas do mais relevante valor para o país senão também para toda a humanidade.

Não conheço instituição similar em lugar nenhum. Possui um esplêndido e moderno edifício com todo o aparelhamento necessário, onde se procedem a experimentos em todas as espécies de serpentes mortas e vivas, com o objetivo de se descobrirem as propriedades das diferentes qualidades de venenos e de se prepararem vários soros antiofídicos que possam anular os seus efeitos. Tem-se procurado ensinar à população em geral, por meio de demonstrações práticas, as lições aprendidas no laboratório. E o resultado já se tem feito sentir de maneira notável com a diminuição da mortalidade provocada pelo veneno das cobras em São Paulo<sup>6</sup>.

Anexo ao Instituto e bem junto ao laboratório, o Dr. Vital Brasil mantém um serpentário repleto de cobras venenosas e não venenosas, sendo alguns espécimes bastante raros. Tem ele devotado grande parte do seu tempo a investigações no sentido de descobrir inimigos naturais das cobras peçonhentas de seu país e já verificou que um dos maiores inimigos das mais perigosas é justamente uma espécie, aliás não venenosa, pouco comum e inofensiva, a muçurana. Entre tantas coisas interessantes que o Dr. Vital Brasil nos mostrou, uma se destacou sobremodo e foi a oportunidade de testemunharmos a atuação da muçurana frente a uma perigosa serpente. Primeiramente apreciamos vários espécimes interessantes de cobras venenosas e não venenosas, conservadas em álcool. Em seguida mostrou-nos o Dr. Vital Brasil preparações de várias qualidades de venenos e de soros,

---

6 Atualmente existem mais os seguintes institutos nos moldes do Butantã: o Instituto Pinheiro, em São Paulo; o antigo Ezequiel Dias, hoje Instituto Bioquímico, em Belo Horizonte; e o Instituto Vital Brasil, em Niterói, Estado do Rio (N. do trad.).

presenteando-nos com algumas doses desses últimos, para uso em nossa excursão. O Instituto fabrica duas espécies distintas de antídotos, um para neutralizar a virulência das cascavéis e outro a das cobras do gênero lachesis. Os venenos são de efeito mais ou menos diferente e, além disso, parece ainda existir alguma variação entre o próprio veneno das diversas espécies de lachesis; em alguns casos, o veneno é quase incolor; em outros, como no da jararaca, é amarelo, segundo me foi dado apreciar. Porém, a maior diferença é a que se nota entre os venenos das botróferas comparado com o das elaps, tais como a naja e a coral.

Por enquanto o Dr. Vital Brasil ainda não conseguiu preparar um soro para neutralizar o veneno das corais.

Praticamente isto não representa grandes prejuízos para o Brasil, de vez que as cobras corais brasileiras são perigosas apenas quando tratadas sem o devido cuidado, de maneira que possam atingir a pele nua.

Os numerosos acidentes e mortes em consequência de picadas de cobras no Brasil são quase todos atribuídos às diversas espécies de lachesis e às cascavéis.

Finalmente, o Dr. Vital Brasil levou-nos ao seu gabinete de estudos, para mostrar-nos como conduzia os experimentos. As diversas serpentes se achavam dentro de caixas a um lado do aposento, sob os cuidados de um hábil e impassível auxiliar, que as movimentava calma e destemerosamente, como, aliás, o próprio doutor. As venenosas eram retiradas por meio de um longo cabo de madeira terminado por um gancho de ferro.

O trabalho consiste em enfiar o gancho debaixo da cobra, no chão, e em seguida levantá-lo. A serpente fica de tal modo segura que não pode fugir e nem picar, uma vez que não encontra apoio para dar o bote. A mesa para a qual são conduzidas não difere das comuns, sendo apenas bastante grande e lisa.

Havia algumas pessoas no local, inclusive dois fotógrafos. O cientista colocou primeiramente na mesa uma cobra não venenosa, porém, grande e muito agressiva. Começou ela a dar botes para a direita e para a esquerda, contra nós. Então ele a segurou, abriu-lhe a boca e mostrou que não tinha presas inoculáveis, passando-a em seguida às



minhas mãos. Eu também abri-lhe a boca e examinei-lhe os dentes, colocando-a então na mesa, onde ela (tal era o seu estado de irritação) tentou atingir-me violentamente por três vezes. Pelos seus movimentos e pela sua índole percebia-se logo ser agressiva e irritadiça como qualquer cobra venenosa. E, no entanto, era absolutamente inofensiva. Entre os inumeráveis segredos da natureza e que até agora não lograram explicação, encontra-se o que se refere à causa por que existem algumas serpentes tão violentas e agressivas e outras absolutamente plácidas e de boa índole. Após retirar da mesa aquele exemplar agressivo, porém inofensivo, o Dr. Vital Brasil pediu-nos afastássemos um pouco e o seu assistente colocou então ali uma enorme surucucu e, a seguir, uma grande cascavel. Ambas se enroscaram ameaçadoramente dispostas a atacar qualquer coisa que se aproximasse. Aí o assistente deixou cair habilmente seu gancho de ferro no pescoço de cada uma delas, uma após outra, agarrando-as bem atrás da cabeça e apresentou-as ao cientista. Em cada caso o ofídio trazia a boca escancarada, deixando à mostra as grandes presas inoculáveis eretas e facilmente perceptíveis. Não seria possível fazer-se o mesmo com uma cobra africana de pescoço anelado, por isso que, ao se lhe apertá-lo, o líquido venenoso atingiria os olhos dos observadores, arremessado através das presas, com a pressão exercida. No caso em observação, não havia perigo algum, e o Dr. Brasil enfiou uma lâmina de vidro na boca da cobra, por trás das presas, de maneira a permitir a saída natural do veneno, e em seguida espremeu as glândulas secretoras, provocando a expulsão do resto do líquido venenoso. Da alentada surucucu saiu grande quantidade de líquido amarelo, que se cristalizou rapidamente em numerosas partículas. A cascavel produziu um líquido branco, em muito menor quantidade, e que ele nos afirmou ser muito mais venenoso do que o primeiro. Em seguida, as cobras, já destituídas do veneno, foram recolhidas às caixas.

Logo após, o doutor retirou de certa caixa e deu-me a observar uma fina e linda cobra; quase preta: um exemplar da variedade denominada muçurana. Em minha opinião essa é talvez a mais interessante de todas as cobras do mundo. É grande, tendo 1,20m a 1,50m de comprimento, às vezes até mais, quase preta, com o ventre de coloração um pouco mais clara e muito mansa. Alimenta-se exclusivamente de outras cobras e é absolu-

tamente infensa ao veneno das lachesis e das cascavéis, que representam o grupo mais perigoso da América.

Contou-nos o Dr. Vital Brasil que já procedeu a várias experiências com esta interessante serpente. Ela não é muito comum e prefere viver em lugares úmidos. É ovípara<sup>7</sup>, sendo que a fêmea permanece enroscada sobre os ovos com o objetivo aparente de aquecê-los, mas na realidade para evitar que haja grande evaporação nos mesmos. Não se alimenta no período da muda da casca e nem quando o tempo está muito frio. Nas outras ocasiões come uma pequena cobra de cinco ou de seis em seis dias ou uma grande por quinzena.

Há grande diferença entre as cobras venenosas e não venenosas, não somente na atividade e irascibilidade, como ainda na capacidade de adaptação ao novo meio que as circunda. Muitas espécies não venenosas, absolutamente inofensivas ao homem ou a qualquer outro animal com exceção dos que lhes servem de alimento, são, todavia, assustadiças e truculentas, investindo desordenadamente na tentativa de dar o bote diante da menor provocação – como aconteceu com aquele primeiro espécime colocado na mesa pelo Dr. Vital Brasil.

Além disso, muitas delas, algumas inteiramente inofensivas e outras agressivas, são tão inquietas e irritadiças que somente com grande dificuldade se consegue que se alimentem em cativeiro; e mesmo assim, ao menor distúrbio ou interferência, suspendem a refeição. Há outras, no entanto – entre as quais a muçurana é, talvez, o melhor exemplar –, que se dão muito bem no cativeiro, sendo mansas, indiferentes aos observadores e, mesmo que sejam tocadas na ocasião da refeição, não se incomodam.

Há nos Estados Unidos uma atraente e belíssima serpente, a cobra-rainha<sup>8</sup>, que nos hábitos muito se assemelha à muçurana. É uma espécie não venenosa e amiga do homem, de sorte que é muito fácil

---

7 Não só a muçurana como todas as cobras não venenosas são ovíparas; aliás, é esta uma das diferenças entre serpentes não venenosas e venenosas, que são ovovivíparas (N. do trad.).

8 Grande e inofensiva serpente dos Estados Unidos (*Ophibolus getulus*) da família Colubridae (N. do trad.).

lidar-se com ela. Alimenta-se de outras cobras e é capaz de matar uma cascavel do seu tamanho, pois é infensa ao veneno das cascavéis. O Sr. Ditmars, do Jardim Zoológico do Bronx, em Nova Iorque, fez muitas experiências interessantes com a cobra-rainha. Eu já tive algumas sob minha guarda. São de boa índole e podem ser conduzidas sem perigo, porém, fui informado de que elas picam, ao passo que o Dr. Vital Brasil garantiu-me ser impossível conseguir-se fazer a muçurana picar a quem quer que seja. A cobra-rainha come sofregamente outra cobra em presença de qualquer pessoa – e eu soube de um caso em que uma chegou a engolir a companheira pela metade quando ambas eram conduzidas no bolso de um rapaz. É infensa ao veneno das lachesis, porém não o é ao das corais. Há alguns anos passados contaram-me um caso em que uma dessas cobras-rainha foi colocada na prisão com uma hamadriada da Índia, mais ou menos do mesmo tamanho. A cobra-rainha matou a hamadriada, porém nem sequer tentou engoli-la e pouco depois apresentava sinais de envenenamento. Suponho que ela morreu um pouco mais tarde, mas infelizmente perdi as minhas notas e não me lembro, no momento, dos pormenores desse incidente.

O Dr. Vital Brasil informou-me que a muçurana, como a cobra-rainha, não é imune ao veneno das corais. Uma muçurana a ele pertencente e que já havia morto e comido sem dificuldade diversas cascavéis e outras cobras do gênero lachesis, matou e comeu também uma coral venenosa, tendo morrido, logo em seguida, envenenada.

É um dos segredos da natureza o fato de nascerem essas cobras americanas imunes ao veneno de tantas outras perigosamente venenosas e não o serem relativamente às corais, que se acham tão largamente distribuídas nos seus domínios. Todavia, considerando-se o exemplo mencionado pelo Dr. Vital Brasil, elas atacam e dominam as cobras-corais, embora no final do conflito também terminem mortas. Seria interessante constatar se o fato citado foi uma exceção, isto é, se a muçurana tem, ou não, o instinto de evitar as corais venenosas. Se o relatado, não foi um caso excepcional, então o exemplo não somente é altamente curioso, como ainda auxilia a esclarecer por que a muçurana não aparece em grande número.

Para esclarecimento daqueles que não se acham bem familiarizados com o assunto, devo dizer que o veneno das cobras não é perigoso para a sua própria espécie, a menos que seja injetado em grandes doses, cerca de dez vezes mais do que a quantidade comum de uma picada, porém é mortífero para todas as outras cobras, venenosas ou não, com exceção de muito poucas espécies que se alimentam de espécimes venenosas. A hamadriada da Índia, ou cobra-gigante, alimenta-se exclusivamente de outras serpentes. Há evidentemente uma acentuada distinção entre serpentes venenosas e não venenosas, como, aliás, constatou o Sr. Ditmars em dois espécimes no Bronx, os quais habitualmente se alimentavam de outras não venenosas, atacando-as sofregamente e deixando de atacar uma viperídea que tinha sido colocada em sua gaiola. Seria interessante verificar se a hamadriada tem medo de comer todas as viperídeas e, ainda, se ela comeria as outras pequenas do mesmo grupo – as najas – porque poder-se-ia afirmar que, mesmo que não fossem elas imunes ao veneno das viperídeas, sê-lo-iam ao das suas afins – as pequenas najas. Todas essas questões e muitas outras seriam rapidamente solucionadas pelo Dr. Vital Brasil, se lhe fosse dada a oportunidade de estudá-las experimentalmente. Deve-se lembrar, contudo, que as suas pesquisas não somente representam um grande valor sob o ponto de vista puramente científico, como também no terreno prático. No momento, ele está empenhado em adquirir uma boa coleção de muçuranas com intuito de cruzá-las. A presa preferida da muçurana é a mais comum e, por isso mesmo, a mais perigosa das cobras peçonhentas do Brasil – a jararaca – que é conhecida na Martinica como fer-de-lance. Nessa ilha, como em outros lugares, a jararaca é motivo de tanto terror que chega às vezes a se tornar um verdadeiro flagelo. Naturalmente seria uma medida de grande alcance que as autoridades da Martinica importassem alguns espécimes da muçurana para aquela ilha. A mortalidade provocada pelas picadas de cobra nas Índias britânicas é muito elevada. Certamente o experimentado governo da Índia realizaria um alto empreendimento se imitasse o do Brasil criando ali um instituto nos moldes desse que se acha sob a direção do Dr. Vital Brasil.

À primeira vista parece inacreditável que as serpentes venenosas, tão temidas e fatais para alguns animais, sejam totalmente indefesas diante

das poucas criaturas que delas se alimentam. Porém é fácil explicar: qualquer ser com especiais aptidões, por mais acentuadas que sejam, é passível de se tornar indefeso, uma vez que essas características esbarrem com as de outros indivíduos que as possam anular eficazmente.

Este fato acontece com a maioria das cobras venenosas. Nelas se notam certas aptidões peculiares desenvolvidas ao mais alto grau. Confiam para atacar e para defender tão-somente nas suas presas inoculadoras. Todos os outros meios e métodos de ataque e de defesa se atrofiaram. Elas não podem esmagar, nem dilacerar com os dentes nem se defender com o próprio corpo. As presas inoculadoras são finas e delicadas e, se não fosse o veneno, as feridas seriam insignificantes. Por esta razão, elas se tornam totalmente acobardadas perante qualquer animal infenso aos efeitos do seu veneno. Há diversos mamíferos indenes às picadas de cobra, inclusive algumas espécies de ouriços, porcos e mangustos; os outros mamíferos que as atacam para matar, só o fazem agarrando-as quando se acham desprevenidas, ou evitando seu golpe com movimentos rápidos, sendo este provavelmente o caso da maioria das aves que comem cobras. O mangusto é muito ligeiro, mas, em alguns casos pelo menos – eu já fiz menção de um no *African Game Trail* – ele se deixa picar pela cobra, encarando a ferida com a maior indiferença. Deviam-se fazer experimentos extensivos no sentido de verificar-se se há espécies desses animais indenes ao veneno não somente das colubrídeas como os das viperídeas. O ouriço, como demonstram experiências recentes, não se incomoda absolutamente com o veneno das viperídeas, mesmo picado em lugares delicados como na língua e nos lábios e come-as como se fossem rabanetes. Mesmo entre animais que não sejam indenes ao veneno, o seu efeito varia conforme a sua procedência e também segundo a espécie do animal. Não somente algumas espécies são muito mais resistentes do que outras a qualquer veneno, como ainda existe uma grande variação no grau de imunidade que cada uma apresenta em relação a um dado tipo de veneno. Há espécies que morrem rapidamente com a picada de uma certa cobra, sendo mais resistentes ao veneno de outras, ao passo que outras espécies podem apresentar resultados opostos.

A muçurana que o Dr. Vital Brasil me deu para segurar era um belo espécime, com cerca de 1,20m de comprimento. Levantei o seu corpo macio e flexível com as mãos e em seguida deixei-a enroscar-se calmamente em meu braço; ela deslizou suavemente aqui e acolá, ao comprido, com a graça sinuosa que possui, não dando a mais leve impressão de irritabilidade ou descontentamento. Nesse ínterim, o doutor ordenou ao seu assistente que colocasse na mesa uma grande jararaca, ou fer-de-lance, o que foi feito. A jararaca tinha cerca de um metro de comprido ou talvez 1,10m aproximadamente, isto é, mais ou menos 10 centímetros menos do que a muçurana. Esta, que eu continuava a manter em meus braços, permaneceu com impassível indiferença, a mover-se suavemente pelas minhas mãos e uma ou duas vezes escondeu a cabeça entre o braço e a manga do paletó.

O Dr. Vital Brasil não estava bem certo da atitude que a muçurana iria tomar, porque ela comera, havia pouco tempo, uma pequena cobra e sem estar com fome não prestaria a mínima atenção a qualquer outra, venenosa ou não, mesmo quando atacada e mordida. Felizmente, porém, demonstrou, estar com grande apetite. A jararaca se pôs alerta, em atitude agressiva. Enroscou-se parcialmente sobre a mesa, ameaçando aos circunstantes. Coloquei a grande e negra serpente em cima desse móvel, a alguma distância do inimigo e na sua direção. Assim que a libertei, deslizou-se rapidamente para onde se achava semi-enroscada a outra, que trazia a cabeça erguida e o olhar faiscante. A muçurana não demonstrava o mais leve sinal de excitação. Parecia não dar a menor atenção ao que via, pois começou a passar a cabeça ao longo do corpo da jararaca, movimentando a língua ligeira, como que farejando-a, à medida que se adiantava para a cabeça da antagonista. Os seus movimentos eram tão plácidos que eu, a princípio, não acreditei no ataque, visto que não havia o menor indício de raiva ou irritação. Foi a jararaca que deu início à luta. Não demonstrava o menor receio do inimigo e sua irritabilidade despertou-se com os movimentos e a aproximação da outra e, como um raio, recuou a cabeça para, num golpe, enterrar as presas na parte anterior do corpo da muçurana. Imediatamente esta revidou e o contra-ataque foi tão instantâneo que era difícil aperceber-se do que estava acontecendo. Houve tremendo esforço e agitação da parte da jararaca, e então, curvando-me

sobre o enrodilhamento em que se transformaram as duas serpentes, vi que a muçurana havia aferrado a jararaca na parte inferior do maxilar, dominando completamente a boca escancarada da cobra venenosa. As longas presas da jararaca estavam bem em cima da cabeça da muçurana e na posição em que me achava, pareceu-me que mais de uma vez ela a tivesse picado, porém sem o menor resultado. As presas inoculadoras se curvaram para trás, no maxilar, fato que particularmente notei, e assim todo o esforço de ofensiva da cobra venenosa foi inútil.

Enquanto isso, a muçurana ia apertando de rijo e mudando gradativamente a boca até alcançar a ponta da parte superior da cabeça da jararaca, deixando pendido para um lado o maxilar inferior da mesma. A venenosa serpente ficou inerte; a temível senhora das florestas e horrenda inimiga da humanidade se encontrava nas vascas da morte. O seu olhar frio e maligno brilhava diabolicamente como nunca. Estava, porém, desfalecendo. Contorcia-se em vão, para lutar. Nada conseguia. Uma ou duas vezes a muçurana enrodilhou-se em torno do seu corpo, porém sem fazer grande pressão, aparentando que assim procedia para melhor aferrar as presas<sup>9</sup> na cabeça de sua antagonista ou para mantê-la no mesmo lugar. O esmagamento era realizado com os dentes e as picadas se repetiam com tal violência que os músculos retesavam-lhe o pescoço. Em seguida deu duas voltas no pescoço da jararaca, torcendo-lhe a cabeça deliberadamente no afã de quebrar-lhe a espinha dorsal.

Com esse propósito retorceu a própria cabeça e o pescoço, deixando aparecer a coloração mais clara de seu ventre, e na verdade havia momentos em que se tinha a impressão de que ela fizera quase uma completa espiral com o próprio corpo. E nunca, um momento sequer, afrouxou as presas, a não ser para mudar ligeiramente a posição do maxilar. Em poucos minutos a jararaca estava morta, com a cabeça esmagada, apesar de conservar o corpo em movimentos convulsivos. Quando verificou que sua contendora não mais vivia, iniciou a muçurana o trabalho de degluti-la, principiando pela cabeça. Foi um processo bastante difícil em virtude do ângulo saliente do maxilar inferior da jararaca.

---

9 Serrilhas se denominam as presas da muçurana (N. do trad.).



A muçurana engolindo uma jararaca, após havê-la morto.



Como a muçurana ataca a jararaca



Finalmente, porém, conseguiu ela introduzir a cabeça da jararaca em sua boca, engolindo-a. Feito isto, mudou de lugar, deliberadamente, porém com desusada rapidez, com evidente propósito de devorar a presa pelo simples processo de escorregamento, ficando, todavia, o corpo e a cauda da jararaca em contorções até o fim. No começo do repasto, a muçurana impediu os movimentos de contorção e defesa da contendora, descansando o seu próprio corpo sobre o dela, porém do meio para o fim deixou toda a parte do corpo, que ainda permanecia fora da boca, agitar-se à vontade. Estava totalmente indiferente à nossa presença e nem se incomodava de ser tocada quando devorava a outra serpente. Por diversas vezes reconduzi as combatentes para o meio da mesa quando iam escorregando pela quina, e, finalmente, quando os fotógrafos viram que não mais podiam obter boas fotografias, suspendi a muçurana contra um fundo branco juntamente com a cobra parcialmente devorada e o banquete continuou sem interrupção. Nunca vi um proceder mais calmo e mais displicente. A facilidade e segurança com que a terrível cobra venenosa foi dominada, fizeram com que brotassem em mim o mais profundo respeito e admiração pelas qualidades extraordinariamente eficazes do réptil que sustinha em minhas mãos.

\* \* \*

A nossa viagem não foi planejada como uma simples caçada e sim na forma de uma expedição científica. Antes de iniciarmos propriamente a expedição, e enquanto viajávamos pela Argentina, recebi certas informações de primeira mão concernentes à vida do jaguar do cougar ou puma, que são dignas de menção. Os fatos referentes ao jaguar não constituem propriamente novidade no sentido de lançar novas luzes sobre seus hábitos, contudo, eram interessantes; porém, os que diziam respeito aos do puma, em um distrito da Patagônia, eram de grande interesse, porque davam a conhecer um novo aspecto da biologia deste animal. Viajava comigo nesta ocasião, o Dr. Francisco P. Moreno, de Buenos Aires.

O Dr. Moreno é atualmente membro do Conselho Nacional de Educação da Argentina, cidadão que muito tem trabalhado em benefício do seu país, especialmente em favor das crianças, de sorte que, quando nos encontramos pela primeira vez, foi-me apresentado como o “Jacob Riis” da

Argentina – por isso mesmo que sabiam da afeição que eu dedicava a este. É ele também um eminente cientista, já tendo realizado trabalhos admiráveis sobre geologia e geografia. Em certo período, em correspondência com as suas obrigações de comissário de limites no levantamento topográfico entre a Argentina e o Chile, trabalhou alguns anos na Patagônia. Foi ele quem fez a extraordinária descoberta, numa gruta da Patagônia, de fragmentos, ainda conservados, da pele e outros restos do *mylodon*, do aberrante cavalo conhecido como *anohipidiun*, do grande tigre sul-americano e do *macrauchenia*; todos animais extintos. A descoberta revelou que alguns estranhos representantes da gigantesca fauna sul-americana pleistocênica foram soterrados dentro de um período de poucos milhares de anos, justamente ao tempo em que os espanhóis encontraram o homem em fase florescente nesta parte do mundo. Acidentalmente a descoberta concorreu para demonstrar que esta fauna teve maior duração na América do Sul do que as suas correspondentes em outras partes do mundo, contradizendo, desse modo, as afirmativas do Dr. Ameghino no tocante à idade pré-histórica das mesmas e ainda quanto à origem do homem no continente americano.

Um dia o Dr. Moreno apresentou-me um número de *The Outlook* com um artigo referente a uma caçada de puma no Arizona, no qual eu duvidava da possibilidade de que esses felinos fossem capazes de atacar o homem, se bem que afirmasse que ataques dessa natureza já tivessem ocorrido. Eu então lhe disse que havia notado ser, o puma, na realidade, inofensivo para o homem, sendo que as informações duvidosamente lançadas a esse respeito são tão esporádicas que deveriam ser praticamente desprezadas. A esse propósito o Dr. Moreno mostrou-me uma cicatriz em sua face, dizendo-me que ele próprio havia sido atacado e seriamente ferido por um puma, o qual, não há dúvida, assim procedera na intenção de devorá-lo. Isto para mim foi de grande interesse. Já tinha encontrado algumas pessoas que conheciam outras que, por sua vez, tinham ouvido de terceiros a declaração de terem sido atacados por pumas, porém, foi esta a primeira vez que ouvi, de viva voz, quem declarasse ter sido pessoalmente atacado. O Dr. Moreno, como já tive ocasião de dizer, não era apenas um ilustre cidadão, mas também um eminente cientista, e, portanto, o que

ele contou a esse respeito deve ser considerado como uma afirmativa de grande mérito.

Transmito o fato exatamente como o doutor me contou, inclusive o que consta de uma carta que me escreveu em resposta a algumas questões que eu lhe havia formulado. A propósito, o Dr. Moreno afirmou-me que conhecera o Sr. Hudson, autor de *O naturalista no Prata*, e que este nada conhecia de experiência própria a respeito dos hábitos do puma, narrando como fatos verdadeiros meras fantasias criadas pelo povo. Indubitavelmente, disse ele, o puma da América do Sul, assim como o norte-americano, é, de um modo geral, animal medroso, que, além de nunca atacar o homem, ainda raramente se defende quando por ele perseguido. Os índios e os caçadores brancos, em muitos lugares, não lhe têm temor algum, pois a sua inofensibilidade ao homem é proverbial.

Existe, porém, uma certa zona ao sul da Patagônia, onde este felídeo, segundo o testemunho pessoal do doutor, tem sido, durante anos, um inimigo perigoso do homem. Esta curiosa mudança de hábitos em determinadas regiões não é um fato sem precedentes na biologia dos animais selvagens. Em certas partes do seu habitat, segundo Lord Smith, o tigre asiático somente acuado luta com o homem e nunca se alimenta de sua carne, ao passo que, na maior parte da região, é ele a mais perigosa fera, tornando-se quase sempre antropófago. De outro lado, existem águas em que os tubarões se alimentam habitualmente de carne humana, e outras onde nem sequer a tocam; há rios e lagos onde os crocodilos e jacarés são muito perigosos e outros onde são inofensivos – fato que eu mesmo tive oportunidade de ver na África.

\* \* \*

Em março de 1877, o Dr. Moreno, em companhia de outras pessoas que trabalhavam na comissão de limites e de alguns índios cavaleiros da Patagônia, acampou durante algumas semanas nas margens do lago Viedma, o qual havia mais de século não era visitado por homens brancos e raramente freqüentado pelos índios. Certa manhã, um pouco antes de sair o sol, deixou ele o acampamento em direção à parte sul do lago, a fim de fazer um reconhecimento naquela zona.

Estava desarmado, carregando apenas uma bússola prismática dentro de uma bolsa de couro suspensa por uma correia. Fazia frio, de sorte que envolveu o pescoço e a cabeça no seu poncho de guanaco.

Havia caminhado algumas centenas de metros, quando um puma fêmea deu um pulo sobre ele, por trás, atirando-o ao chão. Ao dar o golpe, procurou agarrar-lhe a cabeça com uma das patas, e com a outra atingir o seu ombro. Lacerou-lhe a boca e as costas, porém caiu com ele aos trambolhões e na própria luta se separaram antes que o animal pudesse mordê-lo. Levantou-se num golpe e, segundo afirma, foi compelido a tomar uma resolução imediata. O puma já estava refeito; sentou-se como um gato, olhando-o; em seguida agachou-se para dar novo pulo; neste ínterim o doutor desenrolou rapidamente o poncho e assim que a fera pulou novamente, ele o distendeu em sua frente, ao tempo em que lhe dava uma pancada na cabeça com a bússola prismática que estava dentro da bolsa segura pela correia. O animal pôs-se a arranhar o poncho e ficou atarantado, pois que, recuando, escapuliu para um lado, ficando debaixo de um arbusto e ali continuou na expectativa de poder enganá-lo com artimanhas. O doutor encarou-o firme e demoradamente e começou a afastar-se. O puma seguiu-o cerca de uns 300 a 400 metros. Pelo menos duas vezes nesse percurso o animal avançou para atacá-lo, porém ele, a cada tentativa, abria o poncho e gritava fazendo-o recuar. Repetidamente, porém, procurava o felino proteger-se com o poncho, esgueirando-se para um lado ou para trás, a fim de poder agarrá-lo. Finalmente, quando estava bem próximo do acampamento, desistiu da perseguição e internou-se num pequeno bosque. O Dr. Moreno deu o alarme, aparecendo imediatamente um índio que deitou fogo no mato, do lado que o vento soprava.

Quando o puma saiu do esconderijo, o índio correu-lhe ao encalço e atirou suas “bolas”<sup>10</sup>, as quais envolveram as pernas traseiras do felino. Enquanto procurava desvencilhar-se, o índio arremessou outras “bolas” que trazia, arrebentando-lhe a cabeça.

---

10 Arma de guerra e de caça que consiste de duas ou três bolas de pedra ou de metal seguras nas pontas de cordas fortes e unidas na extremidade e que são usadas pelos gaúchos e índios do sul e oeste da América Meridional (N. do trad.).

O doutor ressentira-se bastante dos ferimentos que recebera, se bem que não fossem de gravidade.

\* \* \*

Vinte e um anos mais tarde, em abril de 1898, o Dr. Moreno estava acampado no mesmo lago, porém na margem norte, no sopé de um penhasco. Tinha em sua companhia quatro soldados, com quem viajara desde o estreito de Magalhães. Durante a noite foi despertado por um grito e pelo latido de seus cães. Assim que os homens saltaram dos lugares em que dormiam, viram um grande puma afastar-se da claridade da fogueira e sumir-se na escuridão. Havia atacado um soldado de nome Marcelino Huquén, que dormia, tentando arrebatá-lo. Felizmente o homem estava de tal modo enrolado no coberto, dado o frio que fazia, que nem sequer ficou arranhado. Este exemplar nunca mais foi encontrado. Na mesma ocasião, um agrimensor da comitiva, um sueco chamado Arneberg, foi atacado em idênticas condições. O Dr. Moreno não estava presente desta vez. Arneberg dormia em uma floresta próxima do lago San Martín. O puma mordeu-o e arranhou-o ao mesmo tempo, dilacerando-lhe a boca, que ficou desprovida de três dentes. O homem conseguiu salvar-se e a fera desapareceu. Disse ainda aquele cientista que os índios, que em outras zonas não se arreceavam dos pumas, ali não consentiam que suas mulheres saíssem para buscar lenha senão em grupos de duas ou três. Isto porque já acontecera diversas vezes que algumas que saíram desacompanhadas foram mortas pelos pumas. Evidentemente nesta localidade o hábito accidental de alimentar-se de carne humana, tornou-se usual para uma espécie de puma que em outras regiões é inofensiva e até considerada medrosa. Essas observações do Dr. Moreno têm um valor particular, porque, segundo estou informado, são as primeiras notícias dignas de confiança a respeito de pumas que atacam o homem, salvo em circunstâncias tão excepcionais que nem merecem maiores referências do que fatos análogos acontecidos com outros animais selvagens que por natureza não sejam perigosos para o homem.

O jaguar, entretanto, é de há muito conhecido como um inimigo perigoso, quando atacado, sabendo-se também, que de quando em quando se torna antropófago.

No entanto, os casos a respeito de ataques desse animal, que me foram relatados, são de valor meramente informativo.

No excelente Jardim Zoológico de Buenos Aires, o seu diretor Dr. Onelli, naturalista de renome, mostrou-nos um grande jaguar que fora apanhado no Chaco, onde já havia começado a sua carreira de antropófago, tendo abatido três pessoas, das quais duas foram devoradas. O seu aprisionamento foi motivado pelo grande alarme que provocou a morte de sua terceira vítima. Era bravíssimo esse jaguar, ao passo que um outro, ainda novo, que estava na mesma prisão que um pequeno tigre, mostrava-se brincalhão e amigo, bem como o seu companheiro.

Na minha viagem de visita ao Museu de La Plata, tive a companhia do cap. Vicente Montes, da Marinha argentina, um oficial culto e possuidor de grande cabedal científico. Já estivera, certa vez, trabalhando na delimitação de fronteiras entre a Argentina e Brasil. Havia no acampamento grande quantidade de charque. Por diversas vezes um jaguar se aproximara do mesmo em busca da carne. Resolveram, então, resguardar a mercadoria. O resultado foi contraproducente. A primeira vez que a fera voltou ao acampamento já alta noite, agarrou um homem. Todos estavam dormindo e o animal entrou tão sorrateiro que burlou a vigilância dos cães. Assim que segurou o pobre homem, este deu um grito terrível, mas, um segundo após estava morto, pois a fera enterrara-lhe as garras no couro cabeludo, indo atingir os miolos. Foi uma cena de gritos e confusão, e o jaguar viu-se obrigado a abandonar a presa e internar-se no matagal. Na manhã seguinte alguns homens do acampamento saíram em sua perseguição, acompanhados de cães e conseguiram finalmente matá-lo. Era um animal grande e bem fornido de carnes.

O único aspecto digno de nota sobre esses dois incidentes é que, em cada caso, o animal era novo e vigoroso, se bem que, geralmente, o jaguar só procure atacar as pessoas quando já um tanto avelhantado e por demais fraco para caçar as presas habituais.

\* \* \*

Durante os dois meses que antecederam a nossa partida de Assunção, no Paraguai, para o interior, estive tão ocupado que quase não me sobra tempo para pensar em História Natural. Porém, numa terra estranha,

qualquer cidadão que esteja cuidando de pássaros e de animais selvagens, sempre vê e ouve alguma coisa de novo, que lhe aguça o interesse.

Nas densas florestas tropicais, próximos do Rio de Janeiro, em outubro passado – primavera tropical – ouvi o canto de muitos pássaros que não pude identificar. O mais bonito de todos, porém, foi o de um arisco sabiá-da-mata, de cor escura, que vivia próximo do chão, num tronco de madeira, mas que cantava no alto da ramada. A grande distância poder-se-ia ouvir a nota ressoante, demorada, musical, como de um sino, e de repassada ternura, que ele emitia no intervalo do canto. Pensei a princípio que tais notas fossem o próprio canto, porém, quando me aproximei, verifiquei que eram apenas “fermatas” emitidas no intervalo de uma cantiga prolongada, de grande melodia. Nunca ouvi outra que me impressionasse tanto. Em diversas partes da Argentina, vi e ouvi o tordo<sup>11</sup> argentino que pouca diferença faz do nosso, que também é um delicioso e notável cantor. Porém nunca tive oportunidade de ouvir o canto maravilhoso do tordo de peito branco, apontado por Hudson, que era grande conhecedor dos pássaros da Europa e da América do Sul, como o rei dos cantores. Os pássaros que pude anotar, enquanto passava rapidamente pelo país, eram, naturalmente os de maior importância. Os quero-queros – grandes e mansos pernaltas – estavam, em toda a parte, eram barulhentos, e ativos, e ao mesmo tempo arrogantes e destemidos, tendo o hábito curioso de dançar. Não se precisa ir à cata deles. Eles mesmos se encarregam de procurar a pessoa e quando a encontram fazem uma bulha terrível anunciando a descoberta.

Nos pantanais do baixo Paraná, encontrei bandos de melros de cabeça vermelha, pousados nos pontos mais altos da vegetação; as fêmeas são maravilhosamente coloridas, assim como os machos, com seus corpos de azeviche e cabeças de um vermelho metálico, o que os impossibilita de fugir à observação de quem quer que seja, tal o destaque que apresentam do seu natural meio-ambiente. Nas planícies do Oeste, observei bandos e bandos de estorninhos de peito roxo, belíssimos, que, ao contrário dos melros que se alegram quando estão sendo observados, procuram fugir à vista, agachando-se no chão.

---

11 *Minus pohgiottus* (N. do trad.)

Havia muitos “encontros” nos lugares úmidos, e grande número de anos. Os pássaros mais comuns que vi eram, porém, da família dominante dos “tiranídeos”, dos quais o nosso próprio *Manucodiata* real é o exemplo mais conhecido.

Esta família é muito numerosa na Argentina, quer em espécies, quer em indivíduos. Algumas espécies se apresentam com tanto realce, quer do colorido quer nos hábitos (em um dos casos também na forma), que despertam a atenção mesmo de qualquer espírito menos atento. O menos vistoso dentre os que observei, não obstante a sua grande notoriedade, é o bem-te-vi, que é escuro no dorso, tem o peito amarelo e saliente cabeça branca com crista amarela. É um pássaro barulhento, muito comum na vizinhança das habitações e constrói seu grande ninho à maneira de zim-bório. É verdadeiramente um pássaro de grande envergadura, arrogante e mais forte do que qualquer outro representante da família nas regiões do Hemisfério Norte. Assisti-os atacarem pequenos e grandes gaviões, sem medo algum, fazendo-os fugir em vôos precipitados. Não só comem insetos como também ratos, pequenas rãs, lagartixas e cobrinhas, além de atacarem os ninhos com filhotes apanham girinos e até pequenos peixes! Dois dos tiranídeos que observei são muito semelhantes aos do Texas, com os quais me familiarizei, desde menino.

O tesoura é muito comum em todo país e as suas longas penas caudais, que às vezes parecem embaraçar-lhe o vôo, chamam logo a atenção, quer quando voa ou quando se acha pousado. Tem o hábito de vez por outra elevar-se sobre as asas, bem alto, e descer em seguida – em curvas e espirais. Vi o tiê-sangue em jardins e pomares. O macho é um passarinho fascinante, de dorso negro, cabeça topetuda e o corpo em baixo de cor escarlate brilhante. Emite um trilo rápido, baixo e musical, quando em vôo, elevando-se em adejos a uma altura de 30 metros, e enquanto canta libera-se no ar, voltando em seguida para o chão. A cor e os hábitos desse passarinho atraem a atenção de qualquer observador – pássaros, animais e homens – quando ao alcance de suas vistas.

O tiranídeo de dorso vermelho é totalmente diferente de qualquer um de sua espécie nos Estados Unidos, e, até o momento em que o vi na *Ornitologia* de Sclater e Hudson, nem sequer sonhava que pertencesse a esta família. A sua cor é negra, tendo o dorso vermelho



escuro; nos machos as cores são mais vivas. Vi-os no dia 1º de dezembro, próximo a Bariloche, nas planícies escalvadas da Patagônia. Davam-me a impressão de carreiroas ou longspurs<sup>12</sup>, correndo ativamente no solo da mesma maneira e mostrando igual vivacidade e idênticas características de vôo. Porém, enquanto as carreiroas são pouco vistosas, esses atraem imediatamente a atenção pelo contraste de seu colorido notável com a cor pardacenta ou amarelada do terreno em que se agitam. O tiranídeo bico-de-prata, contudo, ainda é mais vistoso; eu o vi nos mesmos sítios em que observei o de dorso-vermelho, e ainda em muitos outros lugares. O macho é negro como o azeviche, com asas e bicos brancos. Corre pelo chão qual a carreiroa, porém, também freqüentemente pousa em algum arbusto para soltar seu canto ligeiro e esquisito. Pousa sem alarde, bem empertigado, mas, mesmo assim, a sua cor intensa o denuncia em uma distância de mais de mil metros. Porém, com pequenos intervalos, ele se libra no ar, a uma altura de uns cinqüenta metros – as asas brancas rebrilhando em contraste com o azeviche do corpo – chilra e gira, voltando instantaneamente ao ponto de partida, onde reassume a sua pose empertigada de quem espreguiçada.

É difícil conhecer-se um pássaro mais vistoso do que o bico-de-prata, porém o de que vou falar em seguida, aliás o último desse gênero, possui, em conjunto, o colorido mais notável que já vi dentre todos os passarinhos da região, e, além disso, as cores são iguais em ambos os sexos e permanecem brilhantes o ano inteiro. É de um branco reflexo por todo o corpo, com exceção das remíngias e da parte final das penas da cauda, que são de cor negra. O primeiro desses pássaros que vi, aliás, a grande distância, julguei que fosse um albino. Pousa nas pontas dos arbustos ou das árvores, onde espera as presas, brilhando à luz do sol como um espelho de prata. Todo gavião, gato ou homem tem de enxergá-lo; ninguém pode evitar.

São pássaros comuns da Argentina; muito deles do campo, porém todos portadores de cores variegadas e vistosas, interessantes pela beleza e pelos hábitos.

---

12 Pássaros do gênero *centrophanes*, que, aliás, não ocorrem no Brasil. (N. do trad.)

São ainda interessantes porque oferecem exemplos ilustrativos de que muitos deles, os mais numerosos e comuns não apresentam uma coloração velada, mas, ao contrário, possuem cores notoriamente berrantes.

O colorido e os hábitos da maioria desses pássaros são de tal ordem que qualquer gavião ou outro inimigo que esteja em posição de os lobrigar terá naturalmente a sua atenção voltada para eles. Evidentemente para a sua multiplicação nem o colorido nem qualquer hábito de se ocultar baseado na cor, podem ser considerados fatores de proteção, isto embora vivam numa terra prenhe de aves de rapina.

Entre os vertebrados superiores existem muitos fatores conhecidos que têm influência, sob diversos aspectos e maneiras, no tocante à multiplicação e conservação da espécie. Coragem, inteligência, adaptabilidade, ânimo; vigor corporal, rapidez, atenção, habilidade para esconder e para construir estruturas que protejam seus filhos, fecundidade – tudo isso e ainda outros fatores têm sua maneira de influir; e, além desses visíveis, há, em jogo, outros talvez mais potentes, mas que até agora a ciência não pôde descobrir.

.....

## *Capítulo II*

### SUBINDO O PARAGUAI

**N**A TARDE de 9 de dezembro deixamos a atraente e pitoresca cidade de Assunção para subirmos o Paraguai. Com generosa cortesia, o Governo do Paraguai pôs à minha disposição o iate-canhoneira do próprio Presidente – navio fluvial de grande conforto – de sorte que os primeiros dias de viagem foram magníficos sob todos os aspectos. A comida era boa, os alojamentos limpos, dormindo-se bem nos beliches ou no tombadilho, geralmente sem os mosquiteiros e durante o dia era muito agradável deixar-se ficar em cima sobre os toldos. Fazia calor, é verdade, porém estávamos vestidos convenientemente, com roupas de caçadores e de exploradores, o que nos deixava à vontade. O rio estava baixo em virtude da seca de algumas semanas. A julgar-se das imprecisas e contraditórias informações que recebi, há muita elasticidade nos termos “estação de inverno” e “estação seca” naquela parte do país. Sob um céu brilhante, viajamos resolutamente, subindo o rio impetuoso; o pôr-do-sol era esplêndido; e, em vindo a

noite, a lua, quase cheia, lá nas alturas, refletia sobre as águas com intenso resplendor.

Nos baixios e bancos de areia e entre os verdes juncos das baías e angras, moviam-se soberbas aves aquáticas; flamengos<sup>13</sup> carmesins, rosados colhereiros, magoaris escuros e garças brancas de asas negras. Anhingas de pescoço de cobra e bico pontudo pousavam nas árvores marginais. Garças cor de neve adejavam sobre os pauis.

Eram comuns os jacarés, os quais diferem em dois pontos dos crocodilos que vimos na África: não se alarmam com o tiro da espingarda ao serem visados e permanecem com a cabeça levantada ao invés de estendê-la na areia. Durante três dias viajamos para o norte, em direção ao Trópico de Capricórnio, até atravessá-lo ainda em território paraguaio. À nossa direita, para o lado do Levante, havia uma região primorosamente colonizada, com grandes culturas de bananeiras, laranjeiras e outras plantas tropicais.

Ocasionalmente passávamos por pequena cidade ribeirinha ou então avistávamos um rancho bem na borda do rio, ou ainda parávamos para o abastecimento de combustível em alguma pequena povoação. Através do rio, para o Ocidente, distende-se o território plano, fértil e alagadiço denominado “Chaco”, ainda abandonado aos índios que se entregam à criação de gado em agigantada escala. O largo rio corre em curvas por entre ribas barrentas, onde terraços sotopostos marcam os sucessivos períodos das enchentes. Uma orla de floresta reveste as suas margens, porém não ultrapassando de uns duzentos metros de largura. Para trás queda-se a imensa região do lado do Chaco, que é um vasto prado de gramas pontilhado de esbeltas e graciosas palmeiras. Em certos pontos desaparece a orla de mata e o prado de gramíneas com suas palmeiras assume o seu lugar.

O Chaco é uma região ideal para a pecuária, não sendo totalmente insalubre. Está fadado a cobrir-se todo de fazendas de gado em período não muito remoto. Porém os mosquitos e outros insetos alados dominam todo o território. Cherrie e Miller lá estiveram durante uma semana coletando mamíferos e pássaros antes de minha chegada a Assun-

---

13 *Prenicopterus ruber* L. (N. do trad.).

ção. Eram veteranos dos trópicos e já estavam calejados de sofrer ataques dos insetos das Guianas e do Orenoco. Disseram, porém, que nunca foram tão torturados como ali. Os pernilongos infiltravam-se pelas malhas dos mosquiteiros, perturbando-lhes o sono; se, quando dormindo, tocassem com os joelhos no cortinado, os mosquitos caíam em tal quantidade que dava a impressão de estar-se crivado de chumbo, sendo as noites um tormento; mas, ainda assim, conseguiram desincumbir-se bem de sua missão, coletando cerca de 250 espécimes de aves e mamíferos. Apesar disto, e por alguma razão impenetrável, o rio serve de barreira a certos insetos que são prejudiciais aos vaqueiros. Estava comigo na canhoneira um velho amigo do Oeste, Tex Rickard, de Panhandle, Alasca, e adjacências. No momento era possuidor de grande trato de terras e de trinta e cinco mil cabeças de bovinos no Chaco, em frente a Concepción, cidade a que se destinava. Disse-me ele que o gado cavalar não se dá muito bem ali, porém o vacum prospera extraordinariamente, e que os carrapatos, embora enxameiem a margem direita do grande rio, não conseguem proliferar na outra. Frequentemente este amigo faz atravessar rebanhos de gado cobertos dos abomináveis sugadores, os quais morrem em pouco tempo. Os piores inimigos do homem, pode-se mesmo dizer, os mais perigosos de todos, são os insetos, e esta verdade mais se evidencia quando se trata de região tropical. Afortunadamente para nós, do mesmo modo que certas diferenças minúsculas e de difícil explicação tornam alguns insetos fatais para o homem e os animais domésticos, fazem com que outros, de tipos semelhantes, sejam completamente inofensivos; e mais, ainda, por outras causas, que não estamos em condições de penetrar, esses insetos estão, na sua maioria, adstritos a regiões limitadas por fatores de várias ordens, inclusive geográficos.

A guerra contra o que Sir Harry Johnston chama de “demônio material”, o demônio malfazejo da natureza selvagem dos trópicos – tem sido intentada com marcado sucesso nestas duas últimas décadas. Os homens nos Estados Unidos, na Inglaterra, França, Alemanha, Itália – homens como o Dr. Osvaldo Cruz, no Rio de Janeiro, e o Dr. Vital Brasil, em São Paulo, – que trabalham experimentalmente dentro e fora dos laboratórios na guerra contra as moléstias e contra a morte, afrontando

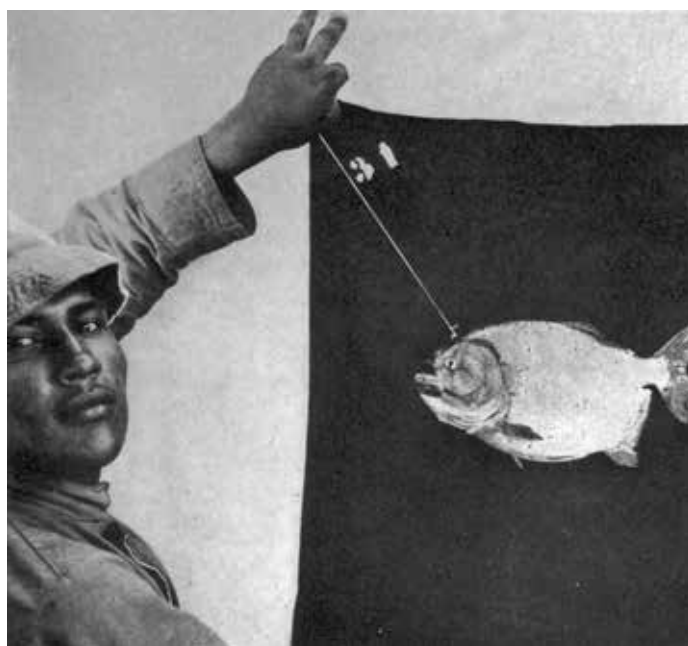
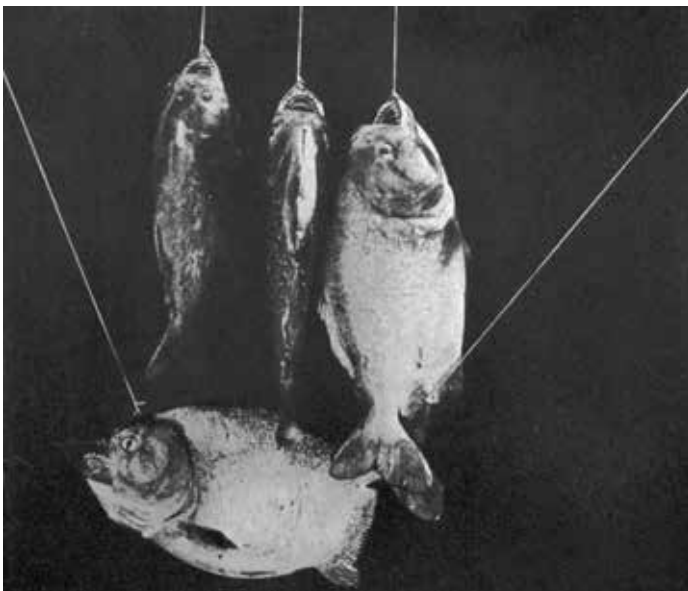
insetos e micróbios, são os verdadeiros pioneiros da adaptação dos trópicos à civilização humana.

\* \* \*

Já ia a noite bem avançada, pouco antes de meia-noite do segundo dia de nossa viagem, quando chegamos a Concepción. No correr desse dia, paramos para carregamento de combustível e de provisões, em lugares pitorescos em que as mulheres habitam casas de barro cobertas de palha e lavam roupa dentro do rio. Homens esfarrapados vinham até a borda para nos olhar admirados, ou, então, vaqueiros de pele bronzeada, bem vestidos, postavam-se em frente de suas residências de teto vermelho. Aí pescamos muitos peixes que pertenciam a um dos mais terríveis gêneros do mundo – as piranhas ou peixes-canibais – porque devoram o homem quando o têm a seu alcance. Mais além, ao norte, há espécies de piranhas pequenas, que vivem em cardumes. No ponto do rio em que estávamos, tais peixes não pareciam andar propriamente em cardumes, porém afluíam em profusão e atingiam o tamanho de 45cm ou mais. São os peixes mais ferozes do universo. Mesmo os mais terríveis, como os tubarões ou as “barracudas”<sup>14</sup>, geralmente atacam presas menores do que eles próprios, o que não se dá com as piranhas, que não olham tamanho. Arrancarão um dedo a qualquer incauto que se aventurar a meter a mão dentro d’água; mutilam os nadadores (em todas as cidades ribeirinhas do Paraguai há pessoas mutiladas pelas piranhas): laceram e devoram vivos qualquer pessoa ou animal feridos, por isso que o sangue na água as excitam furiosamente. Reduzem a frangalhos qualquer ave selvagem malferida e devoram aos pedacinhos a cauda dos grandes peixes, quando extenuados após a luta contra o anzol. Miller, antes de minha chegada a Assunção, foi seriamente mordido por uma delas. Algumas das que pescamos conseguiram fugir após romper com os dentes o anzol ou a parte encastoadada. Outras que conseguimos puxar para o tombadilho viveram durante muitos minutos.

---

14 Nome regional do *Sphyrena barracuda*, peixe predador dos mares das Índias Orientais (N. do trad.).



A piranha, peixe carnívoro  
(nota-se como são afiados os dentes)

A maioria dos peixes predadores tem o corpo longo e delgado como o “manjuari”<sup>15</sup> e o lúcio. A piranha, porém, é um peixe curto, de corpo arqueado, com a face romba e queixo inferior de movimentos largos. Os dentes, afiados feito navalha, têm a forma de cunha como nos tubarões e os músculos do queixo são dotados de extraordinária força.

As bocadas, ferozes e violentas, fazem com que os dentes se enterrem na carne e nos ossos. A cabeça com seu focinho curto, olhos malignos sempre atentos e mandíbulas cruelmente armadas, a bater, eis a fisionomia de sua ferocidade demoníaca. E as ações do peixe estão perfeitamente de acordo com a sua aparência. Nunca testemunhei uma exibição de fúria incontida e selvagem como a da piranha ao debater-se no tombadilho. Logo que são arrancadas da água e atiradas no chão de tábuas, emitem um som extraordinário de protesto. Começam a se debater por ali e a qualquer coisa que se lhes encoste procuram morder com terrível violência. Uma caiu sobre um pano, abocanhando-o com a força de um buldogue. Outra agarrou sua companheira e uma terceira cravou os dentes num pedaço de madeira onde deixou marca. São o pavor das águas e é necessário muita precaução para nadar ou atravessar o rio em lugares por elas freqüentados. Quando o gado é tangido para a água ou ali entra de *moto próprio*, geralmente nada lhe ocorre; porém, se um espécime avantajado ou mais feroz desses terríveis peixes acontece morder um animal tirando-lhe um pedaço da orelha ou da teta, o odor do sangue atrai todos os membros de uma multidão voraz que se encontra nas imediações, e se o animal ferido não consegue sair imediatamente da água, será devorado vivo. Aqui no Paraguai os naturais têm para com elas bastante precaução, ao passo que os jacarés não provocam temor algum. A única qualidade boa que tem a piranha é a carne gostosa, apesar do excesso de espinhas.

Ao raiar da manhã do terceiro dia, como ainda estivéssemos ancorados ao largo de Concepción, remamos até a praia para um giro pelas ruas da velha, interessante e pitoresca cidade que, do mesmo modo que Assunção foi fundada pelos conquistadores três quartos de século antes de os nossos antepassados – ingleses e holandeses – aportarem na terra que ora se chama Estados Unidos.

---

15 *Lepidosteus tristoechus*, o maior peixe-agulha existente. É encontrado nos rios do Illinois até o México e em Cuba (Nota do trad.).



Os jesuítas tomaram posse do que atualmente é o Paraguai, orientando e convertendo os silvícolas ao cristianismo, elevando suas florescentes missões a um tal grau de prosperidade que nunca lograram alcançar em outros lugares. Foram expulsos pelas autoridades civis (apoiadas por outras de diferente representação eclesiástica) cerca de 50 anos antes da América Espanhola se tornar independente. Porém já eles tinham conseguido estruturar a língua dos indígenas, estabelecer-lhe uma escrita e imprimir livros religiosos nesse idioma. O guarani é uma das línguas indígenas mais largamente difundidas, sendo originariamente encontrada sob diversas modalidades não somente no Paraguai como no Uruguai e na maior parte do Brasil.

Permanece ainda por lá como língua geral entre as tribos selvagens. Em muitos lugares do Brasil, como no Pará e em São Paulo, ela deixou seus traços em nomes de localidades, sendo, porém, completamente substituída pelo português.

No Paraguai ainda subsiste, ao lado do castelhano, como língua das classes mais baixas, sendo contudo familiar nas classes elevadas. A população é mestiça e fala as duas línguas; as classes modestas são principalmente de sangue indígena, porém com alguma mistura de sangue branco, ao passo que nas classes mais representativas há predominância da raça branca, posto que com forte infusão de sangue indígena. Não existe caso perfeitamente similar a este nos anais da colonização européia, embora tenham os habitantes de Goa, na Índia, uma língua própria e um credo português, ao passo que, em vários estados hispano-americanos, o sangue indígena é dominante e a maioria da população fala uma língua indígena, talvez esta mesma, como acontece com os quíchuas, que antigamente falavam uma língua viva do tipo arcaico. É ainda bastante cedo para se profetizar se uma dessas línguas suplantar a outra no Paraguai, como também qual delas seria a vitoriosa nesse caso. Os missionários ingleses e a Bible Society publicaram recentemente trechos das Escrituras na língua guarani.

Em Assunção edita-se um diário com textos em castelhano e guarani, em colunas paralelas justamente como em Oklahoma, onde existe um também publicado em inglês e na língua inventada pelo extraordinário, cherokee, chefe Sequóia, um verdadeiro Cadmo. O paraguaio que fala

o guarani é cristão, estando tão integrado em nossa cultura comum como a maioria das populações rústicas da Europa. Não tem relações com os selvagens, os quais o odeiam e temem. O silvícola do Chaco, como verdadeiro selvagem de arco e flecha, nunca procura a parte leste do país. De outro lado, o paraguaio apenas começa a arriscar-se pelo sertão do oeste, em lugares afastados das margens dos rios, sob a bandeira de chefes colonizadores como Rickard, no qual, diga-se de passagem, os selvagens depositam a maior confiança, trabalhando para ele com boa vontade e dedicação.

O Paraguai é um país de grandes possibilidades, que se poderão tornar em realidade muito em breve, desde que os seus habitantes abandonem definitivamente a mania de revolução e estabeleçam um governo de permanência e ordem. O povo é excelente; as duas fontes de sangue branco e índio deram bom resultado.

\* \* \*

Percorremos as ruas de Concepción e olhamos cuidadosamente todas as coisas interessantes: casas de um único pavimento com janelas protegidas por grades de ferro enferrujado, onde logramos espiar, através de alguma porta aberta ocasionalmente; os quintais ensombrados de árvores e de flores; carros de duas rodas puxados por muares ou bois; um ou outro cavaleiro descalço e de espora, com os grandes artelhos metidos nas alças do estribo; e as pequenas lojas e armazéns de mate e peles. Em seguida fomos à pequena e aprazível estalagem, mantida por um francês e sua mulher, em estilo espanhol antigo, com o respectivo pátio, tudo muito asseado como as congêneres da Normandia ou da Bretanha. Estávamos sentados para o café, em torno de uma mesinha, quando chegou o comandante da guarnição militar – pois Concepción é a segunda cidade do Paraguai. Disse-me que havia preparado uma recepção para mim. Estava eu em trajes grosseiros, de caçador, porém, nada mais podia fazer senão acompanhar meus bondosos manifestantes e esperar que me perdoassem a impropriedade da indumentária. O coronel levou-me em elegante carruagem aberta, tirada por dois bons cavalos e cocheiro em libré. Foi uma manifestação mais elegante do que as que se vêem em nossas cidades, com exceção das maiores, e mesmo a essas, provavelmente válido não se trate de parada oficial. Em toda a América do Sul há mais

pompa e cerimoniais nas festas públicas do que aqui e, durante as quais, os criados de libré, com calções pelos joelhos e cabeleira empoada, são semelhantes aos que se contemplam nas festas similares da Europa; não existe a simplicidade democrática tão ao agrado dos nossos hábitos de vida e maneira de pensar. Os americanos-do-sul, porém, muita vez nos sobrepõem não apenas em pompas e cerimônias, mas no que é de real importância, – isto é, na cortesia; em matéria de cortesia e de civilidade, nós mal podemos tomar-lhes a lição.

Primeiramente visitamos as casernas, vimos as tropas em exercícios de estabelecimento e inspecionamos as armas, artilharia e equipamentos. Havia um oficial alemão entre os paraguaios; era um dos contratados para dar instrução ao Exército. O equipamento e as armas estavam em boas condições; os conscritos representavam um bom material humano e os oficiais trabalhavam acendradamente. Fato digno de nota e sobre que devem pensar os antimilitaristas é o que se relaciona com o estabelecimento de corpos do Exército nos países sul-americanos, em cujos lugares, à proporção que se vai aprimorando a eficiência militar da tropa, vão diminuindo as desordens e a anarquia, ao mesmo tempo que cresce a repugnância em se resolverem as questões por meio violento. Está se introduzindo o serviço militar no Paraguai de um modo amplo; os oficiais, muitos dos quais estudaram no estrangeiro, melhoraram o *esprit de corps*, aumentando seu orgulho pelo Exército e conseqüentemente o desejo de vê-lo como instrumento de defesa da nação e não como arma de qualquer facção política ou pessoal. Se esses sentimentos cada vez mais se robustecerem constituirão fatores poderosos para dar ao país o que ele mais necessita, isto é, a libertação dos distúrbios revolucionários e, portanto, a oportunidade de conseguir sua prosperidade material, que é a base em que repousa qualquer outro desenvolvimento social.

Em seguida me conduziram à Prefeitura Municipal, em companhia do intendente ou prefeito, de um alemão há muitos anos residente no país e de um dos principais homens da cidade. Houve um almoço. Quando chegou minha vez de falar, tive como intérprete um jovem paraguaio formado pela Universidade da Pensilvânia. Teve ele a grande habilidade de traduzir minhas idéias para o espanhol – relativas a liberdade dentro da ordem e aos transtornos causados pelas continuadas

revoluções – com clareza e vigor, porque – estava absolutamente integrado nos meus sentimentos como também na maneira de encarar tais coisas por toda a América do Norte. Os meus anfitriões eram a própria hospitalidade em pessoa e eu apreciei extraordinariamente aquelas manifestações de cortesia.

\* \* \*

Continuamos a subir o rio. De vez em quando cruzávamos com outra embarcação – um vapor, ou, para minha surpresa, uma *barquentine* ou escuna. O Paraguai é uma estrada real de tráfego. De uma feita passamos por grande fábrica de carnes em conserva.

As fazendas se encontravam de um lado e de outro das margens do rio, a poucas léguas de distância. Paramos em vários armazéns de madeira sobre a margem esquerda em torno deles os nativos trabalham. Em um desses armazéns notava-se claramente que os índios faziam parte do destacamento da guarda. As mulheres estavam com eles, cozinhando em esquisitos fogões abertos. Um indiozinho trazia como brinquedo um papagaio e um pequeno quati, que é uma espécie de *raccoon*<sup>16</sup> de focinho comprido. Para fazer o carregamento de madeira, os índios, que estavam vestidos, se punham em linha, jogando as toras que passavam de mão em mão.

Nesse dia atingimos a região dos trópicos. Mesmo ao calor do dia, o tombadilho se apresentava agradável sob os toldos; o sol nasceu e se pôs, numa explosão de luz avermelhada. As noites de lua cheia eram maravilhosas.

À noite, Órion brilhava no alto e o Cruzeiro do Sul aparecia no céu tauxiado de estrelas. Ao sair da lua, sentia-se, porém, amortecer o brilho das outras constelações, e, ao influxo de seu clarão, surgiam claras as margens, revestidas de matas de um e outro lado, à medida que singrávamos resolutamente a borbulhante correnteza do grande rio. Na tarde do 12º dia, estávamos na fronteira com o Brasil. Nesse dia entramos em contato com algumas pequenas colinas afuniladas que surgiam aqui e ali, nas irradiações das ribas.

---

16 *Procyon lotar.* – Pequeno mamífero plantígrado e carnívoro da América do Norte (N. do trad.).



*Jovem índia junto de uma panela*



*Rapariga tupi com um filhote de ema.*



*Um indiozinho com um quati  
e um periquito*

Lugares havia em que renques de palmeiras emergiam por entre árvores decíduas e se estendiam por um quilômetro ou mais, bem ao longo das margens. Vez por outra passávamos pelo gado tangido por boiadeiros, junto às barrancas ou nas restingas, ou ainda por belíssima vivenda rústica, sob a ramada de árvores frondosas, ornadas de flores vermelhas ou amarelas, em corinhos opulentos; ou então víamos um curral entre árvores, fechado na extremidade, abrigando alguns cavalos, e na cerca do qual se debruçava um indivíduo descalço e em mangas de camisa. Aqui, um rebanho de bovinos entre as palmeiras; ali, grande curtume ou fábrica e uma pequena aldeia. Paramos em um curtume. O proprietário era espanhol e o gerente “oriental”, como ele próprio se denominava: era um uruguaio de descendência alemã. Os *peones*, ou trabalhadores, que viviam em casas de madeira enfileiradas por trás do prédio principal, eram paraguaios em maioria, sendo alguns poucos brasileiros e uma dúzia de capatazes alemães e argentinos. Havia também alguns silvícolas que estavam acampados à sua anti-higiênica maneira, parasitando ao lado dos brancos, porém sem adotar os mesmos hábitos. Muitos desses se empregavam no corte de madeira para o curtume. As mulheres e as crianças se deixavam ficar nas tabas. Algumas estavam nuas da cintura para cima. Uma ainda muito jovem trazia um filhote de ema como distração. Havia profusão de aves aquáticas. Vimos grandes revoadas de patos-selvagens moscovitas. Os nossos patos domésticos descendem dessas aves; e o seu absurdo apelido, assim como os do peru<sup>17</sup> e do porco-da-índia, remonta à época em que os nossos antepassados europeus, com os seus minguados conhecimentos geográficos, supunham que a Turquia, a Guiné, a Índia e a Moscóvia (Rússia) fizessem parte da América. Os patos moscovitas eram de ótimo paladar. Abundavam as anhingas e os biguás.

Andavam pelas restingas em grandes bandos ou atopetavam as árvores ribeirinhas. Lindas e branquíssimas garças pousavam também sobre as árvores, e muita vez bem afastadas do rio. Uma árvore frondosa, de folhas de um verde intenso, com a copa recoberta dessas aves, parecendo ter-se reventado em flores grandes e brancas, bruscamente, era um quadro

---

17 Em inglês, pato-selvagem, peru e porco-da-índia, ou cohaia são denominados, respectivamente, de *Muscovy*, *Turkey* e *Guinea-pig* (N. do trad.).

interessante. Aqui e ali se viam, na restinga, enormes jaburus. De uma feita encontramos um bando de magoani bravios por entre as árvores da margem.

Do lado da fronteira do Brasil encontramos-nos com o Cel. Cândido Mariano da Silva Rondon e outros brasileiros, membros da expedição. O Cel. Rondon mostrou-se imediatamente disposto para o que fosse preciso. Percebia-se claramente que era senhor absoluto do assunto e seria igualmente um excelente companheiro.

Foi colega de Lauro Müller na Escola Militar. É de sangue índio quase 100% e positivista (no Brasil há um grupo bem ponderável de positivistas), como os há na França e também no Chile. Todos os seus sete filhos fazem parte da Igreja Positivista do Rio de Janeiro. O Brasil mantém a mais completa liberdade em matéria de religião, de pensamento e de intelectualidade, como nós, nos Estados Unidos, para a nossa grande felicidade, e entre os meus *companheiros* brasileiros havia desde o católico até aqueles que se diziam sinceramente livres-pensadores. O Cel. Rondon havia despendido quarenta e quatro anos explorando os planaltos do Oeste brasileiro, como pioneiro do telégrafo e das estradas de ferro. Durante este tempo palmilhara cerca de 22.000 quilômetros sobre territórios, na sua maioria virgens às pegadas do homem civilizado, tendo construído três mil milhas de linhas telegráficas. Tinha um conhecimento extraordinário das tribos selvagens, às quais procurava assistir com todo carinho, servindo ao mesmo tempo a causa da humanidade em qualquer lugar e toda vez que se lhe apresentasse ocasião. Graças principalmente aos seus esforços, quatro das tribos selvagens da região em que atava força encaminhadas à civilização. O primeiro passo para esse fim foi o de se haverem tornado cristãs. Pode parecer estranho que um positivista escolha como pródromo de um benefício a conversão ao Cristianismo. Mas, na América do Sul, o Cristianismo é antes de tudo uma dignidade, mais do que uma teologia. Representa os indispensáveis primeiros passos para fugir à selvajeria.

Nos rincões mais selvagens e pobres, o homem está dividido em duas categorias: “cristãos” e “índios”.



*Silvícolas rolam toras de madeira num posto.*



*Palmáceas ao longo do rio*



Quando um índio se torna cristão, é incorporado integral ou parcialmente a uma comunidade simples e chá das vizinhanças, sendo facultado mover-se livremente entre os seus companheiros.

\* \* \*

Juntamente com o Cel. Rondon encontravam-se o Cap. Amílcar Magalhães, os Ttes. João Lira, Joaquim de Melo Filho e o Dr. Eusébio de Oliveira, geólogo.

Os vapores pararam e o Cel. Rondon e alguns oficiais de seu estado-maior, flamejantes em seus uniformes brancos, vieram para bordo. Mais tarde visitei-os em seu vapor, onde conversamos sobre nossos planos de viagem. Após ultimarmos as conversações foi-nos servido chá. Em conversa eu disse que um de nossos naturalistas havia sido mordido por piranha e desse modo a palestra derivou-se para tal assunto.

De maneira bastante curiosa também fora severamente ofendido por esses peixes um dos taxidermistas brasileiros. Meus novos companheiros sabiam de tantos casos de piranhas. Havia apenas três semanas que, um menino de doze anos, nadando perto de Corumbá, fora por elas atacado e devorado vivo. O Cel. Rondon, quando de suas viagens de *exploração*, teve também alguns acidentes bem desagradáveis com as piranhas e perdera um artelho, comido por esses peixes. Foi o caso em que, indo tomar banho, escolhera um ponto mais raso na beira do rio, local este que examinara cuidadosamente no sentido de verificar se não havia perigo pela frequência de piranhas. Entretanto teve apenas tempo de pôr os pés na água e ser logo atacado por uma que lhe decepou o dedo com uma dentada. De outra vez, quando atravessava estreita correnteza, um de seus homens foi atacado; o peixe mordeu-lhe a barriga da perna e as nádegas e quando a criatura baixou as mãos ao local ofendido feriu-lhe também as mãos; o homem já estava próximo da margem e de um arranco conseguiu safar-se da água, agarrando-se a um galho de árvore; estava, porém, seriamente ferido e foram precisos seis meses para se restabelecer. Em outra viagem aconteceu um fato extraordinário. Os homens estavam sem alimento e famintos. Ao alcançarem uma lagoa, atiraram dinamite dentro dela e lá se meteram para apanhar os peixes atordoados que aparecessem à tona d'água. Um deles, o Tte. Pirineus, tendo já as mãos cheias de peixe, tentou agarrar mais um, o

que procurou fazer, segurando-o pela boca com os dentes; era uma piranha aparentemente atordoada, porém, em um momento, ela recuperou a forma e arrancou um bom pedaço de sua língua, provocando uma hemorragia que a vida do pobre homem andou por um triz. Em outra ocasião, um membro da caravana saiu a passeio montado num burro, O animal apareceu sozinho no acampamento. Seguindo seus rastos os companheiros foram ter a um vau do rio, encontrando dentro d'água o esqueleto do procurado com as roupas perfeitas, mas toda a carne havia sido despojada dos ossos. Não se pode precisar se ele morrerá afogado e fora assim comido pelos peixes, ou se os próprios peixes o haviam morto e devorado. As piranhas não romperam a roupa, entrando pelos pontos abertos para comer a carne da vítima. Parecendo portanto que não houve luta. Esses peixes carnívoros são verdadeiro flagelo das águas em que vivem. Não quer isso dizer que as piranhas (também os jacarés e crocodilos do Novo Mundo) sejam inimigos tão terríveis ao homem, como, por exemplo, os crocodilos da África. Acontecem alguns acidentes e há certos lugares muito perigosos para uma pessoa nadar ou tomar banho; porém em muitos sítios nada-se à vontade, apesar de que o povo sempre se preocupa com a escolha do local ou então procura ficar em grupos fazendo como que uma barragem com água turva para evitar a aproximação das piranhas.

Durante suas viagens, o Cel. Rondon teve diversos acidentes com animais selvagens.

Os jacarés do Paraguai não são ordinariamente perigosos para o homem; às vezes, porém, se transformam em comedores de carne humana, razão por que devem ser combatidos em toda oportunidade.

Os enormes jacarés e crocodilos do Amazonas são consideravelmente mais perigosos e o Cel. Rondon sabia de inúmeras ocorrências em que homens, mulheres e crianças foram vítimas desses anfíbios. Uma ocasião, enquanto dinamitavam um poço, visando matar peixes para alimento da comitiva faminta, aconteceu ficar parcialmente ofendida uma gigantesca anaconda<sup>18</sup>, a qual permaneceu estonteada e foi morta assim

---

18 *Sucuri* – Grande serpente do Brasil que atinge às vezes 10 m, e mais de comprimento. *Eunectes murinus*. – Não é venenosa, mas utiliza-se de sua força incrível para matar qualquer presa (N. do trad.)

que começou a se mover. Disse ele nunca ter visto é nem sabido de outra de tal porte e que, na sua opinião, aquele réptil, com fome, seria capaz de atacar prontamente um homem. Por duas vezes *sucuris* menores atacaram seus cães; de uma feita uma delas arrastou o cão pela correnteza – pois são serpentes que gostam muito de estar n'água – porém ele conseguiu salvar o bichinho. Um de seus homens foi picado por jararaca e conseguiu ainda matar a cobra, mas não foi encontrado a tempo de se lhe salvar a vida. Quanto aos pumas, o coronel tem a mesma opinião que eu, isto é, julga-os medrosos, porém, já o jaguar é uma fera terrível que muitas vezes se torna antropófaga e ataca com ferocidade quando aguada. Sabia o coronel de um fato em que um caçador fora morto por jaguar quando no seu encalço, em um capinzal espesso.

Todos esses inimigos, no entanto, ele os encara como absolutamente vulgares em comparação com o verdadeiro perigo das selvas – o tormento e a ameaça de multidões de insetos, de mosquitos e mesmo de outros ainda mais intoleráveis bichinhos, de carrapatos e de agressivas formigas venenosas, as quais já têm causado o despovoamento de aldeias e até de distritos inteiros. Esses insetos e as febres que eles transmitem, assim como às disenterias, a inanição, o esgotamento pela fadiga e os acidentes são, em traço rápido, o que os exploradores devem temer. A conversa era interessantíssima para mim. O coronel falava o francês tanto quanto eu mas preferia, assim como os outros, manifestar-se em português; nesse caso Kermith servia de intérprete. À tarde, um pouco antes da lua aparecer, paramos para carregamento de madeira, na pequena cidade brasileira de Porto Murtinho, de cerca de 1.200 habitantes. Alguns prédios eram de pedra; havia uma casa particular com uma torre, estilo castelo, toda de pedra; havia lagos, prédio dos correios, armazéns, restaurante com salão de bilhar, depósito de mate, planta aliás muito cultivada em toda a redondeza. As casas, em sua maioria, eram baixas, de telhas pendentes e limosas, com quintais cercados de altos muros e plantada de árvores, muitas das quais com flores de grande fragrância. Passeamos pelas ruas largas e poeirentas sobre passeios estreitos. Era uma noite morna e abafada; o ar pesado de dezembro estava impregnado do cheiro tropical. Através das portas e das janelas abertas davamos rápidas olhadelas para o interior semidespido das habitações mais pobres; mulheres e mocinhas sentavam-se do lado de fora

das soleiras, apreciando o luar. Todas as pessoas que nos foram apresentadas nos trataram com grande gentileza: o comandante da guarnição, o intendente que era negociante, outro negociante e fazendeiro uruguaio que tinha justamente acabado de receber o jornal que continha meu discurso de Montevideú, e que, segundo pude compreender de seu pletórico espanhol, estava profundamente impressionado com as minhas idéias de democracia, honestidade, liberdade e ordem (assuntos aliás bastante soavados); e também um catalão que falava francês e se achava acompanhado de sua linda filhinha, interessante menina de uns 8 a 10 anos, que tinha grande orgulho em dizer que falava três línguas; brasileiro, espanhol e catalão! Seu pai não cansava de proclamar o desejo de conseguir para a cidadezinha uma igreja e uma escola. Quando finalmente terminou o carregamento, recomecemos a nossa viagem. O rio parecia um espelho. Ao clarão da lua cheia, as palmeiras marginais refletiam-se na superfície quieta das águas. Continuávamos em marcha e, toda vez que dobrávamos uma curva, o reflexo prateado se estendia em nossa frente ao longo das águas, e além se divisava o perfil espectral das montanhas. De quando em quando, o rubro clarão das queimadas na campina desafiava a beleza do luar.

Na manhã seguinte, o céu estava coberto de nuvens. Ocasionalmente passávamos por um armazém de madeira, ou uma fábrica, ou uma cabana; ora na margem direita, terras brasileiras, ora na esquerda, terras do Paraguai.

\* \* \*

O rio Paraguai já era conhecido dos europeus, colonizadores, padres e mercadores que cruzavam as suas águas em todas as direções, em embarcações a vela e a remo, construindo pequenas cidades e fortalezas em suas margens, muito antes do aproveitamento do Mississípi pelo homem branco; atualmente, na parte superior do rio, as aldeias são muito parecidas com as do Mississípi ao tempo em que os velhos de hoje ainda eram crianças. Ao cair da tarde paramos em pequena cabana aninhada num tapete de verdura ao sopé de um grupo de pequenas colinas, próximo da margem. No alto de uma dessas colinas erguia-se uma pitoresca fortaleza de pedra, o Forte Bourbon, batizada pelos espanhóis nos tempos coloniais.



*O gado do alto Paraguai.*

Hoje a bandeira paraguaia se agita sobre ela, ao mesmo tempo em que um pelotão de soldados paraguaios lhe serve de guarda.

Neste lugar o pe. Zahm batizou duas crianças, os dois filhos mais jovens de uma grande família de pele clara e cabelo fino, cujo pai era paraguaio, sendo a mãe oriental ou uruguaia. Já havia dois anos que não aparecia nenhum padre na vila, tendo as crianças um e dois anos respectivamente. Os padrinhos foram o comandante da guarnição e um casal de austríacos. Ao serem perguntados se eram católicos, segundo o ritual, os pais responderam, com surpresa geral, que não. No curso de novas perguntas, chegou-se ao resultado de que o pai se dizia “livre-pensador católico” e a mãe “protestante católica”, e que sua mãe fora protestante, filha de um imigrante da Normandia.

Entretanto, tudo levava a crer que os filhos mais velhos tinham sido batizados pelo bispo de Assunção, de sorte que o pe. Zahm, a pedidos instantes dos pais, resolveu continuar a cerimônia. Tratava-se de gente boa, que, apesar de querer a liberdade de pensamento, desejava também pertencer, bem como seus filhos, a alguma Igreja, e de preferência à católica, por ser a da maioria dos habitantes. Um pequeno contato com as comunidades onde não existem igrejas, é o bastante para convencer ao mais descrente a absoluta necessidade de uma. Desejava sinceramente que a Igreja Católica na América do Sul pudesse desenvolver-se de tal modo a manter um bom sacerdote em cada vila ou pequena comunidade do mais longínquo sertão. E não existe a menor incongruência entre este desejo e o grande anseio de que haja notável extensão e desenvolvimento regional das igrejas protestantes como tive oportunidade de ver em alguns lugares do Brasil, Uruguai e Argentina, bem como das Associações Cristãs de Moços. A massa desse bom povo que tem religião continuará a ser católica, porém as necessidades espirituais de uma minoria bastante considerável dar-se-iam melhor com o estabelecimento de igrejas protestantes, ou, em sua falta, mesmo de uma igreja positivista ou uma Sociedade Cultural Ética.

O estabelecimento de tais igrejas é uma grande medida não somente no terreno político em geral, como ainda para a própria Igreja católica, por isso que sua presença é um constante estímulo à atividade, e um incentivo à maior elevação e melhor conduta, bem como um reflexo constante sobre o atraso e a frouxidão de costumes. O governo de cada comu-

nidade está fazendo o possível para desenvolver a instrução, e a tendência geral é a de que esse assunto deva ser naturalmente afeto às municipalidades, sob o aspecto de sua obrigatoriedade e da liberdade de culto – aliás um dos principais postulados de nossa grande democracia – ao qual estamos adstritos através dos próprios princípios do verdadeiro americanismo.

Deve existir absoluta liberdade de religião, porque a tirania e a intolerância são abomináveis não somente sob o ponto de vista intelectual e espiritual, como ainda no terreno político e material; e precisamos considerar, cada vez mais, que a conduta moral é infinitamente mais importante do que o próprio dogma. Porém, nenhuma democracia poderá deixar de enfrentar os elementos primaciais da vida sob o ponto de vista espiritual e da ética, que são os verdadeiramente religiosos; e, na prática, todos os indivíduos de bom senso compreendem facilmente este ponto, o qual é expresso pela fórmula concreta de que não pode haver comunidade com progresso sem os dois elementos essenciais: igreja e escola.

\* \* \*

Almoçamos às 11, hora do almoço brasileiro, no vapor do Cel. Rondon.

Cada vez mais aumentava o número de jacarés. Esparramavam-se aqueles feios bichos pelos bancos de areia ou se refocilavam na lama das margens como suínos, sempre com as cabeças levantadas, mantendo alguns as bocas escancaradas. Às vezes atacavam os animais domésticos, vivendo porém quase que à custa de peixes, sendo magnífico alvo para a espingarda. Eu mesmo matei uma meia dúzia e errei outro tanto, por causa dos movimentos trepidantes do vapor. Margeamos léguas e léguas de florestas de palmeiras e vastos prados de malva silvestre, onde se grupavam as garças – garças-reais e magoaris – enquanto bandos de biguás e anhingas revoavam sobre os bancos de areia e gaivotas de vários tipos e uma nuvem de belíssimas andorinhas, em giros, tarjavam a paisagem.

À tarde atravessamos o ponto mais avançado que os antigos conquistadores espanhóis Irala e Ayala conseguiram atingir em suas maravilhosas jornadas na primeira metade do século XVI, época em que nada existia do nosso país e em que apenas raramente um capitão inglês se atrevia, no máximo, a atravessar o Atlântico.

No dia seguinte, a margem direita do rio apresentava-se como uma vasta planície de malvas silvestres, pontuada aqui e ali de pequenas elevações revestidas de árvores. A manhã estava chuvosa, em contraste com o tempo admirável que até ali apanhávamos. Passamos pois alguns postos de madeiras e ranchos de gado. O dono de um desses ranchos, um argentino de descendência irlandesa que ainda falava inglês com o acento peculiar daquela gente, observou que era a primeira vez que a bandeira norte-americana tremulava com mastro de navio no alto Paraguai. Ao cair da tarde, assim que atingimos um ponto em que ambas as margens do rio estavam em território brasileiro, chegamos ao antigo forte colonial português, o forte de Coimbra. Esta fortaleza foi capturado pelos paraguaios na guerra de há cinqüenta anos.

Atualmente há ali uma guarnição de tropas brasileiras, notando-se alguns canhões modernos. O forte é todo branco e está como que dependurado à ilha da colina mostrando à frente terraço sobre terraço com bastiões, parapeitos e muros com ameias. No sopé da colina sobre a planície ribeirinha, ergue-se a antiga vila com casinhas de teto de folhas de palmeiras. Aí vivem algumas centenas de almas, na maioria oficiais, soldados e suas famílias; havia apenas uma rua comprida. As casas eram baixas, de paredes rebocadas, com a abertura de folhas ou de troncos rachados de palmeiras, teto este, bastante inclinado, vindo terminar quase ao rés-do-chão.

Debaixo de algumas velhas e pequenas árvores encontravam-se bancos toscos de madeira; e numa parte da rua existia passeio, embora rústico.

Notava-se pequeno cemitério, com algumas velhas sepulturas grupadas em um dos lados. Quando passamos na rua, as mulheres e os meninos, aos magotes, filhos dos soldados da guarnição postavam-se nas portas ou se apinhavam nas janelas; havia mulheres e mocinhas com a tez tão clara como as habitantes das terras nórdicas e outras quase negras. Muitas tinham a pele mesclada. Assim sucedia também com os homens e o caldeamento de cores prosseguia com êxito...

Capturamos alguns abutres nas imediações da vila.

Pouco antes da chegada, passamos por árvores de copas redondas e verdes, que se achavam repletas de vistosas pernaltas do mato virgem;



ao mesmo tempo avistamos, um pouco mais afastado, outras árvores abrigoando as mais belas garças que se possa imaginar.

O rio agora se alarga de tal sorte que, em alguns pontos, mais parece um lago. Rola em todas as direções pela planície pantanosa infundável, cuja superfície é quebrada aqui e ali por pequenas colinas. O esplendor do ocaso era difícil de ser superado.

Navegávamos para o este, na direção de nuvens ameaçadoras de tempestade.

E o rio rolava, em curso largo, suas águas amareladas como ouro líquido sob a luz do céu flamejante; e os montes longínquos pareciam projetar reflexos de púrpura sobre os paus. Como cintas verdes, as margens do rio eram lambidas pelas águas espumejantes que fugiam do leito; e, em frente, à medida que singrávamos em reta, surgia a noite tropical, sombria e vasta.

\* \* \*

A 15 de dezembro alcançamos Corumbá. Três a quatro milhas antes, começa a elevação do solo em aflorações rochosas que termina ao longe em fortes escarpados. A região circunvizinha era evidentemente bastante populosa. Vimos os gaúchos vaqueiros – que correspondem aos nossos *cowboys* – cavalgando ao longo das margens. As mulheres se entregavam à lavagem da roupa, enquanto seus filhos nuzinhos se punham a banhar nas praias, informaram-nos que os jacarés e as piranhas dificilmente se arriscam aos lugares freqüentados e que os acidentes geralmente se verificam em pontos ermos e sombrios do rio. Várias embarcações vieram ao nosso encontro, acompanhando-nos mais de vinte quilômetros com bandas de música e de aclamações do pessoal, como se estivéssemos em alguma cidade nas margens do Hudson.

Corumbá se ergue na escarpa da montanha, com ruas largas e mal calçadas, algumas arborizadas com espécies de flores escarlates; as casas são bem construídas, a maioria de um só pavimento, porém algumas com dois e três andares.

Fomos alvo de manifestações do Conselho Municipal e de um banquete oficial.

O hotel, dirigido por um italiano, era o mais confortável possível, com pisos de pedra, pé direito muito alto, vastas portas e janelas, um pátio agradável e aberto, e um chuveiro. Naturalmente Corumbá é ainda cidade de fronteira, os veículos são carros puxados a bois e a burros; não há outros meios de condução; bovinos e muares são empregados para esse fim. A água vem de grande poço central; e em torno se grupam os apanhadores que, em seguida, fazem a entrega do líquido precioso nas residências. As famílias apresentam as características gerais de mistura de raças das populações brasileiras.

Uma senhora, após haver deixado fotografar seus filhos em trajes comuns, pediu que voltássemos para fotografá-los em roupas dominigueiras, no que foi atendida.

Dentro de um ano, a estrada de ferro alcançará Corumbá, e então esta cidade, bem como toda a região que a circunda, obterá grande desenvolvimento.

Ali encontramos de novo com o restante da comitiva, o que muito nos alegrou. Cherrie e Miller já haviam colhido cerca de oitocentos exemplares de aves e mamíferos.

.....

### *Capítulo III*

#### UMA CAÇADA DE JAGUAR NO TAQUARI

**N**A MANHÃ seguinte à nossa chegada a Corumbá, pedi ao Cel. Rondon para inspecionar o equipamento, pois suas experiências de um quarto de século através de explorações penosas pelas selvas colocavam-no em condições de apontar as necessidades para aquela viagem tropical. Coube a Fiala reunir todo o nosso material de cozinha, utensílios e outros suprimentos, pois ele e Sigg, durante o tempo que permaneceram em Corumbá, tinham procurado colocar tudo em ordem para a marcha.

O Cel. Rondon, após a inspeção, disse que nada mais era necessário e que achava extraordinário que Fiala, sem conhecimento pessoal dos trópicos, houvesse escolhido as coisas mais necessárias com um mínimo de volume e um máximo de utilidade.

Miller realizara um estudo especial sobre as piranhas, que enxameavam as águas próximas do acampamento que ele e Cherrie haviam feito no Chaco, Tão perigosas elas eram que o pessoal precisava ter cuidado até no apanhar água no rio. Verificou ele que as piranhas não eram “canibais” em relação às suas próprias companheiras, e sim no *tocante* à carne

humana. Quando se atirava uma piranha morta ou mortalmente ferida e sangrando no meio das outras, era deixada em paz.

Além disso, a experiência de Miller revelou justamente o oposto do que nos tinham informado, isto é, que qualquer movimento dentro d'água atrai as piranhas, ao passo que raramente atacam qualquer coisa imóvel, a menos que esteja sangrando. Pássaros e animais mortos, atirados n'água intactos, permaneciam boiando, sem serem molestados, ao passo que a carcaça esfolada de um macaco de tamanho regular foi imediatamente agarrada, puxada para o fundo e completamente devorada pelos terríveis peixes.

Um cidadão, que deixara cair qualquer coisa de valor, meteu-se dentro d'água até acima dos joelhos, à procura do objeto, porém andando cautelosamente a fim de evitar qualquer agitação e sem se aventurar a meter os dedos dentro d'água. Porém, ninguém podia tomar banho ou mesmo provocar o mais leve distúrbio n'água, mesmo esfregar o sabão nas mãos, sem que atraísse a atenção daqueles terríveis peixes, que acorriam rapidamente para o ponto, evidentemente na esperança de encontrarem algum animal em dificuldades. Uma ocasião, enquanto Miller e alguns índios tentavam lançar um bote no rio fazendo grandes movimentos na água, uma piranha atacou um índio nu, que fazia parte da comitiva, mutilando-o enquanto ele se defendia e se debatia, com água até a cintura, no meio da correnteza. Quando não se faz movimento dentro d'água, raramente elas atacam, porém, se de qualquer modo se for atacado, o sangue que mancha a água produz uma verdadeira loucura nas piranhas e elas se atiram ao indivíduo com terrível ferocidade.

\* \* \*

Em Corumbá fazia calor. No pátio do hotelzinho confortável, ouvimos cigarras cantando, mas não com o grito agudo da cigarra-locomotiva que eu escutara no jardim da casa em que me hospedei, em Assunção. Este, aliás, foi um dos mais notáveis silvos que tenho ouvido, exceto o de uma espécie de batráquio, cujo lamento se ouve na árvore denominada "hírax", da África Oriental. E, como aquele animal da África Oriental, a voz desse inseto sul-americano, ou aliás o grito que ele emite, se é que se possa comparar com a voz de outros animais, parece ter qualquer coisa, no

seu início, que remotamente sugere alguma afinidade com o coaxar dos *batráquios*.

A parte do som que se diz imitar a locomotiva nada mais parece do que uma pequena sirene de navio; quando se a escuta pela primeira vez, é impossível acreditar-se que seja produzida por um inseto.

A 17 de dezembro o Cel. Rondon e vários membros da comitiva saíram em uma pequena embarcação para a fazenda de mi senhor de Barros – Las Palmeiras – no rio Taquari. Nós continuamos a descer o Paraguai mais algumas milhas e em seguida subimos o Taquari. Foi uma bela viagem. O rio, que é raso (fomos ubrigados a parar várias vezes), corre por uma vasta planície pantanosa, com raras elevações cobertas de árvores. Havia muitas aves aquáticas. Pululavam as anhingas. Porém a mais interessante e atraente de todas as aves era o imponente jaburu. Bandos e bandos dessa espécie de cegonha branqueavam os pântanos ou se enfileiravam nas margens do rio.

Não são aves espantadiças apesar do grande porte; antes do vôo dão uma carreira de alguns metros e em seguida lançam-se no ar. Certa vez, à tarde, um casal de jaburus se pôs a voar em curvas, muito alto sobre nossas cabeças, subindo cada vez mais, até quase desaparecer nas alturas. Outra ocasião, já dia avançado, passou um bando pela embarcação, rebrilhando, à luz da tarde, o corpo branco com pontos pretos; junto com eles os colhereiros, também voavam, como manchas rosadas entre os seus companheiros de neve.

Enxames de jacarés apareciam a toda hora, e nós matamos inúmeros desses nocivos anfíbios. E eles – coisa singular – ficavam impassíveis à nossa aproximação e ao estampido dos tiros. Às vezes se punham eretos sobre as pernas como se fossem miniaturas de monstros pré-históricos. Um deles mostrou, pelo seu modo de agir, a insignificância das dores causadas pelo tiro sobre esses animais de nervos insensíveis e sangue frio. Estava estirado na praia quando foi atingido por uma bala de calibre 22. Deslizou para a água, porém caiu justamente no meio de um cardume de piabas. No momento parecia haver esquecido tudo com exceção do seu voraz apetite, e começou a deglutir os peixes. Abocanhou peixe por peixe levantando a cabeça acima da água cada vez que agarrava um; mas uma segunda bala pôs fim à cena. Alguns deles, quando são visados pela arma, mostram o mais

extraordinário indiferentismo. Por falar em armas, devo dizer que as nossas eram boas, com exceção da espingarda de Miller. O material fornecido pelo Museu Americano era excelente, menos as carabinas e cartuchos: aquelas eram tão ruins que Miller tinha sempre de usar a de Fiala ou então a minha Fox de calibre 12. Já ao cair da noite apanhamos um animal mais interessante do que os jacarés. Kermit estava de posse de dois cães de caça que havíamos conseguido por gentileza de um de nossos amigos argentinos. Eram animais de tamanho indescritível, naturalmente ótimos caçadores, e rapidamente se afeiçãoaram a todos os membros da expedição, especialmente a Kermit, que era quem cuidava deles. A um batizamos com o nome de *Shenzi*, nome dado a um arbusto silvestre pelos *swahili*, sentinelas avançadas da civilização africana. Este era muito manso, pesado e bruto. Daí o seu nome. O outro foi batizado com o nome brasileiro de *Trigueiro*.

Surgia agora tinha oportunidade para que ambos fossem experimentados. Estávamos navegando entre grandes extensões de capinzal cercado com cerca de um metro de altura quando lobrigamos do tombadilho, um vulto preto que se destacava sobremodo do verde intenso do capim. Era um gigantesco comedor de formigas, o tamanduá-bandeira, um dos mais extraordinários espécimes do mundo moderno. É do tamanho de um pequeno urso preto. Tem um fino e longo focinho com uma língua que pode ser estendida por alguns palmos de distância e não possui dentes; seu pêlo é áspero e negro com exceção de duas listras brancas; tem a cauda longa, em bandeira, e é provido de unhas reforçadas nas patas anteriores.

Caminha firmando-se lateralmente nas patas dianteiras com as unhas recurvadas para dentro.

Emprega as unhas na escavação de formigueiros; é, porém, animal corajoso na luta e se torna inimigo bastante respeitável, apesar de não possuir dentes, pois sabe dar golpes violentos com as garras da pata. Vez por outra dá um abraço apertado em algum antagonista, agarrando-o firme; porém, sua arma comum de defesa são as longas e vigorosas garras recurvadas, que, movidas por fortes músculos dos membros dianteiros, podem lacerar um homem ou qualquer outro animal. Diversos companheiros de jornada já tiveram seus cães abatidos por esses comedores de formigas e já haviam encontrado um cidadão que apresentava uma horrível cicatriz nas costas proveniente da unhada de um quando tentava matá-lo a pequena

distância. Logo que avistamos o gigantesco tamanduá tomamos uma balceira a e aproamos a uns metros de distância da nossa desprevenida presa. O tamanduá tem por hábito raramente deixar a floresta e se torna em geral inofensivo no descampado. Os dois cães correram na frente acompanhados pelo Cel. Rondon e Kermit, vindo eu mais atrás com a espingarda. Em um minuto ou dois, no máximo, os cães alcançaram o manhoso e displicente animal e prontamente começaram a luta. Os combatentes se emaranharam de tal sorte que eu tive de esperar um minuto ou mais para poder atirar sem risco de atingir os cães. Levamos a nossa presa até a praia, içando-a para bordo. O sol estava quase se pondo por detrás dos montes sombrios, muito além dos pantanais.

\* \* \*

Pouco tempo depois alcançamos um dos marcos da imensa fazenda que íamos visitar e continuamos a navegar ao longo da riba pela tarde adentro. Encontramos um ponto de desembarque em que havia ranchos de telhas e currais. Vários camaradas vieram ao nosso encontro. Ao anoitecer eles gentilmente fizeram uma fogueira, em torno da qual se sentaram e começaram a cantar num tom menor esquisito, acompanhados de violas mal tocadas. A luz vermelha da fogueira tremulava sobre aquelas figuras grotescas que pareciam ir-se afastando das labaredas, agachados, até o ponto em que a luz e as trevas se encontravam. O ar estava parado e quente. Como era natural, havia mosquitos e outros insetos de todas as qualidades, que, fervilhavam em torno de cada foco de luz; o navio, porém, era confortável e nós passamos uma noite bem agradável. Ao amanhecer partimos para a fazenda de M. de Barros. A bagagem seguiu em um carro de boi que teve de fazer duas viagens, de sorte que os meus objetos chegaram um dia depois de mim. Nós fomos a cavalo, em verdadeiros cavalicoques. A distância era de umas três léguas e pouco. Quase toda a região era pantanosa, tendo em alguns pontos extensões de terreno elevado; e apesar destas extensões se erguerem somente 1,00 a 1,20m acima do pântano, eram cobertas de selva espessa a maioria palmitais ou, então, matas de outras palmeiras mais altas. Durante 2 a 4 quilômetros chapinhamos no pantanal e de quando em quando cruzávamos um atoleiro, onde os pobres cavalicoques lutavam para não se afundar. O nosso guia, que era um caboclo,

vestia camisa, calças e um avental de couro com franjas. Estava descalço, tendo uma espora em cada pé. Usava uma corda como rédea e 2 ou 3 dedos de cada pé estavam metidos num pequeno estribo de ferro. Naquela época as lagoas dos pantanais estavam secando. Mostravam-se repletas de peixes, sendo que muitos já mortos e outros prestes a morrer. Os pássaros afluíam ao banquete. Os mais notáveis comensais eram os grandes jaburus, imponentes criaturas que marchetavam os pantanais. Havia abundância de magoaris e garças; os primeiros emitiam gritos tristes e esquisitos quando se apercebiam de nossa presença. Os quero-queros eram terrivelmente barulhentos. Os maguaris e as gaivotas não se incomodavam com os peixes, porém os urubus se banqueteavam com eles na lama. Nas lagoas que ainda não estavam bem secas, os pequenos jacarés ou jacaretingas também se fartavam. Em vários lugares o odor de peixe morto se tornava intolerável. Depois, durante quilômetros, viajamos à orla de uma belíssima floresta de palmeiras altas e esguias – o carandá – por entre as quais se notavam outras espécies de árvores. Periquitos verdes de cabeça preta passavam chilreando; barulhentos papagaios verdes e vermelhos trepavam nas palmeiras e grandes araras, umas inteiramente azuis, outras quase totalmente vermelhas, lançavam seus gritos estridentes ao pousarem nas árvores ou ao revoarem à nossa aproximação. Se acontecia alguma ficar ferida, punha-se a gritar dando voltas em torno do pescoço de sua companheira. Os naturalistas verificaram que a fauna avícola dali era totalmente diferente daquela que haviam estudado na parte montanhosa da região de Corumbá, a 70 ou 80 milhas de distância; e havia grande quantidade de aves quer em número de espécies, quer de indivíduos. A América do Sul é senhora da mais vasta e variada avifauna de todos os continentes. De outro lado, a fauna mamífera, apesar de bastante interessante, é muito pobre em número de espécies e de indivíduos, como também no tamanho de seus representantes.

Possui maior número de animais, que são típicos e diferentes dos animais de outros continentes, com exceção da Austrália, sendo entretanto maiores e de tipos mais variados do que os daquele país. Porém, nada existe que se aproxime da majestade, beleza e quantidade dos grandes mamíferos da África, e, em menor escala, da Ásia tropical. Realmente a fauna mamífera sul-americana nem mesmo se aproxima dos espécimes similares



da América do Norte e da região norte da Eurásia<sup>19</sup>, e é pobre ainda em comparação com a vitalidade estuante da vida tropical do Velho Mundo. Em recente período geológico, período em que o homem se comparava física e culturalmente com muitas tribos selvagens, a América do Sul possuía uma fauna variada e surpreendente, de enormes animais: tigres de boca preta, grandes leões, mastodontes, cavalos de várias espécies, paquidermes com formas de camelos, preguiças gigantescas, *mylodoms* do tamanho de rinocerontes e muitas e muitas outras estranhas e maravilhosas criaturas.

Por uma razão qualquer, sobre cuja natureza, no momento, não podemos sequer arriscar uma conjectura, esta vasta e gigantesca fauna desapareceu completamente, não se tendo consumado a tremenda catástrofe (cuja duração é desconhecida) até cerca de poucos milhares de anos passados. Quando o homem branco atingiu a América do Sul encontrou a mesma fauna mamífera fraca e empobrecida que praticamente existe até hoje, sem modificação. Em outras partes, o homem civilizado tem sido mesmo mais destruidor da magnífica vida mamífera das selvas do que seus irmãos selvagens. Durante séculos ele tem destruído as mais perfeitas formas de animais da Europa, Ásia e África do Norte; mesmo em nossos dias, tem repetido essa prática em grande escala em outras partes da África e na América do Norte. Na América do Sul, porém, apesar de ser ele o responsável, em alguns lugares, pela matança desenfreada dos mais interessantes e maiores animais ou ainda das mais belas aves, o seu advento trouxe um enriquecimento positivo da fauna mamífera selvagem. Nenhum dos herbívoros nativos se aproxima em tamanho e beleza das manadas de bois e cavalos selvagens ou semi-selvagens que enriquecem o panorama da região. Há razão de sobra para que o bom povo da América do Sul desperte, como nós, da América do Norte, já bastante tarde começamos a fazê-lo e como também os povos da Europa setentrional – não do sul da Europa – já parcialmente despertaram para o dever de preservar do empobrecimento e da extinção a vida selvagem, que é um patrimônio de grande interesse e valor, em nossas terras. É de notar que essa culpa do homem civilizado se torna

---

19 Designação dada por alguns geógrafos à região constituída por uma parte da Europa e outra da Ásia (N. do trad.).

desconcertante, e mesmo injuriosa, quando se evidencia a inteira verdade de sua extensão.

Depois de 5 ou 6 horas de viagem através dessa região pantanosa e de florestas de palmáceas, alcançamos a fazenda que demandávamos. Nas imediações existiam gigantescas figueiras, isoladas ou em grupos, com densa folhagem verde-escuro. Viam-se lagoas cobertas de plantas aquáticas, prados úmidos com manchas secas, descampados ou cobertos de palmeiras entremeadas de árvores silvestres que se estendiam por léguas e léguas em todas as direções. Há cerca de 30.000 cabeças de bovinos na fazenda, além das manadas de cavalos e porcos e de alguns rebanhos de carneiros e cabras. As casas de residência se esticam num quadrilátero circundado por cerca ou paliçada.

Um dos ângulos do quadrilátero é formado pela casa principal de um só pavimento com paredes caiadas de branco e teto de telhas vermelhas.

No interior da casa, os quartos, de paredes limpas e brancas e barrotes de troncos de palmeira, estavam desprovidos de móveis. Havia sólidos postigos de madeira nas janelas com vidraças. Dormitórios em redes ou em jiraus e nos deliciosos fidalgamente com saborosos pratos brasileiros. Do outro lado do quadrilátero estava a outra casa, que era baixa, comprida e branca, também com telhado vermelho. Ali se encontravam a cozinha e os cômodos dos empregados vocais graduados; o capataz, o cozinheiro e os caçadores com suas famílias; homens de côr cujas mulheres mostravam variações da raça branca, índia e negra. As crianças brincavam alegremente na poeira vigiadas com ternura pelas mães. Do lado oposto da cozinha se estendia uma série de habitações, algumas mal caiadas e de pau-a-pique, com tetos de folhas de zinco; outras de troncos de palmeiras cobertas de folhas também de palmeiras. Essas eram: a casa de arreios, o armazém, o galinheiro e o estábulo.

O galinheiro foi cedido a Kermit e Miller, que ali trabalharam com afinco na preparação dos espécimes recolhidos.

A grande pele do gigantesco tamanduá teve de ser estendida no chão, enquanto marrequinhas e pintainhos ciscavam ao redor e mesmo sobre ela, catando migalhas de carne e apanhando moscas. O quarto ângulo do quadrado era formado por um curral e um grande ripado, sobre o qual

se dependuravam peles e mantas de carne para secar. Coisa extraordinária! Não havia mosquitos; o motivo eu não posso explicar, pois deviam existir em grande profusão nestes vastos pantanais. Por essa razão, apesar do calor, sentíamo-nos bem. Nas proximidades, havia outras habitações: barracas e cabanas de palmeiras, em que vivem os trabalhadores, além de grandes currais. Dentro do quadrilátero, viam-se *flamboyants* com profusão de flores vermelhas brilhantes e folhagem verde vivo, levemente podados. Passarinhos álacres enchiam essas árvores.

Um casal de periquitos verdes havia escolhido uma alta palmeira do jardim para a sua moradia, e já se preparava para construir o ninho.

Chilreavam incessantemente, não só quando voavam, como quando se achavam pousados ou caminhando pelas folhas.

Maguaris e gaivotas com pios de lamento, passavam em vôo rápido sobre as nossas cabeças. As jaçanãs freqüentavam as lagoas das proximidades e os trabalhadores, com uma familiaridade que nós diríamos sacrílega, e que para eles era inteiramente inofensiva e natural, chamavam-lhes de Jesus Cristo, porque andam sobre as águas. A vizinhança era de uma riqueza esplêndida de pássaros. Havia grandes extensões de papiros que não mediam um quinto ou talvez um décimo da altura do seu congêneres da África. Nesses pântanos existiam muitos pássaros semelhantes aos melros; alguns emitiam notas que me faziam lembrar os nossos tordos. Outros tinham a cabeça, pescoço e coxas vermelhos reluzentes; muitas vezes uma dezena pousava em bando na haste de um lírio, que vergava com o peso. Encontramos, nas árvores, modalidades, as mais extraordinárias, de ninhos de pássaros. E ainda existem ninhos para o trabalho de colecionadores de espécimes da América do Sul.

Acredito, porém, que, com relação a ninho de pássaros, se torna muito mais necessário um trabalho cuidadoso de observação e de apreciação, muito embora, quer para os cientistas e historiadores ou qualquer homem de letras, seja imprescindível não somente um conhecimento seguro da língua, como também a realidade dos fatos que a este respeito são descritos.

O naturalista, que se dedica principalmente aos estudos dos hábitos e da biologia dos pássaros, animais, peixes e répteis e que está à altura de descrever verdadeira e vividamente o que observou, poderá prestar serviço de muito maior utilidade do que o mero colecionador, nesta região

do alto Paraguai. O trabalho do colecionador é indispensável; mas é apenas uma pequena parte do que se deve realizar, de vez que, depois que as coleções tenham atingido um certo grau, torna-se de muito maior importância o registro das observações feitas no campo.

\* \* \*

Os longos dias em que atravessamos a cavalo os pantanais foram agradáveis e interessantes. Várias vezes avistamos o tamanduá-bandeira, o gigante comedor de formigas. Kermit matou um porque os naturalistas estavam desejosos por outro exemplar; depois não precisamos mais de molestar aquelas estranhas e antiquadas criaturas. Foi para nós uma surpresa encontrá-los vivendo habilmente nos descampados. Estavam sempre nos lugares lamacentos e nos mangues, atolados no lodo. Os estômagos desses animais têm as paredes espessas, como se fossem moelas; os dois que nós matamos continham formigas adultas e larvas; principalmente estas, juntamente com grande quantidade de lama e fragmentos de folhas verdes, e secas. Naturalmente a matéria terrosa e vegetal foi engolida acidentalmente, aderindo às viscosidades da língua quando impelida para dentro dos formigueiros. Quando nos pantanais, o tamanduá não pode evitar que seja observado, nem lutar eficientemente e tampouco fugir a qualquer perseguição. Era curioso vê-los arrastando-se num trote cambaleante, com a grande cauda erguida em bandeira. Um, enquanto lutava com os cães, deu um rápido pulo nas costas do animal, evidentemente no intuito de abarcá-lo com as garras, e de quando em vez se empinava para atingir os assaltantes. Em um trecho de mata fechada, vimos um macaco preto gritador, sentado, imóvel, no topo de uma árvore. Vimos também um veado dos pântanos, do tamanho aproximado do nosso de cauda preta. É realmente um animal do pântano, pois, vimo-lo grande número de vezes nesses lugares e nos descampados, metidos na água até os joelhos, por entre plantas aquáticas.

O trote duro dos animais nos cansou bastante através dos pântanos. Muitas vezes, ao atravessarmos algum banhado ou lagoa, a água quase que atingia a barriga dos nossos cavalos; porém, eles se enlameavam, se debatiam e se fosse preciso até nadavam. Os cães tinham o aspecto selvagem. Alguns mostravam a aparência perfeita de um lobo marinho. Tais cães, informaram-nos com segurança, eram descendentes, por um lado,

do grande lobo vermelho<sup>20</sup> da redondeza, um animal alto e esbelto, com dentes muito menores do que os do grande lobo do hemisfério norte. O cão doméstico é indubitavelmente descendente de, pelo menos, uma dúzia de diferentes espécies de cães selvagens, lobos e chacais, alguns deles provavelmente pertencendo ao que se denominam gêneros diferentes.

O grau de fecundidade ou infecundidade entre espécies diferentes varia de maneira extraordinária e inexplicável nas famílias dos mamíferos. Nos eqüídeos, por exemplo, as espécies não são férteis entre si, ao passo que com os bovinos, considerando-se espécies pelo menos tão similares como o cavalo, o burro e a zebra, que guardam entre si diferenças que equivalem às existentes entre o boi comum, o bisão, o boi do Tibé e o *gaur*, cruzam com facilidade e seus produtos são férteis; o leão e o tigre também podem cruzar, e os filhos deste acasalamento, por sua vez, procriam com qualquer dos reprodutores; e os cães domésticos em vários pontos do globo, apesar de todos cruzarem entre si, são, em muitos casos, aparentados com os lobos e chacais, animais esses que são específica e até mesmo genericamente distintos. O grande lobo vermelho das planícies sul-americanas não é parente muito próximo do lobo do nordeste da América do Norte, e foi para mim uma surpresa vê-lo cruzado com os cães de casa.

\* \* \*

Todas as tardes, após a refeição, deixávamo-nos ficar na sala de jantar ou, então, íamos sentar debaixo das árvores, já escuro, e falávamos de muitas coisas: história natural com os naturalistas, e sobre muitos outros assuntos com eles próprios ou com os nossos amigos brasileiros. O Cel. Rondon não é simplesmente um oficial e um cavalheiro, no sentido mais honroso da palavra, comparado aos melhores profissionais de qualquer bom exército. É também um destemido e competente desbravador, um bom naturalista, um homem de ciência, enfim, estudioso e filósofo. Com ele a conversa versava desde a caçada de onça e os perigos da exploração do “mato-grosso” – a grande selva – até a antropologia indígena, os perigos da civilização industrial, puramente materialista, e a moralidade,

---

20 Guará. A maior espécie canídea do Brasil – *Canis jubatus*, que erradamente se chama de lobo (N. do trad.).

positivista. O positivismo do coronel é para ele, de fato, uma religião da humanidade, um credo que lhe ordena ser justo, bondoso e útil aos seus concidadãos; viver a vida bravamente e não menos bravamente encarar a morte, sem levar em conta o que crê e o que não crê ou o que o desconhecido, daqui por diante, lhe possa oferecer.

Os caçadores que nos acompanhavam eram escuros e mestiços. Andavam descalços e mal vestidos, e cada um trazia um chuço<sup>21</sup> grande e grosseiro e um afiado facão, que manejavam com perícia. De quando em vez, na selva densa, tínhamos de fazer uma picada e era interessante ver um deles, apesar de embaraçado com o seu pesado chuço, conduzir seu cavaliinho semichucro, com absoluta facilidade, ao mesmo tempo que ia cortando ramos e galhos. Dos dois que ordinariamente trazíamos, um era muito mais moço; e toda vez que chegávamos a um lugar mais perigoso de travessia, ou em qualquer atoleiro, o mais velho mandava-o na frente e ficava sentado na margem até ver o que acontecia. Aliás no antiquado livro de nossa juventude *A família suíça Robinson*, encontra-se a história de um macaco domesticado, chamado *Nips*, que era empregado para provar todas as coisas de aparência comestível, das quais havia dúvida sobre sua possibilidade de ingestão. Por causa desta grande semelhança de funções, nós crismamos o tal rapaz de *Nips*. Os nossos guias não eram somente caçadores, eram também vaqueiros. O capim seco é usualmente queimado para dar lugar a que brote um novo capinzal verde, onde pasta o gado. De quando em vez um dos homens tomava a nossa dianteira, e sem sair da sela, deixava cair um fósforo aceso num monte alto de folhas secas, e nós, que íamos à retaguarda, passávamos pelas línguas de fogo que se erguiam do incêndio atizado na pastagem.

Kermit levou *Nips* um dia com ele para uma caçada, na qual matou dois grandes veados, um macho e uma fêmea, e que foram empalhados para o museu. Estavam ambos por entre os papiros, porém, nos seus estômagos só se encontrou uma grama fina que vegeta no meio da água ou nas extremidades do terreno, à margem dos pântanos; os papiros serviam-lhes apenas de proteção e não de alimento. O macho tinha duas grandes glândulas olfativas junto das narinas; na fêmea estas eram rudimentares.

---

21 Zagaia – Grande chuço usado nas caçadas de onça em Mato Grosso e em outros estados do Brasil (N. do trad).



*Regressando à fazenda com o veado na sela.*



*Nips com um veado dos pântanos.*

Nesse mesmo dia, Kermit encontrou-se também com um bando de queixadas, das grandes e ferozes queixadas de focinho branco. Ao barulho de seus grunhidos, *Nips* rapidamente esporeou o cavalo e retrocedeu, explicando que os porcos-do-mato poderiam atacá-los, mutilando as patas dos cavalos e matando os cavaleiros. Kermit acompanhou, pelo meio das selvas, os rastros de tão truculentos animais selvagens, por mais de uma hora, sem conseguir deitar-lhes a vista.

\* \* \*

Na tarde desse mesmo dia, um dos caçadores de jaguar (um simples trabalhador do rancho, que entendia alguma coisa dessas caçadas), que saíra à procura de rastros, voltou informando que havia descoberto sinais frescos num certo lugar nos pantanais, a cerca de três léguas de distância. Na manhã seguinte levantamo-nos às duas da madrugada, saindo para a caçada às três. A caravana se compunha do Cel. Rondon, Kermit, eu e mais dois caçadores; cada um de nós montava um cavaliinho ágil e acostumado a atravessar aquelas vastas extensões lamacentas. Acompanhava-nos ainda um rapaz escuro, carregando dois surrões com a nossa “matula”. Vinha montado em um novilho trotador, de chifres longos e que era manejado por uma corda amarrada nas ventas e no focinho.

Cada um dos guias levava consigo um grande chuço grosseiro. A nossa matilha era, aliás, insignificante. Além dos nossos dois cães que nunca tinham sido experimentados em caçadas de jaguar, havia os da fazenda, de pouco valor, e mais dois, que eram de fato caçadores de felinos e que nos tinham sido emprestados por um fazendeiro, morador a umas seis a oito léguas de distância.

Esses eram os únicos em que podíamos confiar e vinham sendo conduzidos atrelados pelos dois guias caçadores. Um deles era uma cadela branca e o outro, o melhor aliás, era um cão preto castrado. Estavam magros e meio famintos; tinham as orelhas pontiagudas e olhar desconfiado. Quando as nossas pequenas montadas iniciaram sua marcha da fazenda, as estrelas ainda brilhavam e o Cruzeiro do Sul se mostrava bem no alto do céu, tendendo para a direita. A paisagem era espectral, esbatida pelo reflexo da lua minguante. No primeiro vau encontrado,



quando cavalos e cães se lançavam na travessia, um jacaré – o jacaretinga –, com cerca de 1,50m de comprimento, boiava displicentemente entre os cascos enlameados dos cavalos e as patas dos cães; evidentemente este fato, à noite, não nos atemorizou. Fizemos uma marcha enfadonha durante horas e horas seguidas. Então a noite começou a se tornar cada vez mais impressionante, com as primeiras sombras cinzentas da madrugada. o céu se cobriu de nuvens. O sol nasceu vermelho e afogado, por entre nuvens esbatidas; seu disco refletia nas esguias e altas colinas com palmeiras e iluminava os campos agrestes de papiros. Macacos<sup>22</sup> pretos se punham a gritar lugubrememente. Pássaros despertavam. Araras, papagaios e periquitos gritavam e chilreavam à nossa passagem. Grasnavam magoaris com voz plangente, e gaiotas piavam descrevendo curvas no ar. Vadeamos poços e lamaçais, onde os lírios brancos boiavam à flor da água e infinidade de flores lilases coloriam os verdes pantanais.

Pelo menos em cada borda de clareira, nos bosques, em terreno molhado, percebíamos rastros frescos do tigre americano. Os dois cães de caça deram logo o alarme. Foram desatrelados e galoparam seguindo a trilha, acompanhados dos outros cães, em grande assuada. A matilha enveredou firme pelo pantanal.

Naturalmente, o jaguar não tinha o menor receio da água. Por certo estava à caça de antas e capivaras, o que o obrigava a se meter por banhados e por estreitos e tortuosos fossos ou canais, onde teria de nadar cada vez que lhe fosse dado investir contra a presa.

Tinha também que perambular por extensões de terrenos revestidos de árvores, sendo que nesses locais a maioria destas era de palmeiras e tarumãs; o tarumã é quase do tamanho de um carvalho anoso, de grande copa e fruto semelhante à azeitona. A matilha heterogênea rompeu em uivos e latidos; e, então, pelo acuar da cainçalha, percebia-se que a caça havia galgado uma árvore ou se metido em algum esconderijo. Verificou-se a primeira hipótese. Os cães enveredaram por uma clareira com algumas árvores altas e, enquanto galopávamos através do pântano,

---

22 *Macaco-da-noite* ou *macaco-adupeiro*. – Assim chamado em Mato Grosso o *Aotus azarae*, o qual só sai do esconderijo à noite, em busca do alimento, e emite uma voz lugubre: *hu-hu* (*Dic. Anim. Brasil*). (N. do Trad.)

avistamos o jaguar, bem no alto, entre galhos bifurcados de um tarumã. Era um belo quadro, o daquele grande e formidável gato – a pele marchetada, rosmando, a desafiar a matilha, embaixo. De minha parte, não confiava nos cães, pois não eram fortes, e, se o felino descesse para atacá-los, estariam liquidados. Desse modo, atirei imediatamente, de uns 60m de distância, usando a minha espingarda favorita, uma Springfield pequena, com a qual já havia abatido muitas espécies de caças africanas, desde o leão ao elefante e outras menores. As balas eram pontiagudas, com a ponta de aço puro. Com o tiro, o jaguar caiu como um fardo pelos ramos abaixo e, embora vacilante nas patas, não pôde dar senão poucos passos, e deixou-se esvaír. Quando cheguei, já estava morto, debaixo das palmeiras, sendo devorado por três ou quatro cães. A caçada de jaguar é a mais interessante da América do Sul, equivalendo à dos mais nobres animais da América do Norte, e inferior apenas à dos maiores e mais ferozes da África e da Ásia. Essa que fizemos, foi de um exemplar adulto e fêmea. O animal tinha mais peso e mais volume do que um *cougar* ou pantera norte-americana adulta, ou um leopardo africano. De fato, era um forte e grande animal, dando a impressão, pelo seu tamanho, de um tigre ou um leão, impressão que se não tem quando se abatem os ágeis leopardos ou os pumas. A propósito, devo dizer que a sua carne, apesar de não ter sido preparada convenientemente para o jantar, demonstrou ser bem gostosa. Eu a provei porque sempre me apeteceu a carne do *cougar*, e até lamentei não ter comido também a carne do leão africano, que deve ser excelente.

\* \* \*

No dia seguinte, foi a vez de Kermit. Trazíamos a matilha conosco. Quase todos os cães desatrelados e à vontade; porém, ainda que se empenhassem numa caçada ao ponto de deitarem a língua de fora, seguindo a caça por uma meia milha, atemorizando-a com o seu ladrido, não eram suficientemente resolutos se houvesse dificuldades a vencer. Os únicos cães em que podíamos confiar eram os dois já referidos, que nos tinham sido emprestados, e esse foi o dia do cão. Cerca das dez horas da manhã, atingimos um longo canal fundo e tortuoso. Em um dos lados se encontrava uma capivara, semelhante a um porco de focinho curto, de

pêlo escuro e luzidio. Dei-lhe um tiro e ela caiu morta na água. Aí então vimos que o canal se estendia por um ou dois quilômetros em cada direção, e os nossos dois guias manifestaram o seu temor em atravessá-lo a nado, por causa das piranhas. Justamente nesta ocasião, encontramos um rastro fresco de jaguar. Fazia calor e já viajávamos havia umas cinco horas, estando os cães bastante cansados. Sobre tudo, o cão preto estava quase derreado, por isso que era conduzido amarrado numa correia, por um dos cavaleiros. Estirou-se no chão, ofegante, incapaz de farejar. Kermit deitou-lhe água em cima e quando ele se apanhou completamente, desdentado e refeito, meteu o focinho nos rastros do jaguar. O velho cão de caça, ávida e rapidamente, respondeu à chamada. Ao mesmo tempo que dilatava as narinas, tomando o fardo, latia alto, embora ainda deitado. Em seguida, firmando-se nas patas, acompanhou o rastro, aos pulos, cada vez mais animado. Tudo fazia crer que o grande gato não estaria muito distante. Logo adiante, deparamos o lugar em que a caça tinha atravessado o canal. Com piranhas ou sem piranhas, nós tínhamos de atravessá-lo, e forçamos os nossos cavalos naquele ponto. O emaranhado, constituído de ramos de plantas aquáticas, com os seus estemas coriáceos e lisos, formava uma barreira incômoda, ocorrendo mais o fato de que o lugar era tão fundo que obrigava os cavalos a nadar. Estes relutavam ao tentar a passagem. Kermit, finalmente atirou-se com o seu através da massa entrançada, nadando, mergulhando, lutando e deixando uma esteira de águas claras, através da qual nós o seguimos também a nado. Os cães se atiraram na água, acompanhado-nos. Na outra margem retomaram o rastro fresco, em correria.

A trilha ia dar em um grande capão de mato, formado principalmente por touceiras de pequenas palmeiras nacuri, de folhas longas e pendentes, que à distância lembravam grosseiros bambus, com coquilhos agregados em grandes cachos, à semelhança de pencas de pequenas bananas vedes. Entre essas palmeiras, encontravam-se espalhadas algumas grandes árvores comuns.

Contornamos o capão a meio galope, ouvindo os cães em seu interior. Em dado momento, a matilha rompeu em ganidos, denunciando que o jaguar estava à vista. Os poucos momentos que se seguem são de fato, para os cães, os mais excitantes da caçada, e é quando a fera galga



*O jovem caboclo montando em um boi trotador de longos chifres, o qual é manejado por uma corda que passa pelo focinho.*



*O Cel. Roosevelt e seu primeiro jaguar.*

a árvore. O latido furioso da matilha, os gritos de incitamento dos cavaleiros, a selva em torno, o pavor que a fera impõe – tudo isso combinado, torna o momento angustioso e de grande sensação. Ademais, no caso presente, havia possibilidade de que o jaguar descesse para lutar no chão, fato esse que lhe traria quase nenhum risco, uma vez que necessitava de vencer apenas pequena distância para enfrentar o ataque. Contudo, logo que os latidos demorados e os ganidos aflitivos denunciaram que o jaguar tinha sido alcançado, vimo-lo, um esplêndido macho, no alto dos galhos de uma grande figueira brava.

Uma bala da Winchester – 405, de Kermit, nas cruzas, fê-lo rodopiar morto, no chão. Era mais pesado do que o grande *cougar* macho, matador de cavalos, que abati no Colorado e cuja pele, Hart Merriam reputou como sendo uma das maiores que já tinha visto, tendo quase o dobro do peso de qualquer dos leopardos africanos machos que já abatêramos. Seu volume se aproximava, ou era mesmo igual, ao das menores leões adultas que matamos na África.

Possuía grandes ossos, arcabouço reforçado e uma forte compleição muscular como se fora um pequeno leão. Não era flexível, esbelto e comprido como a pantera americana ou o leopardo; a cauda, como a de todos os jaguares, era curta em relação à envergadura do corpo; de bela pelagem, com a aparência aveludada e manchas castanho-escuras sobre a cor de ouro do lombo, e as da cabeça e ancas eram tão nítidas como as que se viam na parte esbranquiçada da barriga. Era um jaguar bastante conhecido este, pois que já tinha abatido algumas reses. Certa ocasião, durante as enchentes, a fera se entocara próximo à casa da fazenda, aonde chegou a devorar duas vacas e um bezerro. Naquela ocasião, os caçadores deram-lhe uma batida sem resultado, pois fugira da redondeza. Nessa região pantanosa, os jaguares têm um vasto círculo de ação e são muito andejos, passando geralmente um dia ou dois apenas em um dado lugar ou no máximo uma semana, quando encontram abundância de alimento. O jaguar gosta muito da água, bebendo-a sofregamente, e tem prazer em nadar. Neste país, eles erram pela noite adentro, através de pântanos e ao longo dos banhados, pilhando as capivaras e os caimãs, pois esses pequenos jacarés das lagoas ou jacaretingas constituem o grosso de sua alimentação habitual. Os adultos, quando famintos, atacam e matam os grandes jacarés

e crocodilos se os apanham a pouca distância da água. Nesses pantanais, o jaguar também persegue as manadas de caíritos e conta-se que ele sempre ataca o último do bando dos pequenos e terríveis porcos-selvagens. Em outros locais, muitas vezes dão caçada ao tapir. Entretanto, quando este se encontra na floresta, o jaguar tem de apanhá-lo e matá-lo com rapidez, porque o acaçapado animal “não respeita árvore”, como dizia o Cel. Rondon, e avança numa carreira cega e violenta por entre ramos e troncos, atirando a fera para longe, embora esta lhe deixe marcados na pele dura, em extensos lanhos, os sinais das garras.

Reses são constantemente sacrificadas. O jaguar não se mete com o touro, e se torna receoso em atacar um rebanho pastoreado por um desses animais, porém, vez por outra, quando há falta de alimento, mata qualquer outro animal doméstico. Tem uma sede terrível, e, se acontece matar a presa longe da água, arrasta-a para as bordas de um poço ou de qualquer regato. O Cel. Rondon encontrou, certa vez, um cavalo que havia sido morto e arrastado por um deles a uma distância superior a uma milha. Costumam eles surpreender e matar o veado; nessa região, porém, essa prática é menos comum, em comparação com o puma, não podendo eu, afirmar se isto sempre acontece. Sabe-se que o jaguar costuma agarrar e devorar até jibóias de tamanho bem grande.

Naquelas redondezas, o jaguar comum não costuma molestar o gado e os cavalos, a não ser excepcionalmente, quando mata algum bezerro.

Raramente, e mesmo assim, em condições especiais, é que algum macho adulto se empenha em abater alguma rês.

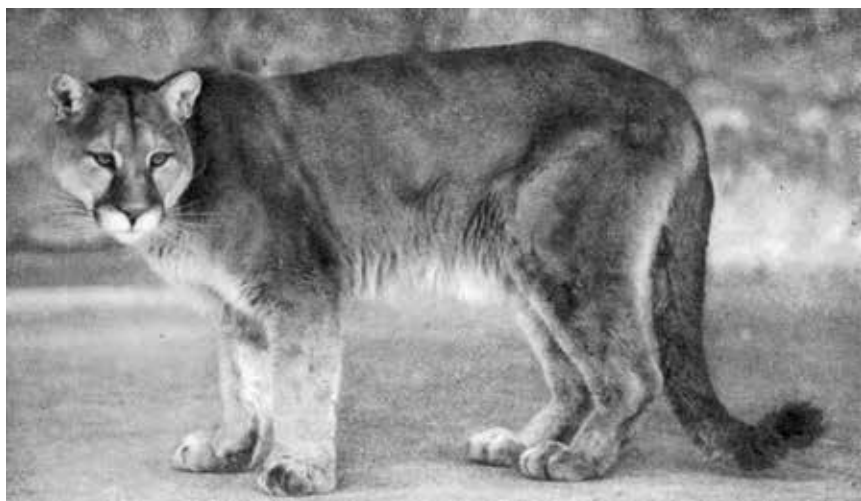
Havia abundância de capivaras e veados, e, naturalmente, o jaguar dá preferência a presas mais fáceis, tal como acontece na África Oriental, com os leões, os quais se alimentam quase que exclusivamente de zebras e antílopes, não molestando o búfalo e o gado bovino que, em outras partes da África, são sua presa habitual. Fomos informados pelos nossos hospedeiros que, em outros lugares dos arredores, os jaguares se alimentam quase sempre de cavalos e bovinos. Contaram-nos outro tanto, que os pumas têm os mesmos hábitos dos jaguares, apenas não atacando animais de grande porte. A circunstância de pumas não atacarem poldros nesta fazenda, deixou-me admirado, pois nos Montes Rochosos, são eles os seus piores inimigos. Era interessante notar como os nossos hospedeiros,

os caçadores e os trabalhadores da fazenda, em geral, tantas coisas sabiam a respeito desses felinos, ignorando outras tantas em que, aliás, prontamente acreditavam. Fato idêntico verifiquei entre os antigos caçadores norte-americanos, quando contavam histórias sobre o puma, ursos e lobos, e com os caçadores ingleses e *boers* da África, a respeito de leões e rinocerontes. Enquanto não ficaram estabelecidas bases científicas decorrentes da observação e da comparação cuidadosa dos hábitos das diversas espécies, muita gente idônea que habitava o interior aceitava e repetia religiosamente a teoria de que os ursos preto e cinzento dos Estados Unidos, os leões e rinocerontes da África do Sul, bem como os jaguares e pumas de qualquer parte da América Meridional se subdividiam em diferentes espécies, cada qual com seus hábitos peculiares. E ainda fazia mais, pois descrevia esses hábitos imaginários com tal sinceridade e minudência que iludiam a qualquer ouvinte; de sorte que, às vezes, até os bons naturalistas perpetuavam tais lendas, como aconteceu com Hudson ao escrever sobre o puma. Hudson foi um grande observador e escritor quando tratou dos pássaros e mamíferos comuns dos distritos populosos das proximidades de Buenos Aires e da embocadura do rio Negro, porém desconhecia completamente as selvas. Não o estou criticando, sou até um grande admirador dos seus livros, que são, em muitos aspectos, paradigmas. Seria de se desejar até que houvesse centenas de escritores e observadores de igual mérito, em todas as partes da América. Isto, entretanto, não quer dizer que devemos considerá-lo autoridade em matéria alheia a sua especialidade.

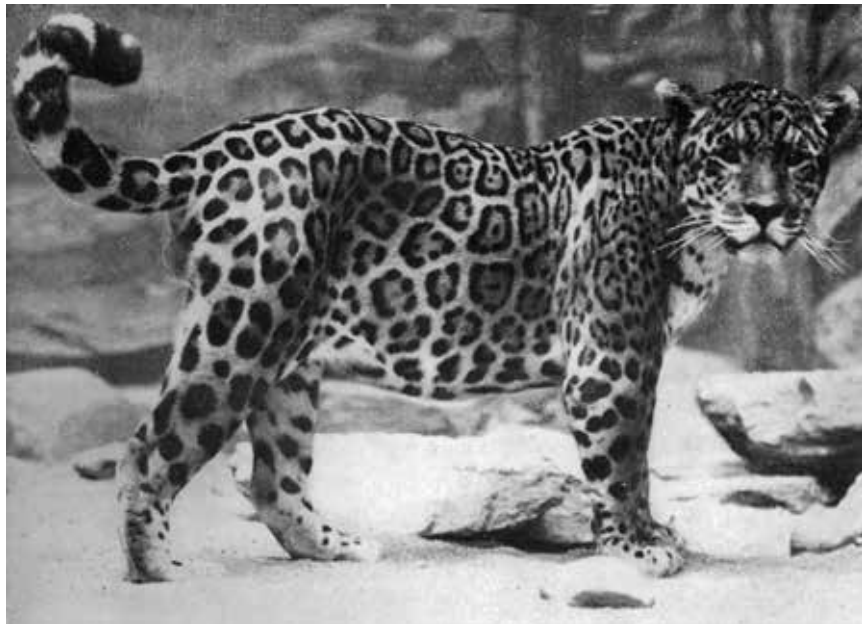
\* \* \*

Acidente interessante ocorreu no dia em que matamos o primeiro jaguar.

Tomávamos o nosso *lunch* à beira de uma pequena e funda lagoa, quando me inclinei para apanhar água e qualquer coisa rosnou ou grunhiu a pouca distância. Tratava-se de um jacaretinga, com cerca de 1,50m de comprimento. Não lhe dei atenção no momento, porém, logo em seguida e assim que os nossos cavalos desceram para beber, o pequeno anfíbio os ameaçou, amedrontando-os; nessa ocasião, o Cel. Rondon e Kermit chamaram minha atenção para ele.



*O puma sul-americano.*



*O jaguar sul-americano.*



O animal estava à tona d'água, a poucos passos de distância, nos desafiando; atiramos-lhe punhados de barro, ao que ele revidava, batendo as mandíbulas e dando rápidas investidas contra nós. Pedacos de pau que, lhe atirávamos eram abocanhados e triturados. Apesar de tudo, não conseguimos afastá-lo dali. Só se podia admitir aquela truculência e teimosia no caso de se tratar de fêmea com postura nas proximidades.

Em outra lagoa, fato idêntico se verificou com um de nossos companheiros. O animal emitiu um som característico, abriu as mandíbulas e levantou a cauda, movendo-a no ar. Entretanto, tais jacarés nunca haviam molestado mesmo os nossos cães em circunstâncias idênticas, e muito menos a nós e nossos cavalos. Neste mesmo dia outros companheiros de jornada, um dos quais era o comandante Cunha, da Marinha brasileira, desportista emérito e excelente camarada, presenciaram novo e interessante fato, ocorrido com esses anfíbios. Encontraram uma lagoa funda com cerca de cem metros de comprimento e trinta a quarenta de largura. Este pequeno lago era habitado por caimãs e capivaras, o maior dos roedores existentes, espécie de porco-da-índia aquático do tamanho de um pequeno cordeiro. Havia também, no mesmo, cardumes de piranhas, o terrível peixe do qual já tenho falado tantas vezes. Sem dúvida, a alimentação dos caimãs consistia, ali, especialmente desses peixes. Mas, fosse ferido um caimã e se verificava então o reverso da medalha. Se desse um tiro numa capivara e ela caísse n'água, ferida, as piranhas imediatamente se atiravam sobre ela e em dez minutos devoravam a metade de sua carcaça. Fato mais extraordinário, porém, se deu quando um caimã de cerca de 1,50m de comprimento foi ferido; as piranhas atacaram-no, dilaceraram suas carnes, impelindo-o para a margem obrigando-o a enfrentar seus inimigos humanos.

Os peixes a que me refiro primeiramente atacam a ferida e em seguida, à proporção que o sangue lhes desperta a voracidade, vão mordicando todas as partes moles, cortando com os terríveis dentes a pele e a carne do animal. De um modo geral não hostilizam os caimãs, nem as capivaras, quando não estão feridos; o sangue é que os excita terrivelmente. Seus hábitos são, em determinadas condições, inexplicáveis. Vimos indivíduos freqüentemente se banhando sem serem por elas molestados; em certos lugares, porém, onde se encontravam cardumes desse peixe, ninguém estaria a salvo de perigo, sobretudo se a pessoa ou o animal tivesse um ferimento.

Parece-nos que, de um modo geral, quando a pessoa não está ferida, só é atacada acidentalmente. Tais acidentes são raros; entretanto, sua menor ocorrência não justifica a falta de precauções em locais povoados dessa espécie de peixe.

Constantemente atravessávamos lagoas em que viviam numerosas capivaras. Em muitos locais estes grandes roedores são tidos como ariscos. Ali, porém, não o eram. Faziam da água seu domicílio e seu refúgio. Constantemente procuravam as margens para comer o capim das imediações, deixando trilhos muito nítidos. Esses rastros devem ser feitos à noite, pois nunca conseguimos vê-las longe d'água durante o dia. Frequentemente, e em pleno dia, encontrávamos capivaras escarrapachadas, modorrando à beira das lagoas ou dos canais. Nessas ocasiões os cães investiam e elas ficavam à espera até que à aproximação destes caíam n'água e mergulhavam. Os cães se atiravam lépidos dentro d'água, e era realmente interessante notar-lhes a surpresa e o desapontamento quando se apercebiam do rápido e total desaparecimento da presa. Muitas vezes a capivara se mantém n'água, despreocupadamente, apoiada nos quartos traseiros, apenas com a cabeça de fora. Qualquer susto, porém, leva-a a mergulhar prestamente, pois tem tanta facilidade em nadar quanto em mergulhar, e quando lhe convém se esconde por entre as folhas das plantas aquáticas ficando apenas com as ventas de fora. Nesses locais elas e os pequenos jacarés não se hostilizam, nadando e vivendo em promiscuidade. Os jaguares são seus inimigos comuns. A capivara é uma caça que equivale à lebre ou ao coelho. Tem boa carne e seus hábitos de anfíbio tornam a sua caçada muito atraente. Das lagoas em que havia pouca água esses grandes roedores saíam para o pantanal, mas, mesmo assim, conseguiam descobrir pequeninos poços sob plantas aquáticas, em que se ocultavam.

\* \* \*

A nossa permanência nessa fazenda foi agradabilíssima. Nas excursões sempre deparamos coisas e fatos interessantes e algumas vezes completamente inéditos para nós. Uma manhã muito cedo encontramos dois grandes tatus, desses de casco de nove estrias, na ocasião em que passávamos por uma pastagem seca e arenosa, pontilhada de bosques de palmeiras com os troncos cobertos por espínheiros e baionetas. Os tatus estavam co-

mendo, num espaço aberto entre dois desses bosques que distavam um do outro cerca de cem metros. Um se mantinha firme sobre as quatro patas; o outro estava agachado, com as patas dianteiras esticadas para a frente. Suas orelhas eram bem desenvolvidas e salientes. Os cães avançaram. Sempre pensei que, agredidos, esses animais apenas se defendessem encolhendo-se sob a carapaça.

Foi grande surpresa para mim, tal como se estivesse vendo uma tartatuga galopar, vê-los em disparada como se fossem lebres. Um deles recuou e barafustou pelo bosque mais próximo, e o outro correu com rapidez incrível para alcançar o mais afastado, a uns cem metros de distância, seguido pela matilha em alarido. Súbito, mudando de plano, voltou como uma bala, direto sobre a matilha. Todos os cães tentaram agarrá-lo, porém, seu corpo guarnecido pela couraça arredondada, e ainda a rapidez da carreira, inutilizaram o intuito da cainçalha, conseguindo pôr-se a salvo, alcançando seu espinhento esconderijo. Chegou ele a correr mais de cento e cinqüenta metros a toda a velocidade. Esta proeza impressionou-me sobremodo, dado o seu imprevisto. Evidentemente essa espécie de tatu apenas se retrai, ocultando-se sob o casco como meio de defesa, em último recurso, pois confia na sua rapidez e na solidez da couraça, até alcançar um buraco ou outro qualquer refúgio. Kermit, quando trabalhava no lançamento de trilhos nas proximidades de São Paulo, por duas vezes retirou tatus do buraco usando um injetor mecânico.

Havia muitos formigueiros espalhados na região, senão que vários de grandes proporções, e muitos formados em troncos de árvores. Nesse local não encontramos nenhum espécime de formigas venenosas, dessas que, quando muito numerosas, tornam certos sítios inabitáveis.

Ordinariamente, encontram-se poucas. Quando em grandes massas, costumam destruir os filhotes de pássaros nos ninhos e até mesmo grandes animais, uma vez impossibilitados de se locomoverem. Existe a crença de que os filhotes nos ninhos são, de certo modo, infensos ao ataque dessas formigas. Os nossos naturalistas, porém, fizeram experiências nesse sentido, utilizando todos os ninhos ao seu alcance e verificaram a improcedência da crendice.

Vimos, certa vez, um bando de caititus, inclusive uma fêmea com três filhotes (dizem que são díparas), embora uma das crias pudesse

pertencer a outra fêmea do lote. Este bando corria dentro de um emaranhado de espinhos que os cães não conseguiram penetrar e, ao alcançar um local em segurança, ouvimos grunhidos *sui generis* e curiosos nas profundezas da selva.

De outra feita passamos por um bosque de palmeiras, que se encontrava esplendidamente colorido de pássaros. Havia magníficas araras da cor do jacinto, periquitos verdes com manchas vermelhas, tucanos de plumagem variegada: preta, branca, vermelha e amarela; verdes jacamares; gaturamos cor de fogo; saíras azuis e vermelho-escuro, formando maravilhosa coleção. Todos faziam barulho. Possivelmente alguma cobra, que não conseguimos avistar, assustava o bando.

Dispersaram ao aproximarmo-nos; as araras fugiram aos pares, soltando seu grito característico: “ar-rah-ra”.

Dizem que os periquitos na mata somente chilreiam quando em voo. Realmente tal acontece, porém também chilreiam quando pousados nos ramos e principalmente na ocasião em que colhem material para os ninhos. Apenas os vimos calados quando estavam comendo. As aves aquáticas são sempre uma maravilha. Abatemos apenas dois ou três espécimes necessários ao Museu. Matei com uma pequena Springfield, em pleno vôo, um “passarão”<sup>23</sup>, e depois perdi toda a fama que granjeara com essa proeza, falhando numa série de tiros, indesculpavelmente, até que, por fim, consegui acertar um jaburu. Kermit também matou um outro com a Luger automática. Este grande e magnífico pernalta, quase da altura de um homem, reage quando ferido, avançando contra seus agressores e matraqueando o formidável bico. Certo dia encontramos um ninho de jaburu numa enorme figueira na borda de uma clareira da floresta.

Constava de uma grande plataforma de varas sobre um galho horizontal e nele quatro filhotes já meio crescidos. Passamos ali pela manhã, no momento em que os pais estavam pousados ao lado do ninho e não nos foi possível fotografá-los porque o céu estava muito nublado. Mais tarde, quando passamos novamente por aquele local, já o sol estava de fora e assim tentamos tirar algumas fotografias.

---

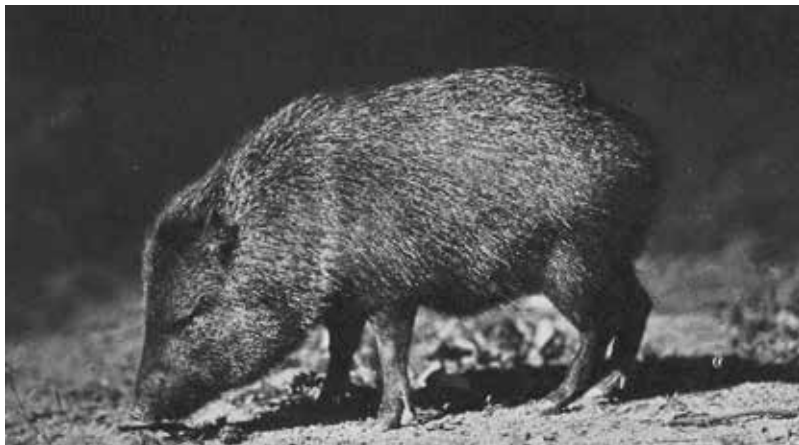
23 *Tantalus americanus* (*Dic. de Animais do Brasil*). (Nota do trad.)



*Tatu de nove estrias.*



*Capivaras.*



*Porco-do-mato ou caititu.*

Nesta ocasião somente um dos pais se achava junto ao ninho e não se mostrou atemorizado. Notei que o mantinha o bico entreaberto. Fazia calor, razão por que, conclui eu, ele tornara aquela atitude, tal como fazem as galinhas no verão. A nossa partida o velho pernalta e os quatro filhotes continuaram impassíveis e já então voltava ao ninho, em vôo sereno, o jaburu ausente.

\* \* \*

É difícil dar uma idéia perfeita da riqueza da avifauna desses pantanais. Um naturalista poderia, com grande proveito, permanecer por seis meses ininterruptos em uma fazenda como a que visitávamos. Não é que tivesse muito material novo para colecionar, porém, havia grande cópia de fatos e coisas dependentes de exaustiva observação de campo. A maioria desses maravilhosos e inofensivos pássaros devia ser protegida por lei, assim como os próprios mamíferos. Na realidade, o que mais nos falta, atualmente, são livros que tratem da biologia desses animais silvestres.

Nas proximidades da fazenda, passeando familiarmente no meio do gado, vimos o anu-preto. Alimentam-se esses pássaros de insetos que o andar das reses espanta do capim, e comumente pousam sobre elas à cata de carrapatos<sup>24</sup>. Estávamos no fim da época da postura, e por isso não conseguimos encontrar seus curiosos ninhos, nos quais meia dúzia de fêmeas põe seus ovos indistintamente.

O socó comum, encontrado geralmente aos pares nas lagoas das proximidades, e não em bandos, como acontece com o da mata – é tão manso quanto a garça noturna e outros pequenos pernalta. Durante o vôo o magoari e alguns outros pernalta esticam o pescoço em linha reta.

---

24 Pelos últimos estudos feitos com relação aos anus-pretos, parece não haver mais razão para que seja vulgarizado o hábito que tem este cuculídeo de comer carrapatos. No *Boletim do Museu Nacional – Nova Série – Zoologia* nº 4, diz João Moojen: "O anu-preto tem sido considerado na literatura de divulgação, como devorador de carrapatos. A observação, entretanto, parece invalidar completamente essa suposição. Examinando os primeiros conteúdos gástricos, logo nos surpreendemos com a ausência de quaisquer vestígios desses acarinos, mesmo nos casos em que os anus eram abatidos junto ao gado, numa atitude que sempre víamos ser interpretada como de caça aos ixodídeos" (carrapatos).

O jaburu, que tem um belo vôo, procede de igual maneira, porém, fazendo uma leve curva, por causa do papo. As grandes e esbeltas garças, ao contrário, inclinam o longo pescoço para trás numa belíssima curva, de maneira que a cabeça fica bem próxima das espáduas. Certo dia, deparei um pássaro planando no ar sobre a água de uma lagoa, e em seguida mergulhou em busca de um cardume de piabas. A princípio, julguei que se tratava de um pequeno martim-pescador de peito amarelo, mas verifiquei depois que era um bem-te-vi rei. Pica-paus<sup>25</sup> do tamanho e da cor dos nossos tordos, porém, com longos e finos bicos em gancho, eram comuns no pequeno jardim da casa. Tinham eles os mesmos hábitos dos trepadores, subindo com agilidade pelos troncos e galhos, pelos postes e cercas, metendo o bico nas fendas e buracos, à procura de insetos. O João-de-Barro, que tem o porte e os ares do sabiá-da-mata, poderia, estou certo, fazer excelente camaradagem com o homem. É muito personalista, não apenas na extraordinária maneira de construir sua casa de barro, mas também pela vivacidade, curiosidade e interesse por tudo que o circunda, e ainda pela rapidez de movimentos e maneira de cantar em gargalhadas. Com um pouco de habilidade, torna-se manso e familiar.

Os periquitos, se não fossem tão barulhentos, seriam também muito atraentes, pois voam aqui e acolá trepando no topo das palmeiras, nas proximidades das habitações. Havia também uma espécie de tiranídeo vistoso, de um preto brilhante e de cabeça branca.

\* \* \*

Uma tarde, assistimos a entrada para o curral, próximo da casa, de um lote de novinhos de dois anos, para marcação. Mais interessante ainda se tornava o espetáculo com a presença de uma dúzia de touros que deveriam ser castrados para o trabalho. O destemor e a agilidade dos vaqueiros eram notáveis. A cor da pele daquela gente indicava claramente sua origem indígena e negra, posto que alguns revelassem também fortes traços de sangue branco. Usavam camisa comum, calças, um avental de couro franjado e chapéus deformados. Seus pés, descalços, eram duros como chifre. Quando um deles lançava a rê, segurava a corda em torno do corpo,

---

25 *Arapassus*. Em certas regiões são denominados pica-paus, pela semelhança de hábitos com esses trepadores (N. do trad.).

estirando-se para trás até quase sentar-se, firmando ao mesmo tempo os calcanhares no chão, e, quando a corda se esticava, o animal em galope parava de chofre, completamente torcido.

Os touros, ou mesmo uma vaca ou novilho enfurecidos, tentavam escapar com arrancos furiosos, porém, duas ou três cordas dominavam o animal até derrubarem-no. Quando se soltava a rês, esta se punha de pé e arremetia furiosamente contra os vaqueiros que, em altas gargalhadas, se livravam pulando para fora do cercado.

Permanecemos na fazenda até as vésperas do Natal, e até àquela época o tempo tinha estado maravilhoso. Uma noite, antes de partirmos, desabou uma daquelas cargas d'água torrenciais dos trópicos. Não esperávamos essa chuva, pois nos tinham afirmado que já havia passado a estação das águas. Na tarde seguinte, nossa bagagem saiu em dois carros de bois até o ponto em que o vapor nos esperava. Quatro juntas puxavam cada um dos carros, de rodas grandes, com cerca de dois metros de altura.

Nós seguimos, à tarde, a cavalo, e passamos pelos carros já ao anoitecer, um pouquinho antes de atingirmos a margem do rio. Depois de termos vencido uma elevação coberta de mato, as poucas milhas que tivemos de andar foram percorridas numa baixada alagadiça, tendo pontos rasos e outros com água à altura dos quadris.

Justamente à nossa frente, a muitas léguas de distância, avistavam-se as montanhas nuas que demoram a oeste de Corumbá. Atrás delas, o sol se punha iluminando os céus nublados com lícido esplendor, até que seus últimos raios desaparecessem no firmamento. Os cavalos trotavam fatigados, em plena água. Por todos os lados se estendia o pântano vasto, sombrio e desolador, à luz pardacenta da noitinha. Alcançamos os carros. Os bois puxavam sob as cangas, tangidos pelo estalar dos chicotes e gritos dos carreiros. Rechinando, os carros adernavam, enquanto as grandes rodas deslizavam na água e na lama. Ao cair da última noite de viagem, alcançamos os pequenos trechos de terra enxuta do desembarcadouro, onde permanecia ancorado o vapor, de fundo chato e uma só hélice. Bois e cavalos foram desatrelados e soltos na pastagem. Os currais estavam alagados, excetuando apenas os locais dos telheiros. Debaixo destes, os rústicos e esfarrapados carreiros e tropeiros estenderam suas redes, fazendo ao lado uma fogueira, onde assaram, ao espeto, pernas e costelas de carneiro.





*Toda a comitiva de regresso à fazenda.*

Na manhã seguinte despedimo-nos, com bastante saudade, dos nossos caboclos, que ficaram na margem agrupados em torno de uma pequena fogueira acesa debaixo do carro de boi. A umas doze milhas abaixo, encontramos um barco a remo, adaptado à vela, na margem do rio.

Seu proprietário, que era um homem rústico, pediu-nos reboque até Corumbá, no que foi atendido. Vinha com ele sua mulher, que era uma morena graciosa e fumava um grande charuto, seus dois filhos, um outro jovem com duas malas e outros pequenos objetos.

Na véspera do Natal, chegamos a Corumbá, onde tornamos a encontrar os outros membros da expedição.

.....

## Capítulo IV

### AS CABECEIRAS DO PARAGUAI

**E**M CORUMBÁ, toda a Comitiva e o material se transportaram para bordo do nosso vapor *Nioac*.

O *Nata* alcançou-nos navegando rio acima contra uma forte correnteza, costeando as belas e verdes ribas do alto Paraguai. O pequeno vapor estava totalmente lotado de homens, cães, espingardas, peles parcialmente preparadas, caixas com provisões, munições, ferramentas e material fotográfico; sacos com barracas, catres, camas, roupas, arreios, redes e outros objetos necessários a uma viagem através da grande selva – o “mato grosso” do Oeste brasileiro.

Fazia um belíssimo dia e, apesar da latitude e da estação que já era quente, a manhã estava fresca e agradabilíssima.

Sentamo-nos na parte da frente do tombadilho e nos pusemos a apreciar a vegetação marginal composta de árvores e capinzais e nos deleitando com o grande número de aves ribeirinhas.

Os dois pilotos, um preto e outro branco, se mantinham nos seus postos.

O Cel. Rondon lia Thomas Kempis. Kermit, Cherrie e Miller agacharam-se do lado de fora da grade, em cima de uma baleeira, para dar os últimos retoques na pele do jaguar. Fiala se encarregou de verificar se o material estava em ordem. Tínhamos, naturalmente, que passar ainda por muitos sacrifícios, porém aquele dia era nosso e estava adorável. À tarde, a parte posterior do tombadilho, que era toda aberta e onde jantávamos, estava completamente enfeitada de anéis de juncos e ramos com flores e ali bebemos à saúde dos presidentes do Brasil e dos Estados Unidos.

De quando em quando passávamos por pequenos ranchos na beira do rio. A região é de terras férteis e de aspecto agradável, onde colonos podem ganhar a vida facilmente.

Há minas, quedas d'água e abundância de solos ricos. Breve essa zona será cortada por estrada de ferro. Oferece, pois, todas as possibilidades de colonização. É uma zona de grande futuro.

Cherrie e Miller, um mês antes, no Chaco, apanharam uma pequena ave e viajavam com ela dentro de um cesto. Era um passarinho interessantíssimo, muito manso e meigo. Gostava de estar na mão e de ser mimado. E, quando Miller, que era quem mais lidava com ele, entrava no camarote, fazia uns ruídozinhos característicos como que pedindo para ser levado. Cherrie e Miller conseguiram apanhar muitos animais em armadilha. Entre esses havia uma doninha, que é branca na parte superior e preta na barriga e membros, e carniceira como martim-pescador; e também um gambá pequenino como um rato. Já haviam conseguido quatro espécies desses marsupiais, sem contudo encontrarem o curioso gambá aquático que haviam capturado nas correntes fluviais do mar dos Caraíbas. Essa espécie, que é pintada de preto e branco, nada nas correntezas como o rato almiscarado ou lontra, apanhando peixes e vivendo nos redemoinhos da água. Miller e Cherrie estavam empenhados em descobrir como os seus filhotes podiam suportar tal existência de constante imersão; um deles, certa vez, encontrou uma fêmea nadando e mergulhando desembaraçadamente com quatro crias já bem crescidas dentro da bolsa.

Vimos, nas margens, grandes corujas ornadas de penachos, estilo antigo, com asas de esporão e bicos curtos, sem nenhuma afinidade com as aves atuais.

No prado, em volta de uma lagoa, três veados pasciam, sendo um macho e duas fêmeas. Eles nos fitaram, ao mesmo tempo que mantinham as caudas curtas levantadas. Tinham esse apêndice de cor preta na parte inferior, ao invés de branco, como acontece com o nosso veado de cauda branca.

Uma das extravagâncias dos mimetistas extremados é sustentarem a teoria (incidentemente obsoleta) de que a cauda do veado americano é alvacentas na parte inferior, para imitar as cores do céu e assim poder confundir ou enganar os lobos e onças no momento crítico do pulo: no entanto, o veado-do-pântano, que tanto precisa de proteção contra seus inimigos naturais como o jaguar e o puma, tem a cauda preta.

Em matéria de mimetismo de veados, tamanduás, antas, porcos-do-mato, jaguares e pumas, a América do Sul não leva a palma sobre a África no que respeita às zebras, antílopes, cavalos-selvagens, leões e hienas.

\* \* \*

No dia seguinte subimos o São Lourenço. É este rio mais estreito do que o Paraguai, de águas escuras e mais forte correnteza.

Tem as margens densamente cobertas de magníficas árvores tropicais enlaçadas de lianas e cipós, alguns deles muito finos e compridos. Algumas vezes apreciávamos espécimes com flores azuis ou vermelho vivo, outras eram cachos violáceos que se dependuravam de uma espécie esquisita de palmácea; ou então, em árvores de maior porte, grande exposição de flores graúdas e brancas. Em uma lagoa circundada de taquaris, brincava um bando de lontras; quando vinham à tona, abriam a boca como fazem as focas, soltando agudos assobios. As anhingas, de cor pardo-escura e quase do tamanho de um peru, pousavam nas grimpas das árvores mais altas. Ouviam-se os gritos estridentes de araras-azuis cruzando a correnteza.

No meio das árvores encontrava-se o “jacucacá” espécime peculiar, da envergadura dos maiores *grouses*<sup>26</sup>, e de hábitos um tanto semelhantes aos dos *grouses* da mata, porém; sem nenhum parentesco com quaisquer aves de caça do setentrião. A traquéia-artéria do macho é muito

---

26 Ave galinácea da família *Tetraonidca* (*Tetra urogalos*) (N. do trad.).

longa, estendendo-se até o fim do esterno, e o pássaro emite um som guttural esquisito.

Boiava, correnteza abaixo, um caimã morto, que ia sendo devorado por um urubu.

As margens estavam povoadas de capivaras; umas nos fitavam espantadas, outras caíam n'água à nossa aproximação. De longe em longe avistávamos pequenas clareiras, onde invariavelmente havia uma choça de palmeiras, com limitadas plantações de milho e de mandioca. Os caboclos dessas malocas, quando não toda a família, vinham até a beira do rio apreciar a passagem do vapor.

Era um dia quente e o termômetro de bordo marcava quase 33 graus centígrados, à sombra.

As muriçocas vinham incomodar-nos a bordo, mesmo quando nos fazíamos ao largo da correnteza.

No dia seguinte já estávamos subindo o rio Cuiabá. Começara a chover à noite e o temporal continuou pelo dia afora. Pela manhã paramos próximo de uma grande fazenda de gado, a fim de recebermos leite fresco e carne. Nessa fazenda havia várias casas, telheiros e currais, que se erguiam ao longo da margem, sendo que em um dos currais estavam reuni-las umas cinqüenta a sessenta vacas leiteiras.

Taimãs<sup>27</sup> passeavam familiarmente entre as galinhas.

Periquitos e cardiais<sup>28</sup> de cabeça vermelha faiscavam nos galhos, sobre as nossas cabeças.

Uma espécie de barco<sup>29</sup> primitivo se achava na margem do rio. Numa das extremidades dessa embarcação uma mulher preparava o almoço num fogão pequenino. A tripulação veio toda para terra. O barco era uma espécie de armazém flutuante, do tipo desses que sobem e descem os rios carregados de toda sorte de mercadoria e que atracam onde quer que haja habitações. São as únicas lojas que muitos habitantes daquelas paragens avistam durante anos a fio. Eles navegam bem pelo rio abaixo, porém rio

---

27 *Talha-mar* – Gaivota pequena, dos rios, que, em Mato Grosso, se denomina, por corruptela, *taimã*.

28 Espécie peculiar do vale do Paraguai, de cabeça lisa.

29 Chata, cuiabana, ou batelão em outros lugares (Notas do trad.).

acima são empurrados a zingas pela tripulação, quando não conseguem, o que não é sempre, ser levados a reboque por algum vapor. O de que falamos tinha um pequeno cômodo coberto de zinco; outros o têm com teto de sapé ou de couro. O rio descia em curvas pelo vasto pantanal de que se separava apenas ver uma franja de mata. Toda vez que encontrávamos um pássaro ou animal, os dois naturalistas tinham alguma coisa interessante para contar a respeito de passadas experiências.

Ao longo do rio avistamos duas espécies diferentes de japiúras pretas e douradas, de crista pequenina, cujos ninhos em colônias davam a impressão de um grande pêndulo dependurado nos ramos e quase beijando a água. Cherrie contou-nos que já tinha encontrado um desses ninhos, com vários centímetros de diâmetro circundando uma casa de marimbondos. Esses insetos são venenosos e agressivos, de sorte que, dificilmente, qualquer intruso poderia aproximar-se do ninho assim protegido<sup>30</sup>; os pássaros, porém, sentiam-se à vontade e estavam mesmo livres de qualquer agressão por parte de seus temíveis protetores.

Vimos uma garça cinzenta cruzar a proa do navio a grasnar aquelas duas notas profundas que são o seu canto. Miller narrou-nos, então, como essas aves devastam os ninhos das tartarugas no rio Orenoco. Mostram grande habilidade em descobrir o local em que as tartarugas deitam os ovos, esgaravatam a areia até retirá-los do esconderijo e, em seguida, furam a casca e chupam todo o conteúdo.

\* \* \*

Era de admirar tão pequena quantidade de mosquitos nesses pantanais. Nem de longe podem ser comparados com os terríveis mosquitos do baixo Mississípi, das costas de Nova Jersey, do rio Vermelho do Norte ou do Kootenay. Lá para trás, nas matas de Corumbá, os naturalistas passaram por maus quartos de hora. Cherrie permaneceu uns dois ou três dias no alto de um morro descalvado; pensou ele que ali houvesse poucos mosquitos, porém o capim crescido os acoitava (permanecem muitas vezes no capim e na vegetação rasteira mesmo onde não haja água) e à noite se transformaram

---

30 Naquela região é muito comum esta prática inteligente de alguns pássaros, para evitar, sobretudo, a perseguição dos macacos (N. do trad.).

em tão grande tormento que ele foi obrigado a armar o mosquiteiro e ir para a cama ao pôr-do-sol. Entretanto, em muitos locais do vasto pantanal, não causavam os mosquitos grandes aborrecimentos. Disseram-me que também no planalto, que começa ao norte de Cuiabá e se estende para o levante até a região praiana, não chegam eles a ser motivo de qualquer incômodo. Pode-se mesmo assegurar que esta região central do Brasil, inclusive o Estado de Mato Grosso, o qual estávamos atravessando, é saudável, excelentemente apta à colonização; as estradas de ferro hão de penetrá-la brevemente e assim conseguirá um desenvolvimento verdadeiramente surpreendente.

Na manhã do dia 28 alcançamos a sede da grande Fazenda de São João, de propriedade do Sr. João da Costa Marques. Ele, seu filho mais moço do mesmo nome, que era Secretário de Agricultura do Estado, sua encantadora esposa, o presidente de Mato Grosso e vários outros cavalheiros e senhoras, vieram de Cuiabá, que ficava a uns 30 quilômetros acima, para cumprimentar-nos. Fomos, como sempre, tratados com grande cordialidade e generosa hospitalidade. A comissão de recepção nos encontrou algumas milhas abaixo da casa da fazenda, em um vapor de leme de roda e uma lancha, ambos enfeitados com profusão de bandeiras. A belíssima casa branca da fazenda se erguia a pequena distância da borda do rio, numa campina pontilhada de lindas palmeiras-reais. Junto da casa havia outras espécies de árvores e nas proximidades se encontravam várias construções, além de jardins, hortas, piquetes, currais e cercados com altos muros brancos. Um destacamento de soldados de polícia com banda de música se postou em frente da casa onde se erguiam dois mastros, um deles já com a bandeira brasileira hasteada. A bandeira americana foi hasteada no outro, no momento em que pisei em terra, enquanto a banda tocava os hinos brasileiro e americano, consecutivamente. A residência era muito confortável, o que concorreu bastante para atenuar a elevada temperatura de 36° C, à sombra. Quase já ao cair da noite, desabou uma chuva torrencial, que veio refrescar o ambiente. Nesta ocasião estávamos passeando a cavalo. Em volta da casa havia pássaros domesticados; periquitos e papagaios palradores enchiam as copas das árvores; jaçanãs<sup>31</sup> se recreavam no solo molhado, logo atrás do jardim; magoaris

---

31 Em Mato Grosso essas aves são denominadas “ca-fé”, onomatopéia de sua voz (N. do trad.).



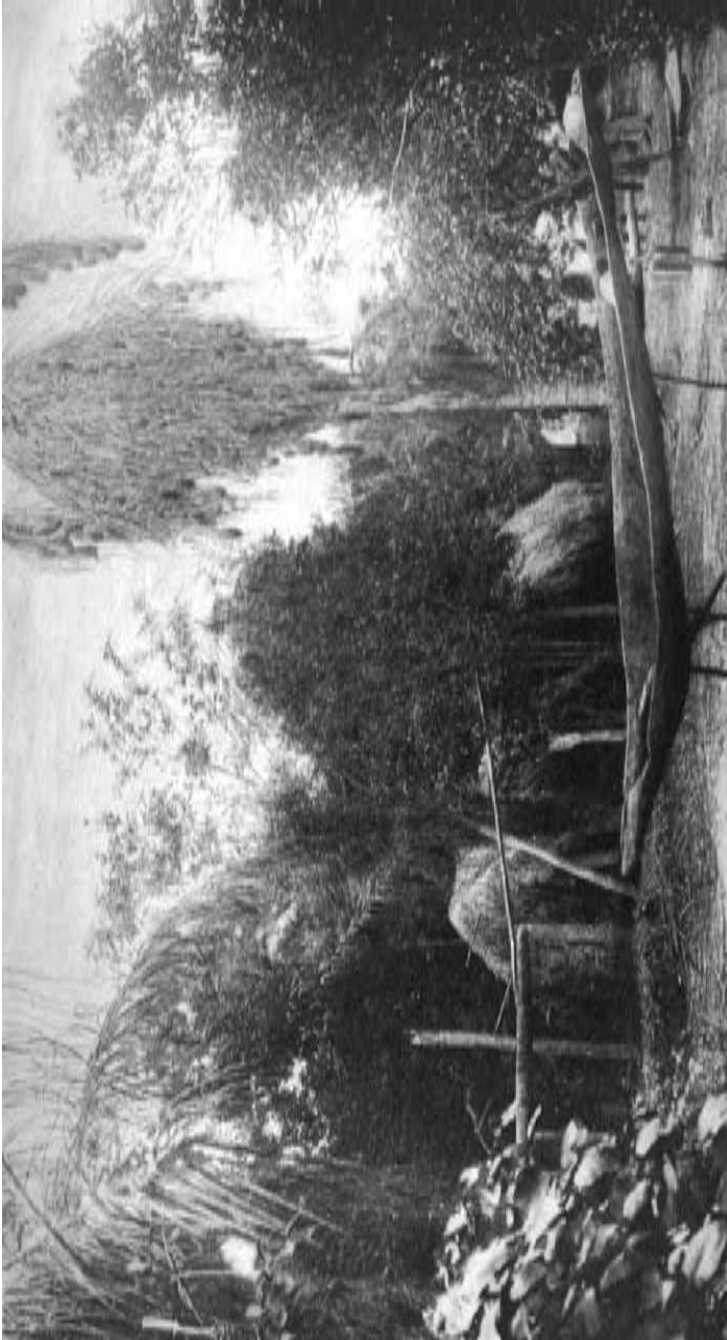
e anhumas piavam alto nos brejos, a pequena distância. Até o ponto em que avistamos a grande casa da fazenda, tínhamos passado por uma interessante floresta, morna e fértil, na qual, distanciadas de muitas léguas uma da outra, encontramos algumas palhoças de palmeiras com pequenas arcas ao lado, cultivadas com milho, cana e mandioca. Uma dessas pequenas casas assentava sobre um velho cemitério indígena exatamente igual àqueles que se encontram ao longo do baixo Mississípi e que têm a mesma origem. Esses cemitérios ocasionais, construídos há muitos anos, são as mais altas elevações do solo naquela imensa região pantanosa do alto Paraguai. Por ali ainda existem algumas tribos de selvagens. Passamos por uma de suas aldeias, na borda do rio, com suas palhoças, ripados para secagem do peixe, redes e mesas rústicas. Esses nativos também cultivam banana e cana-de-açúcar. No sítio em que o rio era mais raso, havia um jirau, no qual subiam para fisgar o peixe. Eram índios<sup>32</sup> mansos, sendo que a maior parte se vestia como a gente pobre do interior.

Estava marcado para a manhã seguinte um grande “rodeio”, porém resolvemos fazer uma caçada, pois que havia diversas espécies de animais, notadamente antas e caititus, dos quais os naturalistas ainda precisavam de alguns exemplares. O Sr. João Marques, nosso hospedeiro, e seu filho nos acompanharam. Descendia ele de família respeitável. Nascido em Mato Grosso, em pleno trópico, tinha a aparência de americano-do-norte, e, posto que já fosse avô, possuía tal robustez e energia de que poucos homens de qualquer clima e região poderiam gabar-se. Todos os seus filhos gozavam perfeita saúde. O que estava em nossa companhia era homem forte e robusto, excelente companheiro, ótimo funcionário, perfeito cavalheiro e caçador emérito. Não trazia espingarda e sim uma zagaia, aliás de acordo com o hábito comum em Mato Grosso nas caçadas de jaguar, em que um dos caçadores traz uma espingarda e outro um chuço, ficando ambos na espera, a fim de que, se o primeiro tiro não atingir a caça, o que está com o chuço possa enfrentá-la possibilitando novo tiro.

O nosso hospedeiro e seu filho nos faziam lembrar aqueles melhores tipos de fazendeiros norte-americanos, verdadeiros representantes

---

32 Tribo guatá (N. do trad.).



*Aldéias de Índios.*

*Passamos por uma aldeia de índios pescadores, nas margens do rio, com suas palhoças, jiraus para secagem do peixe, redes e mesa rústicas...*

da valentia e da desportividade e também expoentes das atividades comerciais, bem como excelentes servidores da nação.

A hospitalidade que pai e filho nos ofereceram foi patriarcal: nenhum deles, por exemplo, sentava-se à mesa juntamente com seus hóspedes no começo das refeições cerimoniais; pelo contrário, exercitavam uma supervisão pessoal sobre o banquete. Quanto às nossas encantadoras anfitriãs, sentavam-se à cabeceira da mesa.

\* \* \*

Às seis da manhã, cada um de nós partiu montado num belo animal. O dia estava carrancudo. Trazíamos conosco uma dúzia de cães, porém somente um ou dois eram de algum valor. Três ou quatro vaqueiros nos acompanharam; “eram homens de sangue indígena”, que em outras partes do Brasil se diriam peões ou caboclos, mas que ali eram chamados de “camaradas”. Foram naturalmente escolhidos entre aqueles que entendiam de caçadas e cada um trazia uma comprida zagaia, um tanto pesada e rústica. Na frente cavalgavam nosso valente hospedeiro e seu robusto filho, este também carregando um chuço. As bridas e selas dos grandes fazendeiros e das pessoas de destaque eram vistosas e enfeitadas com arabescos de prata. Os estribos, além de serem de prata, ainda continham tantas peças acessórias e anéis de metal, que seria um grande estorvo para as pessoas menos habituadas a montar a cavalo. De fato, a sua conformação só era adaptável a sapatos de bico muito fino e, portanto, impraticável para os nossos; os de nossos hospedeiros eram verdadeiras caçambas de prata. Os camaradas, por sua vez, usavam selas e bridas já um tanto estragadas e pequenos estribos de ferro enferrujados nos quais metiam os dedos do pé. Todos, porém, montavam bem, com a mesma habilidade e intrepidez. Era um grande prazer ver os nossos hospedeiros em terrível galope por montes e vales, acompanhando o latido dos cães atrás da caça, ou atravessando um lamaçal. Não era menos interessante ver-se um camarada ao mesmo tempo carregando pesado chuço, conduzindo um cão na trela e abrindo caminho com o terçado no matagal, sem se incomodar com os corcovos e desaprumos do seu cavalo meio chucro, pois a maioria dos cavalos da fazenda podia ser incluída nesta categoria ou era mesmo completamente selvagem. Um daqueles caboclos, com a roupa em trapos, usava um par de

botinas do qual havia retirado as solas, deixando aparecer o pé com a espora. Estava montado num pequeno e terrível garanhão, que andou uns dois quilômetros com os olhos vendados e foi muito divertido o momento em que o caboclo procurou tirar a faixa de seus olhos; evidentemente, porém, nem de longe ele supunha que o animal seria uma ótima montada para quem estava, como ele, cansado e sobrecarregado com a zagaia, o facão e outros apetrechos.

A maior parte das oito horas que passamos caçando, estivemos metidos nos pântanos, excetuando apenas alguns intervalos em que nos embrenhamos pelos bosques e matagais. Algumas passagens, que tivemos de atravessar, estavam completamente lamacentas. Em uma delas, fomos obrigados a apear e puxar os nossos cavalos, e mesmo assim, um deles se atolou, sendo preciso tirar-lhe a sela, para que pudesse safar-se. Entre as plantas aquáticas, havia estendais de caeté gigante. Destacava-se, esta planta entre as outras, pelo seu porte e conformação das folhas. Eram mais altas do que um homem a cavalo. Suas folhas largas, lembrando as da bananeira, em número de duas ou três, mantinham-se perfeitamente eretas. As flores, grandes e lustrosas, de cor vermelha, amarela ou alaranjada, formavam interessantes inflorescências. Os colibris sussurravam em torno delas; e algumas dessas avezinhas, de certa espécie, com bico recurvo, alimentavam-se exclusivamente do seu néctar, nunca sendo vistas ao redor de outras flores.

Os pássaros eram mansos, mesmo aqueles que, pela beleza de sua plumagem, se viam perseguidos pelo homem. Os grandes jaburus<sup>33</sup>, imponentes em sua dignidade majestosa, muitas vezes relutavam em abrir vôo até que nos aproximássemos; um deles voou quase sobre as nossas cabeças, quando estávamos a uns trinta ou quarenta passos de distância. As anhumas gritando “viu-viu” e os magoaris, com seus pios dolentes, passavam, por vezes, quase nos raspando. As maravilhosas araras-azuis, aos pares ou em grupos de três, costumavam acompanhar-nos durante algum tempo, cruzando sobre nossas cabeças e emitindo gritos estridentes. Encontramos, dentro de um bosque, um macaco preto chorão<sup>34</sup>. O local cheirava a casa

---

33 Em Mato Grosso, esses pássaros são chamados *tuiuiu*.

34 Bugio.

de bichos. Distraidamente, me encostei num arbusto que estava repleto de venenosas formigas-de-fogo<sup>35</sup>. Tais formigas queimam a pele como brasa, deixando pequenas chagas. Mais de uma vez encontramos, nas partes mais secas do pantanal, jacaretingas que o atravessavam em busca de outras lagoas. Meu animal pisou um deles, sem que eu percebesse. Encontramos vários esqueletos desses anfíbios, parecendo-nos que tinham sido devorados por jaguarés ou abatidos por alguém.

\* \* \*

Já estávamos viajando durante umas três horas, quando um dos cães começou a latir num grande capão de mato à nossa esquerda. Os outros cães acorreram logo ao chamado; depois de pequeno espaço de tempo, os latidos prolongados denunciaram que a presa, qualquer que fosse ela, estava à vista ou então metida nalgum esconderijo. Tomamos aquela direção, a pé. Os cães latiam insistentemente, na entrada de um grande tronco oco, e rapidamente verificamos que lá dentro estavam dois caititus, naturalmente um casal.

Mal havíamos observado esta circunstância, quando os dois bichos escaparam por uma saída imprevista na outra ponta do tronco, barafustando pela selva e desaparecendo rapidamente, com os cães em sua perseguição. Somente vinte minutos depois, começamos a ouvir novamente os ladridos da matilha. Com muita dificuldade e após incessante trabalho dos facões, conseguimos abrir uma picada no entrançado de ramos e cipós. Por esse tempo, só havia um dos caititus, o macho. Estava acuado no vão de um toco. Os cães mantinham-se quase juntos de sua cabeça, loucos de raiva, tornando impossível usar-se a espingarda; então pedi emprestada a zagaia do Sr. João Marques Júnior, e com ela matei o feroz animal. Era um espécime análogo ao nosso cateto-de-coleira, menor e menos bravio do que os de queixada branca. É um animal bastante feroz, capaz de arrancar um bom naco de carne de um cão ou de um homem.

Podem ser encontrados em bandos ou sozinhos; alimentam-se de raízes, frutas e capim, e preferem fazer sua toca no oco dos paus. Quan-

---

35 “Novato” é o nome com que se designam formigas-de-fogo, em Mato Grosso (Nota do trad.).

do apanhados, ainda filhotes, domesticam-se com facilidade, constituindo boa distração.

Na ocasião em que os dois, a que acima me referi, estavam no oco do pau, ouvimos uma espécie de grunhido profundo e ameaçador, por eles produzido.

Uma ou duas horas mais tarde, esbarramos, sem esperar, com o rastro fresco de dois jaguares, e imediatamente desatrelamos os cães, que partiram, ganindo, na direção que o faro lhes indicava. Infelizmente, mesmo nesta ocasião, as nuvens se abriram e desabou um fortíssimo temporal. Foi tão pesada a carga d'água, que os cães perderam a pista e nós nos perdemos dos cães. E só pudemos encontrá-los novamente devido a um de nossos caboclos, um índio que tinha a cara esquisita de mongol e era completamente desprovido de entendimento, a não ser a sua especial habilidade em lidar com animais selvagens, bois e cavalos. Vestia uma roupa quase em trapos, porém, nada escapava à sua vista, e estava sempre pronto a perseguir qualquer coisa, em qualquer lugar. O temporal continuava tão forte, que verificamos logo a impossibilidade de prosseguirmos na pista das feras, e retornamos o caminho longo e lamacento de volta.

Através das rajadas da chuva que caía, mal podíamos ver a estrada. Cessado o aguaceiro, depois de termos andado uma meia légua, o sol se mostrou por entre nuvens de chumbo. Súbito, banhado pelos raios de luz, apareceu um bando de lindas garças, que, com forte e gracioso bater de asas, apressaram o vôo – a plumagem branca reverberando ao sol – e cruzaram o espaço, desaparecendo além, na linha brumosa do horizonte.

No pantanal, por diversas vezes, os cães “levantaram” capivaras, que, quando não encontravam lagos em condições de se ocultarem, procuravam defender-se correndo pelo intrincado da vegetação. E sabiam fugir! Kermit e Fiala perseguiram uma delas, a pé, por mais de um quilômetro, com dois cães que, finalmente, conseguiram acuá-la, aliás na acepção literal da palavra, porque ela de fato parou e enfrentou corajosamente os perseguidores. Se a cainçalha conseguia apanhar um desses grandes roedores, naturalmente dava-lhe cabo em poucos minutos; porém, um único cão da nossa fraca matilha não seria capaz de vencê-lo na luta.



*Tantalus americanus* (“cabeça-seca”, em Mato Grosso, e  
“cabeça-de-pedra”, no Amazonas)



*Jaburu ou jabiru-sul-americano*



*Seriema*

Próximo da sede da fazenda, a quinze metros de distância, em grande árvore, havia um ninho de jaburu com dois filhotes. Experimentavam o vôo andando solenemente na borda do ninho, abrindo e fechando as asas. Cabeça e pescoço eram cobertos de penugem e não pelados como os dos pais. Fiala tentou tirar um filme dos pássaros naquela posição e assim, depois de preparar a máquina, pediu a Harper para espantá-los atirando um pedaço de pau no ninho. Isto feito, um deles abriu rapidamente as asas de maneira satisfatória, ao mesmo tempo que apanhava o pedaço de pau no bico. Em seguida deixou-o cair com um ar muito cômico de desapontamento, ao perceber que não se tratava de coisa comestível.

Encontramos muitos pássaros esquisitos pela redondeza, inclusive alguns tucanos. Nunca vi nenhum outro de atitudes tão jocosas e grotescas como o tucano.

Nesse dia deparou-se-me um, pousado na copa de certa árvore, com o seu vasto bico apontando para a frente e mantendo ao mesmo tempo a cauda em posição perpendicular. O tucano é, por natureza, grotesco... Vimos também nos rios e nas lagoas o biguatinga, uma ave com pés de mergulhão e bico e cauda semelhantes aos do socó, porém, como é hábito de muitas aves sul-americanas, não faz vida em comum com as outras espécies. A rica e inextinguível avifauna sul-americana consta de muitas espécies que parecem ser remanescentes de um período geológico bastante remoto, cujos parentes desapareceram em idades mais recentes, como, por exemplo, a “cigana”<sup>36</sup> e a anhuma, que não têm semelhantes em nenhum outro lugar. Havia profusão de garças, de muitas espécies, na redondeza. A mais linda era o alcaravão – ricamente marchetada. Duas espécies encontradas eram tão diferentes das comuns, que só vim a perceber que eram garças quando Cherrie me chamou a atenção. Uma tinha o corpo preto, o pescoço pintado de branco e o bico semelhante ao da íbis. A outra parecia branca, mas na realidade era esverdeada, com topete preto. Quando pousada, dava a impressão de uma íbis, mas ao invés de ter o vôo compassado, característico das garças, voava com rapidez, batendo as asas vigorosamente.

---

36 *Opisthocornus cristatus* – Espécie esquisita da América do Sul e diferente das formas conhecidas. (Nota do trad.)



Havia também mamíferos esquisitos, assim como as aves. Certa vez Miller apanhou, no campo, ratos de espécie completamente desconhecida.

Na manhã seguinte o céu estava plúmbeo e uma chuva miúda começou a cair no momento da nossa descida pelo rio. Já estávamos em plena estação chuvosa. Para nossa felicidade tínhamos as cabines de bordo e a casa da fazenda, onde podíamos secar as nossas roupas e sapatos encharcados; porém a intensa umidade atmosférica mantinha-os molhados por muito tempo e sempre estavam úmidos quando íamos usá-los novamente.

Antes de nossa partida daquela casa em que tínhamos sido tão regiadamente tratados – a melhor fazenda de Mato Grosso, com umas sessenta mil cabeças de gado – o filho de seu proprietário, o jovem João Marques Júnior, caçador de jaguar, presenteou-me com dois magníficos volumes sobre as palmáceas do Brasil, da autoria do antigo diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o Dr. Barbosa Rodrigues. Os dois tomos estavam dentro de uma caixa de cedro da região. Nenhum outro presente poderia relembrar com maior significação a minha estada em Mato Grosso do que este.

\* \* \*

A chuva continuou a tarde inteira. Chovia ainda torrencialmente quando deixamos o rio Cuiabá para o São Lourenço, e subimos por este último ainda algumas milhas até o ponto de ancoragem. João Marques Júnior acompanhou-nos em sua lancha. O nosso pequeno vapor era aberto, apropriado àquele clima quente, onde só podíamos conservar as coisas enxutas, num ambiente escaldante. O taxidermista alemão, do grupo do Cel. Rondon, chamado Reinisch, aliás, um bom companheiro, ora tomava um autêntico banho de chuva, ora se derretia de calor, sentado num tamborete, sempre resmungando: “*Ach, Schweinerei!*”<sup>37</sup>

Dois pequenos caimãs da espécie comum, de olhos proeminentes, estavam na margem em que atracamos, simulando uma admirável e temerária mansidão. Nem o tamanho do vapor, nem o movimento en-

---

37 Em português: “Que porcaria!” (N. do trad.).

cregado da água provocado pelas hélices, causavam-lhes o menor abalo. Permaneceram na praia, a menos de seis metros de nós, meio fora d'água, sem se incomodarem com a nossa presença e somente se afastaram depois de enxotados repetidas vezes com pedaços de pau e torrões; mesmo assim um deles ainda subiu na barranca para, com esse expediente, ver-se livre de aborrecimentos.

Na manhã seguinte chovia ainda, mas, mesmo assim saímos para uma caçada a pé.

Alguns caboclos marchavam na frente seguidos pelo Cel. Rondon, João Marques Júnior, Kermit e eu. A chuva incessante em pouco tempo nos encharcava até os ossos. Caminhamos lentamente pela floresta, brandindo os terçados para a direita e para a esquerda para cima e para baixo, a cada passo, pois a vegetação estava entrançada numa terrível trama de ramos e cipós. Havia cipós da grossura da perna de um homem. Mosquitos zuniam em torno de nós. Fomos vítimas das picadas de formigas terríveis e ainda tivemos as mãos feridas pelos espinhos agudos de uma palmácea pequenina<sup>38</sup>. Algumas dessas feridas mais tarde se infeccionaram.

Assim caminhamos hora após hora, pela floresta brasileira. Vimos macacos desses comuns, amarelados, semelhantes aos *cebus*; alguns foram sacrificados para o museu, outros fugiram por entre os galhos mais altos das árvores. Em seguida encontramos um bando de quatis, espécie de *racoon* ou *texugo delgado*, de cauda longa, avermelhado e de focinho comprido. Estavam na copa de grande árvore. Um deles, tendo sido alvejado sem ser atingido, saltou precipitadamente para o chão e embrenhou-se no mato; Kermit correu em sua perseguição, conseguindo capturá-lo. Quando voltou, estávamos no tope da árvore, procurando localizar outros quatis. Kermit, então, resolveu o problema, subindo por grossos cipós enroscados em espiral, até alcançar os galhos mais altos; nesse interim, pularam mais três, sendo que um foi apanhado pelos cães e os outros lograram fugir. Esses animais se defendem bravamente, com unhas e dentes. Miller contou-nos que certa vez assistiu um quati matar um cão. Alimentam-se de

---

38 Tucum do pantanal.

pequenos mamíferos, pássaros e répteis e às vezes até de grandes animais. Costumam apresar iguanas<sup>39</sup>.

Cherrie ouviu uma barulhada, no meio do mato, motivada pela perseguição de um coati, a toda a velocidade, atrás de uma iguana. Ouvimos também o tropel de algumas antas abrindo caminho nas selvas, perseguidas pelos cães, em direção ao rio, segundo seu hábito, porém, não pudemos avistá-las. Um dos companheiros atirou em um veado-catingueiro, belo e gracioso animal, menor do que o nosso veado de cauda branca, porém muito semelhante e sem dúvida um dos mais típicos representantes daqueles na América do Sul.

\* \* \*

O veado de cauda branca – usando-se esta expressão para designar um grupo de veados que se pode denominar um subgênero com muitas espécies ou uma espécie de grande expressão geográfica, dividida em muitas variedades – é a única espécie norte-americana que se estendeu até a América do Sul, onde ainda existem remotos representantes. Há quem afirme que as espécies progrediram da América do Sul para a do Norte. Não penso assim, e o exemplar a que me referi oferecia uma provável refutação a essa teoria. Tratava-se de um macho, cujas aspas estavam começando a esgalhar. Os chifres, portanto, se esgalham na mesma época que ao norte, parecendo que o seu crescimento ocorre na mesma ocasião que ali. Ademais, esta variedade, presentemente, vive nos trópicos, ao sul do Equador, onde a primavera e o período de postura de muitos pássaros se verificam em época correspondente ao outono no Hemisfério Norte, isto é, setembro, outubro e novembro. Que o veado é um imigrado na América do Sul e que aí ainda não viveu o tempo suficiente para reajustar a época de acasalamento de acordo com o clima, como aconteceu com os pássaros (geologicamente falando não há dúvida sobre a sua antiga existência) que mudaram a sua época de postura, torna-se provável pelo fato de corresponder tão exatamente o período de crescimento de seu chifre com a regra universal estabelecida no grande reino cervino boreal, onde abundam as espécies de veados e onde os fósseis demonstram a sua antiguidade.

---

39 Este lacertílo é denominado “sinimbu” em Mato Grosso e (Notas do trad.).

O veado-do-pântano, que diverge muito mais do tipo do norte do que o catíngneiro (seus chifres apresentam semelhança com os de cauda branca) muitas vezes conserva suas aspas até junho ou julho, apesar de seu crescimento começar outra vez em agosto. Contudo não se deve dar muita importância a esse fato, visto que o *Wapiti*<sup>40</sup> e o rangífer conservam os chifres até a primavera. A diversidade do veado-do-pântano, diga-se de passagem, está ainda melhor caracterizada nos cascos, que, em virtude de seus hábitos semi-aquáticos, se encompridaram bastante como os dos antílopes dos pântanos africanos: o *lechwe* e o *situtunga*.

Quando mostramos a Miller os macacos, ele nos informou que as fêmeas é que cuidavam das crias novas e mais, ainda, que, quando o filhote é macho a mãe o cria sempre afastado dos machos adultos. Por outro lado, disse-nos mais que, entre os saguis, notou que os pais têm para com os filhotes o mesmo cuidado que as mães; e se a fêmea tiver dois filhos gêmeos, o pai geralmente traz um ao colo, quando não são os dois, às vezes.

Depois de andarmos por cerca de quatro horas, nossos camaradas se extraviaram, fazendo um círculo completo por três vezes consecutivas até que os conseguimos localizar orientados pela bússola. Ali pelo começo da tarde a chuva, que vinha caindo ininterruptamente havia quarenta e oito horas, cessou, e, uma hora ou duas mais tarde apareceu o sol. Voltamos para o rio onde encontramos nossa canoa. Dentro dela os cães – uma cainçalha multicolor e ordinária – o resto do pessoal atravessa ou para a outra margem, enquanto o Cel. Rondon e eu permanecemos na canoa, na expectativa de que algum tapir pudesse ser levantado e vir cair no rio. Entretanto, nenhum apareceu.

Kermit matou um caititu de coleira branca e eu uma capivara, justamente numa fase de muda de cor que os naturalistas ambicionavam.

Na manhã seguinte, 1º de janeiro de 1914, levantamo-nos às cinco horas, e tivemos um excelente almoço de Ano Bom com pão de bordo, presunto, sardinha e café, antes de sairmos para uma das costumeiras caçadas a pé. Tinha bastante receio de que a matilha não se prestasse para as caçadas de jaguares, mas, como havia dois ou três desses grandes gatos pintados na redondeza, valia a pena fazer uma experiência. Daí a umas duas horas encontramos rastros de dois e seguimos a trilha. O grupo era

---

40 *Cervus canadensis* (N. do trad.).

constituído pelo Cel. Rondon, Tte. Rogaciano – um excelente cidadão natural de Mato Grosso, de velha estirpe daquele Estado, dois outros senhores da fazenda de São João, Kermit e eu, além de quatro camaradas, vaqueiros também daquela fazenda. Verificamos logo que os cães por si só não podiam seguir as pegadas do jaguar e nem os camaradas, apesar dos chuços que levavam. Kermit era o único do grupo que possuía os requisitos necessários, isto é, rapidez, resistência e golpe de vista, e por isso tomou a vanguarda. Apenas dois cães conseguiram acompanhar o rasto, mesmo assim, no máximo, a seis passos na sua frente e somente dois dos camaradas puderam emparelhar com ele. Durante meia hora caminhamos no meio da selva espessa, com os terçados constantemente em ação. Depois, o rasto continuou pelo pantanal, pois o jaguar, à semelhança do veado dos pântanos, tem grande facilidade em nadar e em atravessar pauis. Dura foi a caminhada. O sol estava de fora e nós, banhados de suor. Os espinhos dos inúmeros cachos de uma pequena palmácea<sup>41</sup> feriam nossas carnes como se fossem agulhas. Picava-nos verdadeira multidão de mosquitos e formigas, sem que percebêssemos de onde saíam. E, ainda sob o terror dessas últimas, outra ameaça mais séria caiu sobre nós: grandes marimbondos vermelhos; capazes de inutilizar um homem com uma dúzia de ferroadas e até mesmo de matá-lo se for fraco ou estiver em estado precário de saúde. Seguimos pelo pantanal afora, ora atolados até o joelho, ora até os quadris. Por duas vezes tivemos mesmo que atravessar a nado sítios mais fundos<sup>42</sup> suspendendo as espingardas com uma das mãos. Maciços de gramíneas e ramos de plantas aquáticas flutuantes dificultavam os nossos movimentos, ora agarrando nossas botas, ora enlaçando-se em nossas armas. Como conseqüência desta dura prova, diga-se de passagem, o meu velho relógio, veterano de Cuba e África, cometeu uma falta lamentável: parou.

Prosseguimos a marcha, estorvados com o peso das roupas molhadas, ao mesmo tempo que as nossas botas encharcadas saíam dos pés à medida que caminhavamos. Não soprava a mais leve viração. No céu limpo, o sol estava quase a pino.

---

41 Tucum do pantanal – Palmácea de pequena altura, muito comum em Mato Grosso (N. do trad.).

42 Corixo é a palavra que exprime esses poços ou banhados, em Mato Grosso (N. do trad.).

Ondas de calor nos castigavam. Pelo começo da tarde, podia eu apenas caminhar lentamente e dois dos nossos companheiros ainda vinham em pior estado.

Kermit com os cães e os dois camaradas desapareceram em marcha veloz pelo pantanal. Finalmente, quando os perdemos de vista, sendo inútil segui-los, resolvemos voltar para o vapor. Os dois companheiros que estavam exaustos não puderam mais acompanhar-nos; deixamo-los debaixo de uma árvore. O Cel. Rondon e o Tte. Rogaciano não estavam muito cansados; eu estava bastante, mas ainda era capaz de caminhar algumas horas mais, embora em marcha lenta. Tomamos os três a direção do rio, onde chegamos às quatro e meia, depois de doze horas de dura caminhada, sem alimento algum. Entramos logo no vapor. Uma patrulha de socorro seguiu imediatamente à procura dos dois companheiros que ficaram, e, antes de os alcançar, lá Kermit voltava com seus cães e camaradas completamente esfalfados. Seguiu o rasto do jaguar, até que os cães não mais pudessem agüentar de cansaço, mesmo submetidos a um banho para reanimá-los.

\* \* \*

Um caçador com propósitos científicos, um caçador naturalista ou biologista, interessado em grandes mamíferos com matilha semelhante à que Paul Rainly usava quando caçava leão e leopardo na África, ou como as de Johnny Goff e Jake Bordh, com as quais eu cacei pumas, lincês e ursos nos montes Rochosos, ou ainda, como as dos fazendeiros do Mississípi e da Luisiana, com as quais também já cacei urso, gato-do-mato e veado nas macegas de canabrava do baixo Mississípi, não somente poderia gozar de grandes sensações nesses vastos pantanais do alto Paraguai, como ainda realizar trabalho de alto valor científico com relação a esses grandes felinos.

Apenas limitado número de naturalistas que têm trabalhado nos trópicos evidencia alguma experiência com as grandes feras, cuja biologia apresenta interesse singular. De todos os biologistas que seriamente têm estudado, no seu *habitat*, a fauna sul-americana, provavelmente Bates é um dos maiores. Parece, porém, pouco provável que tenha visto os animais com os quais os caçadores estão bastante familiarizados. Seu interesse, assim como o de outros biologistas de sua classe, foi despertado para outras direções. Por essa razão, ao jogarmos com a biologia dos grandes animais

de caça, tivemos que lançar mão ou das informações de fonte popular, nas quais se misturam invariavelmente observações acuradas e inteligentes com lendas grosseiras, ou então das notas esporádicas de algum viajante ou desportista sem o necessário conhecimento prático do assunto. Nos últimos tempos tem aumentado o número de caçadores de grandes animais e desportistas, à semelhança de Schilling, Selous e Shiras. Esses homens vêm realizando trabalho de alto valor científico. O tipo de caçador-magafeife tende a desaparecer. De outro lado, o caçador de grandes animais, que seja bom observador ou naturalista de campo, ocupa atualmente posição de mais relevo do que nunca, pois está fora de dúvida que pode realizar trabalhos que ao naturalista de gabinete se tornam impraticáveis. Para estes e para os estudiosos da biologia dos grandes mamíferos, a América do Sul é um maravilhoso campo de realizações.

\* \* \*

As formigas-de-fogo, a que atrás me referi, vivem, geralmente, numa espécie de planta arbustiva, de tronco verdeoengo.

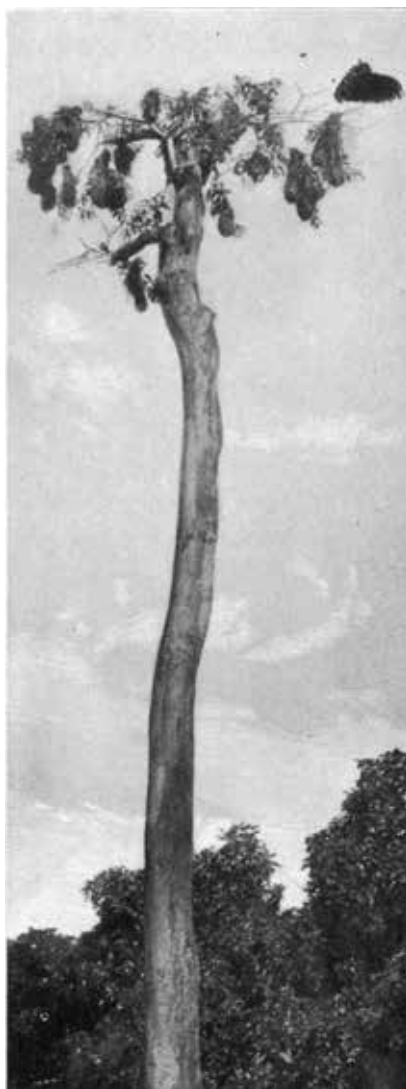
Arqueiam todo o corpo quando dão a picada. Poucos segundos depois, o seu veneno provoca dor bastante forte, e a ferida, mais tarde, pode transformar-se em pequena ulceração. Existe, certamente, uma diversidade extraordinária de fatores com os quais a natureza consegue a perpetuação das espécies. Entre os insetos predadores e agressivos, por exemplo, o destemor é, em muitos casos, de tal ordem, que os tornam praticamente indiferentes ao perigo. Em outros casos, a prática desta prerrogativa pode ocasionar o sacrifício da vida do seu possuidor. Há marimbondos que devoram aranhas terríveis, agindo com tal habilidade instintiva que tiram à presa qualquer possibilidade de defesa ou revide, capturando-a e paralisando-a com infalível segurança e superioridade absoluta.

Por sua vez, as formigas guerreiras, inclusive os soldados, mesmo entre as térmitas, se atiram loucamente à aventura de uma *sucessão* que significa o seu aniquilamento, e a condição de êxito resume-se à indiferença absoluta pela sua própria vida. Provavelmente, a maioria das formigas que se lança ao inimigo corre risco de vida, mas não se limita apenas a esse risco, parecendo mesmo desafiar avidamente a morte.

\* \* \*



*Um ninho de jaburu.*



*Ninhos de corrupião.*



No dia seguinte, descemos o rio São Lourenço até sua junção com o Paraguai, e, uma vez mais, começamos a subida deste último. Em um rancho de gado onde paramos, corrupiões ou grandes “encontros” pretos e amarelos tinham construído um vasto ninho numa árvore morta, nas proximidades do primitivo rancho.

Era época de criação, e os pássaros adultos alimentavam os filhotes. Pela redondeza, os naturalistas avistaram muitas aves até então deles desconhecidas, inclusive um minúsculo pica-pau, do tamanho de um papa-mosca de topete vermelho. Capturaram também dois macacos noturnos, que são menos ágeis do que os comuns; foram encontrados, retardatários, já de madrugada. Nestes rios, as madrugadas são muito agradáveis e a essa hora já se podem ver os pássaros e animais despertos.

Certa manhã, deparamos belíssimo veado-dos-pântanos, que nos encarou de cabeça alçada, exibindo a pelagem vermelha luzidia, que contrastava com verde da vegetação. Um outro se pôs a nadar na frente do nosso barco e eu o alvejei em excelentes condições de mira, no momento com que alcançava a margem, porém, sem êxito.

É curioso notar-se que o colorido vermelho do veado-do-pântano, assim como de muitos outros veados, não se harmoniza com a tonalidade da paisagem que os circunda, colocando-os em destaque, como verdadeiro anúncio, ao invés de protegê-los, segundo acontece com a cor de outros animais. Quando agitava a cauda ereta, exibia o facho negro que ainda mais o distinguia, embora não tão marcadamente como se verifica com o veado de cauda branca. Uma das variedades do veado de cauda branca, que tem o hábito normal de levantar esse apêndice quando corre, é encontrada nas imediações dos sítios pantanosos. Tem os mesmos inimigos que o veado-do-pântano. Evidentemente, a exibição da cauda, branca ou preta, em nada influi no sentido de protegê-lo contra seus inimigos. Qualquer observador competente ficará surpreendido pelo fato de que a maioria das espécies de grandes animais de caça, não apresenta colorido que os proteja e sim, ao contrário, pelagem de cor que os expõe de maneira muito nítida. Além disso, se as manchas e estrias de pelagem que se veem nos animais novos são

coloração ancestral<sup>43</sup>, e se, como parece provável, essas manchas e riscas têm, de um modo geral, qualquer significação protetora, é evidente que na biologia de muitos desses grandes mamíferos, quer entre os de presa, quer entre os vermes, o caráter cor não é fator de sobrevivência. Através das idades, eles vêm perdendo gradativamente essa característica, se é que a tiveram em outros estágios, em favor de um colorido que, nas condições atuais, em nada os protege, e, sim, ao contrário, os denuncia. De qualquer forma, esses sinais de pelagem nunca poderiam ter representado, qualquer que fosse o “complexo ambiental”, características de defesa, através da evolução das espécies.

Na verdade, é surpreendente notar-se, quando se observam as grandes feras, as grandes aves lacustres e outros pássaros aquáticos em seus *habitats*, que o seu colorido berrante, nenhum perigo constitui de fato, para eles. Evidentemente, vários outros fatores de sobrevivência, como hábitos, e, em muitos casos, os refúgios e abrigos, etc., são de tal importância, que nenhum valor se deve atribuir à cor, a não ser muito raramente, como fator de proteção.

A confluência do rio São Lourenço com o Paraguai fica a um dia de viagem de Corumbá. Dessa cidade parte um serviço regular de pequenas embarcações para Cuiabá, que fica num braço do rio, e para São Luís de Cáceres, que fica no outro. Esses barcos são muito lentos e a viagem é feita em uma semana. Há outros braços do rio que são também navegáveis. Para além de Cuiabá e Cáceres, pode-se viajar em lanchas durante muitos dias, exceto na época mais acentuada das secas. Ao norte desta planície apaulada está o grande planalto, onde as noites são frescas e o clima é saudável. Mas, quero afirmar, com ênfase, que essas planícies pantanosas, apesar de quentes, são também saudáveis; e mais ainda, que os mosquitos, em muitos lugares, não chegam a constituir perigo sério, embora sejam necessários mosquiteiros durante a noite. A região é muito propícia à colonização e oferece extraordinárias possibilidades de criação de gado. Ademais, é verdadeiro paraíso para as aves aquáticas e muitas outras espécies de pássaros e de mamíferos. Trata-se de região perfeitamente ideal para um naturalista nela permanecer seis meses ou um ano;

---

43 Recapitulação da vida ou “princípio ontobiogenético” de Fritz Müller (N. do trad.).

é acessível e oferece campo de ação quase virgem, onde a vida se mostra saudável e acentuadamente atraente. O cientista deverá dispor de uma lancha a vapor; com ela poderá transportar-se, confortavelmente, para todas as partes da região, desde o sul de Coimbra até o norte de Cuiabá e Cáceres. Nesta região, dever-se-á encontrar grande cópia de material para coleção (não se deve permitir o sacrifício de alguns animais pela simples satisfação de matá-los), pois tem sido estudada apenas muito superficialmente, sobretudo, no que se refere a mamíferos. Porém, se o trabalho for realizado somente no sentido de colecionar espécimes, a parte mais importante seria desprezada.

Oferece ainda, a região, extraordinária oportunidade para o estudo da biologia de aves, que, pelo tamanho, beleza e hábitos, são de excepcional interesse. Todos os problemas poderiam ser abordados. Por exemplo, na manhã do dia 3, quando subíamos o rio Paraguai, víamos freqüentemente, nas árvores marginais, grandes ninhos feitos de gravetos, em torno ou dentro dos quais se encontravam inúmeros periquitos. Alguns traziam no bico pedacinhos de pau. Em alguns desses grandes ninhos circulares, poder-se-iam abrir diversos buracos de entrada e saída. Aparentemente, os periquitos estavam construindo ou remodelando tais ninhos-colônias, porém, não posso afirmar se os mesmos eram de sua construção ou se eles se haviam aproveitado para modificá-los ou aumentá-los. Tanta coisa havia de interesse ao longo das margens do rio, que nosso desejo era o de sempre estacionar alguns dias em cada lugar. Pela manhã e à noite, bandos de biguás e aningas em promiscuidade, cobriam completamente a copa de certas árvores. Apesar de não estarmos em plena floresta, mas apenas em uma franja de mata perlongando as margens do rio, freqüentemente víamos macacos – ágeis macacos comuns – e macacos-pretos-chorões – de movimentos mais lentos. Encontramos jacaretingas e capivaras, sentadas essas, nas areias marginais, em plena camaradagem. À noite, ouvíamos ruídos de asas dos patos-bravos, que naquele ponto eram os mais comuns, embora existisse também abundância de marrecos.

Sob o clarão de uma lua de cera, sentávamo-nos na parte da frente do tombadilho, gozando o frescor das noites agradáveis. As anhumas eram as aves que mais se faziam notar. Barulhentas e confiantes, pousavam

sobre a copa das árvores e não nos galhos internos, como as outras. Essas aves, que facilmente se domesticam, deviam ser protegidas por lei.

Do próprio barco podíamos apreciar belíssimas orquídeas, nas árvores ribeirinhas.

Certa tarde, nos detivemos na sede da grande e longínqua empresa Brasil Land and Cattle Company<sup>44</sup>, (Sindicato Farquhar), sob a direção de Murdo Mackenzie – cidadão e criador que não encontraríamos melhor nos Estados Unidos. Há nesta fazenda cerca de setenta mil cabeças de gado. Fomos calorosamente recebidos por Mc Lean, administrador da fazenda, e pelo seu assistente Ramsey, velho amigo do Texas. Entre os outros auxiliares, todos muito cordiais, havia alguns belgas e franceses. Os trabalhadores eram paraguaios e brasileiros e uns poucos índios<sup>45</sup>. Formavam um grupo disposto; todos conduziam armas que sabiam manejar com habilidade, de vez que a fazenda não dispunha de outro meio de defesa contra ladrões de gado, que, atravessando constantemente a fronteira da Bolívia, davam margem a refregas repetidas. Os vaqueiros eram do tipo com o qual já estávamos bastante familiarizados: pele bronzeada, magros, mal-encarados, chapéus deformados, camisas e calças surradíssimas, avental de couro com franjas e pesadas esporas nos pés descalços. São excelentes cavaleiros e laçadores e não têm medo de homens nem de feras. Notei que um índio vaqueiro se achava justamente na posição muito usada pelos *schillucks*<sup>46</sup> do Nilo Branco, isto é, com a sola de um dos pés assente sobre a outra perna logo acima dos joelhos.

Aquela região apresenta possibilidades extraordinárias para a criação de gado.

Havia na fazenda curtume, açougue, oficina de latoeiro, igreja, e vários outros prédios com todos os graus de conforto, destinados às trinta ou quarenta famílias que ali faziam sua moradia, além da grande e bela casa de dois pavimentos, na margem do rio, que, entre limoeiros e *flamboyants*,

---

44 Fazenda do Escalvado.

45 Bororos da campanha (Notas do trad.).

46 Tribo negra do este do Sudão, ocupando a margem esquerda do Nilo Branco. São pastores e agricultores. *Schilluck* é seu nome na língua *dinka* (N. do trad.).



*Biguás e anhingas*

*Pela manhã e à noitinha, bandos de biguás e anhingas, em promiscuidade, cobriam completamente a copa de certas árvores...*

exibia a brancura de suas paredes. Encontravam-se ali, todas as espécies de bichos domesticados que serviam de distração ao pessoal. Dentre esses, destacava-se um veadinho com malhas brancas, sempre ávido de afagos. Meia dúzia de mutuns e jacus perambulava pelas dependências da casa; havia também papagaios de diversos tipos. Pelas imediações, quatro a cinco garças permitiram que delas nos aproximássemos, até poucos passos, para só então voar graciosamente, regressando, logo em seguida, ao mesmo sítio. Nessa família se incluem espécies grandes e brancas, outras brancas e pequenas, algumas esverdeadas e ainda outras cor-de-pérola, com parte da cabeça preta e bico furtacor. Estas últimas têm voo célere e movimento de asas em rápido compasso, diferente do voo gracioso e lento da maioria das garças.

No armazém se encontravam pilhas de peles de onça, puma, jaguatirica, jaguarundi, jaguar, e uma grande pele de lobo vermelho. Eram adquiridas dos vaqueiros e dos índios mansos, por preço de acordo com a cotação e cada uma à medida que iam sendo retiradas. Os jaguares, vez por outra, matavam cavalos e vacas, mas nunca vitimavam os touros. Os pumas preferiam os bezerras. As outras espécies de felinos só de raro em raro apresavam algum terneiro, pois de ordinário davam preferência aos carneiros, leitões e galinhas. Vimos também a pele de um jaguar preto.

O melanismo é muito mais comum nos jaguares do que nos pumas, apesar de que Miller viu, certa vez, um puma preto abatido por um índio. O colorido da pele do jaguar e especialmente o da jaguatirica mostram grande variabilidade, não se encontrando duas perfeitamente iguais. As dos pumas eram, na maior parte, vermelho-claro, porém algumas tinham coloração vermelho-pardo, semelhante ao dicromatismo dos espécimes similares do Colorado. As peles dos jaguarundis eram de um pardo castanho-escuro. Todos esses animais, jaguar malhado, jaguar preto, pumas vermelhos e jaguarundis pardo-escuros, foram abatidos no mesmo local, sob as mesmas condições de ambiente. Bastariam um golpe de vista sobre essas peles e um momento de reflexão, para revelar ao observador consciencioso que o colorido desses animais não pode ser considerado fator de sobrevivência, mesmo porque as peles malhadas, tanto quanto as pretas, vermelhas e pardo-escuras, ofereceram equivalente grau de proteção aos seus portadores.

A compleição dessas feras era igualmente boa, demonstrando que as possibilidades de vida e de desenvolvimento de cada uma delas, isto é, o sucesso em capturar a presa, em coisa alguma foram afetadas pelos diversos coloridos. Excetuando-se o branco, não há outra cor tão visível quanto o preto e, no entanto, o jaguar preto tinha sido um belo e vigoroso animal. A pelagem malhada, nas florestas e talvez mesmo nos pantanais, que são frequentemente procurados pelos jaguares, é provavelmente proteção menos eficaz do que o vermelho e o pardo inteiriços, não obstante o puma e o jaguarundi serem justamente os mais difíceis de se revelarem e, por consequência, de mais facilmente capturarem a presa do que o jaguar e a jaguatirica. O veadinho, de que falamos linhas atrás, tinha malhas brancas que desaparecem quando adulto. Se servissem realmente para proteger seu possuidor, torna-se evidente que a natureza assim não as considerou, eliminando-as no decurso da evolução das espécies, dado o seu mínimo valor homocrônico. Quando observamos os grandes felinos e o veado, concomitantemente com cães, antas, caimitus, capivaras, e tamanduás, participando todos dum mesmo ambiente, e ainda as diferenças entre veados, antas e suas respectivas crias (veados e antas quando adultos modificam completa ou parcialmente as malhas e listas ancestrais), torna-se evidente que, quer na fase atual, quer durante o desenvolvimento ancestral dos grandes mamíferos da América o Sul, a cor nunca foi nem tem sido um fator de sobrevivência. Qualquer cor de pelagem pode favorecer o desenvolvimento de qualidades e atributos que representem fatores de proteção. Na verdade, é difícil de se acreditar que, no seu *habitat*, tais cores como o vermelho vivo do veado-do-pântano, o preto retinto do jaguar e o preto com manchas brancas do grande tamanduá, não sejam positivamente qualidades prejudiciais aos seus portadores. Todavia, isto não é o que se observa.

Evidentemente, outros fatores de sobrevivência das espécies são de tão mais acentuada relevância, que a cor da pelagem se torna quase inapreciável sob este aspecto.

Os gatos como que deslizam pelo chão quando rastejam a presa. Tiram vantagem da mais insignificante parcela de qualquer anteparo. Movem-se com extraordinária leveza e paciência. Outros animais que tentam rastejar de tal maneira com o intuito de se ocultar, não chegam a atingir a perfeição do gato. Prudência, astúcia, a faculdade de se imobilizar à vista da

mais leve suspeita de perigo e a habilidade de tirar vantagem de qualquer anteparo, tudo isto é de suma importância. Nas planícies descampadas, pantanosas ou não, qualquer objeto, colocado ao nível da grama, é visto imediatamente. O veado-do-pântano, quando nessas condições, não faz o menor esforço de se ocultar; sua única preocupação instintiva é avistar o inimigo a tempo de se pôr a salvo do perigo. O veado mateiro tem sempre o instinto de se ocultar nas moitas. O caititu de queixada branca parece não se preocupar muito em fazer ruído ou em se imobilizar a fim de não se deixar ver; confia no seu hábito gregário e na ferocidade, como armas de defesa. O de coleira também tem confiança em sua ferocidade, porém procura sempre um ponto de apoio de onde possa enfrentar o inimigo, usando os seus terríveis dentes. Quanto ao tamanduá gigante, em que pese o seu ânimo de lutar, sinto-me absolutamente incapaz de compreender como esse desajeitado e vagaroso desdentado conseguiu atravessar as idades e proliferar num ambiente de pumas e jaguares! De um modo geral, os animais que procuram ocultar-se confiam sobretudo no faro para descobrir o inimigo ou a presa, e somente atentam no que esteja em movimento.

\* \* \*

Na manhã de 5 de janeiro deixamos a região pantanosa. Aqui e ali já se apresentavam pequenas colinas e a terra se revestia de densas florestas. De espaço a espaço passávamos por pequeninas clareiras em que se viam ranchos de palmáceas. Aproximávamo-nos de Cáceres, onde a etapa mais fácil da viagem terminaria. Tínhamos tido bastante conforto em nosso pequeno barco. A alimentação era farta e bem feita. À noite dormíamos em leitos e macas no tombadilho.

Raramente os mosquitos nos molestavam, mas as mutucas, durante o dia, nos buscavam com assiduidade.

A vida alada era maravilhosa! Uma das mais pitorescas cenas que constantemente apreciávamos era o desfile de cabeças e pescoços que os biguás e biguatingas projetavam sobre a água, enquanto mantinham o corpo submerso, até que, à aproximação do nosso barco, desapareciam em mergulhos.

Gaivotas de bico comprido e andorinhas-do-mar em quantidade viam-se ali, bem no coração do continente! Além do quero-quero,



um dos mais interessantes e característicos habitantes alados da maior parte da América do Sul, encontramos a pequena gaivota de canela vermelha, que vive e prolifera também nos trópicos. Nota-se extraordinário contraste entre espécies tão afins. Entre gaivotas e albatrozes há alguns que vivem quase o ano inteiro no mesmo sítio, nas regiões tropical e subtropical; outros frequentam todos os cantos do Universo, ora nas regiões árticas ou frio-temperadas do extremo norte, ora nas regiões frio-temperadas do sul.

Os últimos, de largo vôo, que são vistos nas praias do mar e margens dos rios, passam grande parte da vida em regiões de dias quase eternos. Permanecem, durante a época de criação – que é o verão, no norte – na terra do sol da meia-noite, dos longos dias árticos. Voam então por distâncias intermináveis; atravessam a zona temperada do norte, cruzam o equador, passando por terras em que os dias e as noites são de igual duração; e, já em outro hemisfério, vivem novo verão de dias longos e longos crepúsculos no extremo sul, refrigerados pelos ventos antárticos, enquanto seu pouso de nidificação, na outra ponta do hemisfério, jaz sob a férrea mortalha da desolação, dentro da noite polar.

\* \* \*

Na tarde do dia 5 alcançamos a linda e antiquada cidadezinha de São Luís de Cáceres, nos confins da região habitada do Estado do Mato Grosso, e última cidade que veríamos antes de alcançarmos as povoações do Amazonas. Nas suas proximidades passamos por uma lavadeira preta e seminua nas margens do rio. Os homens, com a banda de música local, estavam agrupados no começo da ladeira íngreme da rua principal, onde o vapor atracou. Grupos de senhoras e moças claras e trigueiras olhavam-nos do mirante; seus vestidos e corpetes eram vermelhos, azuis, verdes, de todas as cores... Sigg, que nos havia precedido com a maior parte da bagagem, veio ao nosso encontro numa lancha a motor improvisada – uma espécie de chalana em que ele adaptou o nosso motor Evinrude; estava proporcionando a diversos cidadãos da localidade delicioso passeio fluvial. As ruas da pequena cidade, desprovidas de calçamento, tinham passeios estreitos, de tijolos. As casas, de um só pavimento, eram brancas ou azuis, com telhas vermelhas e postigos de grades de madeira, de velho estilo colonial, copiado pelos cristãos e mouros de Portugal dos seus antepassados árabes.

Belos rostos, uns morenos, outros claros, olhavam das janelas; suas avós, em passadas gerações, deviam ter olhado também de janelas semelhantes em remotos dias coloniais. Porém, agora, mesmo ali, em Cáceres, o espírito do Brasil novo despertava; uma ótima escola oficial foi inaugurada e tivemos o prazer de conhecer o seu diretor, homem dedicado que realizava excelente trabalho, e era um dos muitos professores que, no decorrer desses últimos anos, vieram de São Paulo, centro do novo movimento educativo que muito tem feito em prol do Brasil.

O pe. Zahm foi passar a noite com os irmãos franciscanos franceses, seus colegas de Ordem. Eu dormi na residência confortável do Tte. Lira: uma casa tropical com paredes espessas, grandes portas e vasto alpendre com grades. O Tte. Lira seguiria conosco na expedição; era velho companheiro de excursão do Cel. Rondon. Visitamos uma ou duas lojas para fazer as últimas compras e à noite perambulamos pelas ruas escuras e jardins da praça; as senhoras e moças se aglomeravam nas portas da rua ou nas janelas, e de espaço em espaço um instrumento de cordas ressoava na escuridão. De Cáceres para diante estávamos entrando no cenário de atuação do Cel. Rondon. Durante dezoito anos ele se dedicara à exploração e instalação de linhas telegráficas através da parte este e nordeste do grande estado florestal, o estado das selvas, ou do “mato grosso” ou, ainda, como diriam os australianos, o “bosque”.

Em 1907 começou ele a penetrar nas regiões desconhecidas do norte e do oeste.

Foi o chefe das expedições de exploração do Governo brasileiro que palmilhou, pela primeira vez, essas regiões; fez o primeiro levantamento dos cursos d’água que correm para as nascentes do Tapajós e Madeira, dois poderosos afluentes do Amazonas, e foi quem construiu as linhas telegráficas através do Madeira, onde uma série de colônias brasileiras, ligadas por vapores e estradas de ferro, prosperam novamente. Por três vezes penetrou nessas selvas absolutamente desconhecidas, ausentando-se de uma feita, por um ou dois anos, sofrendo as mais duras provações até atingir o Madeira e completar a linha telegráfica. Os oficiais e soldados do Exército brasileiro e os cientistas que o acompanharam partilharam dos sofrimentos e das honras dessa tarefa. Alguns de seus homens morreram de beribéri; outros foram sacrificados ou feridos pelos índios; ele mesmo quase morreu

de febre; sua comitiva aos poucos se reduzia por inanição, doenças e cansaço. No trato com os selvagens, mostrou um conjunto de atributos: intrepidez, prudência, senso, paciência e benignidade. Como consequência, os índios, posteriormente, tornaram-se seus fiéis amigos, guardando as linhas telegráficas e ajudando aos poucos soldados que lá ficavam destacados nos pequenos postos isolados e distanciados uns dos outros.

Ele e seus assistentes exploraram e fizeram o levantamento, pela primeira vez, do Juruena e Ji-Paraná, dois afluentes importantes do Tapajós e do Madeira, respectivamente. O Tapajós e o Madeira, como o Orenoco e o rio Negro, foram durante alguns séculos as principais vias de penetração da região. O Madeira (e mais tarde o Tapajós) foi a principal via de acesso, há século e meio, das pequenas colônias portuguesas dessa região mediterrânea do Brasil; uma dessas pequenas cidades, denominada Mato Grosso, foi a antiga capital da província. De há muito abandonada pelo governo e praticamente também por seus habitantes, as ruínas do palácio, da fortaleza e da igreja encontram-se atualmente dominadas pela vegetação luxuriante da selva tropical. As embocaduras dos afluentes principais desses rios eram, em geral, muito conhecidas. Porém, apenas essas, pois os rios propriamente ditos eram completamente desconhecidos e se encontravam nos mapas por mera conjectura.

O Cel. Rondon verificou, por exemplo, que o curso do Ji-Paraná constava nas cartas geográficas com uma diferença de dois graus fora de sua posição normal. Ele, com sua comitiva, foi quem primeiro descobriu suas nascentes, como foi o primeiro a atravessar seu alto curso e a determinar sua extensão nas cartas geográficas. Também ele e seus auxiliares realizaram idêntico trabalho sobre o Juruena, descobrindo suas nascentes e alguns dos seus braços, desenhando pela primeira vez o traçado verdadeiro desse rio até a sua embocadura no Tapajós. Nas proximidades do *divortium aquarium* dos rios Juruena e Ji-Paraná, estabeleceu ele a sua estação mais afastada do oeste, denominada José Bonifácio, em homenagem a um dos grandes patriotas e estadistas do Brasil. A uns dois dias de marcha para o noroeste dessa estação, atravessou Rondon, em 1909, certo ponto de um rio que corria para o norte entre o Ji-Paraná e o Juruena. Então mal podia conjecturar onde tal rio iria desaguar; provavelmente no Madeira ou talvez no Ji-Paraná ou no Tapajós. A região banhada por esse rio era desconhecida

e ainda não penetrada por homem civilizado, assim como ignorado era o seu curso e por essa razão traçou-o no mapa por conjectura, dando-lhe a denominação significativa de rio da Dúvida. Entre os oficiais do Exército brasileiro e os cientistas que o acompanharam, havia cartógrafos, fotógrafos e telegrafistas, assim como astrônomos, geólogos, botânicos e zoólogos. Seu relatório, feito publicar pelo Governo brasileiro em magnífica impressão, constitui uma série de volumes de alto valor, que dignifica os seus realizadores e honra ao próprio governo. As narrativas do Cel. Rondon pessoalmente feitas a respeito das explorações, das tribos de índios que visitou, e das maravilhosas coisas que viu, possuem um cunho de especial encanto.

.....

## *Capítulo V*

### SUBINDO O RIO DAS ANTAS

**D**EPOIS DE deixarmos Cáceres, subimos o Sepotuba, que no dialeto indígena local significa – rio das Antas. Este rio é navegado por vapores de maior calado, somente nas cheias. Suas águas, claras e velozes, descem do planalto através de florestas tropicais.

Na margem direita e em alguns pontos da esquerda prados e pastagens naturais substituem a floresta; num desses sítios, a sessenta ou setenta quilômetros acima da embocadura do rio, encontra-se uma grande fazenda de gado denominada Porto Campo. Aí fomos obrigados a parar, porque a lancha e as duas pranchas (barcos regionais com pequena cobertura no tombadilho), que vinham a sirga, não comportavam toda nossa comitiva e respectivos petrechos. Por essa razão, a maior parte da bagagem e alguns membros da comitiva seguiram na frente até o ponto em que íamos encontrar com o nosso comboio em Tapirapoã. Nesse ínterim tivemos que fazer o primeiro acampamento em Porto Campo, até o regresso das embarcações. As barracas foram armadas em linha, ficando a do Cel. Rondon e a minha e de Kermit bem no centro, uma ao lado da outra. Defronte delas, em altos mastros, foram içadas as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos

e todos os dias, de manhã e à tarde, eram hasteadas e baixadas ao som de clarins, ficando todos perfilados. Armou-se o acampamento junto às casas da fazenda. Nas árvores próximas das barracas, medravam magníficas orquídeas lilases.

Grande era o número de pássaros, em torno de nós, muitos deles, porém, Cherrie e Miller, muito mais do que eu pudeam apreciar centenas e centenas dessas aves. Havia desde araras multicores, verdes periquitos e grandes cucos<sup>47</sup> gregários, até o maçarico verde-castanho de menos de 13 centímetros de comprimento e uma minúscula saíra verde-laranja, menor do que qualquer avezinha que já tinha visto, exceto o colibri; vimos também um pássaro que era realmente homocrônico, uma espécie de noitebó. A razão por que este pássaro mantém a cabeça em constante balanço é um problema que mesmo um naturalista arguto dificilmente poderia resolver. Encontramos caxinguelês de ventre cor de laranja, com vistosas caudas da mesma cor. Lagartos eram comuníssimos. Matamos a primeira cobra venenosa (a segunda que tínhamos visto), uma terrível jararaca que nadava nas águas do rio. Vimos também uma outra não venenosa, pintalgada de preto e amarelo, com cerca de 2,40m de comprimento da mesma família da muçurana, segundo nos informaram, e ainda muitas outras.

Certo dia, enquanto remávamos na expectativa de que os cães forçassem alguma anta para dentro d'água, fomos, ao invés disto, surpreendidos com o aparecimento de dois pequenos veados-catingueiros, que se atiraram ao rio, perseguidos pela matilha.

Não nos deram oportunidade de alvejá-los, de sorte que tivemos de capturá-los a laço, dado o interesse dos naturalistas por aqueles exemplares e a nossa necessidade de carne... Um de nossos homens foi picado por um grande maribondo vermelho, o que o impossibilitou de qualquer atividade durante 24 horas, com fortes dores. Numa lagoa próxima, dois cães tiveram as caudas mutiladas por piranhas: alguns trabalhadores da fazenda contaram-nos, então que um cão de caça, a eles pertencente, havia sido também mutilado e inteiramente devorado por aqueles terríveis peixes. Essas ocorrências vieram demonstrar mais uma

---

47 Parece que o autor se refere ao anu-branco (N. do trad.)

vez a sua diversidade de temperamento e maneira de agir, pois em outras águas as piranhas não nos molestaram e nem sequer, aos cães. Variam de agressividade de acordo com o local, justamente como acontece com os tubarões e os crocodilos.

\* \* \*

Na manhã de 9 de janeiro, saímos para uma caçada de anta. Essas caçadas são realizadas em canoas porque, embora as antas vivam nas selvas, procuram incontinênti a água quando perseguidas.

Nessa região, antes de se atingir o rio, há extensos brejais revestidos de papiros e grandes lagoas, onde as antas quase sempre se refugiam. Em tais sítios era difícil dar-lhes caça; a melhor maneira seria permanecer nas canoas e remarmos na direção em que ouvíssemos o ladrido da matilha. Saímos em quatro canoas, das quais três não passavam de pirogas de índios, com a borda rente à água. A restante era a nossa canoa canadense, uma maravilha: leve, segura, espaçosa, feita com peças finíssimas de madeira e revestida de lona. O Cel. Rondon, Fiala com sua câmara, e eu tripulávamos esta última, além de dois remadores. Estes eram da classe mais humilde e bons homens. O que remava a proa era quase branco e o da ré, o melhor deles, era negro e demonstrava mais forte personalidade.

As demais canoas conduziam alguns fazendeiros e proprietários que tinham vindo de Cáceres com seus cães.

Eram pilotadas por índios e mestiços; mas, os fazendeiros, que eram quase brancos, de quando em vez também remavam e o faziam vigorosamente. Todos trajavam mais ou menos do mesmo modo, havendo apenas uma diferença, isto é, os camaradas, gente mais pobre, traziam o seu quase em farrapos. Nenhum deles usavam mais que a camisa, calças e chapéu, estando todos descalços.

Quando a cavalo, traziam sempre longas perneiras de couro que eram como que verdadeiras botas sem sola e mesmo descalços usavam esporas nos pés coriáceos. Notava-se verdadeira graduação de cores entre pretos, índios e brancos. Nas camadas sociais mais elevadas geralmente se percebia maior quantidade de sangue branco; entre os camaradas eram comuns negros e índios, embora houvesse algumas exceções, o que, entre-

tanto, em nada influía em suas relações sociais. Todos eram corteses e se tratavam amigavelmente.

Os cães, a princípio, foram levados nas canoas e mais tarde soltos nas margens.

Subimos contra a rápida correnteza durante umas duas horas, a boa velocidade. As pás dos remos eram providas de ponta apropriada para evitar as barrancas do rio. A floresta tropical se apresentava compacta como uma parede; as árvores mais altas estavam entrelaçadas de cipós, e por entre os troncos se estendia uma vegetação rasteira e densa. Em muitos pontos somente se podia penetrar fazendo uso do facão. Com poucas exceções, as árvores eram, para mim, desconhecidas e seus nomes regionais em nada me esclareciam.

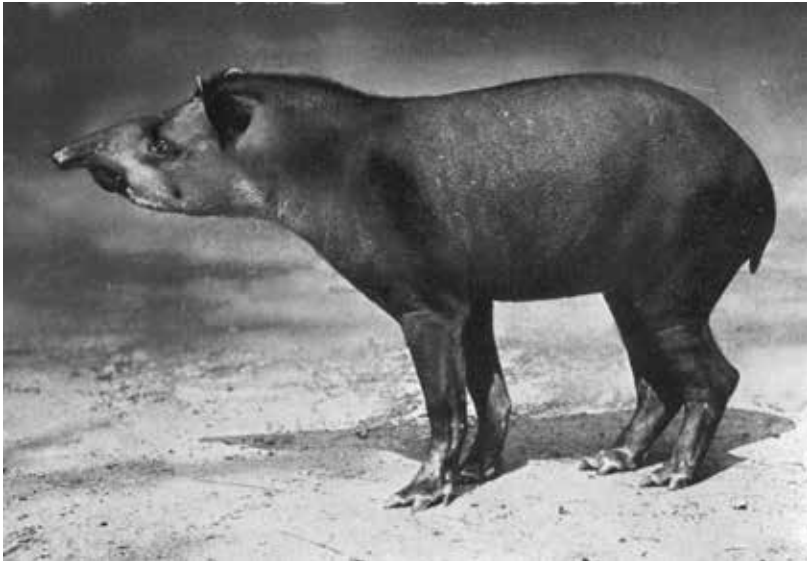
A maioria delas exibia uma folhagem espessa e entre as exceções a que me referi, achavam-se as embaúbas, que dão preferência às terras de aluvião recente, despidas de outras árvores, e cujas folhas, segundo fui informado, são o alimento preferido das preguiças. Vimos, por entre as árvores, um ou dois esquilos e um bando de macacos. Havia poucas praias no rio e nenhuma ave aquática se mostrava, exceto um ou outro biguá. Mas quando remávamos sob os galhos pendidos, cujas pontas mergulhavam na água encrespada junto das barrancas, espantávamos constantemente pequenos bandos de morcegos. Dependuravam-se dos ramos sobre as águas e à nossa aproximação fugiam em rápidos ziguezagues, bem à nossa frente, voltando logo em seguida a se ocultarem, por entre os ramos. Afinal atingimos um ponto em que a floresta começava a rarear, e era então quase exclusivamente formada de palmáceas. Era um lindo trecho de floresta! O Cel. Rondon pôs-se a vagar por ali durante cerca de uma hora e regressou trazendo um esquilo para os naturalistas. Nesse ínterim, eu e Fiala seguimos por entre as palmeiras até deparar-nos um brejo coberto de papiros.

Notavam-se vários trilhos na mata, sobretudo nos limites com o brejo; embora fossem caminhos naturalmente pisados pelo gado, havia também rastros de antas e de cervos. Os sinais da pata da anta são muito parecidos com os do rinoceronte ainda novo, pois que ambos são ungulados. Ouvíamos, de quando em quando, os latidos dos cães, espalhados, a correr por vários trilhos. Tratava-se de um matilha de rafeiros ordinários.





*O grande comedor de formiga (tamanduá-bandeira)*



*A anta sul-americana ou tapir.*

Só serviam para a caça de antas, veados ou qualquer outro animal, quando os rastros se mostravam visíveis. Não eram valentes, mesmo para com animais inermes, e, pois, absolutamente incapazes frente a qualquer animal feroz.

Quando nos achávamos no brejo, ouvimos o ruído de pisadas que provinham de uma das trilhas. De repente surgiu um veado enorme, belo e gracioso tipo de animal. Assim que nos viu, fez alto e voltou rápido nos cascos, sem dar tempo de mira; mas, pouco depois ainda, conseguimos avistá-lo de relance, em louca disparada, por entre o bosque. Coloquei-me, então, num claro entre duas palmeiras. Por felicidade, o veado surgiu exatamente naquele ponto, bem em frente, permitindo-me preparasse para atirar. Ao estampido, o cervo respondeu com um pulo, tombando morto, tendo a bala, que era de “ponta de umbela”, penetrado na paleta indo quebrar-lhe o pescoço. A extremidade da bala, com a sua forma de chapéu de sol, localizou-se debaixo da pele do pescoço, quase espontando. É um excelente tipo de projétil.

Miller interessava-se, sobretudo, pelos diversos tipos de veados-catingueiros, pois que não estavam ainda bem definidos os caracteres típicos de cada variedade. Tratava-se, no caso, de um macho já bem velho.

Tinha a armação sem esgalhos, medindo de 12 a 15 centímetros de comprimento; eram chifres velhos e esbranquiçados, que deveriam sofrer a muda dentro em breve. No seu estômago havia resíduos de folhas e de capim, sobretudo das primeiras, denotando que tanto se alimentava de folhas de arbustos como de gramíneas.

Encontramos também algumas sementes, porém não se tratava de bagas ou nozes, como já havia encontrado, algumas vezes, em estômagos de veados. Os animais desta espécie, aliás muito comuns na região, são de hábito solitário, não sendo vistos em bandos. Na ocasião já havia passado o período da berra e os machos não mais procuravam as companheiras já fecundadas e naturalmente apartadas as crias desmamadas de sorte que machos e fêmeas viviam isolados. Habitualmente esses cervídeos procuravam a água quando perseguidos. O instinto de procurar a água, aliás, diga-se de passagem, é perfeitamente explicável nos veados e antas, uma vez que nela encontram segura proteção contra seus

inimigos naturais; no entanto, a circunstância de o jaguar, incontínenti, galgar árvore como medida de defesa contra cães de caça, não deixa de ser um pequeno quebra-cabeças, pois que, somente em épocas passadas, seria natural que se vissem obrigados a recorrer às grimpas de árvores fugindo a seus inimigos naturais, nos seus *habitats* de então. É possível, porém, que este hábito se tenha conservado devido aos grandes javalis, dos quais eles ordinariamente se alimentam.

\* \* \*

Dependuramos o veado morto numa árvore. O Cel. Rondon regressou e daí a pouco um dos remadores que estava de sentinela no rio, gritou avisando-nos haver uma anta dentro d'água, a boa distância dali, sendo que duas canoas já haviam partido em sua perseguição. Pulamos à nossa canoa e os remadores meteram remos na água contra a forte corrente, na direção da margem oposta. A anta vinha descendo o rio velozmente, com a esquisita cabeça fora d'água, perseguida de perto pelas outras embarcações, cujos remadores gritavam em altas vozes. O animal ora voltava para um lado, ora para outro, levantando ligeiramente o focinho e eriçando o pelo no alto da cabeça e ao longo do pescoço, o que lhe emprestava um aspecto invulgar. Não pude atirar, porque ela estava justamente no rumo de uma das canoas. De repente mergulhou, mas recurvando antes o focinho para baixo. Nem sinal do bicho pudemos ver apesar de estarmos atentos para todos os lados. A canoa da frente veio postar-se ao lado da nossa, ficando todos os remadores em expectativa, remos em posição. Neste ínterim descobrimos a anta já escalando a margem. Mergulhara fazendo um ângulo reto com a direção da correnteza e fora emergir bem perto da barranca, por baixo dos galhos pendidos, donde saía uma trilha pela qual transitavam animais selvagens que ali vinham dessedentar.

O local era muito sombreado e a anta ficou semi-escondida no meio da ramada, dificultando a pontaria. Meu tiro foi alcançá-la na extremidade da pá, fazendo-a disparar pela mata adentro como se não estivesse ferida, não obstante a bala a haver atingido, razão por que fugira precipitadamente. Enquanto isto, três ou quatro cães já se tinham atirado ao rio,



*O Cel. Roosevelt e o Cel. Rondon com um cervo.  
“Dependuramos o veado morto numa árvore...”*

ao passo que outros ficaram latindo na margem oposta; e tão logo alcançaram a barranca, correram ladrando em perseguição à presa.

Dentro de poucos minutos vimos a anta cair novamente na água, bem acima daquele ponto e nos atiramos aos remos com denodada disposição.

Não tivemos mais tempo de cercá-la, mas, felizmente, alguns cães correram ao longo da margem até o local em que a anta demonstrava querer sair d'água, obrigando-a a recuar. Outros dois ou três cães continuavam a nadar, perseguindo-a. Nós nos achávamos ainda a uma distância equivalente à metade da largura do rio para alcançá-la, quando então ela mergulhou. Permaneceu submersa por tempo realmente surpreendente, como se fosse um hipopótamo; passou por baixo das nossas canoas para em seguida emergir no espaço entre estas e a barranca mais próxima. Quando se achava a uns trinta ou quarenta metros da margem, pude atingi-la bem no meio da cabeça e imediatamente vimo-la afundar-se. Nada mais restava do que deixar que o corpo viesse à tona. Receei que, dada a correnteza, ela rodasse pelo leito do rio, desaparecendo, mas os companheiros me tranquilizaram, informando que tal não aconteceria; dentro de uma ou duas horas no máximo, ela boiaria.

E realmente acertaram, exceto na avaliação do tempo. Por mais de duas horas levamos a remar, parando debaixo da ramada mais próxima do local em que a anta afundara, dada a impossibilidade de estar ela emaranhada em algum galho. Em seguida descemos o rio até quase meia légua abaixo e subimos novamente, à sua procura, margeando a barranca. Atravessamos então o rio para merendar no esplêndido prado onde abandonáramos o veado suspenso à árvore.

Mal havíamos deixado o rio quando a anta veio à tona d'água, a curta distância do ponto em que havia submergido. E foi com alguma dificuldade que conseguimos guindá-la para a canoa. Finalmente descemos o rio. Já havia tempo que o céu se vinha mostrando ameaçador e nesse momento – bastante tarde para se pensar em caçada – começou a cair forte aguaceiro. Pouco tempo perdurou aquela situação incômoda, pois, remando para frente, com o veado e a anta no fundo da canoa, fomos encontrar o nosso acampamento seco e confortável.

Quando chegamos, o pe. Zahm, defrontando a anta, lembrou-se de um fato de que já me esquecera completamente. Foi o caso de que, há cerca de seis anos passados, quando na Casa Branca me falara a respeito da viagem à América do Sul e que eu lhe respondera não ser possível realizar por isso que pretendia ir à África, a ele havia dito, que, se algum dia viesse à América do Sul, mataria um jaguar e uma anta, por serem as maiores e mais características peças de caça daquele continente.

“Bravos!”, exclamou o padre Zahm, “agora você já cumpriu o que prometera”.

A tempestade continuou até a noitinha, quando cessou para dar lugar à lua cheia, que surgiu por entre nuvens em movimento. Eu e pe. Zahm nos pusemos a passear de um lado para outro sob o clarão da lua, falando de muitos assuntos: tratamos de Dante, dos nossos próprios planos para o futuro, das façanhas e viagens dos antigos navegadores espanhóis em suas conquistas para a Coroa e dos aventureiros portugueses que com eles partilharam o domínio dos mares e das terras não descobertas.

\* \* \*

Este acampamento foi um dos mais interessantes e atraentes que fizemos. Os vaqueiros e suas famílias estavam localizados de um e outro lado da área em que as nossas barracas foram armadas. De um lado existia uma grande casa de telhas, com paredes caiadas e onde residia o capataz – homem nervoso, franzino, de pele cor de azeitona com a mulher, da mesma cor, e oito crianças de cabelo luzidio, tão lindas quanto se podia desejar. Habitualmente andava descalço e não era homem apenas de boas maneiras, mas sim o que se podia dizer – distinto. Ao pé dessa casa ficavam os currais e outras dependências. Do lado oposto havia um correr de pequenas habitações cobertas de folhas de palmeiras, com tetos muito inclinados, onde residiam os vaqueiros e suas companheiras caboclas e os filhos. À noite, sob o clarão da lua, ouvíamos, vindo dali, através do ar parado e morno, o som amortecido de antigas melodias oriundas de remotas civilizações e levadas até aos selvagens. Essa música era uma toada monótona e surda provinda de um tambor e de notas agudas de esquisitos instrumentos de corda.

Os pequenos e negros abutres, ali comumente denominados urubus, viviam mansos como galinhas, junto das casas, passeando pelo chão ou

pousados nas árvores próximas do curral à espera dos restos de carne das reses abatidas. Duas palmeiras junto da nossa barraca estavam repletas de compridos ninhos de guaches, dependurados. Passávamos bem saboreando bife de anta – que era muito bom – e carne de cervo – que era excelente – além de carne de vaca e leite fresco à vontade, aliás coisas raras e outras partes daquela região. Havia pouco mosquito e o máximo de conforto possível.

A anta que matei era enorme e não pretendia abater outra, a não ser, é claro, que houvesse muita necessidade de alimento; entretanto desejava obter ainda alguns espécimes do grande caititu de coleira branca – o queixada dos brasileiros – para completar a nossa coleção de grandes mamíferos das florestas do Brasil.

Outros membros da comitiva abateram mais umas duas ou três antas. Uma delas era um macho já adulto, porém muito menor do que a que eu havia morto. Explicaram os caçadores que se tratava de uma outra variedade. Seu crânio e pele foram enviados com outros exemplares para o Museu Americano, a fim de serem devidamente estudados e classificados. As antas não andam em bandos; é muito raro encontrarem-se duas juntas, excetuado o caso de mãe com o seu filhote listrado. Vivem em tocas escuras, passando o dia geralmente deitadas e à noite saem à procura de alimentos e para se banharem nos rios ou lagoas. Sigg e o Tte. Lira voltaram a Cáceres em busca de algo que nos faltava utilizando uma embarcação na qual adaptaram um motor, e à noite, quando regressavam, quase atropelaram uma que nadava. Há certos e raros lugares, porém, em que as antas costumam freqüentar os rios e procurar alimentos durante o dia. No estômago da que eu matei, havia pedaços de palmito engolidos quase sem mastigação. Elas correm com bastante velocidade e sua pele rijá e corpo em forma de cunha muito lhes facilitam a corrida no meio das selvas densas. Costumam dar coices e até morder o inimigo, porém não são boas lutadoras. A anta é um tipo muito arcaico de unglado, semelhante a animais não evoluídos do período oligocênico. Desses tipos ancestrais de unglado proveio o cavalo atual, por processo de evolução, durante várias idades, ao passo que a anta permaneceu substancialmente inalterada. Originariamente ela habitava o hemisfério boreal de onde foi gradualmente desaparecendo, enquanto os eqüinos mais evoluídos e durante muitas idades, o próprio rinoceronte, ali subsistiram ainda; na atualidade só se encontram antas na Malásia e na América do Sul, aliás, regiões muito afastadas do seu *habitat* de origem.



*O regresso de uma caçada  
Anta, caaititus de beijo branco e cervos.*



A correlação existente entre antas e cavalos na paleontologia sul-americana é sumamente curiosa. São ambos, geologicamente falando, de mui recente imigração e, se apareceram em épocas diferentes, é quase certo que o cavalo veio em período posterior. O eqüino, durante mais de uma idade, correspondendo a centenas de milhares de anos, evoluiu acentuadamente, transformando-se em várias espécies e mesmo em diferentes gêneros.

Foi dos dois o que mais se modificou e em outras regiões continentais, nas quais ambos foram encontrados, sobrepujou a anta em duração. Na América do Sul, porém, deu-se o contrário. Em virtude de causas desconhecidas, vários gêneros e espécies de cavalos pereceram ao passo que a anta sobreexistiu. Certos animais altamente evoluídos, altamente aperfeiçoados, desapareceram, enquanto seus remotos ancestrais menos evoluídos ou que não manifestaram qualquer desenvolvimento, apegaram-se à vida e prosperaram; no entanto, na América do Norte e no Velho Mundo, verificou-se o contrário, e neste fato reside um dos inúmeros e insolúveis problemas da Biologia universal.

\* \* \*

Despendi vários dias na caça do grande caïtutu de beijo branco – denominação aliás imprópria, pois que a mancha branca cobre toda a queixada inferior até quase o pescoço. Informaram-nos que, em sítios não muito distantes, do outro lado do rio, havia numerosos animais dessa espécie. O Cel. Rondon determinou então que um dos camaradas, aliás, um índio puro da tribo dos parecis, adestrado neste tipo de caçada, fosse descobrir os rastros da caça. Tratava-se de excelente homem que se vestia e tinha as mesmas maneiras dos nossos bons camaradas e cujo nome era Antônio Parecis. Consegui ele localizar um bando de trinta a quarenta queixadas e no dia seguinte saímos para dar-lhes caça.

No primeiro dia nada conseguimos. O grupo de caçadores era bem numeroso, pois fora acrescido com mais dois ou três fazendeiros que nos vieram visitar, trazendo seus cães. Punha minhas dúvidas em que tais homens se dispusessem a nos acompanhar naquela caçada, uma vez que os queixadas são terríveis inimigos de cães (perigosos até para o homem).

Um deles recusou-se formalmente em nos seguir e até em ceder seus cães, alegando que o feroz porco-do-mato era “um bicho muito malcriado” (para usar as suas próprias palavras) e que homens e cães respeitáveis

não deviam dele se aproximar. Os outros fazendeiros apenas mostraram algum receio pelos seus cães, receio, aliás, infundado, eu suponho, pois não acredito que cães, por motivo algum, sejam levados a se aproximar de tão terríveis contendores. O capataz Benedito veio também conosco, e mais dois ou três camaradas, inclusive o próprio Antônio Parecis. Os cavalos atravessaram o rio a nado, puxados ao lado das canoas. Depois chegou a nossa vez e a dos cães.

Após a travessia, encilhámos os animais e partimos numa pitoresca cavalgada. Os caçadores nativos formavam um grupo de todas as tonalidades, desde o branco puro até o preto retinto; todos com perneiras de couro e a sola do pé à mostra e as indefectíveis esporas no calcanhar nu, com rosetas de tamanho exagerado: dez centímetros de diâmetro. Seguimos em fila, pois que não era possível viajar de outra maneira. Os dois ou três caçadores da vanguarda mantinham os facões em posição, de vez que continuamente eram obrigados a abrir caminho, enquanto estávamos atravessando a mata.

Fato digno de nota é que todos montavam cavalos inteiros (garanhões), ao passo que os cães eram emasculados. A maior parte do tempo passamo-lo na floresta ou nos pantanais achavascados. Às vezes atravessávamos ou bordejávamos trechos de planícies alagadiças. Numa destas encontramos um rebanho de gado semibravio que pastava. Garças, socós, marrecos e flamengos disputavam tais sítios. Vimos ali também um bando dos adoráveis colheireiros cor-de-rosa.

Num bosque, figueiras estrangulavam as palmáceas, tal como observei na África, com relação aos sândalos.

Na sombra desse bosque não se via uma única flor ou um arbusto sequer; o ar pesado e o solo negro de húmus. Quase que cada palmeira servia de arrimo a uma figueira. Estas se apresentavam de todos os tamanhos e idades. As mais novas apenas envolviam as palmeiras como se fossem lianas ou cipós. As mais desenvolvidas, já lenhosas, estendiam rebentos que abarcavam os estípites num amplexo mortal. Alguns dos galhos eram lançados em volta do tronco como se fossem verdadeiros tentáculos de imenso polvo. Outros davam a impressão de garras, fisingando cada fenda ou envolvendo cada saliência. Mais tarde a palmeira morria, mostrando o esqueleto asfíxiado pelos grossos galhos envolventes até que desaparecia totalmente, restando então apenas os grandes braços retorcidos e já unidos

da figueira, formando enorme árvore. Notava-se sempre ao pé de cada palmeira morta de cada figueira assassina, uma poça de água estagnada. Havia qualquer coisa de lúgubre e sinistro no silêncio soturno deste bosque; era como se seres conscientes se pusessem a contorcer na ânsia de estrangular outros seres conscientes...

Atravessamos matas maravilhosamente belas, de altas palmeiras esguias, a uauaça – que em inglês se escreveria *wawasa*. Seus estípites eram altas, fortes e esbeltas e a fronde se formava de folhas com 9 a 12 metros de comprimento de cujo pecíolo saíam em ângulos retos e aos pares, verdes, estreitos e longos folíolos.

Ao redor das lagoas erguiam-se soberbos buritizeiros, como imensas colunas com folhas em leque. Um bando de araras de cores brilhantes enfeitava a fronde de uma dessas palmáceas. Periquitos cruzavam pelo alto gritando.

Veza por outra, as formigas-de-fogo nos mimoseavam com algumas picadas e carrapatos nos subiam pelo corpo. De uma feita, fomos agredidos por inimigos piores: os marimbondos não dos grandes, mas de uma espécie do tamanho da nossa vespa comum. Nessa ocasião atravessávamos uma densa floresta, sob árvores muito altas, num local difícil de se vencer, em fase do grande número de troncos caídos barracos, cipós entrançados e espinhos. Os homens que iam na frente, não foram atacados, embora fossem eles justamente os incumbidos de abrir as picadas. Eu e o Cel. Rondon estávamos bem no meio da fila e nos incluímos entre as vítimas; tivemos o rosto, o pescoço e as mãos seriamente castigados, sendo que o coronel ainda mais do que eu. Nossos cavalos também foram atingidos. No momento do ataque, o coronel fez recuar sua montada, ao passo que eu estuguei meu animal para frente e galopamos com tal velocidade, como momentos antes, seria julgado impossível fazê-lo naquele local. Ao fim do dia, quando já estávamos chegando ao rio, de regresso, os cães mataram um filhote de jaguar e não vimos o mais leve sinal de sua mãe. Qualquer acidente lhe havia acontecido e o gatinho procurava manter-se só. Achava-se inteiramente depauperado. No seu estômago encontramos restos de um pombo e alguns tendões naturalmente retirados da carcaça de animal de grande porte. A repugnante mosca do berne, que deposita seus ovos nas criaturas vivas – homens, bois, macacos, roedores, etc. – já o havia farejado. Notamos sete larvas brancas e gordas provocando como que

um abscesso por cima de seus olhos intumescidos. Essa espécie de mosca, como já dissemos, deposita seus ovos também no homem. Por ocasião da mais penosa viagem do Cel. Rondon, em 1909, todo o pessoal da comitiva aparecia constantemente com bernes no corpo. A mosca age com grande rapidez, impelindo o aparelho ovipositor<sup>48</sup> através do tecido da roupa. O berne causa verdadeiro tormento, mas um pequeno talho de bisturi, feito em cruz, facilita sua extração.

Nessas florestas é inacreditável a multidão de insetos que pica, feroza, persegue e devora as criaturas. A expressão “natureza benfazeja”, que não passa de um mito, não iludirá mesmo ao mais insignificante ser pensante, se se vir isolado frente à dureza cruel da vida tropical. Comumente a palavra “natureza” – que, diga-se de passagem, é na linguagem comum aplicada de modo absolutamente impróprio quando se refere a determinada entidade – torna-se um barbarismo, quer quando diz respeito a grupos quer a indivíduos, pois é completamente inexpressiva na representação do bem e do mal e alcança, ou não, a acepção visada, indiferente a castigos e desgraças.

\* \* \*

Na manhã seguinte, ao cair do sol, partimos novamente. Dessa vez fomos apenas o Cel. Rondon e eu, acompanhados por Benedito e o índio Antônio. Levamos quatro cães, dos quais esperávamos grandes feitos na caça aos queixadas. Dois deles desapareceram rasteando uma anta e não lhes pusemos mais a vista; um dos restantes fugiu imediatamente quando encontramos a trilha da caça visada e nem sequer tentou seguir a presa estimulado por nossa companhia. O último não deu mostras de querer fugir e vez por outra soltava um latido, porém somente persistia no rasto, quando um dos homens tomava-lhe a dianteira. Entretanto, o Cel. Rondon, Benedito e o

---

48 A suposição de que a mosca do berne deposita suas larvas diretamente no hospedeiro ficou desfeita com a publicação, em 1917, do trabalho *A biologia da mosca do berne*, da autoria do Dr. Artur Neiva em colaboração com o Dr. Florêncio Gomes. No *Dicionário dos Animais do Brasil*, diz Rodolfo von Ihering: “Muito curioso é o modo como a mosca faz chegar as larvas ao corpo do hospedeiro; em vez de depositá-las diretamente, procede da seguinte maneira: subjugando ou cavalgando certas moscas ou mosquitos diurnos, ela lhes deposita de 15 a 50 ovos sobre o abdome: aí estes ovos colam fortemente e, dentro de poucos dias, transformam-se em larvas que espreitam a ocasião oportuna para se passarem da mosca para o mamífero, em cuja pele vão permanecer um ou dois meses, etc.” (N. do Trad.).

índio Antônio formavam um trio de caçadores de tal quilate que dispensava qualquer matilha. Depois de quatro horas de marcha, Benedito, que estava na frente, estacou subitamente, apontando para baixo. Nesta ocasião atravessávamos um trecho de grama entre maciços de floresta onde ele descobria rastros frescos de um bando de queixadas, cruzando da esquerda para a direita. Pelas pegadas parecia tratar-se de uns trinta a quarenta animias. Os caititus comuns andam desgarrados ou em pequenos grupos e, quando perseguidos, procuram refúgio em buracos ou no ôco dos paus, onde lutam valentemente. Os queixadas, ao contrário, formam sempre grandes bandos e são tão ferozes que relutam em fugir quando atacados, retirando-se lentamente, batendo as presas e grunhindo, ou, então, enfrentam o inimigo. Quando muito alvejados, os sobreviventes gradativamente abandonam a luta, porém não com o intuito de fuga, pois confiam em sua truculência e nos companheiros de bando. Dão terríveis dentadas e freqüentemente matam os cães. Costumam também atacar os caçadores, já tendo acontecido casos em que estes saem seriamente feridos quando não são obrigados a subir, às pressas, nalguma árvore, a fim de evitar sua arremetida. Todavia, nunca tive notícia de alguém que tivesse sido morto por esses porcos selvagens. Algumas vezes costumam eles sitiar a árvore em que o caçador se refugiou, obrigando-o a permanecer ali por muitas horas. Uma ocasião, em Costa Rica, Cherrie ficou nessa situação durante muito tempo, cercado por um bando de trezentos a quatrocentos, o que lhe permitiu matar grande número.

Contudo, geralmente, depois de um ataque, não costumam voltar à carga, e desaparecem. O jaguar é o mais acirrado inimigo dos caititus, porém, quando os persegue, age com muita precaução a fim de não levar a pior.

Cherrie, ainda em Costa Rica, teve ocasião de encontrar o corpo de um jaguar que havia sido, cerca de vinte e quatro horas antes, vitimado por uma vara de queixadas. Percebia-se no chão, nitidamente, as pegadas dos caititus e o corpo do jaguar estava inteiramente retalhado, tirados os pedaços.

\* \* \*

Benedito, tão logo descobriu os rastros, pulou do cavalo, substituiu as perneiras por alpercatas, jogou a arma ao ombro e seguiu acompanhado do único cão que nos restava. Os porcos-do-mato tinham-se metido

num grande trecho da floresta que marginava um pântano. A princípio o índio Antônio guiou-nos, a mim e ao Cel. Rondon, ainda montados, para um ângulo desse trecho de mata bem junto do pântano, calculando que os queixadas já tivessem passado do ali. Porém não ouvíamos ruído algum, mas apenas um ou outro ladrido do cão, que soava como se estivesse muito longe. Finalmente escutamos um tiro. Benedito havia encontrado o bando, que aliás não se atemorizou com sua presença; retrocedeu um pouco e disparou a arma como sinal. Nós três enveredamos pela floresta, a pé, na direção do estampido. Era uma selva densa e horrivelmente quente. Não podíamos enxergar mais do que alguns passos em nossa frente, e os nossos movimentos estavam condicionados ao trabalho do facão. Pouco depois começamos a ouvir o grunhido ameaçador da horda, à nossa frente e nos flancos. A esse tempo, Benedito já estava conosco e o cão o precedia. Pusemo-nos a caminhar, vagorosamente, para a frente, na direção dos grunhidos, que às vezes eram acompanhados de um terrível bater de queixos e de dentes. Então a sombra indistinta dos queixadas começou a delinear-se, movendo-se lentamente, para o lado esquerdo. Cada um dos companheiros escolheu sua árvore para subir, em caso de perigo, sendo reservada uma para mim. Atirei na forma meio obscura de um dos queixadas, através de cipós, folhas e ramos, e o coronel também o fez. Disparei ainda três vezes e o índio Antônio, uma. Os queixadas não atacaram; puseram-se a andar e a trotar com as cerdas eriçadas, grunhindo e matracando as presas até desaparecer pela mata adentro. Não chegamos a ver nitidamente um só animal e nenhum foi encontrado morto no local. Porém, poucos passos adiante, deparamos, encostado a uma palmeira e sem poder fugir, um dos que eu havia ferido<sup>49</sup>, e o matei imediatamente. O cão nem ao menos tentou ir ao encalço dos caititus alvejados e o índio Antônio tomou essa iniciativa. Com um golpe de vista tão rápido e seguro como o de um animal selvagem, ele observara o efeito de cada tiro e foi capaz de adiantar o resultado. Disse que, além daquele que eu acabara de matar, ainda havia mais dois gravemente feridos pelos meus tiros e que não poderiam estar muito longe; acrescentou mais que o Cel. Rondon e ele próprio tinham também atingido seriamente um cada um, mostrando em seguida o rumo que tomaram.

---

49 A identificação dos queixadas mortos foi feita pelo tipo da bala (Nota do trad.).

Os acontecimentos justificaram plenamente sua afirmação. Em poucos minutos encontrávamos a minha segunda vítima. Em seguida, a do índio Antônio e logo após, ainda vivo e arquejante, o terceiro que eu acertara, o qual matei com outro tiro. Finalmente encontramos o que fora alvejado pelo coronel. Declarei, então, ao Cel. Rondon que solicitaria à direção do Museu Americano fossem o caititu que ele abatera e um ou dois dos meus, montados em um grupo para lembrar aquela caçada. Se não tivéssemos usado espingardas automáticas, os queixadas poderiam ter escapado, de vez que, na penumbra da mata, com o estorvo de folhas e ramos, acrescido de se acharem eles em movimento, seria impossível acertá-los. Passamos ainda pelo local em que o bando tinha-se espojado na lama. Os estômagos dos queixadas mortos continham figo bravo, coquilhos e feixes de raízes fibrosas. Estavam os queixadas cobertos de carrapatos e pesavam pelo menos o dobro dos caititus comuns. Ao regressarmos, passamos por um veado-catingueiro, macho, da variedade menor, da metade do tamanho daquele que eu havia sacrificado. Aparecia quase como mancha avermelhada por entre os arbustos, mas mesmo assim consegui enxergá-lo. Apesar de pequeno era já adulto e de um tipo que ainda não havíamos coligido. Havia perdido as asas há pouco e a nova armação já começara a despontar. Um grande jaburu deixou que nossos cavalos se emparelhassem com ele durante uns 200 metros, sem se dar ao trabalho de usar as asas. Nesse dia vimos grande número de lindas orquídeas violáceas e o pantanal estava repleto de flores vermelhas, amarelas e lilases, cujos nomes desconhecia.

\* \* \*

Já me referi, linhas atrás, ao hábito esdrúxulo dessa gente do interior do Brasil, de emascular os cães de caça. Este costume absurdo é, sem dúvida, a razão principal da falta de bons cães, sobretudo para as caçadas de jaguares e de queixadas. Desse modo não vimos mais que um cão, talvez, nessas matilhas, que se pudesse ao menos igualar aos comuns caçadores de puma e de urso, com os quais já fiz caçadas nos Montes Rochosos e nas macegas do baixo Mississípi. E não podia ser de outra forma, uma vez que qualquer cão que revele suas boas aptidões é normalmente inutilizado para a reprodução – convencidos de que, desse modo, o cão tem maior

longevidade. Assim, os cães que apresentam bons caracteres não deixam descendentes, ficando a função de reprodução adstrita a cães ordinários.

\* \* \*

Toda a região ao longo desse rio é uma excelente pastagem natural e estou certo de que no futuro terá grande desenvolvimento. Havia sido desbravada pelo Cel. Rondon somente há uns cinco ou seis anos. Já se observa, ao longo das margens, uma ou outra fazenda de gado. Quando se construírem estradas de ferro até essas paragens de Mato Grosso, toda a região prosperará maravilhosamente, assim como as próprias estradas. Este desenvolvimento não deverá ser apenas no sentido material. Muito tem de ser realizado no campo da educação – usando-se o termo no seu sentido mais lato – isto é, intelectual e espiritual, abrangendo homens e crianças. O Cel. Rondon não é apenas um desbravador. Tem sido e continua a ser o chefe das iniciativas em favor dos seus coestadianos, o povo de Mato Grossos. A gente pobre do interior sofre por causa de leis rígidas e inoperantes, de crédito. Na prática essas leis estabelecem um verdadeiro sistema de sujeição tal como acontece também no meu próprio país. Torna-se indispensável uma mudança radical desse sistema e o coronel está envidando todos os seus esforços nesse sentido. Em matéria de educação, Rondon está perfeitamente identificado com os nossos mais conspícuos especialistas no assunto. Cherrie, além de naturalista dedicado, desbravador dos trópicos e excelente chefe de família, é também o presidente da junta escolar da cidade de Newfane, em Vermont. Ele, o coronel, Kermit e eu conversávamos longamente sobre assuntos educacionais e éramos perfeitamente acordes no que dizia respeito à necessidade premente de instrução para o Brasil e Estados Unidos; necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre o desenvolvimento intelectual e o ensino prático industrial, estendendo-se a todas as camadas populares e cujos ônus deveriam pertencer exclusivamente ao governo, pois que se trata de função puramente oficial, sem quaisquer interferências partidárias, políticas ou religiosas. O coronel é o diretor do Serviço de Índios do Brasil, o que se pode comparar, de certo modo, com o nosso Comissário dos Negócios dos Índios. Aqui também está ele agindo do mesmo modo por que o fazem nos Estados Unidos os mais zelosos e avisados amigos dos índios. Os silvícolas devem ser tratados com inteligência e simpatia, além de justiça e firmeza; e até que se tornem



cidadãos, incorporando-se à sociedade, devem ser considerados guardas da nacionalidade e não submetidos a qualquer associação particular, leiga ou religiosa, independente de sua pureza de intenções.

\* \* \*



*Kermit Roosevelt.*

O rio Sepotuba foi cientificamente explorado e incluído em cartas geográficas pelo Cel. Rondon, em 1908, quando chefiava a Comissão Telegráfica Brasileira no decurso de seu segundo ano de trabalho e desbravamento das selvas desconhecidas do noroeste de Mato Grosso. A maior parte desta região nunca fora pisada por homem civilizado. Fizeram-se não apenas cartas geográficas, mas ainda outros trabalhos científicos complementares, além do estabelecimento de linhas telegráficas.

Ao se iniciarem esses serviços, o coronel era major e ainda ausente, nas selvas, foi distinguido com duas promoções: a de tenente-coronel e coronel. Sua expedição mais importante e mais demorada, na qual passou por maiores perigos e fadigas, iniciou-se no dia 3 de maio de 1909, aniversário do descobrimento do Brasil. Deixou a cidade de Tapirapoã naquele dia, indo alcançar o Madeira pelo Natal do mesmo ano, após haver descido do Ji-Paraná. Este rio tinha a embocadura já conhecida desde há muito, porém seu curso, num trecho correspondente à metade de sua extensão era absolutamente ignorado quando por ali passou o coronel. Entre os que tomaram parte nessa expedição achavam-se o Cap. Amílcar e o Tte. Lira, agora conosco, e não se podia encontrar melhores e nem mais eficientes elementos para mister daquela natureza. Nessa nossa viagem estão eles investidos das funções de principais assistentes do coronel. Em agosto de 1909, a comitiva esgotara toda a provisão de alimentos, inclusive sal. Tiveram de passar os últimos quatro meses se alimentando de caça, frutas e mel silvestre.

O equipamento ficou de tal sorte reduzido que um só homem podia levá-lo às costas. Quando atingiram o Madeira, estavam exaustos de fadiga, semimortos de fome e enfraquecidos pela febre.

O trabalho de desbravamento realizado pelo Cel. Rondon e por seus auxiliares no decorrer desses anos foi realmente notável, foi mesmo mais importante com relação aos seus resultados do que qualquer outro empreendimento em outros pontos do globo, guardadas as proporções de duração.

O valor desta realização foi reconhecido pelo Brasil, embora as sociedades geográficas da Europa e dos Estados Unidos dela não tivessem tido conhecimento. Os trabalhos dos primeiros desbravadores dessas selvas exigem grandes sacrifícios e apresentam inúmeros perigos. Seus sucesso-

res, mesmo se imediatos, já encontram caminho relativamente fácil. As estradas se tornam tão batidas que podem ser palmilha-das sem sacrifícios por aqueles que a isto não se arriscariam ainda que apenas por um dia de caçada ou de estudos científicos, o que aliás seria suficiente para avaliarem, embora palidamente, os sofrimentos de seus predecessores.

As regiões desbravadas pelo Cel. Rondon não foram ainda completamente dominadas, continuando a oferecer perigo à vida do homem. Em Cáceres recebeu ele notícia da morte de um dos seus mais distintos auxiliares, o Cap. Cardoso. Morreu de beribéri, no interior longínquo e em local que fazia parte rio nosso itinerário. Recebeu também comunicação de que um barco, que subia o Ji-Paraná trazendo provisões para se incorporarem às nossas, soçobrava, perdendo-se tudo, inclusive dois homens que pereceram afogados. Os perigos e sacrifícios são de tal ordem que mesmo os camaradas não se entregam facilmente a essas empreitadas. Os assalariados da Comissão Telegráfica percebem sete vezes mais do que nos centros civilizados. Nessa nossa viagem o Cel. Rondou encontrou sérias dificuldades para conseguir um cozinheiro. Convidou o cozinheiro de bordo do *Nioac* para acompanhar-nos, mas ele respondeu francamente horrorizado: “Senhor, nunca cometi crime algum para merecer tal castigo”.

\* \* \*

Passados cinco dias, a lancha que puxava um dos batelões regressou. No dia 13 levantamos acampamento, alojando-nos na lancha e nos batelões com toda a nossa bagagem, para subirmos o rio com destino a Tapirapoã. Ao todo éramos trinta pessoas, cinco cães, barracas, camas, provisões, carne fresca que rapidamente se deteriorava, peles, etc., tudo apertado dentro das embarcações.

Na data em que partimos, choveu todo o dia e parte da noite. Depois o tempo levantou e tivemos belos dias de viagem mas, às vezes, verificavam-se alternativas de chuvas e sol quente. O alimento (boa cozinha!) era preparado num fogão aberto, muito engraçado e *sui generis*, atrás da coberta do barco, em que se colocavam umas duas ou três painéis.

Esse fogão era feito de casas de aipins amontoadas convenientemente no assoalho. Em torno dele o cozinheiro, um mulato, trabalhava filosoficamente ao sol e à chuva. Nossos enipregados (boas almas), de várias

cores, dormiam a maior parte do tempo enrodilhados entre caixas, rolos e mantas de carne. Enorme tartaruga ia amarrada na entrada da coberta do barco. Tentava em vão subir nas costas de um dos camaradas que dormia junto dela, certamente para compensar as vezes que servia de banco para eles...

O motor roncava arrastando lentamente a lancha e seu pesado reboque, contra a rápida corrente. O rio tinha engrossado. Fazíamos cerca de milha e meia por hora. À nossa frente as águas barrentas espalhavam-se em curvas por entre filas intermináveis de árvores da densa floresta tropical!

Dava-nos a impressão de que estivéssemos atravessando uma estufa gigantesca. Uauaçás, buritis, embaúbas, enormes figueiras, bambus hirsutos, estranhas árvores de troncos amarelos, pequenos vegetais de folhas imensas, árvores altas de limbos delicados como seda, troncos arri-mados uns aos outros, plantas de estemas finos e macios se atirando para as alturas em busca de luz, tudo isto emaranhado por uma teia de lianas e cipós, atravancava as margens do rio. Seus galhos pendentes furavam a água, formando uma tela espessa, impedindo avistar-se a barranca e até mesmo atingi-la. De raro em raro uma árvore se mostrava florida: grandes flores de neve ou pequeninas corolas vermelhas ou amarelas. As mais das vezes as flores lilases da begônia-escandente formavam grandes painéis coloridos. Epífitas inumeráveis tomavam os ramos e até os troncos enrugados. Era pequena a vida alada: uma ou outra anhinga e martim-pescador pousados de longe em longe. A longos intervalos passávamos por um rancho. Num deles notava-se a casa toda branca, coberta de telhas e assente sobre pequena elevação revestida de grama, tendo à frente mangueiras. Os postigos de madeira se achavam completamente abertos nas janelas sem vidraças, deixando ver amplos quartos vazios, sem um livro ou um adorno sequer. Junto da porta erguia-se uma palmeira repleta de ninhos de icterídeos. Logo atrás viam-se laranjeiras e cafeeiros e, nas proximidades, plantações de bananeiras, arroz e fumo. O proprietário era um homem pálido, muito cortês e hospitaleiro. Sua mulher e filhas, todas bem morenas, puseram-se a nos olhar furtivamente do quintal. Como a maioria das fazendas da região, também aquela pertencia a uma empresa cujo escritório central ficava em Cáceres. A viagem corria agradável e interessante, em-

bora pouco tivéssemos que fazer a bordo. Além disso a embarcação estava excessivamente lotada para nos proporcionar comodidade. Deliciávamo-nos com o cenário; falávamos em inglês, português, mau francês e alemão estropiado. Alguns costumavam escrever. Fiala pôs-se a fazer projetos de aperfeiçoamento de barracas, redes e outros petrechos de campo mediante modelos que vira antes. Outros liam. O Cel. Rondon, airoso, elegante, ágil e marcial, compulsava um livro clássico de geografia astronômica. Padre Zahm lia uma novela de Fogazzaro. Kermit lia Camões e dois romances brasileiros: *O Guarani* e *Inocência*. Eu também me deleitava com *Quentin Durward*, Gibbon e a *Canção de Rolando*.

Miller tirava sua pequena mascote, o passarinho *Moses*, de dentro do cêsto-gaiola em que vivia e se distraía em dar-lhe água e comida. *Moses* chilreava, arrepiando-se todo de contentamento, quando acariciado.

Ao cair da primeira noite de viagem, atracamos nas proximidades de uma fazendola bastante pobre. As casas tinham cobertura de folhas de palmeiras. As próprias paredes eram feitas de uma trama de colmos e palmas de uauacá enterradas no solo, tendo as pontas entrançadas.

Alguns companheiros foram a terra, enquanto outros permaneceram a bordo. Como não houvesse mosquitos e não fosse muito forte o calor, dormíamos perfeitamente. Aí por cinco horas da manhã seguinte, cada um de nós se deliciou com uma esplêndida xícara de café brasileiro e o barco reencetou a marcha.

Durante o dia inteiro navegamos vagarosamente contra a correnteza. Passamos por duas ou três fazendas. Numa delas, em que paramos para abastecimento de leite, as árvores se encontravam cobertas de belas orquídeas de flores pequeninas e amarelas. Ao escurecer aportamos num sítio em que a falta de ancoradouro nos obrigou a encostar os barcos diretamente na barranca. Raramente aparecia um mosquito. A maior parte do pessoal veio armar suas redes em terra, o que resultou em belíssimo quadro, dado o ambiente. Nesse local a maioria da vegetação arbórea era constituída de palmeiras uauacá; algumas com a fronde bem na ponta dos altos estípites, outras, ao contrário, embora aparentemente mais altas, mantinham-nas quase que desde o nível do solo. Essas frondes eram muito extensas, chegando algumas a atingir cerca de 15 metros. O mato e

o capinzal alto, molhados de orvalho e rebrilhando sobre o fundo verde-esmeralda, dominavam todo o espaço entre as palmeiras.

\* \* \*

Partimos ao amanhecer do dia seguinte. Um dos tripulantes se perdera no matagal e pôs-se a dar voltas na ânsia de encontrar o rio; saímos sem que fosse notada sua ausência. Dado o alarma, paramos imediatamente, e com muita dificuldade conseguiu ele desvencilhar-se do cipóal e dos espinhos, orientado pelo ruído do motor e o som das buzinas.

Em dias de sol encoberto, quem, nessas selvas densas, se afastar muito das margens do rio sem o recurso de uma bússola, pode considerar-se irremediavelmente perdido.

À medida que subíamos o rio, as palmeiras uauacá se tornavam cada vez mais numerosas. Do ponto em que estávamos para diante, na extensão de muitas léguas, tais palmáceas constituíam, por assim dizer, o arcabouço da floresta, ao longo do rio. Surgiam, por toda a parte, suas longas frondes recurvadas e, em certos pontos, chegavam mesmo a dominar pelo porte toda a vegetação, embora não se as pudessem considerar gigantescas em comparação com as árvores comuns. Em uma delas, cuja fronde se abria apenas no tope, feito uma coroa, notamos grande quantidade de belas orquídeas, violáceas, desde a metade do tronco até em cima. Em outra grande árvore, não palmácea, e que se achava isolada num pequeno claro, notamos mais de uma centena de ninhos de corrupiões. Neste mesmo dia, depois de passarmos por dois ou três pequenos ranchos, encontramos uma grande fazenda. Várias casas e galpões de tetos de palmeiras se plantavam ao longo do rio, dentro de um grande claro de terreno, apenas pontilhado de palmeiras uauacá. Junto à barranca estava atracado um barco típico da região. Mulheres e crianças punham-se a olhar das janelas sem vidraças e os homens postavam-se em frente das casas.

Uma cerca de pau-a-pique, feita com achas de palmeiras, circundava a casa-grande; bois e vacas pastavam nas cercanias e os carros de boi, de sólidas rodas inteiriças, descansavam o cabeçalho sobre cepos. A nossa parada de meio-dia foi feita numa ilha em que havia árvores muito altas com frutos saborosos. Outras exibiam belas flores vermelhas e amarelas. Na vegetação rasteira, destacavam-se maciços de flores azuis muito

delicadas e outras brancas, em forma de estrelas. Para um lado e para outro gaivotas voavam sobre o rio, reverberando ao sol o dorso cor de neve, acionado por asas negras.

Cada vez mais a correnteza aumentava de velocidade; pontos havia em que as águas se quebravam de tal forma que quase se tornavam corredeiras; o motor trabalhava a fundo, roncando, para arrastar a lancha e seu rústico reboque, à medida que as dificuldades aumentavam. Ao cair da noite atracamos ao longo da margem em sítio em que a floresta permitia um confortável acampamento. Nessa noite as formigas quase deram cabo do mosquiteiro, das meias e dos cordões dos sapatos de Miller. Ao raiar da manhã, partimos novamente. Vez por outra enfrentávamos fortes correntezas de águas quebradas, quase “rápidos”, que dificultavam nossa marcha. A prancha a reboque vinha amarrada na ponta de um cabo e a equipagem ajudava com varejões. Ainda assim nos foi possível usar nossas espingardas por mais de uma vez. Biguás<sup>50</sup> e anhingas<sup>51</sup>, pousados em pontos da barranca ou em árvores muito próximas, permitiram, várias vezes, nos aproximássemos até poucos metros. Em um trecho de floresta muito alta, conseguimos ver um bando de tucanos, visíveis até por entre os ramos, dado o tamanho do bico e a vagarosidade com que se moviam, mudando de galhos.

Passamos por várias fazendas. Quase ao cair da tarde de 16 de janeiro, alcançamos Tapirapoã, sede da Comissão Telegráfica. É um local agradável, debruçado sobre o rio, e se achava, em homenagem à nossa comitativa, alegremente enfeitado com bandeiras do Brasil, dos Estados Unidos e de todos os países sul-americanos. Consta apenas de uma grande praça verde, com árvores no centro. Em um dos lados erguem-se as construções da Comissão Telegráfica e no outro uma casa, sede da fazenda. Havia ainda mais: estábulos, telheiros, casas menores, currais e, nas proximidades, campos cultivados. Vacas de leite, gado de corte, bois de carro e muare andavam à solta.

Notavam-se ainda duas ou três carroças e carros de bois e um caminhão usado na construção das linhas telegráficas e já quase imprestá-

---

50 *Phalacrocorax olivacens olivacens* Humb. Ave aquática (Nota do trad.).

51 Também chamado biguatinga (*Anhinga anhinga* L.) (Nota do trad.).

vel, sobretudo na época das chuvas. De Tapirapoã tínhamos que continuar nossa viagem por terra, empregando bois e burros de carga, para o que muitos foram escolhidos. Perdemos vários dias na arrumação da carga e arranjo dos lotes, em virtude do tamanho da comitiva e do tempo que deveríamos permanecer em plena selva, sem regiões desprovidas de alimentos, e possivelmente em sítios sujeitos a enzootias fatais aos bois e aos muares. Fiala, com a sua eficiência habitual, tomou conta da parte que nos dizia respeito, tendo em Sigg um ativo e útil auxiliar. Harper, com excelente companheiro, ajudava-os com inexcedível zelo e satisfação sempre que tinha uma folga na tarefa dos naturalistas. Estes últimos, isto é, Cherrie e Miller, estavam incumbidos do trabalho mais penoso e de maior responsabilidade da expedição. Já haviam coligido cerca de mil aves e duzentos e cinquenta mamíferos. Ademais, não lhes parecia provável realizar, no restante da viagem, trabalho igual ao que já haviam feito, por isso que pretendíamos dali por diante, parar o menos possível, fazendo a caminhada o mais depressa que a topografia, as condições atmosféricas e nosso meio de transporte o permitissem. Pessoalmente estava eu empenhado em que eles tivessem mais tempo para estudar a atraente e interessantíssima biologia daqueles belos e maravilhosos animais e aves que constantemente encontrávamos. Todos os museus de importância devem manter colecionadores competentes, mas penso eu, para realizarem trabalho de maior alcance e mais duradouro, deveriam enviar para as grandes selvas, onde a natureza rude se apresenta em expressões culminantes, observadores adestrados, com a capacidade necessária de registrar o que for observado. Esses elementos poderiam ser os próprios colecionadores, pois o trabalho de coligir ainda é necessário, mas que possuísem preliminarmente capacidade de observar por si próprios e de discernir das informações de outrem, a respeito da biologia integral desses seres que habitam tais vastidões do globo. Até aquele ponto, Cherrie e Miller já haviam coligido um número de pássaros e animais que jamais atingiram, porém ainda não se poderia afirmar se qualquer dos exemplares fosse cientificamente desconhecido, o que somente o Museu Americano informaria. Certa vez, quando Miller inspecionava as armadilhas destinadas à captura de mamíferos, deparou-se-lhe um exército





*Duas “pranchas” arrastadas por uma lancha, com nossa bagagem e provisões.*

*A prancha a reboque vinha amarrada na ponta de um cabo e a equipagem ajudava com varejões.*

de formidáveis formigas “carregadeiras”<sup>52</sup>. Era de uma espécie avantajada, de cor preta e se moviam estendendo o pescoço. Tais insetos, denominados também “formiga-soldado”, tal como suas congêneres da África, vivem em multidões e devoram qualquer animal impossibilitado de se afastar a tempo do seu caminho. Movimentam-se com extraordinária rapidez e todos os animais fogem delas. Alimentam-se de preferência de insetos e até mesmo os mais temíveis e perigosos pouca resistência lhes ofereceu. Miller teve, a princípio, sua atenção despertada para tais formigas por causa de uma enorme centopéia, medindo de 22 a 25 centímetros de comprimento, que procurava desvencilhar-se delas. Algumas já a haviam agarrado e o miriápode se contorcia com a dor das picadas, mas nem sequer procurava defender-se, servindo-se de suas mandíbulas recurvadas.

De outras vezes apreciou também alentados escorpiões e grandes aranhas hirsutas procurando fugir, em idênticas condições, mostrando a mesma incapacidade de ferir ou defender-se do terrível inimigo. Essas formigas sobem até as partes mais altas das árvores e quando acontece encontrarem qualquer ninho com filhotes, reduzem-nos a partículas, devorando-os. Não são, porém, tão comuns, como muitos escritores apregoam, pois muito raramente se encontra uma de suas “correições” e, naturalmente, a maioria dos ninhos está livre de seu ataque ou ameaça. Em alguns casos é provável que os pássaros se salvem e aos próprios filhotes de um modo qualquer. Ninhos há que são inacessíveis e é bem possível que de outros os pais retirem os filhos para local diferente. Na Guiana, certa vez, Miller se pôs a observar, durante muitos dias, um ninho de carriça com filhotes. Indo ao local certa manhã, encontrou a árvore e o ninho repletos de formigas carregadeiras. A princípio julgou que os pobrezinhos tivessem sido devorados, porém, a uns quarenta passos adiante, avistou os pais conduzindo alimento no bico. Procuravam entrar em certo sítio muito denso do mato, de onde saíam sem coisa alguma, para, daí a pouco, novamente aparecerem com outra porção de alimento. Miller não conseguiu localizar o novo ninho, mas, a maneira por que agiam as carriças deu-lhe a certeza de que estavam conduzindo alimentos para os filhotes que elas próprias teriam retirado do ninho primitivo. Esta espécie de carriça libra-se nas asas

---

52 *Eciton praedator* (N. do Trad.).

sobre as colunas formadas pelas formigas, procurando comer não somente os insetos que elas espantam como também elas próprias. Havia ainda dúvida sobre se carriças se alimentam de formigas, porém Miller matou algumas que traziam esses insetos no bico e no papo. Libélulas também revoam, em grande número, sobre as “correições”, chegando a tocá-las; Miller não pôde certificar-se se elas apresavam, ou não, as formigas, mas acredita que sim. Também eu assisti essas formigas assaltando uma casa de terríveis marimbondos, os quais começaram a revoar em volta, irritados, mas na realidade incapazes de qualquer reação. Observei ainda o ataque que fizeram às folhas de uma planta que servia de morada às suas parentas – as venenosas formigas-vermelhas ou formigas-de-fogo – que se opuseram à invasão, chegando a ferir e matar algumas, mas acabaram por fugir. Dessa espécie de formigas só encontrei as de cor preta, mas há também vermelhas. Atacam as pessoas como o fazem a todos os animais, sendo a fuga precipitada o único meio de defesa. Em torno do acampamento voluteavam inúmeras borboletas; medravam também muitos cogumelos com a forma e o colorido de flores. O cheiro da mata, era delicioso. Notava-se grande número de noitibós ou, diria melhor, muitas aves brasileiras da mesma família, as quais, durante a noite, emitem uma escala de notas, que, embora não sejam idênticas, lembram as do nosso caprimulgo<sup>53</sup> ou do grande *antrostomus*<sup>54</sup> dos estados do Golfo. Existiam ainda muitos outros semelhantes aos passarinhos comuns dos Estados Unidos: *catbirds*<sup>55</sup> escuros, pintarroxos, também escuros uma espécie de pardal pertencente ao mesmo gênero do nosso pardal comum cantor e do *Melospiza palustris*. Miller ouviu o canto desse pardal durante o dia e a noite, a 14.000 pés de altitude, nos Andes, e afirma que o seu canto faz lembrar a melopéia das duas espécies nossas.

Encontravam-se pombos e pica-paus de várias espécies. Muitas outras aves não tinham semelhança alguma com as nossas. Havia um papa-mel que era uma perfeita jóia, com a plumagem negra, púrpura e azul-turquesa e pés vermelho-vivo.

---

53 *Antrostomus vociferus*. – Pássaro fissirrosto da América do Norte.

54 *Antrostomus carolinensis*. – Pássaro fissirrosto da América do Norte.

55 Passarinho norte-americano (*Mimus carolinensis*).

Entre os pássaros que Cherrie e Miller procuravam, dois havia com extraordinária maneira de nidificar. Um era o *tanguru-pará*<sup>56</sup>, cuja forma semelha o sialia azul. Tem a cor plúmbea, ventre amarelado e brancas as coberteiras da cauda. É um passarinho de pouca vivacidade, tardando voar mesmo quando alvejado. Na forma de apresar o alimento age como bisonho papa-mosca, isto é, pousa em árvores secas lança-se sobre o inseto e volta em seguida ao ponto em que se achava, nunca procurando o chão ou mostrando qualquer outra atividade. Faz o ninho em covas que ele mesmo cava. Um dos componentes do casal geralmente faz a cova, enquanto o outro fica pousado num arbusto próximo. Muitas vezes essas covas são feitas nas dobras de bancos de areia, em locais de areia tão movediça que só por milagre não se desmoronam. Outras vezes fazem-nas no plano, escavando mais de 1,20m de profundidade e depois derivam para cima, formando um ângulo. O ninho propriamente consiste em uma pequena quantidade de folhas e grama, onde depositam seus ovos brancos, O outro pássaro, chamado bico-de-lacre<sup>57</sup>, é do tamanho aproximado do tordo, de cor pardacenta e bico vermelho. Também faz covas ao nível do chão, com cerca de 1.50m de extensão, e sobre a boca da cova amontoa uma pilha de gravetos e folhas.

Neste acampamento o calor era forte – de 32 a 40 graus C. – e o ar pesado, saturado de umidade; sempre caíam tempestades. A ausência de mosquitos nos proporcionava grande conforto.

Graças à proximidade das fazendas, nós nos banquetéavamos suntuosamente: carne com fatura, galinha e leite fresco. Havia dois pratos nacionais deliciosos: canja, que é uma sopa grossa feita de arroz e galinha – a melhor sopa que um homem com apetite já tem provado, e carne de vaca cortada em pedaços pequenos, servida com um molho simples, mas de ótimo paladar. A montada que me foi destinada era forte e de boa andadura. O Governo brasileiro me reservara belíssima sela com bridas de prata, o

---

56 Pássaro sul-americano da família *bucconidae*. – Do gênero *monasa* (ou *monacha*) (Notas do trad.).

57 A denominação de bico-de-lacre dada por Th. Roosevelt ao pássaro em questão não deve ser confundida com a do pássaro comum, conhecido por esse nome e que foi importado (N. do trad.).

que muito me sensibilizou. Entretanto, a roupa muitíssimo grosseira que usava estabeleceu um forte contraste com a arreata.

Em Tapirapoã dividimos a nossa bagagem e a própria comitiva. Seguíam na frente, num carro puxado por três juntas de bois, a canoa canadense com o motor e algum combustível e um cento de latas ainda fechadas com provisão de boca, cada uma contendo ração para seis homens durante um dia. Tinham sido confeccionadas em Nova Iorque sob a especial assistência de Fiala e destinadas aos momentos em que pretendêssemos bom e variado alimento com pequeno volume. As peles, crânios e demais objetos conservados em álcool e toda a bagagem rigorosamente dispensável, desceram o Paraguai com destino a Nova Iorque, sob os cuidados de Harper. O restante dessa bagagem, sob a direção do cap. Amílcar, foi preparado em um único cargueiro. O corpo principal da expedição, composto dos membros norte-americanos, Cel. Rondon, Tte. Lira e Dr. Cajazeiras, com as respectivas bagagens e provisões, constituiu outro pelotão.

.....

*Capítulo VI*

ATRAVESSANDO O PLANALTO SELVAGEM  
DO OESTE BRASILEIRO

*E*IS-NOS AGORA na terra dos vampiros, morcegos que sugam o sangue de animais vivos. Dependuram-se ou esvoaçam sobre os omoplatas de um cavalo ou de um boi, ou, então, sobre as mãos ou pés de pessoas que dormem, e abrem uma ferida pela qual o sangue escorre ainda por muito tempo depois de se afastarem.

Em Tapirapoã havia grandes rebanhos de vacas leiteiras e um belo dia observamos um bezerro muito enfraquecido pela perda de sangue que ainda gotejava da ferida ocasionada por morcegos. Naquelas imediações, porém, pequenos danos causam esses hematófagos, em confronto com outros lugares em que não somente cavalos, muares e o gado vacum como até mesmo galináceos têm de ser protegidos durante a noite. As espécies mais perigosas são, aliás, de pequena envergadura, porém há quem afirme que, pelo mau exemplo, outras variedades de morcegos brasileiros se tornaram, em certas regiões, pelo menos esporadicamente hematófagos.

Um dos membros de nossa comitiva, o botânico Hoehne, era também zoólogo. Informou-me ele que até mesmo os grandes morcegos

frugívoros costumam alimentar-se do sangue de animais vivos. De acordo com sua informação, os morcegos frugívoros não abrem as incisões, mas se aproveitam das que são feitas pelos vampiros verdadeiros, lambendo o sangue que delas corre e aumentando-lhes o tamanho.

A América do Sul, em relação à África e à Índia, onde habita uma multidão de grandes carnívoros antropófagos, acha-se bem compensada pela ferocidade e sanguinolência de certos pequenos animais, cujos semelhantes ou afins não são perigosos em outras partes do globo. Somente ali se vêem peixes do tamanho da truta matar pessoas que nadam e vampiros da envergadura dos morcegos comuns do hemisfério boreal exaurir o sangue de grandes animais e do próprio homem. A zona em que nos achávamos não era muito povoada de mamíferos. Kermit teve dificuldade em caçar um tatu, um quati e uma cutia para os naturalistas. Miller apanhou na ratoeira alguns ratos e um exquisito gambá, cuja espécie ainda não constava da coleção, e Cherrie aprisionou um grande número de pássaros. Ambos tiravam a pele dos exemplares obtidos sob um telheiro. *Moses*, a avezinha domesticada, ficava pousada numa viga, no alto, como espectador, sempre pronta a dar sinal de contentamento por qualquer afago. Duas carriças, que haviam construído seu ninho justamente na parte externa do telheiro, mostravam-se excessivamente irritadas com a presença de *Moses*, a quem faziam constantes e barulhentas visitas inamistosas.

Pequenos pardais de coleira branca viviam mansamente nas imediações das casas e palhoças, indo desferir seus trilos sobre os tetos de colmo. Era um canto singelo, que fazia lembrar a melodia suave e dolente do nosso “garganta-branca” e os primeiros compassos da canção saudosa e festiva do nosso pardal.

Despertou-me recordações das gloriosas manhãs de abril em Long Island, quando, ao lado do gorjeio do pintarroxo e do pardal cantor, surgia a cadência estrídula da calhandra; e também das longínquas matas do Norte, no mês de junho, em plena fragrância dos pinheirais balsâmicos, onde pássaros cantavam nos úmidos bosques de coníferas e velozes regatos deslizavam sob os ramos baloiçantes e encharcados dos almeiros.

De Tapirapoá o nosso destino seria para o norte, na direção do planalto – as terras altas do Brasil.

Dos contornos deste altiplano que, geologicamente falando, é antiquíssimo, correm por imensos socalcos e anfratuosidades, para o norte, os afluentes do Amazonas e os do rio da Prata, para o sul.

Dois dias antes de nossa descida com uma tropa de muares, para o vale do Amazonas, partiu um lote de bois de carga com provisões, utensílios e outros objetos, que só seriam necessários daí a um mês ou mais. Esse lote compunha-se de uns setenta bois. Desses a maioria era completamente mansa, havendo alguns semidomados e outros praticamente bravios. Somente com muita dificuldade se conseguia colocar a carga nesses últimos, pois que espinoteavam como cavalos chucros. Frequentemente sacudiam a carga pelo chão do curral ou logo no começo da estrada. Os tropeiros – mulatos, bronzeados e pretos – além de possuírem profundo conhecimento de sua arte, não em ato de temperamento irascível, somente agiam com rudeza quando necessário e nunca porque estivessem enraivecidos. Finalmente conseguiram ajustar as cargas naquelas alimárias de tão longos chifres, e em seguida se puseram a caminho.

A 21 de janeiro foi a nossa vez de partir com a tropa de muares.

Naturalmente, aliás como sempre acontece nessas ocasiões, houve alguma confusão antes que o pessoal e os animais ficassem em condições de se movimentarem. Além dos animais de carga, cada um de nós dispunha de uma besta de sela. No primeiro dia viajamos cerca de 12 milhas, até atravessarmos o Sepotuba em cuja margem acampamos, abaixo de uma série de cachoeiras, ou melhor dizendo, de “rápidos”.

A região era plana, formada por um imenso prado natural, revestido de vegetação arbórea muito esparsa, constando de árvores baixas e retorcidas, e que faziam lembrar ligeiramente as matas enfezadas do Texas e do Oklahoma. Era um sítio apropriado à criação de gado, tal como no Oklahoma, e onde havia também ótimas terras agricultáveis e ainda mais com a vantagem de se poder transformar as quedas d'água em energia. Trata-se, sem dúvida, de excelente região para colonização.

O calor é ali bastante forte durante o dia, mas as noites são bem agradáveis. Já estávamos em plena estação das chuvas, porém, até o momento, os dias, em seu maior número, eram estivais, sucedendo-se aos chuveiros. O que mais impressionava era a ausência de mosquitos. Os



insetos nocivos que agem durante o dia são mais facilmente combatíveis, sobretudo pelos adventícios, de vez que apresentam muito maior perigo nas matas do que nos descampados. Os mosquitos e outras pragas noturnas representam mais sério problema, porque perturbam o sono.

Até ali, desde a nossa peregrinação subindo o Paraguai e seus tributários, atravessando toda aquela planície tropical pantanosa do Oeste brasileiro, não tínhamos sido, praticamente, importunados pelos mosquitos em nossos acampamentos.

Nas florestas, muitas vezes, constituíam eles sério obstáculo e Cherrie e Miller tinham suportado verdadeiro tormento, por causa, nas excursões especiais que realizavam; porém nas fazendas, nos ranchos e em nossas barracas em campo aberto nas margens dos rios, mesmo quando nas proximidades de charcos, por assim dizer, não havia mosquitos. De minha parte estava intrigado e ao mesmo tempo encantado com sua ausência. Os colonos nada terão a recear dos insetos nocivos nesta região. Não quer isto dizer que não os haja por ali.

Fora dos descampados e dos caminhos já batidos, fervilham insetos. São carrapatos, formigas venenosas, marimbondos (dos quais algumas espécies constituem verdadeiro perigo), mutucas e mosquitos. Quero apenas frisar que esta região, relativamente isenta de mosquitos e outras pragas, ao contrário de muitas outras zonas tropicais, sob o ponto de vista de colonização e mesmo para simples excursionistas, é um agradável local de permanência. Os primeiros desbravadores e, até certo ponto, os naturalistas de campo, bem como os caçadores de grandes animais, têm de enfrentar essas pragas, do mesmo modo que arrostam inúmeros outros riscos, sacrifícios, e dificuldades, o que, aliás, representa os percalços do ofício.

Muitas regiões dos Estados Unidos, onde atualmente a vida é confortável e fácil, apresentaram entraves mais difíceis aos seus desbravadores, há um ou dois séculos passados.

Não devemos incidir no erro fútil de supor que os primeiros desbravadores não passaram por tremendas dificuldades, apenas, porque simples excursionistas e mesmo colonos que os sucederam não enfrentaram perigos, privações e sacrifícios, muito embora os primeiros e genuínos colonos também tivessem de suportar terríveis obstáculos. Os primitivos desbravadores e aventureiros lançaram bons roteiros à custa de pesados

tributos. Os excursionistas comuns, com algum desconforto, porém sem qualquer perigo, puderam então percorrer esses caminhos; não devem, portanto, jactar-se de suas próprias experiências e nem menosprezar os esforços dos pioneiros, porque, graças a eles, as gerações futuras conseguiram estabelecer-se em locais aprazíveis. O explorador comum, que nunca se afasta dos caminhos batidos e que, mesmo assim, é geralmente conduzido por outrem, em que ele próprio faça ou se atire a qualquer risco, não precisa evidenciar muito mais iniciativa e inteligência do que uma simples bagagem. Ele nada faz; outros trabalham por ele, mostram-lhe tudo antecipadamente, arcam com todos os riscos, mas a ele são atribuídas todas as honras. Ele, tanto quanto sua mala, é praticamente conduzido da mesma forma e para ambos são dispensados de certo modo os mesmos cuidados. Se o excursionista for um escritor, poderá naturalmente realizar trabalho admirável, da mais alta valia; este valor, porém, procede do fato de ser ele escritor e observador, mas nunca de qualquer mérito particular que se lhe possa atribuir como explorador propriamente. Todos nós reconhecemos essa verdade no tocante às regiões altamente civilizadas: quando Bryce escreve a respeito da comunidade americana ou Lowell sobre as assembleias legislativas européias, a nossa admiração é provocada pela introspecção e pelos altos pensamentos do observador, sem nos preocuparmos com suas peregrinações. Quando um cidadão viaja pelo Arizona num carro-dormitório, evidentemente não lhe ocorre a mais remota idéia de comparar esse fato com as viagens dos primeiros exploradores daquela região árida. Entretanto, qualquer admiração que lhe pudesse trazer tal viagem, seria reservada ao superintendente do tráfego, ao maquinista, ao graxeiro e aos guarda-freios... Todavia, com referência a continentes menos explorados, tal como a América do Sul, muitas vezes não nos lembramos dessas verdades tão claras. Ainda existe, nesta parte do mundo, grande cópia de trabalhos de exploração a serem realizados, aliás tão difíceis, penosos e mesmo tão importantes quanto os que já o foram; trabalhos esses equivalentes aos que se têm executado ultimamente e aos que estão em curso sob a responsabilidade de homens como Haseman, Farrabee e Miss Snelthage. Os naturalistas colecionadores que se metem pelas selvas procurando executar obra perfeita, enfrentam toda a sorte de riscos e suportam muitas fadigas e sacrifícios. Exploradores e naturalistas de verdade encontraram

na América do Sul um vasto campo aberto de extraordinária atração e incitamento. Entretanto, os que vão escavar ruínas já há muito exploradas e conhecidas, visitar cidades longínquas que datam de tempos coloniais, percorrer estradas mesmo que sejam impérvias, ou subir e descer rios como o Amazonas, o Paraguai e o baixo Orenoco – tudo isto já bastante explorado e que não significa, de modo algum, desbravamento ou aventura –, não devem intitular-se exploradores ou desbravadores, sem embargo dos seus mais perfeitos relatórios e do contingente de máxima valia com que possam contribuir para os conhecimentos humanos; e tampouco se compararem, em qualquer sentido, aos verdadeiros peregrinos das selvas, ou ainda criticá-los. Tais realizações não representam sacrifícios ou dificuldades que mereçam maior atenção. Seu valor decorre exclusivamente de observação e não de ação. Nesses casos o homem faz pouco; apenas registra o que observa. É simplesmente o homem dos caminhos já percorridos. O verdadeiro explorador das selvas, ao contrário, deve ser homem de ação e de observação. Necessita possuir ânimo e físico para *fazer* e suportar, assim como “olhos de ver” e inteligência para observar e anotar.

Devo esclarecer que não quero depreciar o excelente trabalho de tantos cidadãos que perlustraram caminhos já palmilhados. Pretendo, apenas, tornar bem evidente que esses magníficos trabalhos não devem ser confundidos com os dos verdadeiros desbravadores das selvas.

Cada um tem de ser classificado à parte, pois que apresentam profundo contraste, embora muitos assim o não compreendam, entre os quais infelizmente se destaca o Sr. Savage Landor.

\* \* \*

Das corredeiras do Sepotuba, tomamos inicialmente o rumo do oeste. O primeiro dia de viagem foi passado por entre densas florestas tropicais. Fora da estrada larga comum, cada passo significava o trabalho assíduo dos facões abrindo picadas através da vegetação emaranhada: arbustos, ramos espinhentos e cipós entrelaçados. Encontramos uma nova espécie de palmeira muito alta, esguia, ereta e graciosa, de fronde curta e apoucada. As bananeiras silvestres ou pacovas aglomeravam-se nos claros por entre os troncos das grandes árvores; tinham os caules curtos e as folhas largas, eretas e gigantescas e ostentavam brilhantes flores vermelhas e alaranjadas.

Havia espécies de árvores cujos troncos formavam enormes entumescências e outras, muito altas, de troncos bifurcados em forma de torre, cujas folhas mostravam esplêndido relevo contra o azul do céu.

Gorjeantes trogonídeos verdes e vermelhos, de caudas longas, pousavam nos ramos mais baixos e iniciavam seu canto composto de três notas repetidas.

Ouvíamos os gritos da pseudo-araponga<sup>58</sup>, que é cinzenta ao invés de branca, como as verdadeiras, e que sempre prefere pousar nos ramos mais altos das árvores.

Uma chuva pesada caiu pouco antes de atingirmos o local em que pretendíamos acampar.

Na manhã seguinte subimos uma encosta abrupta nos limites do platô Parecis, que se encontra a dois mil pés de altitude. Estávamos no Planalto Central do Brasil, terra saudável, de ar seco, de noites frescas e límpidos regatos. O sol brilhava a pino quando vencemos a elevação. Refreamos as montadas e lançamos o olhar para trás, sobre os vastos pântanos paraguaios que reverberavam à luz plena da manhã.

Em seguida volvemos à marcha para frente, projetando nossas sombras esguias muito longe, na estrada. Tínhamos a vencer vinte milhas antes de atingirmos a próxima aguada, e em época de calor era uma dura prova atravessarmos aquele estirão arenoso, sem água, sem sombra, sem lombo de burro e tangendo bois de carga.

Nesse dia, porém, de repente, o céu tornou-se escuro e um vento frio começou a fustigar nossas faces à medida que estugávamos o trote na areia movediça da planície imensa.

O solo era arenoso, coberto de gramíneas e esparsas árvores raquíticas e tortas, de poucos palmos de altura.

Havia ali grandes bandos de emas e pequenos veados dos pampas; a cor das primeiras não permitia se as vissem ao longe, ao passo que a pelagem vermelha-luzidia dos veadinhos, que mantêm sempre a cauda levantada quando correm, denunciava-os, a grande distância. Encontramos também rastos de pumas e do grande lobo vermelho de dentes curtos. Os pumas são os maiores inimigos dos pequenos

---

58 Araponguinha (*Tityra inquisitor inquisitor* Litch.) (N. do trad.).



*O Cel. Roosevelt e o Cel. Rondon apreciam a paisagem.  
“O solo era arenoso, coberto de gramíneas esparsas, árvores raquíticas e tortas de poucos palmos de altura...”*

veados sul-americanos, quer dos catingueiros quer dos mateiros. Não é tão fácil perder-se nesses descampados como nas florestas densas; e desde que haja um ponto de referência como uma estrada real ou um rio, qualquer pessoa, mesmo sem bússola, pode orientar-se. Porém, nas florestas espessas da América do Sul, sobretudo em dias nublados, uma bússola é absolutamente indispensável

Surpreendeu-nos o fato de que os caçadores nativos e fazendeiros, em tais dias, sempre se perdiam nas matas e, se não fossem socorridos a tempo, punham-se a dar voltas fazendo verdadeiros círculos ou, então, tomavam a direção completamente oposta. Não possuíam o senso da direção como os “ndorobos”, habitantes das selvas africanas, ou como dizem possuir os legítimos silvícolas da América do Sul.

Seguramente por seis vezes, nossos guias ficaram completamente desorientados, obrigando-nos a tomar o comando, sem levar em conta suas opiniões, mas apenas orientando-nos pela bússola. Nesse agradável dia viajamos perfeitamente bem. A temperatura estava admirável e aqueles vastos descampados nos davam a sensação de extraordinário vigor e absoluta liberdade. Logo ao começo da tarde alcançamos um dos postos instalados pelo Cel. Rondon no decurso de sua primeira exploração. Compunha-se de várias casas caiadas de branco, assoalhos de pedra e tetos de telhas ou de palha, que se erguiam num vale amplo, de suave declive. Através do vale deslizava um regato de águas frias e múrmuras, no qual nos deleitamos em esplêndidos banhos.

Aquela atmosfera pesada e úmida das planícies baixas e pantanosas desaparecera; o ar era leve e fresco; o céu, límpido. A paisagem ampla e vasta se descortinava ante nossos olhos; a brisa fresca que acariciava as nossas faces parecia provir das próprias planícies do setentrião. O sol do meio-dia era muito quente mas, mesmo assim, dificilmente poderíamos supor que estivéssemos em zona tórrida. A ausência de mosquitos dispensava-nos dos cortinados à noite, mas, em compensação, tínhamos que nos enrolar nos cobertores e dormíamos confortavelmente. Certamente, de futuro, esta região será centro de uma população sadia e altamente civilizada.

Trata-se de excelente zona para criação de gado, possuindo ainda ótimos vales para agricultura.

De junho a setembro costuma haver noites realmente frias. Qualquer raça pura do norte poderá aí radicar-se, pois que tal terra e tal clima prodigalizzariam excelente viver.

Nessas planícies a Comissão Telegráfica emprega caminhões, de sorte que pudemos dar algum descanso à nossa tropa, a qual, especialmente os bois, já davam mostras de grande cansaço. Viajar naquela região agreste com bagagem própria para estrada de ferro, em lombo de burro, não é lá coisa muito fácil. Era de causar admiração verem-se tais veículos, ali, naqueles rincões bravios, onde não havia um colono ou qualquer homem civilizado a não ser os empregados da Comissão Telegráfica.

Estes eram chefiados pelo Tte. Laureadó, que, juntamente com o Tte. Melo, se encarregou de transportar as nossas bagagens; eram ambos excelentes criaturas e de grande competência.

Passamos o dia seguinte ainda atravessando o planalto e, ao cair da tarde, quando desabava um temporal, cruzamos a divisa das bacias do Paraguai e do Amazonas. Nessa mesma tarde acampamos junto de um ribeirão que ia desaguar no Tapajós. A chuva continuou a cair, ora mais branda, ora mais forte, retardando a tropa. Armaram-se as barracas e as lonas, acendeu-se o fogo e, depois de quatorze horas de jejum, banqueteamo-nos regamente com feijão, arroz, carne de porco e de vaca sentados no chão, sobre couros de bois.

O céu clareou e as estrelas começaram a brilhar na noite fria, e, enrolados nos cobertores, dormimos tranqüila e confortavelmente.

\* \* \*

Na manhã seguinte mudamos de rumo, dirigindo-nos para o norte com algumas derivantes para leste. Percorremos idênticas planícies movediças e elevadas, revestidas de gramíneas e árvores raquíticas. Kermit, montando uma grande besta branca de queixo duro, afastou-se da estrada para uma caçada e veio alcançar-nos novamente, trazendo na garupa dois pequenos veados dos pampas. Tais veadinhos são muito bonitos e garbosos e têm cauda semelhante aos da Colômbia. Quando permanecem de frente e quietos no meio da vegetação, dificilmente são descobertos, mas, vistos de lado, o colorido avermelhado da pelagem estabelece contraste com o verde e o pardo da paisagem, denunciando-os, e, se levantam a cauda

preta, ficam ainda mais em destaque. Andam sós ou aos pares e evitam cuidadosamente as matas, ao contrário de seus afins, os veadinhos mateiros. Desprendem um odor característico que se percebe ao longe, porém, não é nauseante. Sua carne é excelente. Os dois abatidos por Kermit ainda conservavam as aspas.

Encontramos muitos insetos esquisitos, como certo gafanhoto vermelho que, quando voa, tem quase a envergadura de um pardal dos pequenos. Em alguns sítios havia tal multidão de pequenos gafanhotos verdes, em atividade, que chegavam a espantar as mulas.

Em nosso acampamento apareceu a colônia assombrosa de aranhas. As teias estavam presas em árvores anãs, distanciadas umas das outras alguns metros e entremeadas de poças. Quando atingimos o local, logo depois do meio-dia (os cargueiros só chegaram ao por-do-sol, pouco antes da chuva), não se via uma aranha. Estavam todas escondidas no meio da folhagem. De fato, as teias, que, aliás, apresentavam vários pontos rompidos, estavam completamente abandonadas. Logo que começou a escurecer, saíram todas dos esconderijos, ao todo umas duzentas ou mais, e, imediatamente, se puseram a reparar os estragos das velhas teias e a tecer outras novas. Cada uma tecia a sua, em forma circular, e se aninhava no centro, porém, todas mantendo conexão umas com as outras, em vários pontos enquanto as que se achavam diretamente ligadas às árvores estavam como que amarradas por cordéis. Apresentava cada rede, e estas se contavam por cerca de meia dúzia estendidas entre duas árvores, o aspecto de um grande lençol de filigrana, tendo cada um dezenas de pequenas aplicações circulares com a respectiva proprietária ao centro.

Quase que se não distinguia a teia, de sorte que a impressão era de enormes aranhas pousadas no espaço, equidistantes uma das outras entre cada duas árvores. Quando caiu a noite, ao mesmo tempo que a chuva, continuavam no seu afã ou apresando algum inseto desprevenido que viesse emaranhar-se nas teias. Não tenho dúvida alguma em afirmar que tais aracnóides são de hábito noturno (ocultando-se naturalmente durante o dia), visto ser impossível que apenas estejam em atividade por espaço de poucos minutos, ao escurecer.



À noite, após o jantar ou ceia (as refeições se faziam em horas tão incertas que dificilmente se lhes poderia dar um título certo), os membros da comitiva se punham a contar história de suas vidas. Muitos já haviam passado por duras provas. Rondon e o Tte. Lira narraram fatos relativos às dificuldades e o sofrimentos por que passaram no desbravamento daqueles rincões que estávamos agora atravessando, com relativo conforto. Naquele próprio sítio foram obrigados a se alimentar com frutas silvestres durante semanas, tornando-se por isso enfraquecidos e macilentos. Nas florestas da bacia amazônica foram mais felizes porque sempre matavam pássaros e descobriam colméias de abelhas-silvestres, cheias de mel. Na encruzilhada da linha telegráfica com a estrada, na bacia do Juruena, perderam, um após outro, todos os cento e sessenta muars que traziam desde o início da viagem. Todos eles pagaram caro pelo arrojo de estabelecer os fundamentos daqueles domínios. Fiala fez referências sobre as imensas noites polares, quando os ursos-brancos se punham a rondar as tendas de neve dos exploradores, procurando devorá-los e acabando por serem, eles próprios, os comidos.

Entre todos da comitiva, porém, as histórias de Cherrie foram as mais variadas. Isto, em parte, devido ao fato de que o naturalista moderno, do mais vigoroso tipo, que se embrenha pelas terras virgens de todo o mundo, muito tem que fazer e observar, e em parte motivado pelo próprio temperamento do homem. As coisas que teve oportunidade de ver, as provas por que passou e o que foi obrigado a fazer, deram a Cherrie possibilidade de descortinar sua vida passada, referta de acontecimentos imprevistos. De uma feita estávamos conversando a respeito de melhores armas para cavalaria e alguém manifestou sua opinião sobre a excelência da lança, pelo efeito moral que produz no inimigo. Cherrie meneou a cabeça negativamente; e numa simples digressão revelou imediatamente que estava falando com conhecimento de causa, de experiência própria, quando teve de enfrentar uma carga de lanceiros. Tal fato se deu na ocasião em que lutava ao lado dos revolucionários venezuelanos, num levante malogrado, contra a tirania de Castro. Estava a pé, com cinco venezuelanos, homens de sangue-frio e bons atiradores. Foram atacados num campo aberto por vinte lanceiros, partidários de Castro, que surgiram galopando, de local imprevisto, a uns duzentos ou trezentos metros de distância. Tratava-se

de uma luta sem quartel, na qual os feridos e prisioneiros eram massacrados, justamente como aconteceu com o presidente Madero, no México. Cherrie percebeu logo que, se os lanceiros chegassem até onde eles se encontravam, significaria sua morte e a de seus companheiros; e a arrancada veloz dos soldados, com as lâminas reluzentes de suas enormes lanças em riste, deixou-lhe indelével impressão. Ele e os companheiros começaram a atirar com muita segurança e precisão, de sorte que, em poucos instantes, dez dos agressores já tinham rolado mortos, sendo que o que caíra mais próximo não estava mais do que a cinqüenta passos; os outros recuaram, em fuga precipitada. Um homem de sangue-frio com uma boa carabina, sabendo manejá-la com destreza, não precisa recear coisa alguma!

\* \* \*

Neste acampamento encontramos novamente os autotransportes. Deliberou-se que eles seguiriam diretamente até o primeiro posto telegráfico, sediado na grande cachoeira de Utiariti, no rio Papagaio. Não havia dúvida que chegariam antes do que os cargueiros de muares. Pe. Zahm assistido por Sigg, partiu nos autos-transportes. Miller e Cherrie também seguiram por julgarem impossível a apreensão de pássaros e sobretudo de mamíferos quando a viagem estava sendo feita quase sem paradas. Além disso, chovia constantemente, dificultando o trabalho que só podia ser realizado dentro das barracas. Por conseqüência, os dois naturalistas resolveram procurar um lugar em que pudessem permanecer durante alguns dias seguidos, a fim de trabalharem com maior constância e rendimento. O restante da comitiva continuou a viagem em lombo de burro. A retirada de um acampamento e a instalação de outro provocam sempre cenas pitorescas, sobretudo quando, ao cair da noite, as mulas carregadas chegam em filas e suas cargas são arriadas ao chão enquanto se armam barracas e se faz o fogo. Almoçamos antes de deixar o acampamento, usando copos e pratos de alumínio sobre um couro de boi, ao redor do qual nos assentamos, no chão ou em tamboretas de campanha. Comíamos bem: arroz, feijão e bolacha, juntamente com carne em conserva e salmão, além das caças; tomávamos café, chá e mate. Após a refeição matinal, eu geralmente me sentava num local qualquer mais apropriado e escrevia até que os animais estivessem quase prontos, ocasião em que metia rapidamente a papelada

em minha bolsa de flanela felpuda – saco de guerra – como diríamos nos primeiros dias de campanha nas planícies. Verifiquei logo a impossibilidade de escrever depois da chegada dos cargueiros, o que sempre acontecia já bastante tarde.

Naturalmente, se partíssemos sempre muito cedo, não me sobriaria tempo algum para tomar minhas notas.

À noite não havia mosquitos; às vezes, durante o dia, éramos importunados pelas mutucas, piuns e outras espécies.

Pequenas abelhas inofensivas vinham pousar sobre nossa pele, fazendo cócegas, sem maiores incômodos a não ser quando em número excessivo.

Chovia bastante, porém, não tanto que nos pudesse causar aborrecimentos sérios.

O Cel. Rondon e o Tte. Lira tiveram muitas discussões a respeito do curso e da embocadura do rio da Dúvida. Seu nome provisório – *rio da Dúvida* – foi dado justamente por causa das incertezas que havia a seu respeito, incertezas estas cujo desvanecimento representava um dos propósitos de nossa viagem. Poderia desaguar no Ji-Paraná, e nesse caso seria de pequeno curso, ou então no baixo Madeira, hipótese em que teria curso longo, ou ainda no Tapajós, o que, aliás, era menos provável. O Cel. Rondon havia também atravessado as cabeceiras de outro rio, cujo curso era igualmente duvidoso, a despeito de, no presente caso, haver maiores probabilidades de desaguamento no Juruena, nome por que é conhecido o Tapajós até a metade de seu alto curso. A este rio o coronel dera o nome de rio Ananás, em virtude de ter encontrado, na ocasião em que o descobrira, uma plantação de abacaxis abandonada pelos índios, os quais foram ávidamente consumidos pelos exploradores já famintos. Um dos objetivos visados pelo coronel e por mim nesta excursão era justamente esclarecer esses dois pontos duvidosos da corografia daquela região. Inicialmente, como aliás já foi explicado no primeiro capítulo, minha viagem se prendia a interesses do Museu Americano de História Natural, de Nova Iorque, visando ampliar os nossos conhecimentos biológicos relativos às regiões mais longínquas do interior do oeste brasileiro, de sorte que as etiquetas de nossa bagagem e dos apetrechos científicos, mandadas preparar pelo Museu, traziam os seguintes dizeres: “Expedição Sul-americana Cel.

Roosevelt para o Museu Americano de História Natural”. Todavia, consoante já expliquei, no Rio de Janeiro, o Governo brasileiro, por intermédio de seu Ministro do Exterior, Dr. Lauro Müller, sugeriu a incorporação desta expedição à que o Cel. Rondon tencionava realizar e assim ampliar seu âmbito de ação. Foi aceita a proposta com grande contentamento, e então verificamos, logo que nos encontramos com a comitiva do coronel, que sua bagagem e equipamentos exibiam o rótulo: “Expedição Científica Roosevelt-Rondon”.

Dali em diante este título tornou-se a denominação oficial da expedição. Cherrie e Miller encarregaram-se da parte zoológica. Os trabalhos geográficos e geológicos ficaram sob a direção do cientista brasileiro, Dr. Eusébio de Oliveira. Das questões atinentes à astronomia, necessárias à exata localização geográfica dos rios e dos pontos de referência, ficou incumbido o Tte. Lira, com a supervisão do Cel. Rondon; as estações telegráficas registrariam e comunicariam todas as informações a um dos assistentes do coronel em Cuiabá, o Tte. Caetano, mantendo-se, desse modo, um perfeito controle do tempo. Os esboços de mapas, trabalhos topográficos e cartográficos geralmente eram executados pelo Tte. Lira, sob a orientação do Cel. Rondon e assistência de Fiala e Cherrie. O Cap. Amílcar se encarregou do pior problema, isto é, o transporte, e os serviços médicos eram da alçada do Dr. Cajazeiras.

\* \* \*

À noite, os meus companheiros brasileiros falaram a respeito dos primeiros desbravadores daquelas vastidões selvagens do oeste do país, homens cujos nomes já estão quase relegados ao domínio das coisas esquecidas, mas que realizaram grande obra de desbravamento naquela região que algum dia se transformará em grande centro de civilização. Entre os mais notáveis, destaca-se o português Ricardo Franco, que ali perambulou durante quarenta anos, no último quartel do 18º século e primeiros anos do século dezanove. Empreendeu longas peregrinações pelo Xingu e Tapajós, subiu o Madeira e o Guaporé e atravessou as cabeceiras do Paraguai, explorando, parcialmente, essa região. Trabalhou entre os índios e com os índios, da mesma sorte que Mungo Park com os silvícolas da África Oriental, sem contar com qualquer auxílio, instrumentos e o conforto de que se

munem os exploradores modernos, até mesmo os mais arrojados. Foi ele um dos que fundaram a província de Mato Grosso. Durante muitos anos, a única via de comunicação entre essa remota província e a civilização foi a estrada longa, difícil e perigosa que ia ter no Amazonas e no Madeira.

Sua capital de então, a cidade de Mato Grosso, sede da capitania geral, com seu palácio, catedral e fortaleza, foi, por isso, edificada no mais longínquo oeste, próximo do Guaporé.

Quando se estabeleceram outras vias de comunicação mais acessíveis para o leste, a velha capital ficou abandonada e a selva tropical surgiu em toda plenitude, asoberbando a cidadezinha solitária. O túmulo do antigo explorador colonial ainda existe na catedral em ruínas, no meio das selvas. Porém a civilização está novamente em marcha e há de reclamar a cidade perdida e reviver a memória daqueles que concorreram para a sua fundação. O Cel. Rondon deu a certo rio o nome de Franco; existe também uma cordilheira que tem esse nome.

Foi ainda o coronel que, de acordo com o governo brasileiro, estabeleceu uma estação telegráfica no antigo palácio do capitão-mor.

Nosso caminho para o norte perlongava uma elevação situada a duas outras léguas a leste do rio Sacre, que corre para o norte. Cada noite acampávamos na margem de um de seus pequenos tributários. Fiala, Cherrie e eu ocupávamos uma barraca. Durante o dia os piuns, terríveis mosquitos, não nos deixavam em paz e fomos obrigados a usar luvas e redes para proteger as mãos e o rosto.

Constantemente os aguaceiros dificultavam a marcha das cavalgadas. O solo era mais argiloso do que silicoso, o que tornava o chão escorregadio quando molhado. O céu mostrava-se nublado e o calor não era opressivo, mesmo durante as horas mais claras do dia. De espaço a espaço encontrávamos o cadáver estatelado<sup>59</sup> ou o esqueleto alvacentos de uma besta ou de um boi. Dias e dias seguidos marchávamos pelas planícies sem fim, cobertas de gramíneas e de pequenas árvores esparsas, sendo que algumas não ultrapassavam a altura de um homem a cavalo. Algumas delas exibiam inflorescências vermelhas, alaranjadas, brancas e encarnadas; havia muitas

---

59 Naquela região não existem urubus, cuja função necrófaga é realizada pelas varejeiras (N. do trad.).

flores entre as quais sobressaíam as ipoméias. Entre as árvores notavam-se as pseudo-seringueiras e o palmito anão. Esses, quando atingem uma altura um pouco maior, são quebrados e dilacerados pelo vento. Quer a fauna alada quer a mamífera eram parcas. A paisagem mostrava-se restrita, dada a impossibilidade de se ver muito além dos troncos acinzentados e nodosos daquelas pequenas árvores açoitadas pelo vento. Todavia, o desolado panorama tinha qualquer coisa de encantamento, apesar de não agradar talvez aos que não apreciam espaço apenas, liberdade, selvas, planícies abertas ao sol, à chuva e aos ventos... A região apresentava alguma semelhança com o oeste de Redjaf, o Nilo Branco, pátria do antílope africano. Notava-se apenas uma diferença; ali não se encontravam as grandes caças, não havia possibilidade de se ver a forma bizarra da girafa, a massa bruta do elefante ou do búfalo, os bandos dos grandes veados-do-cabo<sup>60</sup>, cor de palha, ou os terríveis raios de sol rebrilhando na pelagem dos antílopes que desaparecem silenciosamente no oceano imenso da vegetação ressecada.

Uma das feições semelhantes à paisagem africana era a abundância de cupinzeiros, alguns mais altos do que um homem. Apresentavam-se vermelhos os solos argilosos e pardos nos arenosos; alguns eram também formados nos troncos, sendo que suas galerias atravessavam as árvores ou se intrometiam pelo solo, conforme o caso. Em alguns acampamentos tínhamos que ficar de sobreaviso por causa das formigas carregadeiras. Os brasileiros apelidaram-nas “carregadeiras” porque estão constantemente transportando pedaços de folhas e da grama para os formigueiros. São inveterados carregadores, cortando habilmente, em pequenos pedaços, qualquer peça de roupa que tenham ao seu alcance. Éramos forçados a resguardar nossos sapatos e roupas por sua causa, providência que também tomávamos, às vezes, com relação às térmitas.

Tais formigas nunca nos picaram; entretanto, encontramos certa variedade de tipos grandes e pretos, medindo três centímetros de comprimento, cujas picadas eram dolorosas e até venenosas. Os louva-a-deus eram muito comuns e certa vez, na hora do jantar, um desses insetos teve um encontro jocoso com um cãozinho muito jovial do Cel. Rondon, chamado *Cartucho*. Este cãozinho foi cognominado de *Joly-cum-pup*, denomi-

---

60 Grande antílope africano, também chamado “antílope-caama”, ou apenas “caama” (*Alcelaphus caama*) (N. do trad.).

nação tirada do título de uma das histórias de Frank Stockton, escritor apenas lembrado, acredito, por pessoas mais idosas, e mesmo assim, somente norte-americanas. *Cartucho* estava com a cabeça estendida sobre couro de boi que nos servia de mesa, esperando com mal dissimulada impaciência o seu quinhão do banquete. O louva-a-deus veio pousar no couro e começou a voejar sobre ele, de um lado para outro, e toda vez que supunha estar sendo perseguido, assumia uma aparente atitude de prece que, na realidade, era de desafio. De repente pousou justamente na frente do focinho de *Cartucho*. O cãozito empertigou as orelhas, esticou o pescoço e começou a farejar a visita com certa precaução, sem propósitos hostis, apenas com a intenção de verificar se era algum companheiro para brincadeira. O louva-a-deus tomou imediatamente a atitude de súplica. Isto intrigou *Cartucho*, como novidade de grande interesse e assim estirou mais para perto o focinho preto. O inseto, com grande agilidade, arremessou uma pata dianteira e em seguida a outra, alcançando o focinho intruso, que instantaneamente se encolheu para se pôr de novo em movimento, para frente, vagarosa e cautelosamente. Então o louva-a-deus, rápido, voou para a testa de *Cartucho*, este, com um sufocado ganido de espanto, quase deu uma cambalhota para trás, ao passo que o inseto triunfante voou novamente para o meio do couro, por entre os pratos, onde permaneceu empertigado, desafiando o companheiro alegre e brincalhão.

\* \* \*

Na manhã de 29, deixamos o acampamento mais tarde, porque a chuva caiu durante toda a noite, até de manhã, encharcando tudo. Depois que escureceu, apareceram alguns mosquitos.

Os piuns eram terríveis durante o dia; suas picadas deixam um pontinho negro na pele que perdura por muitos dias. Uma das mulas de carga, escorregando na lama, caiu e ficou de tal maneira ferida que tivemos de abandoná-la. Logo depois da partida passamos pela linha telegráfica que vem de Cuiabá; foi a primeira vez que a vimos. Dois índios parecis, puxando um novilho com carga, vieram incorporar-se à nossa comitiva. Estavam vestidos de calças e camisa e usavam chapéu e alpercatas, precisamente como os caboclos brasileiros, isto é, indivíduos que vivem pobremente no interior, tendo geralmente algum sangue branco, conversadores e um tanto

irônicos. O termo “caboclo” é oriundo do guarani e significa: “homem do mato”. Esses índios eram empregados na Comissão Telegráfica e estavam em serviço de inspeção de linhas. Os novilhos carregavam objetos de seu uso pessoal e material para reparos. A Comissão pagava ao trabalhador comum, índio, 66 centavos por dia<sup>61</sup>; aos melhores, um dólar e aos que chefiavam turmas, um dólar e 66 centavos.

O Cel. Rondon, pela sua maneira justa e bondosa de tratar esses índios, que anteriormente eram explorados e maltratados pelos seringueiros, transformou-os em verdadeiros amigos do governo. Congregava-os nos postos telegráficos, onde cultivavam mandioca, feijão, batatas, milho e outros vegetais, além de iniciá-los na criação de gado. O serviço de guarda e patrulhamento das linhas telegráficas se fazia por seu intermédio.

Após seis horas de marcha, chegamos no local de travessia do rio Sacre, na belíssima cachoeira que muito apropriadamente se denominou de Salto Belo. Ali é o ponto terminal da estrada de automóvel, justamente numa pequena aldeia pareci. Os homens desse agrupamento exploram o serviço de passagem no rio veloz e fundo. A balsa compõe-se de uma prancha de madeira colocada sobre três canoas ligadas que se movem por meio de cabos. Antes de atravessarmos o rio, deleitamo-nos num excelente banho naquelas águas frias, límpidas e velozes. A aldeia dos índios, onde acampamos, está situada em uma nesga de terra elevada, circundada pelo rio um pouquinho acima da grande queda.

A cachoeira é maravilhosa. Um pouco adiante existe uma pequena ilha coberta de mata. É uma queda de cerca de quarenta a cinquenta metros, com largura duas a três vezes maior e de grande volume. Na margem esquerda, isto é, do lado em que nos achávamos, estende-se um rochedo por algumas centenas de metros além da cachoeira. Inúmeras vergôntes lançam-se para baixo, sobre a superfície da rocha e se encontram com outras que se alteiam da massa de vegetação no sopé, reluzindo sob as névoas eternas da catarata e cobrindo o penedo de verde roupagem. O rio, após precipitar-se sobre a parede de pedra, desliza em longas curvas pelo fundo de uma garganta coberta de densa vegetação, fazendo marulhar suas

---

61 Ao tempo o dólar valia Cr\$3,00; portanto, 66 centavos equivaliam a Cr\$1,98 da nossa moeda (N. do trad.).



águas claras sobre seixos escuros. Ao pé da catadupa reluz eterno arco íris. A massa d'água verde que se arremessa na borda do precipício, transforma-se em deslumbrantes colunas rendadas e espumejantes de névoa.

Na extremidade do penhasco, abaixo da queda d'água o Cel. Rondon mandou colocar uns bancos, dando àquele local perdidos nas brenhas, um aspecto interessante de turismo. E vale a pena visitá-lo, tal a beleza que encerra. É um rincão interessantíssimo e promissor. O Tte. Lira informou-me que, pelos cálculos já feitos, poderia a cachoeira fornecer 36.000 cavalos vapor. A oito milhas além, iríamos ver outra cachoeira de muito maior queda e força. Aquela região é fértil em rios, que poderiam fornecer a energia quase ilimitada a grandes comunidades industriais. Toda essa zona é salubre e está num altiplano de bom clima. Passamos por ali na época das chuvas, época em que as noites são muito mais frias do que no tempo da seca, e ainda assim acho-la aprazível. As terras ribeirinhas são muito férteis e as baixadas fecundas do Amazonas e do Paraguai poderiam ser tributárias – com imensa vantagem para ambas – de uma civilização industrial estabelecida nessas planícies. Naturalmente, torna-se indispensável uma estrada de ferro, o que, aliás, não seria de difícil construção, em face da ausência de grandes obstáculos naturais. Antes da estrada de ferro, poder-se-ia estabelecer uma linha de carros elétricos de Cuiabá até a queda d'água, empregando-se a própria energia ali captada. Realizado isto, a região ofereceria excelentes oportunidades aos colonos do melhor tipo: construtores, empreiteiros e homens de negócios com visão e sagacidade que viessem a transigir com os colonos, com os construtores e com imigrantes sob um sistema cooperativista.

Os índios parecis que ali encontramos eram interessantíssimos, joviais, bem humorados e divertidos. Seus dentes eram maus, mas, de outro lado, tinham compleição robusta e forte, possuindo grandes proles. O coronel foi recebido como um valoroso amigo e um chefe que deve ser obedecido e imitado. Educa-os gradualmente, aliás única maneira de elevar-lhes o nível sem descontinuidade. Nessa aldeia conseguiu ele que os índios substituíssem suas tabas por habitações comuns das do tipo usado pelos trabalhadores do interior do país, cujos tetos são de palmeira e fortemente inclinados. Geralmente são abertas dos lados, onde se vêem apenas a estrutura de pau-a-pique e uma parede nos fundos havendo,



*A cachoeira de Salto Belo.  
“Há uma queda de 40 a 50 metros de altura, com largura três vezes maior, talvez...”*

contudo, algumas com as quatro paredes fechadas, entretecidas de colmos. As redes ficam dependuradas dentro de casa, onde também preparam a comida, em fogo aberto ou esporadicamente em fogões rústicos de barro. No chão, ou suspensos dos esteios, vêem-se cabaças com água e cestos de taquara. Os homens já tinham adotado o uso de roupa, camisa e calças, ao passo que as mulheres pouca modificação haviam feito na indumentária. Um pequeno número delas exibia tecidos estampados, apenas como ornamento, já se vê.

A maioria, sobretudo as mocinhas e as casadas ainda jovens, nada mais usava do que uma tira estreita de pano à altura dos rins, colares e braceletes de contas. As que estavam amamentando – e quase todas se achavam nessas condições – carregavam, às vezes, os filhinhos sentados sobre os quadris, seguros por uma faixa de pano a tiracolo. Tinha-se a impressão de que eram bem tratadas, apesar de tais índios praticarem a poligamia.

Homens e mulheres acariciavam as crianças, que eram queridas por todos e de quem aceitavam, indistintamente, os afagos. Os rapazinhos respeitavam as mocinhas e não maltratavam as crianças. A maioria dos meninos andavam despídos ao passo que as meninas, desde logo, usavam faixa na cintura; algumas crianças, de ambos os sexos, costumavam exhibir vestidinhos de cores vistosas, para seu gáudio e dos pais.

Em cada casa habitavam várias famílias em promiscuidade, mas a vida corria com bom humor, consideração e sobretudo cordialidade. Homens e mulheres, quando nada tinham a fazer, deitavam-se nas redes ou permaneciam agachados no chão, encostados em postes ou nas paredes. As crianças se reuniam para brincar ou se acomodavam em pequenas redes; algumas acompanhavam as mães por toda parte e quando chamadas vinham logo na esperança de algum carinho ou presente. São excelentes criaturas, acostumadas a bom tratamento. Uma mulher tecia um pano, outra estava preparando abóbora e outros vegetais para a cozinha. Os homens, após o regresso do trabalho no barco transporte ou nas linhas telegráficas, empregavam o tempo em outros misteres, ou brincavam com os meninos; um deles, depois de cortar o cabelo de um ra-

pazelho, entregou a própria cabeça a um companheiro para o mesmo fim. Contudo, o divertimento por excelência era um estranho jogo de bola.

\* \* \*

Em nossa família sempre apreciamos os versos fúteis de Oliver Herford, inclusive o caso do descontentamento de Willie com seu bode:

Não gosto do meu bode camarada;  
Era bem bom que ele estivesse morto.  
Não pára de me dar tanta marrada  
De bater co'a cabeça fica torto.

Pois bem, os índios parecem dão entusiásticas marradas na bola. O jogo é genuinamente seu, pois nunca ouvi falar e nem li algures se e praticado por qualquer outra tribo ou povo. Empregam uma bola de borracha de cerca de 20 centímetros de diâmetro, oca e leve, de fabricação própria. Os jogadores se dividem em dois partidos, de maneira muito semelhante ao futebol, e a bola é colocada no centro do campo. O jogo se inicia com um dos contendores atirando-se ao comprido no chão, a fim de impulsionar a bola com a testa.

Essa cabeçada inicial, aplicada com a bola ainda no chão, via de regra, não consegue suspendê-la suficientemente, de forma que a bola, ainda rolando, é impulsionada por outros jogadores contrários, que tentam arremessá-la para o campo adversário mediante cabeçadas que exigem o arremesso do corpo ao comprido, geralmente em movimento de mergulho; a segunda cabeçada provoca a subida da bola que escreve uma curva no ar e um jogador do outro partido, correndo, apara-a na cabeça com tanta habilidade e direção que ela volta ao campo contrário como se fosse rebatida por um jogador de futebol, num “bate-pronto”. Se a bola vence a linha demarcada, é novamente posta em jogo. Muitas vezes a pelota bate de cabeça em cabeça, durante algum tempo, até que, impulsionada com maior violência, consegue passar pelos jogadores do lado oposto, indo cair no chão. Ouvem-se então, hurras e gritos de contentamento, dos que marcaram o lance; em seguida, o jogo é reiniciado com o mesmo entusiasmo. Evidentemente não há regras estabelecidas



*Uma das índias fazia uma rede.*



*As mães carregam os filhos seguros por um pano a tiracolo.*

como nos jogos civilizados, e não tive oportunidade de assistir a uma disputa formal.

Cada bando pode constar de oito, dez ou mesmo mais jogadores, porém, a bola não pode ser tocada com as mãos nem pés, ou qualquer outra parte do corpo, a não ser a cabeça. É difícil discernir o que é mais de se admirar: se a destreza e a violência da cabeçada, quando a bola está prestes a tocar no chão, ou se a rapidez destemerosa e habilidade, com que os jogadores se atiram em mergulho, para cabeceá-la. Não é menos admirável a inteligência com que conseguem livrar o nariz de qualquer choque contra o solo. Alguns jogadores, dificilmente erram o lance e rebatem a bola com tal violência que ela muitas vezes descreve uma grande curva, cobrindo uma distância realmente fantástica.

\* \* \*

Nessa noite um dos bois entrou na barraca em que Kermit e eu dormíamos. Não posso explicar como continuamos a dormir enquanto o animal se pôs a mascar nossas camisas, meias e outras peças! Mascou-as à vontade! Escaparam apenas um par de meias e minha camiseta, as quais ainda pude usar algumas vezes, apesar de esburacadas; as outras peças ficaram em frangalhos.

Na manhã seguinte, o Cel. Rondon mandou servir o almoço nos bancos debaixo das árvores, ao pé da cachoeira, cujo bramido, qual um trovão, ressoava ininterruptamente em nossos ouvidos. Não se podia ter escolhido local mais pitoresco para nossa refeição! Aconselho a todos os viajantes que realmente quiserem apreciar o que existe de mais belo e característico no interior da América do Sul, a visitarem aquela região e contemplarem as duas grandes cachoeiras. Mesmo atualmente, não são de difícil acesso e logo que o tráfego melhorar, ainda se tornarão mais acessíveis; nesse caso, de São Luís de Cáceres, poder-se-ia alcançá-las rapidamente, por meio de vapores ligeiros, subindo o Sepotuba, e mais um dia ou dois de automóvel e igual a cavalo.

\* \* \*

O coronel reuniu, em grave conselho, os índios parecis, para elucidar um incidente que o aborrecera seriamente. Um dos empregados

da Comissão, um negro, assassinara um índio selvagem, da tribo nhambiquara. Afigurava-se que tal indivíduo, ajudado pelos índios parecis, havia sido forçado a agir daquela maneira, pois, os membros da tribo a que o morto pertencia, eram dados à prática de raptar mulheres parecis, além de se mostrarem, ainda, péssimos vizinhos. O coronel abriu um verdadeiro inquérito para elucidar o fato; dirigiu-se para a maior casa de residência dos índios, onde se sentou em uma rede (e note-se, um indiozinho veio postar-se, bem agachadinho, ao seu lado), enquanto os demais também se sentaram em outras redes, aguardando. Não obstante os esforços empregados, não foi possível descobrir toda a verdade. Depreendeu-se, contudo, que os nhambiquaras tinham descido até a aldeia, em ocasião em que os parecis se encontravam afastados, havendo somente mulheres, e os homens somente puderam socorrê-las, atraídos pela gritaria que fizeram.

O acusado viera em companhia dos parecis e, como estivesse armado de espingarda, matou um dos agressores. Os parecis, naturalmente, estavam com a razão, mas o coronel não queria, absolutamente, que seus homens se envolvessem em querelas entre os índios.

\* \* \*

Distávamos, subindo o Papagaio, apenas duas horas de viagem das quedas de Utiariti, denominação esta, dada pelo seu descobridor, Cel. Rondon, a propósito do nome de um gavião sagrado dos parecis.

No caminho, alcançamos alguns índios amigos, que seguiam na mesma direção: homens e mulheres que transportavam cargas. As cargas de algumas mulheres (pobres trastes) eram pesadas – e até criancinhas nuas conduziam galinhas. Em Utiariti existem uma grande aldeia parecis e uma estação telegráfica, chefiada por um dos empregados da Comissão. Sua morena e graciosa esposa servia de professora a um grupo de rapariguinhas parecis. O chefe da aldeia havia sido nomeado major, e usava o respectivo fardamento. A Comissão construiu bons prédios para seus empregados e está superintendendo a construção de higiênicas habitações para os índios. A maioria dos silvícolas ainda prefere a simplicidade de suas vestes comuns, porém, naquele dia, estavam garbosamente enfiados, em nossa honra.

Mais para a tarde, ao realizarem uma partida de seu jogo de bola<sup>62</sup>, com árbitro, começaram a se despojar das peças de roupa, ficando uns de calças e outros apenas de tangas! Dois ou três tinham as faces pintadas de ocre vermelho. Entre mulheres e crianças, que apreciavam o jogo, notavam-se algumas meninas brincando com pernas de pau.

A grande cachoeira se encontrava a meia milha abaixo. Toda a grandiosidade que sentimos em Salto Belo estava muito aquém da beleza e majestade de Utiariti! É duas vezes mais alta e mais larga do que aquela; e a paisagem em torno, ainda é mais fascinante.

A poucas centenas de metros antes da queda, o rio se dobra em um ângulo, alargando-se. Os pontos mais rasos estão cobertos de musgos. Logo abaixo da queda, rápida e salpicante, crescem as colunas de névoa da catarata; e, à medida que o vento agita e quebra essas colunas, pode-se ver, de permeio a mata luxuriante. Vista de baixo, a cachoeira é de uma grandiosidade sem par! A queda se dá sobre um rebordo do declive da rocha, que vai quase em linha reta de um lado ao outro do leito do rio. À esquerda, porém, apresenta-se uma saliência na linha do rochedo, formando outra queda d'água, separada da principal. Não acredito que haja na América do Norte, excetuando Niágara, outra que se lhe possa comparar em volume e beleza. Acima da cachoeira o rio rola por um extenso vale, de pendor suave.

Após a queda, uma torrente de água verde e branca desliza pelo fundo de alta garganta, em cujas paredes se vêem altíssimas essências tropicais.

\* \* \*

Na manhã seguinte o cacique da aldeia, em seu uniforme de major, veio almoçar conosco e se portou com absoluta correção.

Chovia a cântaros (eram raras as estiadas) e muito antes havia notado que as duas mulheres do cacique, em companhia de mais três ou quatro outras jovens índias, saíram para o mandiocal, constituindo um grupo bastante pitoresco. Todas eram mães e traziam os filhos assentes sobre os quadris e dependurados da faixa de pano a tiracolo. Usavam tangas

---

62 Theodore Roosevelt denominou o jogo de "*headball*" (N. do trad.).





*“O jogo se inicia com um dos contendores se atirando ao comprido, no chão, para impulsionar a bola...”*



*“Muitas vezes a bola vai, durante muito tempo, de cabeça em cabeça, até cair...”  
O jogo de bola praticado pelos índios parecis na cachoeira de Utiariti.*



*A cachoeira de Utiariti.*

*“Não acredito que haja na América do Norte, excetuando Niágara, outra que se lhe possa comparar em volume e beleza.”*

ou saias muito curtas. Cada uma conduzia um balaio às costas sustido por uma tira de pano que passava pela testa. Eram delicadas e não demonstravam nenhum acanhamento ou receio, pois sorriram alegremente acenando adeus, quando, sob a chuva, passaram por nós a caminho das culturas. Porém, o contraste entre essas mulheres e o cacique metido em seu uniforme, à mesa do almoço, era realmente chocante: e incidentemente isto revelava, em traços fortes, a estultícia daqueles que supõem ideal a vida dos silvícolas, mesmo como no caso presente em que se tratava de gente alegre e de bom gênio.

Apesar de ser época das chuvas, a viagem até aquele ponto não se apresentara muito penosa, e, de maio a outubro, que é a melhor estação do ano, não se poderiam esperar quaisquer dificuldades. Estávamos em um platô absolutamente saudável, mas, não vale isto dizer que os primeiros desbravadores, mesmo em regiões iguais a esta, não tivessem enfrentado riscos e perigos e pago pesados tributos corporais. Em diversos lugares em que paramos, encontramos sepulturas abandonadas de soldados ou trabalhadores da Comissão. Esses túmulos solitários jazem protegidos por uma cerca tosca e uma cruz de madeira, silenciosa e batida pelas intempéries, marca o ponto final de um homem desconhecido e olvidado, que pagou com sua humilde existência o arrojo de estender as fronteiras da civilização até aquelas paragens longínquas e bravias. Mais além, para o oeste, as condições de sanidade eram piores. No posto telegráfico onde nos encontrávamos, o Cel. Rondon recebeu notícias de moléstias e alguns falecimentos de empregados da Comissão, no setor oeste, para onde seguiríamos.

Beribéri e terçã maligna, eis o binômio sinistro responsável pelo maior número de vítimas.

Não há dúvida que “aqueles homens ganham bem ganhos seus salários”.

Kermit trazia consigo o mesmo volume de poemas de Kipling com o qual viajara pela África. No local da cachoeira apreciava-se um pôr-de-sol de magnífico esplendor, no qual sentíamos o imenso contraste com as longas caminhadas sob céus de chumbo, por entre as florestas úmidas e com os desertos do Arizona e de Sonora ou, então, com jornadas ao longo do Guaso Nyiro ao norte e oeste do monte Quênia, quando a cordilheira

estéril se transmuda em flamejante “anteparo à morte e ao perigo, pairando acima das planícies cor vinho”!

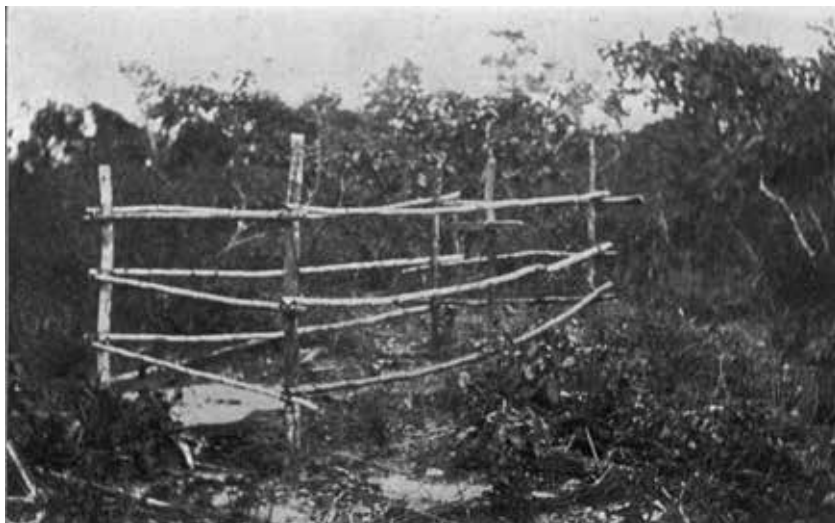
\* \* \*

Choveu a maior parte do dia em que chegamos a Utiariti. Toda vez que havia uma estiada, os índios saíam de suas casas para jogar bola e nós então ouviamos seus gritos estridentes de aplauso e de triunfo, com variadas inflexões, até que não mais pudéssemos resistir à curiosidade de apreciá-los. São eles mais apaixonados por esse jogo do que os jovens americanos pelo *base-ball* ou futebol. Fato notável é que esse esdrúxulo e excitante esporte é apenas praticado por uma única e pequena tribo de índios que se encontra quase no centro da América do Sul. Teria grande satisfação se etnólogos ou viajantes pudessem informar-me de outra tribo ou povo que pratique semelhante esporte. São necessários muito vigor, destreza e resistência para exercitá-lo. Quem olhar para aqueles jogadores de forte compleição e para os meninos que se grupam em torno do campo não terá dúvida em afirmar que gozam de perfeita saúde; não obstante, os parecis têm diminuído de número, vitimados pelo sarampo e pela varíola, que lhes são fatais.

À noite a chuva recrudescceu com muita violência. Tornou-se impossível evitar a umidade em nossos pertences; tudo se encheu de mofo ou de ferrugem. Choveu a noite inteira e, quando amanheceu, o aguaceiro continuava sem qualquer sinal de estiada. As bestas de carga não poderiam continuar a marcha; já estavam esgotadas pelos dez dias de chuva e lama, convindo, portanto, esperássemos até levantar o tempo. Além disso, não nos fora possível obter qualquer informação meteorológica.

Havia pouca forragem para os animais; tiveram de se contentar com certa planta rasteira, de folhas pequenas e de pouco valor alimentar, que abundava no local, e que comiam com sofreguidão. Com o tempo assim chuvoso e os caminhos lamacentos, o boi é mais eficiente do que o muar.

A despeito das chuvas, Cherrie e Miller, que, com o pe. Zahm e Sigg vieram esperar-nos na frente, conseguiram boa coleção de aves e mamíferos. Entre esses últimos encontravam-se gambás e ratos estranhos à coleção. As aves eram tão diferentes das nossas que não vale a pena enumerá-las.



*Túmulo solitário à margem da estrada.  
“Em diversos lugares em que paramos, encontramos sepulturas abandonadas de  
soldados ou trabalhadores da Comissão.”*



*Preparando para dançar.  
(Muitos deles usavam chocalhos em um dos tornozelos)*

Uma das mais interessantes era um pica-pau branco e preto, em que predominava o branco.

Geralmente, esta espécie de ave é encontrada em pequenos grupos. São vistosas, barulhentas e ativas; gostam de pousar nas vergôntees à maneira comum das outras aves, enquanto não se dependuram nos troncos no seu estilo “ortodoxo” de trepador. Uma pequena saíra, negra como carvão, de cabeça vermelha e alaranjada, era o mais belo de todos os exemplares.

\* \* \*

A 2 de fevereiro a chuva cessou, apesar de que o céu permaneceu plúmbeo e, vez por outra, caía uma pequena pancada. Realizei, então, levando minha espingarda, uma excursão de cerca de duas léguas; no ponto mais distanciado que atingi a cavaleiro de uma pequena colina, viam-se nitidamente as colunas de névoa da catarata no fundo da paisagem. O único mamífero que encontrei nesta caminhada foi um tatu, aliás, provido de cerdas nas juntas do casco e de cauda mole, que levei para Miller. Este exemplar nem de longe se equiparava, em velocidade, àqueles dois que encontráramos na caçada de jaguar. A julgar pelo seu modo de agir quando perambulava pelo mato, antes de notar minha presença, devia ter hábitos diurnos. Era exemplar ainda não coligido.

Passei quase a tarde inteira nas imediações da queda d’água. Sob a luz opaca do céu nublado, a grande catarata perdeu as cambiantes dos dias claros e de sol, substituindo-as por tonalidade opalina com matizes de topázio e ametista. Porém, a qualquer tempo e sob qualquer reflexo de luz, a cachoeira é bela e majestosa.

O Cel. Rondon deu inúmeros presentes aos índios, cabendo às mulheres cortes de chita e, o que elas mais apreciavam, vidros de óleos perfumados para o cabelo, importados de Paris. À noitinha os homens improvisaram uma dança e, nesta ocasião, a maioria (houve algumas exceções) pôs de lado as roupas civilizadas e se apresentou como se não houvesse estranhos presentes. Estavam inteiramente nus, a não ser uma estreita tira de pano enfeitada de contas, na cintura. Muitos traziam a pele salpicada ou pintada de tinta vermelha e ornatos com chocalhos em um dos tornozelos.

Alguns, durante a dança, sopravam canudos<sup>63</sup>, que produziam um som grave e prolongado.

Um deles meteu o canudo dentro de uma vasta cabaça, provocando um ruído cavo e gemebundo. Muitos enfeitaram as cabeças com duas penas de arara, vermelhas, verdes ou amarelas, sendo que um deles atravessou com a pena o septo nasal. Puseram-se a rodar, a rodar, com lentidão, cantando e batendo os pés enquanto retiniam os chocalhos e os borés ressoavam. Dirigiram-se em seguida para a frente de uma das casas, cantando e fazendo medidas repetidas; esclareceram-me então que aquilo significava um pedido de bebida.

Meteram-se depois para dentro de uma casa e se puseram a dançar em volta do fogão na cozinha de chão batido; informaram-me que estavam evocando as façanhas de grandes caçadores e descrevendo como subjugavam a caça. Beberam, à vontade, uma infusão feita de mandioca fermentada, que lhes era trazida em cuias e canecas.

Durante a primeira parte da dança, as mulheres permaneceram dentro das casas com janelas e portas fechadas, onde dependuravam colchas a fim de evitar qualquer possibilidade de visão. Na segunda parte, porém, mulheres e mocinhas saíram para apreciar. As crianças brincavam por ali, sem se interessarem pela cerimônia; uma delas se pôs a atirar para o alto uma pena com um peso na ponta fingindo seta e a apanhá-la novamente. Noite adentro a lua crescente brilhava por entre nuvens em movimento.

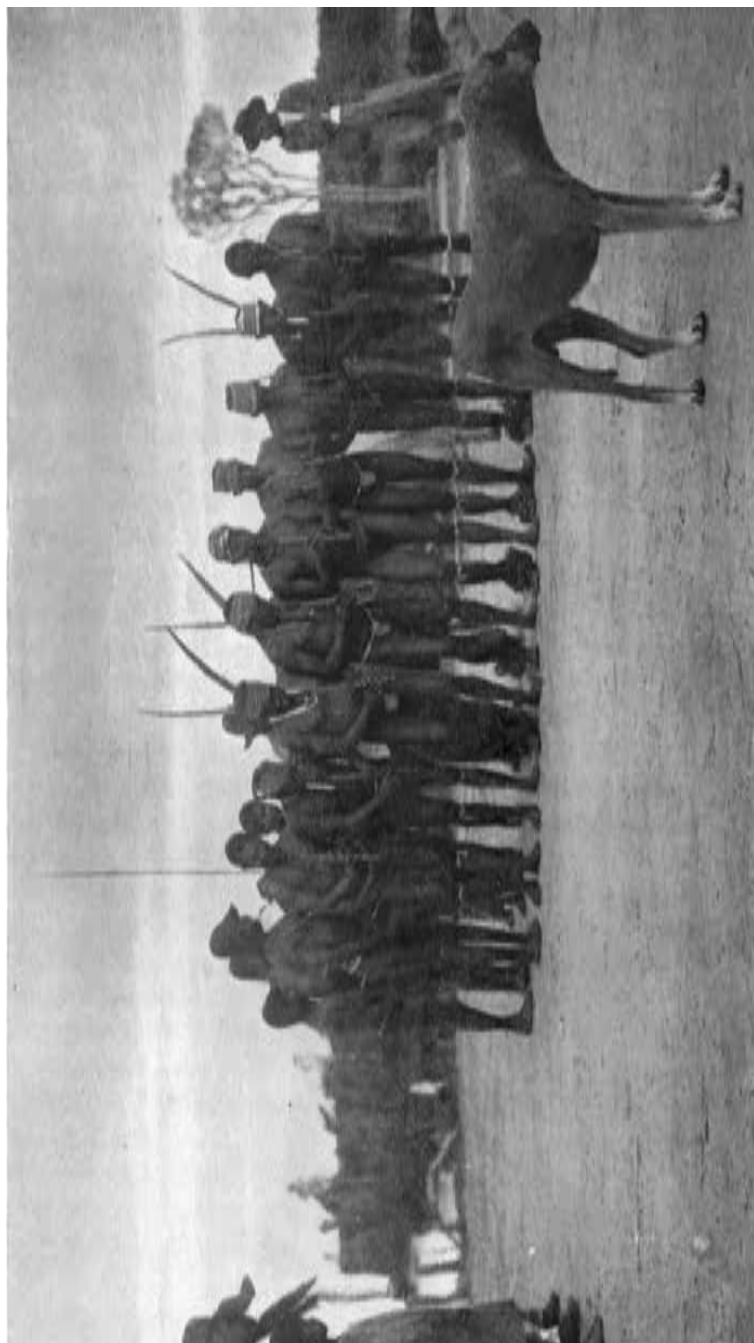
Qualquer sinal que indicasse bom tempo trazia grande satisfação ao nosso pessoal e, assim contentes, os arrieiros se acoravam em torno do fogo, junto de uma pilha de cargas, escutando uma cantiga monótona e triste com motivos em valsas e amores...

Atiramo-nos com afinco ao trabalho fotográfico e de anotações. A umidade era tal que todos os objetos começaram a mofo rapidamente. Nesta época os trabalhos de escrita, fotografia e preparação de exemplares são difíceis naquela região, pelo menos no que diz respeito à conservação e remessa do material preparado, pois até a própria roupa do corpo nunca chega a ficar completamente enxuta.

Daquele ponto, o pe. Zahm regressou a Tapirapoã, em companhia de Sigg.

---

63 Boré. Instrumento de sopro feito de bambu (N. do trad.).



*A dança dos parecis.  
“Alguns sopravam canudos cujo som esquisito servia de acompanhamento às danças...”*



.....

## *Capítulo VII*

### NA TERRA DOS NHAMBIQUARAS

**D**E UTIARITI íamos penetrar uma região ainda mais selvagem – a terra dos nhambiquaras, índios que vivem em completa nudez. A 3 de fevereiro o tempo clareou e partimos com tropa de burros e dois carros de boi. Fiala e o tenente Laureadó ali ficaram, a fim de descerem em canoas o rio Papagaio, que não tinha sido ainda percorrido por qualquer missão científica ou talvez mesmo por quem quer que fosse. Em seguida desceriam o Juruena e o Tapajós para executarem uma parte dos trabalhos da expedição.

Do restante da comitiva faziam parte o Cel. Rondon, Ten. Lira, Dr. Oliveira, Cherrie, Miller, Kermit e eu. No rio Juruena devíamos encontrar-nos com o Cap. Amílcar e o Ten. Melo, que capitaneavam o transporte em cargueiros de bois; os outros membros brasileiros da expedição regressaram.

Iniciávamos a parte mais árdua da viagem. Os piuns se transformavam em verdadeiro tormento e havia muita febre e beribéri na região. O alimento para os animais era escasso, os caminhos escorregadios e difíceis

por causa das chuvas; muitos animais já se achavam imprestáveis de fraqueza, obrigando-os a abandoná-los.

Deixamos também a canoa, o motor e o combustível que pretendíamos usar nos rios da Amazônia, pois vimo-nos forçados a desprezar tudo que não fosse absolutamente indispensável.

Antes da partida preparamos algumas peles maiores, assim como certo número de armas e utensílios usados pelos silvícolas, que Kermit havia coligido, a fim de serem remetidos para o museu.

Entre os objetos colecionados constavam rendas, tecidos de adorno feitos com penas de arara, usados nas danças, cintos, uma cabeça na qual ofereciam a bebida sagrada ao deus Enoré, cestos de taquara, flautas de bambu, ornatos e chocalhos para o tornozelo, redes, faixa de pano que as mulheres usavam a tiracolo para carregar as criancinhas, com os respectivos teares de bilros. Todos esses objetos eram de uso e fabricação dos parecis. Conseguiu também Kermit alguns cestos de outra espécie, fabricados pelos nhambiquaras, assim como arcos e flechas. Os arcos mediam dois metros e 13 centímetros de comprimento e as flechas mais de metro e meio. Havia flechas de ponta sem gume destinadas à caça aos pássaros, outras terminadas em lâminas de madeira compridas e afiadas, próprias para caçadas de antas, cervos e outros mamíferos, além de flechas de guerra providas de agudas farpas embebidas de veneno, amarradas em feixes e guardadas em aljavas de madeira que lhes protegem as pontas até o momento da refrega.

Quando se apregoa irrefletidamente a “indolência” dos silvícolas, é que se ignora a soma de esforços que suas indústrias requerem e o trabalho insano e a habilidade com que executam seus rústicos e imperfeitos utensílios.

\* \* \*

Somente no começo da tarde atingimos o sertão bruto, como os brasileiros denominam aquelas paragens. Conduzíamos conosco uma leva de bois para alimentação. Após quinze milhas de viagem acampamos junto à nascente alagadiça de um regato. Cerca de sete anos antes, naquele

mesmo ponto, Rondon e Lira haviam acampado antes de descobrirem a cachoeira de Utiariti e de penetrarem no rio Juruena.

Quando alcançaram tal sítio, havia trinta e seis horas que não comiam. Mataram então um veadinho catingueiro e devoraram-no até a sua última partícula. Os cães se incumbiram do couro. Durante a maior parte da viagem eles se alimentaram de frutos silvestres, e, na ocasião em que os colhiam, os dois únicos cães que restavam se punham ansiosamente debaixo das árvores à espera de que os mesmos caíssem com as sacudidelas. Neste acampamento os piuns se mostravam terríveis, mas defendíamos-nos calçando luvas e usando redes na cabeça; e à noite, apesar de outros mosquitos dormíamos bem, abrigados por cortinados.

Nos chacos os sapos coaxavam em altos roncoss. A esse propósito Miller nos contou que na Colômbia existe um pequeno batráquio que incha tal qual a rã da fábula de Esopo e em seguida se põe a zurrar como um jumento; falou também da existência de um grande sapo das Guianas que emite um ronco curto e muito alto.

No dia seguinte o tempo se mostrou ainda magnífico. A marcha continuava por lugares de aspecto semelhante aos que já havíamos palmilhado durante os últimos dez dias. Apenas eram mais freqüentes os esqueletos de mueres e bovinos e uma ou duas vezes passamos por sepulturas de pessoas que haviam morrido na estrada. Cercas de arame farpado circundavam esses pequenos túmulos abandonados. Acampamos na margem ocidental do rio Buriti. Havia ali uma balsa manobrada por dois índios parecis, empregados da Comissão Telegráfica de que é chefe do Cel. Rondon. Ambos moravam em casas de palha; cada qual possuía duas mulheres e eram pagãos. Vestiam-se mais ou menos como a gente pobre do interior, sendo alegres e dóceis. As mulheres também dirigiam a balsa tão bem quanto os homens. Não cultivavam a terra e passavam semanas e semanas se alimentando de caça e mel. Receberam-nos com grande satisfação e não menos ao feijão, arroz e a carne com que o coronel os presenteou...

Banquetearam-se até tarde da noite. Possuíam redes, cestos e outras bugigangas, além de algumas galinhas. Em uma das casas existia uma jandaia muito mansa, porém não para os estranhos.

Nas proximidades vivem alguns índios nhambiquaras selvagens que tentaram, há pouco tempo, eliminar os dois parecis, chegando mesmo a atirar suas flechas. Mas estes rechaçaram o ataque, descarregando as espingardas para o ar. Pediram, então, ao coronel que os perdoasse por essa autodefesa, pois que sabiam que ele não aprovava quaisquer recontros sanguinolentos entre os silvícolas. As armas que lhes foram confiadas eram carabinas Winchester, leves e curtas, do tipo comum usado pelos seringueiros e outros aventureiros das florestas do Brasil. Por falar em seringueiros, devo dizer que havia na região certa quantidade de seringueiras.

Tomamos esplêndidos banhos no Buriti, embora nos fosse impossível vencer, a nado, a correnteza. Havia pouco mosquito; em compensação eram abundantes os piuns de várias espécies<sup>64</sup>, cuja diferença de forma podia ser comparada com a que existe entre o mosquito-prego<sup>65</sup> e os do gênero *simulium*. As pequenas abelhas inofensivas são renitentes, e dificilmente se as consegue enxotar. Insistiam em pousar sobre nossas mãos e rostos, porém não picavam, apenas provocavam um ligeiro prurido na pele.

Surgiam também abelhas graúdas, que, embora instintivamente não procurassem picar-nos, mudavam logo de atitude a qualquer provocação. Os insetos não representavam propriamente sério contratempo, mas incidiam de tal forma, em certas horas do dia, que me via obrigado a usar luvas compridas e filós protegendo o rosto para poder escrever.

Na noite em que chegamos ao Buriti choveu bastante e no dia seguinte continuava ainda a chover. Na outra manhã as mulas atravessaram o rio na balsa e os bois a nado. Seis dos nossos homens (brancos, índios e negros), completamente despídos e em altos berros, tangeram os bois na travessia, com fortes repelões; nadavam atrás e ao lado dos animais quase envolvidos na torrente. Foi um espetáculo interessante a passagem daquelas grandes alimárias de chifres longos pelo rio, nadando resolutamente, com os olhos arregalados, enquanto os musculosos camaradas as instigavam, inteiramente à vontade, no meio das águas acachoadas. Fizemos apenas um dia incompleto de viagem, e porque a falta de pastagem nas imediações

---

64 Piuns e carapanãs.

65 *Culex pipiens* (Notas do trad.).

obrigava a que se levassem os animais a umas três milhas a margem de nossa estrada. Acampamos nas cabeceiras de um regato denominado *Huatsui*, termo pareci que significa macaco.

Acompanhou-nos, nesta marcha, um soldado destacado em um dos postos mais longínquos do sertão. Sua mulher se desvelava a seu lado. Fizeram toda a viagem a pé. Possuíam dois filhos, sendo um tão pequenino que ora era carregado pela mãe, ora pelo pai. O outro já fizera seus oito anos, e estava muito contente em fazer parte da comitiva, revelando-se um excelente andarilho. Conduzia a carga que lhe era destinada e, na hora do acampamento, ele mesmo, às vezes, armava a barraca da família. Eram todos mulatos bem carregados.

Penalizados com a resignação daquela mulher estóica, oferecemos levá-la, juntamente com a criancinha, no automóvel, enquanto nos acompanhassem. Mas, infelizmente, este episódio veio revelar que a intenção de se poupar um sacrifício resultou apenas em evidenciar que aqueles que suportam a adversidade nem sempre estão em condições de usufruir qualquer parcela de conforto. A mulher manifestou grande descontentamento no auto, queixando-se de que não lhe fora proporcionado o bem-estar que esperava e no dia seguinte o marido declarou não mais desejar fosse ela no carro sem sua companhia. Voltaram assim aos seus antigos lugares. Em toda essa região encontravam-se verdadeiras multidões daquelas alentadas aranhas gregárias, de hábito crepuscular ou noturno, de que já tratei alhures. Ao chegarmos ao local do acampamento, aí pelas quatro horas, embarcei-me numa de suas teias; no momento vi muito poucas aranhas nas teias pendentes das árvores. Em seguida pus-me a andar acompanhando os fios telegráficos por uma distância de cerca de meia légua, na direção que iríamos seguir. Ainda era dia claro e não consegui ver uma aranha sequer, apesar de haver passado por inúmeras teias que, a toda a hora, se embaraçavam em minha face, nas mãos ou no cano da espingarda. Regressei ao cair da noite, na ocasião em que as aranhas se achavam em franca atividade. Pude então observar dezenas de colônias, cada qual com centenas de indivíduos; muitas se achavam entre pequenas árvores ao longo do caminho limpo e largo, porém a maioria se dependurava do próprio fio. Enquanto fui e voltei já haviam reparado as teias rompidas e se empenhavam na construção de novas. Cada aranha

se mantinha no centro de sua teia e todas unidas formavam um grande lavor pendente, seguro por finos cordéis ao arame no alto; em certos pontos esses cordéis se estendiam por mais de dez metros, até as pequenas árvores ao lado. Deixei-me ficar ali, apreciando-as, até escurecer, hora que para elas, naturalmente, significava o início das atividades após o dia de repouso. Na manhã seguinte, procurando verificar o que teria acontecido com os carros de boi, Cherrie, Miller, Kermit e eu voltamos ao rio Buriti, onde o Cel. Rondon havia passado a noite.

A manhã estava encoberta e as aranhas das teias que se dependuravam do fio telegráfico já procuravam seus esconderijos, que eram dentro e em torno dos grandes isoladores de porcelana branca. Já se viam centenas delas grupadas nos isoladores.

Quando, duas ou três horas mais tarde, regressamos, o sol estava de fora e não mais havia uma só aranha.

\* \* \*

Aqui tivemos de restringir nossas bagagens e baldear toda carga para as mulas. Cherrie e Miller prepararam as suas à moda dos operários, inclusive uma barraca muito leve e duas lonas de tecido fino. Uma dessas últimas foi empregada na cozinha, outra reservada para Kermit e eu, ficando para eles apenas a barraca. O Cel. Rondon e o Tte. Lira ficaram numa barraca e o médico e o Dr. Oliveira em outra. Todos nós abandonamos o que não era de estrita necessidade. Isto foi feito em virtude da situação precária dos animais de transporte. Os bois se mostravam tão fracos que tivemos de desistir dos carros. Durante os três dias de marcha de Utiariti, nove muares já haviam sido abandonados na estrada. Na primeira expedição feita nesta região, todos os animais morreram, e, nesta, as perdas já se tronavam bastante sérias. Esse estado de coisas decorria da carência de forragem e do tipo do solo. Boas pastagens são muito escassas e as centenas de léguas de mato ralo com vegetação rasteira tornam imensamente difícil a procura dos animais quando soltos. Todavia convém sejam deixados à vontade, a fim de descobrirem o alimento tão difícil, permanecendo o maior tempo possível nessas condições.



*Buritizeiros.*



*A cozinha sob toldo de couros de boi, em Campos Novos.*

Mesmo assim, muitos estavam se enfraquecendo, dada a impossibilidade de se lhes ministrarem um ração de milho. Nessas condições, apenas se conseguia trazê-los ao acampamento já manhã avançada e as marchas eram feitas nas horas mais quentes e penosas do dia. Muitas vezes, somente ao meio-dia é que tínhamos os cargueiros prontos para a caminhada, indo chegar no outro ponto de acampamento já à noite.

Assim, muitos bois e burros se enfraqueceram até ao ponto de se ter de abandoná-los, tornando-se, pois, imperativo que se desprezasse o supérfluo, sobretudo o que representasse maior volume e peso.

Viajar em regiões como esta, com exiguidade de alimentos para homens e animais, é uma prova dura de suportar, principalmente para quem não conhece as selvas e está habituado apenas aos centros civilizados! Qualquer expedição científica de certo vulto, com equipamento necessário a estudos, poderá apenas vingar se o encarregado dos problemas da alimentação e do transporte conseguir solucioná-los a contento.

A marcha continuava no mesmo tipo de solo coberto de mato ralo, uma espécie de região que os brasileiros denominam de “chapadão”.

Na quarta noite armamos acampamento num belíssimo local, um campo de gramíneas junto de um pequeno rio de águas claras e marulhentas. Chegamos ali e metemos logo nossas montadas pelo leito fundo e estreito do ribeirão e em seguida tomamos um excelente banho e fizemos exercícios de natação. Os novilhos de corte chegaram ao pôr-do-sol e os camaradas, nas suas montadas, forçaram-nos na travessia aos gritos e aboios. Os animais de carga só apareceram noite fechada, e não era prudente fazê-los atravessar o rio carregados. Desse modo as cargas foram retiradas e conduzidas na cabeça dos homens; e era interessante ver aquelas sombras musculosas e nuas, sob o clarão da lua, atravessando a carga na cabeça. A noite estava fria e agradável. Fizemos um fogo e nos sentamos ao redor. Em seguida, quase mortos de fome, reunimo-nos em torno de um couro de boi para uma deliciosa ceia com sopa, bife, feijão, arroz e café.

No dia seguinte realizamos uma pequena caminhada; cruzamos um regato e fomos acampar em outro, que tinha as águas crescidas pela chuva. Todos esses rios que estávamos atravessando correm para o Juruena e, por conseguinte, formam parte das cabeceiras do Tapajós, que é um rio caudaloso e cuja bacia cobre uma vasta zona. Esta região



e adjacências, que constituem o altiplano do oeste brasileiro, hão de se transformar em grande centro industrial não mui remotamente se o Cel. Rondon conseguir realizar seu plano de mineração, especialmente na parte relativa às minas de ouro. De qualquer maneira, porém, aquela região há de ser berço de uma considerável população agrícola e pastoril. Acima de tudo, os inúmeros cursos d'água com suas cachoeiras, algumas de grande altura e volume, oferecem excelentes possibilidades para o desenvolvimento de comunidades manufatureiras que podem ser ligadas entre si por estrada de ferro com escoamento para as costas do Atlântico e vales do Paraguai, Madeira e Amazonas, fazendo intercâmbio com as populações das planícies quentes, ricas e aluviais que circundam esse altiplano.

Revelar ao mundo estas vastas extensões de terras virgens, integrando-as na comunidade da nação, eis o que tem sido o trabalho do Cel. Rondon e seus auxiliares da Comissão Telegráfica.

E com isto fundaram eles, incidentemente, a escola brasileira de desbravamento. Antes deles, quase todas as explorações científicas realizadas no país eram empreendidas por estrangeiros. Não devemos esquecer, entretanto, que há muito trabalho de exploração e colonização feito por brasileiros que não lograram fama e que procuraram meramente construir novos lares e aumentar suas fortunas: em dias recentes, pelos seringueiros, por exemplo, e no século passado, por aqueles audazes e incansáveis aventureiros de sangue português e indígena – os paulistas – de quem o coronel descende pelo lado paterno.

\* \* \*

O campo junto do rio foi outrora uma extensa cultura de milho e mandioca dos nhambiquaras. Neste dia Cherrie conseguiu alguns pássaros novos para a coleção e dois ou três, talvez, ignorados da ciência. Encontramo-los quase todos com a plumagem descolorida, por isso que a época de acasalamento – primavera no sul e outono no norte – já havia terminado. Mas ainda havia alguns em trabalho de criação. A época da procriação é mais irregular nos trópicos do que na América do Norte. Há alguns pássaros que procriam em época inteiramente diferente da maioria

dos outros e alguns que nem tempo certo têm para cruzar. Cherrie observou uma espécie de papa-mel que chocava todo mês.

Logo que o sol nascia, bem como ao seu pôr, cruzavam o nosso acampamento bandos ruidosos de grandes araras azuis e amarelas. Voavam em grupos, mas os casais guardavam certa distância uns dos outros. A fauna da região era bem interessante, posto que não fosse numerosa, e os naturalistas tiveram algo a fazer, o que não acontecia há já algum tempo. Miller conseguiu várias espécies de gambás, ratos e camondongos desconhecidos para ele. Cherrie também capturou algumas aves que não pode classificar, e antes do almoço trouxe do campo as seguintes: um papa-mosca de cor escura com a cabeça e uropígio brancos e duas penas caudais muito longas; uma saíra negra e azul-ardósia; um formicarídeo<sup>66</sup> com uma visível mancha branca homocrômica no dorso e na base do pescoço, juntamente com sua companheira, e outras aves que ele supunha serem desconhecidas da ciência, porém cuja relação com as nossas é tão remota que seria difícil enumerá-las, a menos que empregasse apenas seus nomes científicos. Finalmente, entre tantas formas inteiramente estranhas, encontrou um velho conhecido, um tordo, cujo dorso ruivo-oliva e garganta levemente manchada provocaram-nos imensas saudades dos cantores de junho do outro hemisfério.

O dia seguinte amanheceu lindamente claro. As mulas só chegaram ao acampamento já manhã avançada e tivemos de marchar sob o sol terrível dos trópicos, justamente nas horas mais quentes do dia. De uma pequena elevação do terreno, olhando-se para trás, poder-se-ia apreciar a vasta paisagem banhada pelos raios do sol. Mais ou menos na metade do caminho atravessamos um regato. Os cães se mostravam irritados com o calor. Corriam continuamente para os lados da estrada e se deitavam sob a sombra de árvores até que nos adiantássemos centenas de metros, para então nos alcançarem, e, passando novamente à nossa frente, agiam da mesma maneira. Atingimos o Juruena ali pelo meio da tarde e a tropa somente apareceu já ao pôr-do-sol.

Juruena é a denominação dada ao rio Tapajós no seu alto curso. O lugar em que o atravessamos era muito fundo e de águas velozes, num vale bastante pronunciado, de matas espessas. Atravessamo-lo em balsa do

---

66 Papa-formiga (*Sclerurus mexicanus*) (Nota do trad.).



*Em Juruena encontramos um grupo de nambiquaras muito mansos e sociáveis, que muito se alegraram com a presença do Cel. Rondon.*

tipo já conhecido: uma plataforma de tábuas sobre três canoas conjugadas e puxadas por um cabo correndo em roldanas. Havia uma pequena clareira com poucas palmáceas em cada margem e numa delas se erguiam as casas da estação telegráfica. Esta região é muito selvagem, de sorte que a estação é guardada por um pequeno grupo de soldados comandados pelo Tte. Marino, natural do Rio Grande do Sul, tipo louro como um inglês, oficial muito agradável e valente, qualidade esta aliás necessária para ocupar aquele posto. O Juruena foi primeiramente percorrido, nos fins do século XVIII, pelo explorador português Franco e só veio a ser novamente navegado, cem anos mais tarde, pela Comissão Telegráfica, que fez o seu levantamento.

Entre as várias casas de teto de palmeiras, algumas com emboço e outras de pau-a-pique, escolhemos uma de dois quartos, onde colocamos nossa bagagem. À noite apareceram alguns pernilongos que conseguiram atravessar a tela dos cortinados. A primeira noite que isto aconteceu passei sem dormir até o amanhecer, por ocasião em que a temperatura baixou e assim pude enrolar-me nos cobertores, colocando uma rede na cabeça. Depois, começamos a usar redes de material mais fino sobre o rosto. Tais redes eram quentes, mas nos preservavam melhor das terríveis visitas aladas.

Aí alcançamos a retaguarda da tropa de novilhos do Cap. Amílcar. Tínhamos tomado caminhos diferentes a fim de facilitar a travessia da grande cachoeira. O Cap. Amílcar viera diretamente, conduzindo os bois de carga que haviam deixado Tapirapoã antes de nós, com o material para a viagem ao rio da Dúvida. Trouxera os animais em boas condições, perdendo apenas três com as respectivas cargas. Havia ele deixado o Juruena na manhã do mesmo dia em que lá chegamos. Os animais que estavam ressentidos ficaram para viajar à noite, sob o clarão da lua e, como fosse preciso dar-lhes trinta e seis horas de distância, permanecemos um dia nas margens do rio. E aproveitamos bem aquele dia, em ótimos banhos e na lavagem da roupa; além disso, os naturalistas conseguiram alguns exemplares de valor para a coleção, inclusive uma pega notavelmente colorida de preto, azul e branco. Trabalhamos ainda na revelação de fotografia e nos trabalhos de escrita, os quais ficaram completamente atualizados. Uma viagem como esta, através de selvas tropicais, em época de chuva, e com a bagagem muito restringida, exige não somente um trabalho insano, como ainda um considerável con-

tingente de sutilezas para os serviços de escrita, fotografias e sobretudo de preservação dos espécimes em condições satisfatórias.

Na estação telegráfica recebemos notícia de um desastre com Laureadó e Fiala no rio Papagaio. Em um trecho de grandes corredeiras, a poucas milhas da cachoeira, duas canoas viraram e a metade das provisões e toda a bagagem de Fiala se perderam e ele próprio quase morreu afogado. Do rio Papagaio se conhecem as nascentes e a embocadura; descê-lo não representa um passo no abismo, como no caso dos rios da Dúvida e Ananás; porém os imprevistos na parte ainda não explorada oferecem as mesmas características de riscos e desastres. É temeridade navegar-se em curso d'água desconhecido através de selvas desabitadas. Descer ou subir os grandes rios da América do Sul como o Amazonas, o Paraguai, o Tapajós e a parte baixa do Orenoco, é atualmente tão fácil e sem perigo, quer em navios a vapor ou nos grandes cargueiros, que nem de longe faz lembrar as sérias dificuldades que apresentam seus afluentes mais longínquos ou eles próprios nos altos cursos. As dificuldades se mostram tão variadas que, quem percorrer o baixo curso de um desses rios, não pode fazer a menor idéia do que seja necessário para navegá-lo nas cabeceiras. O desconhecimento dessas coisas tem induzido a uma apreciação errônea a respeito das necessidades e dos resultados das explorações na América do Sul.

\* \* \*

No Juruena encontramos um grupo de nhambiquaras mansos e sociáveis, que muito se alegrou com a presença do Cel. Rondon. Tais índios eram antes extraordinariamente hostis e desconfiados, porém, a incansável pertinácia e cordura do coronel, juntamente com sua indomável firmeza, permitiram-no catequizá-los sem luta, conseguindo-lhes a amizade até mesmo seu auxílio. Nunca sacrificou um silvícola. Muitos ele conhece pessoalmente e se acha em excelentes condições de amizade com eles, que muito o apreciam – o que, entretanto, não impede que, vez por outra, não resistindo a certos impulsos, furem alguma coisa. Não podem ser aproveitados em trabalhos regulares, porém executam serviços aleatórios e são excelentes para caçar animais extraviados. Alguns dos homens já começam a usar roupas, porém como simples ornamento. A confiança e franca amizade que manifestam demonstram muito bem a maneira por que são tratados.

Possivelmente a metade dos que nos viera visitar era constituída por homens; havia meninos, uma mulher com um filhinho ao colo e o restante jovens mulheres casadas e mocinhas.

Em ponto algum da África encontramos gente mais selvagem e primitiva do que esses índios, embora fossem mais joviais e de melhor conformação do que qualquer tribo africana na mesma fase de cultura. Homens e mulheres eram bem proporcionados e até mesmo bonitos, exibindo ótima dentadura, embora alguns parecessem estar sofrendo qualquer moléstia de pele. Formavam um grupo muito alegre e as mulheres davam a impressão de estarem tão bem alimentadas quanto os homens, sendo naturalmente bem tratadas, sob o ponto de vista selvagem, é claro; não existia a brutalidade que se observa entre os pretos australianos, aliás, uma das características revoltantes daquela gente, e nem mesmo o que se possa comparar com muitas comunidades de negros e tribos de índios. Vivem praticamente nus. Em muitas tribos selvagens os homens se mostram inteiramente despidos, ao passo que as mulheres usam tangas ou tiras de pano em torno à cintura. Observamos certas tribos, nas proximidades do lago Vitória Nianza e no alto Nilo Branco, em que todos vivem inteiramente nus. Entre os nhambiquaras as mulheres se apresentam menos despidas do que os homens, embora com pequena diferença. Os homens usam cordões em torno da cintura, sendo que alguns colocam na parte da frente um pequeno pedaço de pano ou um tufo de capim seco, puramente simbólicos, pois de nada valem como proteção ou decoro. As mulheres não usam qualquer espécie de tecido no corpo; apenas cordões, colares ou enfeites nos cabelos. São todos, homens, mulheres, rapazes e mocinhas, tão ingênuos e ignorantes como animais domésticos. Todos riam e conversavam em torno de nós, quer estivéssemos a pé ou a cavalo. Metiam-se pela casa adentro e, quando eu me sentava para escrever, eles se amontoavam tão perto de mim que me via obrigado a afastá-los gentilmente. As mulheres e mocinhas costumavam dar as mãos ou colocar o braço sobre o ombro uma das outras ou em torno da cintura, formando um quadro muito interessante. Os homens fazem incisões no septo nasal e no lábio superior onde colocam pedaços de hastes roliças e secas. No corpo das mulheres não se via uma equimose ou cicatriz. Isto pode parecer uma contradição à regra, mas é apenas a resultante do fato de que a conduta desses índios desnudos é absolutamente morigerada. Não se notava um olhar maldoso ou um gesto

impudico, propositadamente. Não possuem cobertas ou redes; dormem no chão limpo.

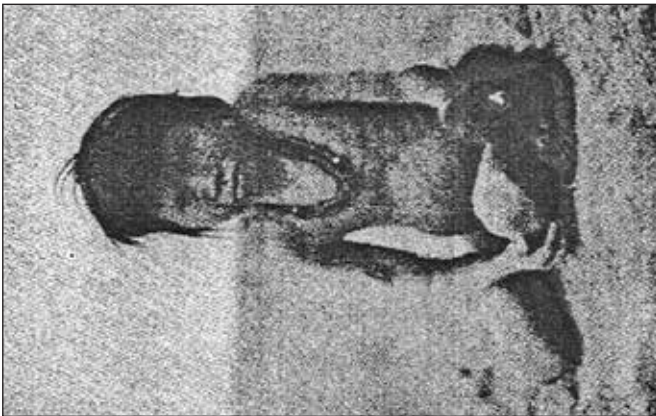
O Cel. Rondon informou-me que eles nunca fazem uso de qualquer agasalho quer durante o dia quer à noite; quando está frio dormem à beira de um pequeno fogo. Suas casas são meros abrigos contra as chuvas.

A noite era de lua cheia e alguns índios improvisaram uma dança para nós, defronte da casa em que nos encontrávamos. O grupo se compunha de quatro homens, um rapazelho e duas raparigas. Os dois homens já haviam prestado serviços a Comissão e estavam vestidos, um completo e outro parcialmente. Os demais se mostravam inteiramente nus. Começaram a dançar fazendo rodas com muita perfeição e desenvoltura. As raparigas mantinham as mãos dadas, dançando entre os homens, com a possível correção de atitude, sorrindo e fazendo trejeitos de tal maneira que parecia uma exibição civilizada. A dança consistia de um vaivém em círculo, primeiro para um lado, depois para o outro, batendo os pés e obedecendo ao ritmo da música que cantavam. As cantigas eram de compasso certo, um tanto lentas e vez por outra variavam em diapasão agudo. As mulheres constantemente emitiam como que um guincho ou lamento um tanto prolongado. Eu não sou muito versado em música para afirmar se eram contracantos ou volatas da própria canção. O rapazinho cantava melhor do que os outros. Era um estranho e interessante espetáculo aquela dança monótona e selvagem, sob o clarão da lua tropical, tendo como cenário as águas múrmuras do rio e o coração das selvas! Os selvagens permaneceram conosco, comendo, dançando e cantando até a madrugada. De repente desapareceram silenciosamente na escuridão e não mais voltaram. De manhã ficamos sabendo que haviam levado um dos cães do Cel. Rondon. Provavelmente um deles não pôde resistir à tentação e os outros não tiveram coragem de interferir, ficando com medo de permanecer nas imediações.

Não podíamos perder tempo em procurá-los, porém o Cel. Rondon deliberou que, quando por ali voltasse, reuniria alguns soldados para dar uma batida nas imediações, a fim de reconquistar o animal. Sua firmeza, bondade e discernimento conjugados tem-lhe facilitado dominar aqueles índios audazes e aguerridos e reduzir suas lutas com os parecis. Apesar do bom gênio e da jovialidade dos nhambiquaras, é necessário, em face do seu destemor, não lhes proporcionar qualquer vantagem. Somente



*Os homens faziam incisões no septo nasal e no lábio superior, onde colocavam pedaços de hastes finas e secas como enfeite.*



*Criança nhambiquara com um macaquinho.*



se lhes permite a vinda ao arraial deixando as armas a meia légua de distância. São muito mais selvagens, perigosos e de vida mais rústica do que os parecis. Na tarde do dia de nossa chegada caiu uma chuva tão forte que a água passou através das janelas sem vidraça e por vários pontos do próprio teto. O calor era intenso e o local, que era um vale, muito úmido.

Enquanto caía o temporal, atentei naquelas pequenas casas desertas, com a enxurrada a lambe-lhes sua soleira, e senti profunda e sincera admiração pelo tenente e seus soldados, guardas daquele insalubre posto avançado da civilização, onde reinavam a malária e o beribéri.

\* \* \*

No dia seguinte viajamos muito pouco em virtude da chuva que caiu logo após a partida. Encharcamos-nos de tal forma que tivemos de acampar à margem do primeiro rio encontrado cerca de quinze milhas adiante. Depois do calor terrível, começamos a sentir frio dentro da roupa molhada e gostosamente nos agrupamos em torno de um fogo ateadado debaixo de uma cobertura de palha, ao lado da cabana dos encarregados da balsa. Esta era tão pequena que apenas podia transportar um burro ou, no máximo, dois de cada vez. Desse modo, os muares e três juntas de bois que puxavam o carro foram transportados muito demoradamente para o outro lado do rio, pois que na margem em que acampamos não havia pasto.

O barqueiro era um soldado que trabalhava na Comissão Telegráfica. Sua simpática e atenciosa esposa, mestiça de índio e negro, acompanhava-o e procurava proporcionar-nos o melhor conforto possível naquele local baldo de recursos.

Aí encontramos o Capitão Amílcar, que voltara para apressar o pessoal da retaguarda. Enquanto a chuva caía, pusemo-nos a palestrar, durante cinco minutos, com aquele oficial sereno e competente, que estava realizando com tanta proficiência um trabalho difícil e tivemos os pés atolados na lama e encharcados na água até aos tornozelos, junto do rio avolumado pela enchente.

O capitão não usava poncho e estava completamente molhado, mas sua atividade e esforço em acelerar a tropa não lhe davam tempo para se preocupar com seu conforto pessoal. Tivera grande trabalhadeira com os muares, porém os bois ainda se mantinham em boas condições.



*Choça ou maloca de nhambiquaras.*



*Um abrigo dos nhambiquaras e seus utensílios.  
Suas cabanas eram simples abrigos contra a chuva.*

Após deixarmos o Juruena, o solo começou a apresentar algumas elevações e o mato a ficar mais denso, aliás únicas alterações naquele paisagem monótona, porém, para mim, atraente.

Os cupinzeiros, construídos em sua maioria pelas térmitas, porém alguns também por formigas pretas e vermelhas, começaram a surgir mais freqüentemente, ocorrendo tanto no solo como nas árvores, e não eram raros os que alcançavam a altura de um homem a cavalo.

\* \* \*

Nesta noite, em torno do fogo do acampamento, o Coronel Rondon contou-nos como o irmão de um de nossos soldados, um índio parecis, fora vitimado por uma jararaca. Cherrie também narrou como conseguiu livrar-se de uma, quando coletava material na Guiana. À noite costumava ele preparar as armadilhas no campo e, certa vez, ouviu o ruído de uma delas, que se achava próximo de sua rede. Desceu para apanhá-la e, quando segurou a corrente do aparelho, percebeu que nele havia uma cobra, a qual chegou a dar o bote, no escuro, raspano sua mão. Acendeu uma luz e verificou que era uma enorme jararaca e preparou-a para a coleção. Constantemente à noite apareciam cobras no seu acampamento. Certa vez, matou uma cascavel que havia comido quatro ratos empalhados, da coleção, o que aliás veio revelar que essas cobras não se alimentam apenas de animais vivos. Outra cascavel, que ele matou na América Central, tinha justamente engolido um gambá que, mais tarde, foi reconhecido como novo espécime para a ciência. Miller narrou como, de uma feita, vira, na margem do Orenoco, uma pequena sucuri com uns três metros de comprimento, devorando uma iguana, que é um sáurio grande, ativo e perigoso, e que tanto age na água como em terra. Evidentemente esses anfíbios preparavam seus ninhos na praia, dado o número de buracos que ali existiam. O réptil havia transformado sua vítima em uma pasta e, justamente a uns poucos passos adiante, outra iguana estava cavando a terra, aparentemente indiferente ao que acontecia à sua companhia. Ao surgir Miller, a serpente abandonou o animal morto e deslizou para a água, tal como o fez também a outra iguana. Miller nos falou ainda a respeito dos ídolos de pedra, dos altares e templos que vira nas grandes florestas da Colômbia, monumentos esses

provenientes de uma civilização estranha que florescera e desaparecera há milhares de anos e da qual não existe a menor tradição. Ele e Cherrie se referiram a rios, cachoeiras gigantescas, florestas jamais penetradas, montanhas nunca escaladas por homem civilizado e a violentas e sanguinárias revoluções que devastaram tais regiões. Ouvindo-os, tive a impressão de que poderiam escrever uma obra muito interessante com o título de *Histórias de Dois Naturalistas*.

E, por falar em livros, havia poucos na comitiva (uma excursão como esta, não prescinde de muitos livros), e como Kermit lia mais Camões e outros escritores portugueses e brasileiros, eu tentei suprir as faltas com alguns volumes de Gibbon. No fim da marcha estávamos, como sempre, muito na frente dos cargueiros e a chuva a cair persistentemente. Nestas condições, sentávamos debaixo de árvores ou de qualquer abrigo e nos dispúnhamos a ler Gibbon, em falta de outra coisa. No meu caso, como já estava saturado de tanto Gibbon, procurava variar com a leitura de Arsène Lupin que me emprestara Kermit. Nessa zona tivemos que atravessar muitos rios que transbordavam com as enchentes. Vadeamos alguns, e outros passamo-los sobre pontes toscas.

Os mais largos, como o Juína, transpusemos em barcos, mas, quando as margens eram lamacentas e o rio largo e de forte correnteza, levávamos horas e horas, na travessia. Fomos vítimas de poucos acidentes, embora, certa vez, perdêssemos as provisões que lotavam uma barcaça soçobrada, o que não deixou de ser verdadeira desgraça, dada a situação em que nos encontrávamos. As pastagens eram más, de sorte que se tornava impossível realizarmos longas caminhadas, devido à fraqueza dos animais. Em um desses acampamentos, três índios nhambiquaras vieram visitar-nos à hora do almoço. Deixaram suas armas em local afastado e, antes de chegarem ao acampamento, puseram-se a gritar no meio da mata, até que, depois de repetidas respostas de que se podiam aproximar, apareceram. Nas selvas, é hábito dar-se um aviso antes de qualquer aproximação; a chegada sem sinal prévio significa inimigo. Nossos visitantes eram todos homens e se achavam nus, como aliás era de seus hábitos. Um deles estava doente, muito magro e com marcas de berne nas costas. Os outros também exibiam algumas cicatrizes e sinais de picadas de insetos pelo corpo, porém tinham bom aspecto de saúde e, embora comessem



*Eram comuns termiteiros mais altos do que um homem a cavalo.*

com sofreguidão o que lhes oferecíamos, traziam consigo um grande bolo de mandioca, mel e um pequeno peixe. Um usava um capacete alto, de pele de puma, com uma ponta caída nas costas – belo ornamento – e que ele trocou com muita satisfação por colares de contas vermelhas e pretas.

Em torno do braço, na parte superior, dois deles amarraram ataduras tão justas que chegavam a deformar os músculos, hábito esquisito, que, além de não ter qualquer finalidade prática, ainda é absolutamente prejudicial, e que é muito comum nesta e em outras tribos.

\* \* \*

Os nhambiquaras constituem numerosas tribos, cobrindo uma vasta região, porém sem qualquer sistema de organização. Cada grupo de família age separadamente. Até uns seis anos atrás eram verdadeiramente hostis e o coronel tinha de montar guarda ao acampamento e agir com toda a precaução para garantir sua vida e ao mesmo tempo evitar derramamento de sangue. Atualmente eles são amigos em quase toda a parte. Há apenas certos núcleos ou indivíduos que ainda se mantêm hostis. Alguns soldados dos postos mais longínquos têm sido assassinados pelos nhambiquaras, em alguns casos por se haverem metido com as índias e outros sem qualquer provocação. Mais cedo ou mais tarde esses criminosos devem ser entregues à justiça; não é razoável que fiquem impunes. Por duas vezes soldados desertaram de seus postos para viverem com os nhambiquaras, que os receberam bem, oferecendo-lhes mulheres e adotando-os na tribo. A região, quando dominada, será um excelente ponto para a colonização branca, porém a conquista desses lugares é um trabalho horrível para homens e animais. Continuamente, à proporção que avançávamos, sob os raios impiedosos do sol, ou debaixo de terríveis aguaceiros, íamos encontrando pequenas sepulturas solitárias à margem dos caminhos. Marcavam o ponto final de vítimas da malária, da disenteria ou das flechas dos nhambiquaras. Descobríamo-nos diante desses túmulos, à medida que as nossas montadas continuavam seu trote lento na estrada... Em cada sepultura, via-se plantada uma cruz tosca de madeira, envolta em um cercado, ambos já desbotados pelo tempo, tomando a cor

dos troncos enfezados da vegetação que se estende sem fim, de um e de outro lado.

Eram freqüentes, ao longo do caminho, esqueletos de bois e de muares. Vez por outra encontrávamos um burro ou um boi abandonados pela comitiva do Capitão Amílcar, que ia à nossa frente. O animal era deixado na expectativa de que, à noite, seguisse pela estrada, à procura de algum bebedouro. Alguns conseguiram tal intento.

Outras vezes, nós já os encontrávamos mortos ou, impassíveis, aguardando a morte. Ocasões houve em que nós também fomos obrigados a abandonar alguns de nossos muares. Não era muito fácil saber que espécie de pastagem as mulas preferiam. Certa tarde armamos acampamento junto de um regato, no meio de vegetação rasteira, acampamento este, diga-se de passagem, onde os piuns durante o dia, eram um tormento, e à noite se viam admiravelmente substituídos por diminutos mosquitos, muito expressivamente batizados pelos brasileiros com o nome de “pólvora” e que atravessam as menores malhas de qualquer mosquiteiro.

O alimento era tão escasso e a vegetação tão densa que eu supus haver grande dificuldade em arrebanhar as mulas no dia seguinte. Felizmente tal não aconteceu e algumas horas depois, à tarde, já estávamos acampando em magnífica clareira da floresta ao lado de um riacho veloz que formava uma cachoeira de cerca de três metros de altura e, em cujo poço, embaixo, tomamos banho e nadamos. Neste local a pastagem era tão bonita que dava gosto vê-la, mas os animais não a apreciaram e à noite se meteram pela estrada de volta, exigindo um trabalho árduo e demorado em campeá-los na manhã seguinte. Referi-me, há pouco, aos mosquitos. Quem não conhece as selvas sul-americanas, fala com pavor a respeito de jaguares, crocodilos e serpentes venenosas. Na realidade o perigo que esses bichos oferecem é trivial, menor do que atropelamentos por automóvel, nas cidades. Porém, o perigo horrendo a que se expõe o homem, pelo contato com mosquitos terríveis, dificilmente pode ser exagerado. Há muitas espécies que são portadoras de moléstias. Os que os meus companheiros denominam de “piuns” têm alguma semelhança



*Uma família nhambiquara.*



*Mulheres e crianças nhambiquaras.*



*“Adão e Eva”.*



com o nosso mosquito preto<sup>67</sup>. Entumescem-se de sangue. Quando dão a picada, não se sente coisa alguma, porém deixam marcas que ardem e coçam. As redes ou filós para a cabeça e luvas compridas servem de proteção contra eles, mas tornam-se muito incômodos com o calor abafante. É impossível dormir sem mosquiteiro. Quando os colonos chegam às novas terras em que vão viver, tomam logo as medidas necessárias a fim de que sejam atenuados os incômodos provocados pelos mosquitos. Os insetos alados têm tantos representantes no hemisfério norte que ainda não foi possível classificá-los. Porém, as mais perniciosas formigas sul-americanas, graças a Deus, não encontram correspondentes na América do Norte. Neste mesmo acampamento dos piuns, apareceu uma tal “correição” de formigas, ao cair da noite, que tememos ser desalojados de nossas barracas. Felizmente não saíram de seu caminho, o qual era entre a nossa barraca e a da cozinha, passando por ali, ininterruptamente, durante muitas horas, sem causarem qualquer dano, a não ser alguma picada nas pernas dos incautos que por lá transitavam.

\* \* \*

Na tarde do dia 15 de fevereiro chegamos em Campos Novos. Este lugar era completamente diferente da região que vínhamos atravessando. Tratava-se de uma grande bacia, com muitas milhas de largo e cortada por vários rios. Correm estes por vales profundos e alagadiços, revestidos de vegetação densa e alta. Dividindo o curso desses rios erguem-se colinas cobertas de gramíneas, onde nossos estafados animais pastaram sofregamente. Em uma destas linhas havia certo número de habitações que formavam um quadrilátero. Era uma fazenda de criação, onde existiam muitas vacas de leite, cabras, porcos, perus e galinhas. Aí fizemos uma parada e bebemos delicioso leite. Algumas construções eram de pau-a-pique e teto de palmeira e uma ou duas de tijolos, que eram feitos no local, tendo na frente um renque de palmeiras e pés de abacaxi.

Nossos camaradas estabeleceram duas cozinhas, uma em fogo aberto e outra sob a cobertura de um couro de boi. Aquelas verdes colinas, debruadas de matas e vales profundos, constituíam uma esplêndida pai-

---

67 *Cecydonia destructor*. – Mosquito comum na América do Norte (Nota do trad.).

sagem. O ar era fresco e leve. Não fomos incomodados pelos mosquitos, apesar da quantidade enorme existente nos bosques e florestas.

Entretanto, tem havido casos de febre nesse recanto belo e aparentemente saudável; sem dúvida, quando a colonização estiver mais adiantada, tudo isto desaparecerá. A geologia dessa região é muito interessante; o Dr. Oliveira<sup>68</sup> encontrou troncos fósseis que acreditava fossem do período cretáceo.

Neste sítio nos encontramos com os Caps. Amílcar e Melo, com a retaguarda da tropa de transporte, o que muito nos agradou, por se tratar de excelentes companheiros, briosos e eficientes oficiais, cujas altas qualidades reveladas no serviço que executavam não podiam ser suplantadas por militares de qualquer nação do mundo.

Na manhã seguinte eles reuniram os seus soldados, arrieiros e vaqueiros e se puseram na estrada. O taxidermista Reinisch estava com eles. Nós seguimos no dia seguinte, à tarde, e fomos acampar a poucos quilômetros adiante. Deixamos o carro de bois em Campos Novos, porque dali em diante os caminhos só podiam ser percorridos por animais de carga. Nas cercanias de Campos Novos os naturalistas encontraram muitas aves que até ali não tinham visto. As mais interessantes eram uma espécie de corrupião grande, do tamanho de uma pequena gralha, com a fronte nua, bico vermelho e preto, e bizarramente colorido de verde, amarelo e castanho; também a pseudo-araponga, que tem a plumagem parda e emite notas altas e metálicas; um minúsculo pica-pau com penas caudais moles, não ultrapassando o tamanho de um tico-tico-rei; um esdrúxulo colibri de bico levemente flexível e muitas espécies de formicarídeos, saíras, tangarás e tiranídeos. No meio dessas formas, para nós pouco familiares, encontramos um vireonídeo muito parecido com o nosso “verdinho”<sup>69</sup> solitário. Em um dos acampamentos, Cherrie abateu cerca de uma dúzia de exemplares de outras aves, Miller uma belíssima codorniz, e Kermit, com sua Luger, um magnífico mutum, do tamanho quase de um peru e de cuja carne, retirada

---

68 Dr. Eusébio de Oliveira, antigo diretor do Serviço Geológico do Ministério da Agricultura (Nota do trad.).

69 Passarinho da família *Vireonidae*, comum na América do Norte (*Vireo*) (Nota do trad.).

do arcabouço que foi empalhado, comemos deliciosa canja, a tal sopa brasileira feita com galinha e arroz, o melhor prato que existe no gênero. Todas essas aves, ora citadas, eram novas para a coleção (foi a primeira vez que naturalistas visitaram uma região), de sorte que o trabalho da tarde resultou em nove espécies novas, seis novos gêneros e uma esplêndida canja...

Dois dias após havermos deixado Campos Novos, alcançamos Vilhena, sede de um posto telegráfico. Certa vez acampamos na margem de um pequeno rio denominado, pelo Cel. Rondon, de rio Doze de Outubro, por tê-lo atingido no dia em que Colombo descobriu a América (eu, particularmente, nunca dei muita atenção a datas!) e de outra vez no sopé de uma colina que ele batizou com o nome de “Lira”, em homenagem ao seu companheiro de expedição. Os dois dias de marcha que se seguiram (na verdade, um dia inteiro e parte de dois outros) foram através de uma bela região que muito apreciamos, apesar de, vez por outra, desabar uma tempestade que inundava tudo. Esta zona, que se parece bastante com a de Campos Novos, apresenta extraordinário contraste com o chapadão árido, plano e saudável, pouco próprio à agricultura, aliás, como as terras baixas que o circundam, mas onde se poderá estabelecer um grande centro industrial. Durante quarenta e oito horas de viagem, vencemos caminhos acidentados, subindo e descendo morros. Nos vales profundos, a vegetação era densa e magnífica, onde se podiam apreciar héveas gigantescas dominando a mata, enquanto as folhas conspícuas da pacova ou bananeira silvestre destacavam-se por entre a vegetação mais rasteira. Grandes borboletas azuis volitavam nas clareiras ensolaradas, e arapongas, pousando sem ruído, proferiam seu estrídulo chamado no silêncio noturno da floresta. As colinas ora se mostravam revestidas de gramíneas, ora de vegetação de pouca altura. Debaixo de uns paus depositados em local úmido, na cozinha improvisada, encontrou-se uma vasta rã de dorso escuro com estria clara em cada lado; outra, com manchas nos dedos, foi apanhada em uma das tendas. Vimo-nos atrapalhados com uma coral. Algumas serpentes dessa espécie não são venenosas; outras, embora venenosas, não são agressivas. Os maiores especialistas no assunto ensinam um processo infalível de distinção entre esses dois tipos de coral, baseado no colorido, porém, o exemplar a que nos referimos, embora exibisse a cor exata atribuída às corais venenosas, não possuía glândulas secretoras de veneno, que verificamos

após minucioso exame. Miller, auxiliado por um cão, conseguiu capturar uma seriema, grande ave pernalta do tipo abetarda<sup>70</sup>, de maneira bastante curiosa. Estávamos num sítio pantanoso, lutando contra a péssima estrada e debaixo de um temporal terrível que os maus fados nos destinaram. A seriema, evidentemente molestada com a chuva, assim como nós outros, procurou refugiar-se debaixo de um arbusto. O cão a descobriu, e ela, depois de repelir valentemente seu agressor, foi capturada por Miller. Encontramos no seu papo mais de 150 gramas de gafanhotos, besouros e folhas novas. Em Vilhena existia uma seriema domesticada, muito mais mansa do que as galinhas. Não se preocupava absolutamente com a presença das pessoas ou dos cães. Deveríamos fazer todo empenho em que a seriema, bem como a anhinga, o mutum e o jacu fossem criados em nossos quintais e nos jardins dos estados do sul; são belas aves, mansas e atraentes.

Outras, ainda mais mansas, que encontramos em vários lugares, foram os formosos beija-flores. Na Colômbia, Miller observou que essas avezinhas entram habitualmente nas residências e nos hotéis, à hora das refeições, esvoaçam em torno das mesas e pousam nos açucareiros.

\* \* \*

Ao longo dos caminhos viam-se comumente essas formações rochosas que, à primeira vista, parecem de origem vulcânica, porém que o Dr. Oliveira me explicou serem conglomerados compostos de sílica e terra ferruginosa, tendo cavidades internas. Disse que eram depósitos quaternários superficiais, formados pela erosão de rochas cretáceas, pois ali não existiam camadas terciárias. O Dr. Oliveira classificou a região que estávamos atravessando da seguinte maneira: os pantanais pertencem ao período pleistocênico; ao longo do alto Sepotuba, nos terrenos das corredeiras, existem calcários, estratos e argilas do período permiano; o terreno movediço, a leste, contém rochas eruptivas, diábase, pórfiro, quartzo e ágatas do período triássico; o chapadão pareci é de solo sílico-argiloso, com manchas calcárias e no qual se encontram fragmentos de madeira fóssil, sendo classificado pelo Dr. Oliveira como do período mesozóico, possi-

---

70 Gênero de aves da ordem das pernaltas, semelhantes às galináceas (Nota do trad.).

velmente cretáceo e similar às formações sul-africanas. Há geólogos que as consideram como do período permiano.

Em Vilhena encontra-se o divisor de águas dos cursos que correm para o Ji-Paraná, que, por seu turno, deságua no Madeira, na parte mais ou menos equidistante de sua cabeceira e embocadura. Um pouco mais além, para o norte, encontramos ainda certos cursos d'água que correm para o Tapajós e entre esses, e bem nas proximidades, regatos que deságuam no rio da Dúvida e no Ananás, cujos cursos ainda eram desconhecidos.

Essa região representa um trecho do divisor de águas do Madeira e Tapajós. Fato singular na topografia do Planalto Central do Brasil é que, em sua parte mais ocidental os cursos d'água que procedem do sul, ao invés de correrem para o Paraguai, consoante se observa na região mais oriental, vão formar as cabeceiras do Guaporé, que pode ser considerado, talvez, como o principal afluente do alto Madeira. Esses cursos d'água mais ocidentais, que vêm do sul do platô, começam, entretanto, a correr para o sul, em seguida se estendem em longos estirões para o sudoeste; correm depois para o norte e, finalmente, para o nordeste, até o Amazonas.

Na opinião de notáveis geólogos, este fato decorre provavelmente de que, em idades geológicas remotas, o oceano lançava do sul um braço que se estendia entre o Planalto Central e o que atualmente se denomina de cordilheira dos Andes. Tais rios desembocavam, então, no mar andino.

A elevação gradual da massa telúrica resultou na substituição do solo aflorado por este braço de mar e na inversão do curso do atual rio Madeira, da mesma sorte que, no dizer desses cientistas, aconteceu com o Amazonas, que já foi, em idades passadas, pelo menos em dois terços de seu alto curso, tributário do mar andino.

\* \* \*

De Vilhena derivamos a marcha para o norte. Caminhamos ainda algumas léguas no chapadão, sobre solos silicosos ou argilosos, quase da mesma altitude do platô, cobertos de gramíneas ou de vegetação rasteira característica e do mesmo tipo predominante, desde a nossa descida do tabuleiro pareci, na manhã do terceiro dia após deixarmos o Sepotuba.

Então, nas proximidades do ponto em que a estrada se aprofunda para chegar no vale em que se encontram as nascentes do rio Ananás, deixamos os terrenos, cujo fácies já descrevemos, e começamos a percorrer uma região de florestas densas, mas de vegetação não muito alta. Se já havia pouco pasto para os animais no chapadão, a floresta ainda havia menos. Além disso, as chuvas fortes e continuadas dificultavam a marcha, piorando a situação dos animais já combalidos. Entretanto, algumas léguas antes de alcançarmos Três Buritis, onde existia um grande rancho com centenas de cabeças de gado, fomos socorridos com uma dezena de bois de carga, o que veio remover todas as dificuldades.

Aparecia grande número de piuns durante o dia, porém, à noite não éramos incomodados por mosquitos de espécie alguma e a viagem corria agradável, a não ser nos momentos em que temíamos pela sorte das mulas. Os novilhos, que iam soltos, forneciam carne fresca em abundância, embora (o que era inevitável dadas as circunstâncias) de rija consistência. Um dos maiores novilhos foi atacado, certa noite, por um morcego-vampiro, ficando com a giba toda banhada de sangue.

Ao sairmos do chapadão, despedimo-nos das curiosas aranhas gregárias, crepusculares ou noturnas, que eram tão abundantes ao longo dos fios telegráficos. Constituíam-se um dos pequenos problemas da Comissão, menos comuns na estação seca; na época das chuvas, porém, quando suas rígidas teias, que se estendem do fio até o chão, umedecem, costumam provocar curto-circuito. Dessa forma, em várias ocasiões, já têm causado sérios embaraços às comunicações telegráficas. Na terceira noite após nossa partida de Vilhena, livramo-nos, por um pouco, daquela floresta espessa e interminável, na qual nossas pobres cavalgadas encontraram tão escassa alimentação, ao atingirmos um belíssimo descampado, onde encostas cobertas de pastagens pontilhadas de raras árvores vinham morrer nas ribas do regato, um dos tributários do rio da Dúvida. Dava gosto apreciar as mulas sofregamente enterrarem o focinho na pastagem. Armamos nossas barracas no descampado, junto de uma árvore frondosa que emitia os galhos inferiores em todas as direções.

Neste acampamento, Cherrie matou um “cochicho”, pássaro característico das campinas e Miller encontrou dois morcegos na parte podre

de um tronco seco. Ouviu-os chiando no oco, e os arrancou, sem poder atinar como haviam conseguido ali penetrar.

Neste ponto, Kermit, distanciando-se alguns quilômetros de nossas barracas, descobriu um acampamento de nhambiquaras. Era um grupo de uns vinte ou trinta, entre homens, mulheres e crianças. Kermit, à maneira dos hábitos das selvas, adiantou-se resolutamente pelo descampado, gritando para dar aviso de sua aproximação. Cada terra com seu uso... Os antigos saxões consideravam perfeitamente legal o assassinio de qualquer indivíduo que se metesse pelas matas alheias sem se anunciar por gritos ou pelo som de uma buzina. No país dos nhambiquaras, nos tempos atuais, é contra a etiqueta, tornando-se mesmo perigoso, dirigir-se aos domínios de outrem, sem prévio aviso. Os silvícolas receberam-no com a máxima cordialidade e lhe deram uma bebida feita de ananás. Estavam totalmente nus, como era de costume; não possuíam redes nem cobertas, e suas residências constavam apenas de um insignificante abrigo de folhas de palmeiras. Contudo, mostravam excelentes condições de saúde. Seis homens e dois rapazes acompanharam Kermit até o nosso acampamento, sem se incomodarem absolutamente com a chuva que caía. Eram ingênuos e amigos – pelo menos aparentemente – e muito curiosos. Os longos pedaços de hastes enfiados nos lábios não lhes impediam de comer, e riram muito quando lhes sugerimos retirá-los; naturalmente para eles, a execução do que lhes propusemos seria atentatório às boas maneiras, tal como quem usa uma faca para tomar sorvete. Executaram duas ou três danças, e nossos ouvidos foram novamente castigados com aquele ritmo selvagem e monótono. Após o jantar, eles se puseram de novo a dançar em torno de uma fogueira, e, finalmente, para seu gáudio, a maioria dos membros de nossa comitiva, brasileiros e americanos, aderiu entusiasticamente às danças, enquanto o coronel e eu aplaudíamos gostosamente. Na manhã seguinte, quando fomos despertados com o chiro e alarido das araras, papagaios e periquitos, verificamos que quase todos os índios, homens e mulheres, estavam reunidos em torno da barraca. Em matéria de indumentária ficaram mesmo no Adão e Eva de antes do pecado. Uma das mulheres trazia um mico. Colocou-o numa grande árvore a certa distância das tendas e, quando o chamou,

o mico atendeu correndo por entre o capim e foi-se dependurar em seu pescoço.

Tais índios têm o hábito de furtar, mas, nus como estavam, não podiam ocultar qualquer objeto.

Notamos que uma índia apanhara um garfo, mas, como não possuía sequer um trapo para escondê-lo, procurou enterrá-lo na areia e sentar-se em cima, porém conseguimos reavê-lo, sem dificuldades. Algumas crianças usavam colares e pulseiras feitos de madeira de tucum, polida, e de dentes de pequenos roedores.

\* \* \*

O percurso do dia seguinte foi realizado através de uma região montanhosa, de pastagens excelentes. Os vales se cobriam de mata densa onde se destacavam várias espécies de palmáceas e atravessamos os córregos a vau, ou em pontes rústicas, de madeira.

Nos sítios de gramíneas, notavam-se árvores esparsas, geralmente esguias bacabeiras, cujas frondes, desgrenhadas pelo vento, tinham o aspecto de caricaturas. Tratava-se, evidentemente, de uma esplêndida região para criação de gado, e logo deparamos centenas de cabeças, pertencentes à fazenda do governo, em Três Buritis, onde chegamos no começo da tarde.

Acha-se essa propriedade magnificamente situada, descortinando belíssima paisagem, em local que, estabelecida uma colonização definitiva, certamente evidenciaria suas condições de salubridade. Ali nos rejubilamos com a fartura de leite e ovos e no jantar serviram-nos canja e churrasco no espeto; comemos também melancias provenientes de sementes trazidas pelos engenheiros norte-americanos que construíam a estrada de ferro Madeira-Mamoré, uma das maiores realizações entre tantas outras levadas a cabo, nestes últimos anos, para o desenvolvimento dos trópicos.

Os bois de carga do Cap. Amílcar, que se achavam quase imprestáveis, ficaram aí nessas ótimas pastagens. A maioria dos bovinos ali obtidos para substituir os inutilizados era gado chucro, do que resultou verdadeiro espetáculo, até que se conseguisse ajustar a carga e pô-los a ca-



minho; por todos os cantos, disseram os jocosos informantes, viam-se bois chifrudos e bagagens espalhadas pelo chão.

Esta propriedade é dirigida por um tio do Cel. Rondon, irmão de sua mãe, valente setuagenário de fisionomia bondosa e inteligente, de cabeça branca, mas sempre ativo e vigoroso. Chama-se Miguel Evangelista, natural de Mato Grosso e puro-sangue indígena; usava roupa comum dos caboclos, isto é, chapéu, camisa e calças, e não trazia sapatos. No ano anterior abatera três jaguares que andavam comendo os muares da fazenda, presas essas por eles preferidas naquela zona.

Foi com o pai desse seu tio, portanto, seu avô, que o Cel. Rondon, órfão, passou os primeiros sete anos de sua existência. Seu pai morrera antes de seu nascimento e sua mãe quando ele tinha apenas um ano. Criou-se na fazenda de seu avô, a uns cinqüenta quilômetros distante de Cuiabá. Depois passou a residir com um parente do lado paterno, em Cuiabá, de quem herdou o sobrenome Rondon, pois seu pai se assinava “da Silva”. Estudou na Escola Pública daquela cidade e aos 16 anos começou a lecionar. Em seguida foi para o Rio de Janeiro, onde serviu nas fileiras do Exército, e, finalmente, conseguiu entrar para a Escola Militar. Após cinco anos de curso, passou a lecionar matemática na referida Escola e, em seguida, como tenente de engenharia do Exército brasileiro, regressou ao seu Estado natal, Mato Grosso, onde iniciou seus trabalhos de desbravador das selvas.

\* \* \*

No dia seguinte dirigimo-nos para a estação telegráfica José Bonifácio, passando por períodos alternados de sol abrasador e chuvas torrenciais. No caminho encontramos uma aldeia de nhambiquaras; antes, porém, vimos um grupo desses índios que caçava com arcos e flechas, maiores do que eles próprios. Junto do grupo se achava uma mulher jovem e graciosa com um balaio às costas, preso por uma tira de pano à cabeça e acompanhada de uma criança. Na aldeia encontramos homens, mulheres e crianças. Embora totalmente nus, como o grupo que caçava, os índios da aldeia se apresentavam enfeitados com maior número de adornos de contas e usavam brincos feitos de conchas ou de grandes caracóis. Eram mais peludos do que os outros. As mulheres

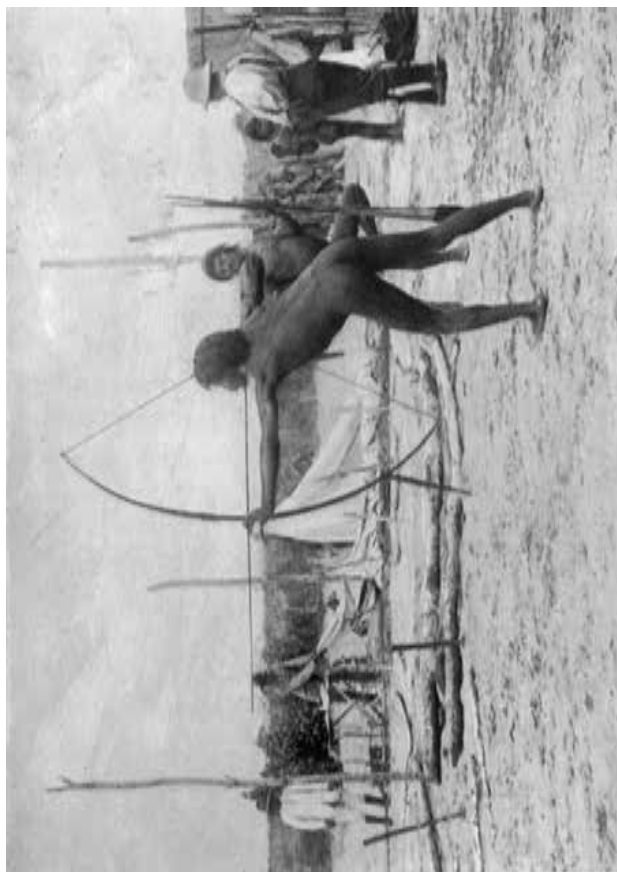
removiam os pelos do corpo e por esta razão tinham o aspecto mais obscuro. O cacique, que pintara o corpo com o suco vermelho de certo fruto, conservava o que se podia dizer um bigode e uma pêra estilizados. Havia um velho que semelhava um “ainu”<sup>71</sup> peludo ou, melhor ainda, um negro australiano.

Meus companheiros disseram que possivelmente se tratava de um tipo de sangue mesclado, oriundo de negros fugidos ao tempo em que algumas minas de Mato Grosso eram trabalhadas por braço escravo. Supõem eles que a influência do negro se fazia sentir também na forma de suas cabanas, que eram maiores e muito diferentes das dos simples abrigos de palha e ainda do estilo das palhoças das outras tribos da região, as quais não diferem dos cortiços comuns dos negros agricultores da África. Essas palhoças eram muito bem urdidas, de perfil circular, com o teto abobadado e duas portas largas e altas nas extremidades e sem qualquer outra abertura a mais. Em cada palhoça viviam de quinze a vinte índios. Dentro se encontravam seus utensílios e outros objetos, como cestos de taquara (alguns estavam cheios de ananás), cabaças, tochas, facas de pau, pilões em que pisavam a mandioca e cujas “mãos” eram pontudas e feitas de madeira muito dura. Dois ou três deles obtiveram dos brasileiros alguns cobertores e uma rede, além de facas que lhes eram de grande utilidade, pois tais índios não chegaram sequer à idade da pedra. Uma índia se abrigava da chuva colocando uma folha de palmeira sobre as costas. Outra trazia na cabeça qualquer coisa que eu supus a princípio fosse um abrigo de pele de macaco. Verifiquei, mais tarde, que se tratava de um macaquinho preto e vivo. Mantinha ele, habitualmente, a cabeça sobre e testa da índia e abria os braços e as pernas de tal modo, que se ajustavam por inteiro sobre a cabeça da mulher, e, tanto esta quanto o macaquinho, relutaram em deixar que lhes tirasse uma fotografia.

O posto José Bonifácio consistia de várias cabanas de um só compartimento, com telhado de sapé e um cercado de pau-a-pique formando um quintal. Notavam-se alguns papagaios e periquitos domesticados de várias espécies perambulando pelos telhados e dentro das casas. Nas

---

71 Aborígenes do Japão, cujas tribos vivem hoje nas Ilhas de Yezo e Curilas (Nota do trad.).



*2ª posição*

*Atirando flechas.*



*1ª posição*

pastagens próximas, existiam curiosas galerias construídas por uma espécie de ratos-selvagens que se alimentam de raízes de gramíneas e também de folhas, que apreendem sem saírem dos buracos. Essas galerias muito se assemelham às feitas pelos nossos ratos-selvagens da mesma espécie. Miller não pode capturá-los em armadilhas, mas, finalmente, com o auxílio do Cel. Rondon, de alguns índios e dois ou três homens de nossa comitiva, conseguiu escavar o solo e apanhar um. Da galeria central derivavam várias ramificações bastante extensas, cerca de 30 centímetros abaixo do nível do solo, apresentando montículos de terra solta provenientes da escavação, a intervalos de mais ou menos seis metros. A entrada principal se aprofundava em linha reta até uns três metros e em seguida a uns cinco lateralmente, formando uma espécie de antecâmara. O roedor custou a se deixar dominar, demonstrando ser muito combativo, mas quando em contato com a superfície do solo, pôs-se a se mover com lentidão e desajeitadamente. No aspecto tais roedores se parecem muito com o nosso rato-de-bolsa, porém são destituídos desse apêndice. Foi este rato um dos mais interessantes dos pequenos mamíferos que obtivemos.

Após o almoço, em José Bonifácio, apareceu um grupo de nhambiquaras, homens, mulheres e crianças. Aqueles fizeram uma exibição de exercícios de flechas não muito boa; quando o arco era puxado, ficava primeiro em posição que a flecha apontava em linha reta para cima, e em seguida era abaixada até coincidir com o ponto de mira. Várias índias tinham sido raptadas de outras tribos após o assassinio de seus maridos e pais, pois os nhambiquaras são assassinos e ladrões joviais. Traziam dois ou três rafeiros famintos e sarnentos, porém enfeitados com coleira de contas.

Cada um dos maiorais possuía três a quatro mulheres e eram elas que se incumbiam de carregar os trastes, porém, aparentemente, não demonstravam ser maltratadas. Muitas estavam sujas embora com aspecto de bem alimentadas. São índios de baixa estatura, e alguns, sobretudo entre as crianças, muito simpáticos.

De José Bonifácio viajamos cerca de sete milhas em terreno de campo, com árvores esparsas e mato rasteiro, até encontrarmos o cap. Amílcar, a 24 de fevereiro, o qual se achava acampado à beira de um ria-

cho, afluente do rio da Dúvida. Estávamos apenas a umas seis milhas do ponto de embarque daquele rio, e então dividimos nossa comitiva e bagagens. Amílcar, Miller, Melo e Oliveira viajariam três dias até alcançarem o Ji-Paraná, o qual desceriam até o Madeira, com destino a Manaus. Rondon, Lira, o médico, Cherrie, Kermit e eu, com se sete canoas e dezesseis remadores, desceríamos o rio da Dúvida para verificarmos em qual dos três rios iria ele desembocar: Ji-Paraná, Madeira ou Tapajós.

Se, ao término de poucos dias, verificássemos que era ele tributário do Ji-Paraná, voltaríamos para descermos o Ananás, cujo curso era também ignorado.

Com este propósito, deixamos em José Bonifácio provisão para seis de nossos homens durante quinze dias. Trouxemos conosco rações incompletas para cinqüenta dias, de vez que pretendíamos abastecer-nos ainda de caça, a peixes, frutos e palmitos. Nossa bagagem pessoal também foi muito reduzida: Cherrie, Kermit e eu ficamos com a lona dos naturalistas e mais uma barraca muito pequena e pano para abrigar alguém que, por acaso, adoecesse. Rondon, Lira e o médico trouxeram apenas uma barraca. Os objetos que conduzíamos eram estritamente necessários: alimentos, remédios, cama, instrumentos para determinação de altitude, longitude e latitude, além de alguns livros que ocupavam espaço muito limitado. Os livros do Tte. Lira eram dois volumes de Goethe e Schiller, na língua original; os de Kermit em português e os meus em inglês, inclusive os dois últimos de Gibbon; *as tragédias de Sófocles, Utopia de More, Marco Aurélio e Epítetos*, esses dois últimos emprestados por um amigo, o Maj. Shipton, nosso adido militar em Buenos Aires.

Se a viagem se realizasse sem incidentes, as canoas iriam naturalmente se tornando cada vez menos carregadas, pelo consumo dos alimentos; se apresentasse acidentes, com perdas de canoas e homens nas corredeiras ou com a morte de alguém em emboscadas dos índios ou ainda se fôssemos vítimas de malária e disenteria, seria peso de menos. Estávamos todos armados e as munições, posso afirmar, não eram destinadas a desportos. Apenas Cherrie trazia alguma para despender na obtenção de exemplares. O restante era destinado especialmente à conquista de alimentos, a menos que algum acontecimento fortuito nos obrigasse a

gastá-lo. O alimento e as armas que trazíamos representavam a única forma de precaução contra qualquer embate; porém, se o curso do rio fosse muito longo e difícil, provocando a perda de muitas canoas nos rápidos e cachoeiras, ou se tivéssemos de fazer longas e seguidas transportações fora do leito, ou, ainda, se ficássemos impossibilitados de movimentos em algum pântano, tínhamos, naturalmente, de reconhecer que a morte pela fome seria uma hipótese. Qualquer dessas coisas poderia acontecer. Íamos entrar no desconhecido e ninguém poderia prever o que nos aguardava!

.....

## *Capítulo VIII*

### O RIO DA DÚVIDA

**N**O DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1914, logo após o meio-dia, começamos a sulcar as águas do rio da Dúvida, com destino ao desconhecido.

Ignorávamos se dentro de uma semana estaríamos no Ji-Paraná, se em seis no rio Madeira ou em que lugar iríamos parar dali a três meses. Eis por que o rio se denominava rio da Dúvida. Acampáramos bem junto à sua margem, no local em que as linhas telegráficas o atravessam sobre uma ponte tosca.

Quando as nossas canoas começaram a movimentar-se, Amílcar, Miller e os demais pertencentes ao outro grupo que se destinava ao Ji-Paraná, achavam-se na barranca e na ponte, para as despedidas, almejando-nos boa sorte. Estávamos em plena estação das chuvas e o rio se mostrava impetuoso e barrento.

Nosso acampamento ficara situado a 12°1' de latitude sul e 60°15' de longitude oeste de Greenwich. O rumo seria para o norte, na direção do equador, acompanhando o curso que se desenvolvia por entre a floresta imensa.

Conduzíamos sete canoas, todas inteiriças: duas eram bastante velhas, fazendo água; uma muito pequena e outra apresentava algumas fendas; as três restantes eram boas. As duas mais velhas, a de fendas e uma terceira foram ligadas umas às outras, formando pares. Kermit embarcou na menor das que estavam em bom estado, com dois remadores; o Cel. Rondon e Tte. Lira, juntamente com três remadores, na outra um pouco maior, e o médico, Miller e eu na maior de todas, também com três homens. Os oito camaradas restantes (eram ao todo dezesseis) foram distribuídos pelas demais.

Sem embargo da redução de nossa bagagem pessoal ao estritamente necessário, em uma viagem como esta que se propunha realizar trabalho científico e na qual forçosamente ter-se-ia de transportar alimento para vinte e duas pessoas por um período imprevisível, não era possível evitar-se o carregamento de muita coisa, de sorte que as canoas se achavam superlotadas. Os remadores eram vigorosos, experimentados em serviços de transportes dessa natureza e hábeis veteranos das selvas. Eram ágeis como panteras e fortes como touros! Nadavam admiravelmente. Sentiam-se tão bem com os remos e varejões quanto com o machado e o facão.

Um deles se destacava como ótimo cozinheiro e os outros como excelentes homens de campo. Tinham o aspecto dos piratas dos quadros de Howard Pile Maxfield Parrish; um ou dois eram de fato piratas e outro, coisa pior ainda, mas a maioria se compunha de homens do trabalho, dispostos e alegres. Suas cores representavam toda a escala de matizes entre o branco, ou, diria melhor, entre a cor azeitonada da gente do sul da Europa, o preto e a cor de cobre.

Na minha canoa, Luís, o timoneiro, era um negro de Mato Grosso; o primeiro remo, Júlio, nascera na Bahia e descendia de portugueses e o outro era Antônio, o índio pareci.

O levantamento do rio estava sendo executado pelo Cel. Rondon e o Tte. Lira, auxiliados por Kermit. Este ia na frente em sua pequena canoa, com as balizas, nas quais estavam colocados dois discos, um vermelho e outro branco, com intervalo de um metro. Escolhia Kermit os locais dominantes, em ângulo de declinação, a fim de melhor visar o rio para trás e para frente; descia para cortar os ramos que pudessem prejudicar a mira; colocava em seguida a estaca, o que às vezes calhava ser em local de maribondos e formigas. Lira, de sua estação na canoa, mais acima, com seu





*Escrevia com luvas compridas e rede na cabeça.*



*A canoa do Cel. Roosevelt descendo o rio da Dívida.*

telêmetro, ia determinando a distância, enquanto o Cel. Rondon tomava a direção com a bússola e fazia as anotações. Em seguida eles passavam para o ponto em que Kermit se achava e este se transportava para um novo local mais adiante. O primeiro dia de trabalho foi moroso.

O curso normal do rio apresentava uma ligeira deflexão este norte, porém, a curtos intervalos, descia de nível, fazendo curvar, literalmente, para frente, todos os quadrantes da bússola. Kermit desceu da embarcação mais de cem vezes e apenas conseguimos vencer nove quilômetros e trezentos metros. Minha canoa deslizava à frente das demais. O volume das águas facilitava as remadas, de vez que os tocos e troncos caídos permaneciam muito abaixo da superfície. Contudo, vez por outra, éramos impedidos na direção de ondas que denunciavam terríveis espeques de troncos enterrados, ou de grossas raízes de árvores tombadas, quase atravessando a correnteza. Nesses momentos viam-se os músculos das costas e dos braços dos remadores se retesarem sob a pressão de golpes acelerados, até que nos desviássemos do perigo. Se as árvores curvadas ou envolvidas pelo rio eram as espinhentas palmeiras “boritana”, de fino estípite e amigas da umidade, apesar de mergulhadas, continuaram a exibir vigorosa vegetação, recurvando os troncos para cima, e mantendo a fronde agitada pelas águas e borbotões.

A nossa tarefa antemostrava-se muito interessante, por isso que não somente o rio quanto a região por ele banhada eram absolutamente desconhecidos do homem civilizado. A floresta soberba e entrançada, de ambos os lados do rio, semelhava uma parede verde. Cipós retorcidos e entrelaçados se dependuravam das belas e majestosas árvores, como se fossem grossas cordas. Touças de epífitas invadiam os troncos mortos e as árvores. Algumas exibiam largas folhas, tal como orelhas de elefante<sup>72</sup>. De quando em quando a brisa nos trazia o perfume suave das flores ribeirinhas. Não havia muitos pássaros, de maneira que a mata quase sempre estava em silêncio; raramente se ouviam “pios” estranhos no fundo das selvas ou se avistava uma ou outra aninga ou magoari.

Minha canoa deslizou durante umas duas horas, apenas, e depois parou, aguardando as outras. Após mais duas horas de espera, não apare-

---

72 Imbés, da família da aráceas (Nota do trad.).

cendo os companheiros, resolvemos desembarcar e armar nosso acampamento num local em que a barranca se erguia abrupta com trinta metros de altura, limitando um trato de terra plana. As canoas foram amarradas em troncos de árvores. Os camaradas fizeram um roçado no local, e acenderam um fogo. A mata estava silente. Notavam-se alguns trilhos de anta, porém já antigos. Antes de noite fechada chegaram os companheiros que faziam a medição. Havia piuns e carapanãs.

À noite apareceram alguns mosquitos, porém em número tão reduzido que não chegaram propriamente a incomodar.

As indefectíveis abelhas pequeninas e de agradável perfume revoavam sobre nossas faces e nossas mãos, enquanto havia claridade; eram tão mansas e inofensivas que eu não tinha coragem de enxotá-las. Mais tarde, porém, se transformaram em sério contratempo.

A chuva vinha caindo com intervalos, em pancadas, e o céu se mostrava ameaçador, porém, ao anoitecer, melhorou. As estrelas apareceram brilhando e, no ocidente, surgiu a lua nova. Foi uma noite esplêndida e fresca e dormimos admiravelmente.

\* \* \*

No dia seguinte, as duas canoas ocupadas nos trabalhos de levantamento saíram imediatamente após o almoço. Uma hora depois, os dois pares conjugados também zarparam. A minha ficou à espera de Cherrie, que se empenhara na captura de alguns pássaros que tínhamos visto nas proximidades.

Conseguiu matar alguns, dentre os quais os mais interessantes eram uma cotinga azul-turquesa brilhante, com a garganta purpúrea e um grande pica-pau de dorso negro e ventre cor de canela, com pescoço e cabeça vermelhos. Já era quase meio-dia quando partimos. Vimos ainda outros pássaros e sinais frescos de anta e de paca na barranca; ouvimos também a gritaria de macacos no meio das selvas. Dentro do rio apareceu, certa ocasião, uma enorme lontra.

À medida que avançávamos pela correnteza turva e borbulhante, perlongando a mata verde e encharcada pelas chuvas, íamos deparando grandes árvores inclinadas sobre as águas, em ambas as margens. Nos pon-

tos em que o rio se estreitava e as árvores pendentes eram muito longas ou coincidia ficarem as de uma margem na direção das da outra, tínhamos pela frente uma barreira que somente o machado removia.

Havia muitas palmáceas, sobretudo buritizeiros de frondes rijas em forma de leque e uma bela espécie de bacaba com longas e graciosas copas recurvadas. Em certos sítios essas palmeiras se erguiam umas bem junto das outras, afiniladas e esguias como majestosa *colunata* encimada pelas frondes em alto-relevo sobre o fundo do céu.

Borboletas de cores variegadas vojavam sobre o rio. A chuva caía em bátegas do céu nublado. Quando o sol surgiu, por entre as nuvens, a floresta se iluminou com o clarão de seus raios de ouro.

Aí pelo meio da tarde alcançamos a embocadura de um grande e impetuoso afluente na margem direita. Era indubitavelmente o Bandeira, cujas cabeceiras já havíamos atravessado uns dez dias antes, em nosso caminho para José Bonifácio. Naquela ocasião os nhambiquaras informaram ao Cel. Rondon que o Bandeira desaguava no rio da Dúvida, que, após esta junção, aumenta consideravelmente o volume de suas águas, alargando-se, sem prejuízo da profundidade. A cheia era tão forte que as águas inundavam a mata nos pontos menos elevados. Apenas os sítios mais altos permaneciam enxutos. No local em que aproamos, tivemos que empurrar as canoas na extensão de muitos metros por entre ramos de árvores submergidas, quebrando-os ou cortando-os. Encontravam-se baías, e angras improvisadas pela torrente, onde se viam gramíneas vegetando.

Esta noite acampamos num maciço enxuto de mato cerrado, junto da barranca, a um metro e meio acima do nível das águas. Valia a pena ver com que rapidez e vigor os camaradas abriram um grande claro na mata, para localização das barracas. Na manhã seguinte, antes de nascer o sol, divertimo-nos em dar mergulhos na torrente, atirando-nos do alto da barranca ou das canoas amarradas. No segundo dia percorremos dezesseis quilômetros e meio, ao longo do curso do rio, sendo que nove quase em linha reta para o norte.

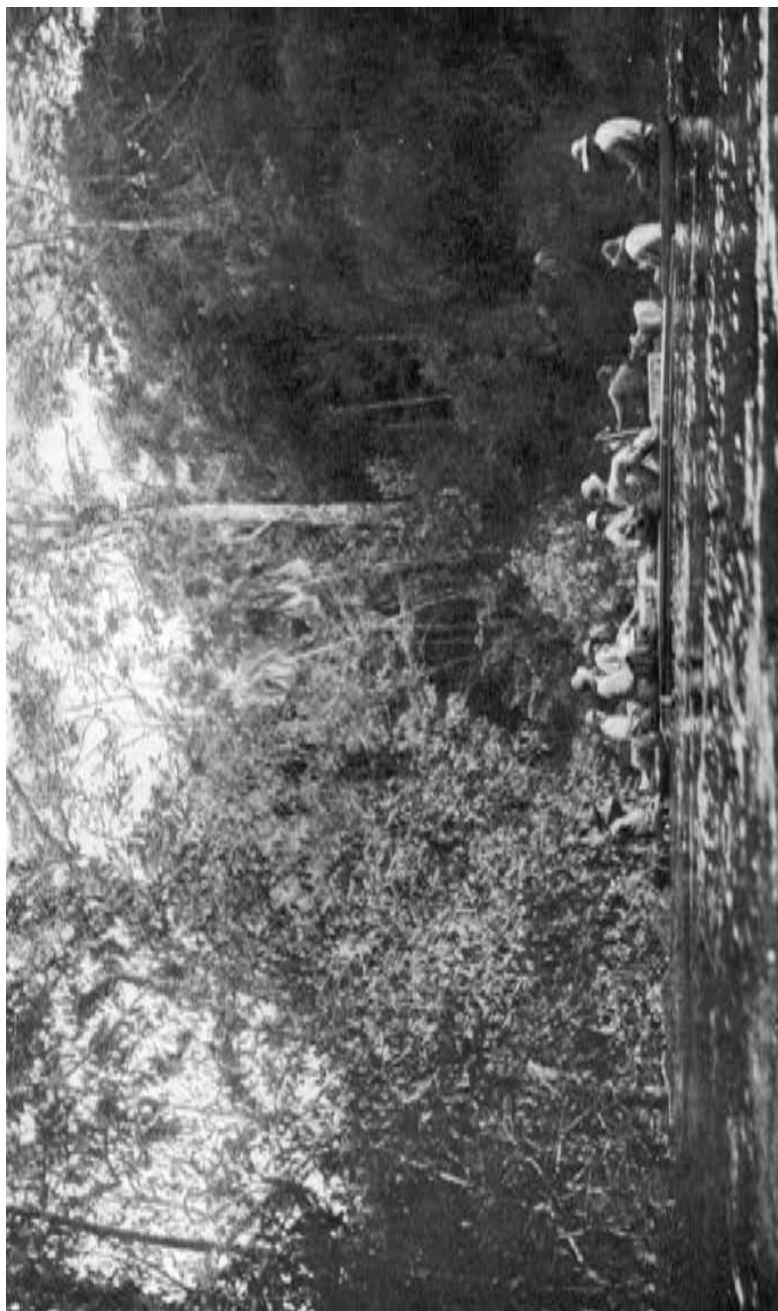
No dia seguinte, 1º de março, choveu muito, ora grandes pancadas, ora chuva mais fina. A direção agora era a de noroeste, e conseguimos fazer vinte quilômetros e meio. Passamos por locais com vestígios de habitações de índios, em que se notavam velhos abrigos de folhas de palmeiras,

em ambas as margens. Na esquerda vimos dois ou três campos abandonados, com o mato já crescido, apresentando tocos de árvores queimadas. Na embocadura de um dos pequenos afluentes da margem direita existiam algumas varas fincadas dentro d'água, indicando que no local houvera uma armadilha para apanhar peixes.

Em certo ponto cruzamos uma ponte rústica dos índios, com um corrimão de cipó, a uns poucos palmos acima do nível das águas.

Evidentemente a ponte fora construída em época normal. Fincaram três fortes esteios no leito do rio em linha reta e teceram a ponte com varas amarradas entre esses suportes e os da barranca. Estenderam fortes cipós à guisa de corrimão para facilitar a travessia. A enchente carregara a ponte, deixando apenas os esteios e o corrimão. À tarde, Cherrie, de dentro da canoa, atirou num macaco de cor parda escura, de cauda longa, e de ótima carne.

Acampamos num espaço plano e seco, porém a poucos palmos acima e muito próximo do nível das águas, de sorte que nosso banho estava à mão. Cortaram-se árvores para a conquista do local, o que se verificou com muita rapidez e ordem. Um dos homens quase pisou numa coral venenosa, o que seria perigosíssimo, pois ele estava descalço. Meus sapatos eram reforçados e as presas desta serpente, ao contrário das lanceoladas, são muito curtas para atravessarem o couro. Pisei-lhe em cima imediatamente e ela picou meu sapato sem qualquer perigo. Diz-se que as cores vivas da coral em seus próprios domínios tem realmente influência protetora. Na selva escura e emaranhada e em menor escala, na paisagem variada do ambiente, qualquer coisa imóvel, sobretudo se parcialmente oculta, ilude a vista muito facilmente. Porém contra o solo escuro da floresta, onde encontramos essa coral, suas cores nítidas e variegadas eram facilmente perceptíveis, incomparavelmente mais visíveis do que o colorido escuro e mesclado da jararaca e de outras serpentes venenosas do gênero *lachesis*. Neste mesmo sítio, entretanto, encontramos um exemplo típico de forma e colorido protetores ou miméticos. Tratava-se de uma grande larva – pelo menos julgamo-la uma forma larval, pois nenhum de nós era entomologista – semelhando uma folha seca parcialmente retorcida, coisa realmente de estarrecer. A cauda parecia exatamente a haste ou a continuação da



*As canoas do Cel. Roosevelt e do Cel. Rondon na embocadura do rio Bandeira.  
Ao cair da tarde, atingimos a embocadura de um afluente bem grande... Tratava-se sem dúvida, do Bandeira...*

nervura central da folha morta. A cabeça da mesma cor se projetava para frente.

Por essa época ainda nos achávamos nos altiplanos brasileiros.

A floresta se mostrava quase despovoada e silenciosa. Não nos era dado ouvir aquele coro de pássaros e de mamíferos, o que ocasionalmente acontecia em nossas viagens por terra, quando mais de uma vez fomos despertados de madrugada pelos gritos, chilros e vozerio de macacos, tucanos, araras, papagaios e periquitos.

Ouvia-se, contudo, vez por outra, sons esquisitos partidos do fundo da mata e, à noite, várias espécies de rãs e insetos emitiam estranhos gritos e chios. O ruído parecia aumentar até a meia-noite e depois ia diminuindo pela madrugada, quando tudo silenciava.

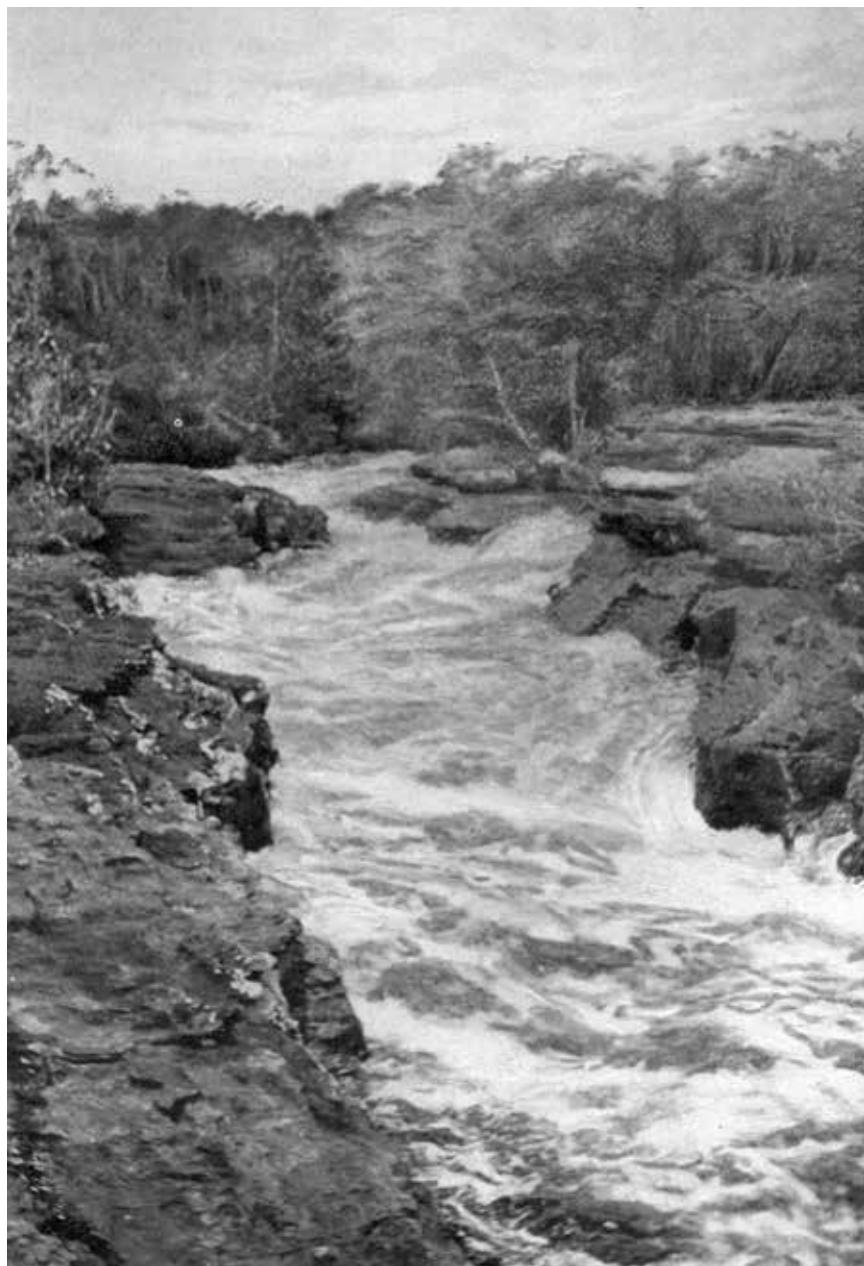
Neste acampamento as formigas carregadeiras devoraram completamente a roupa branca do médico, abriram buracos em seu mosquiteiro, além de inutilizarem a correia da espingarda do Tte. Lira. As pequenas abelhas sem ferrão, de várias espécies, surgiam em tal quantidade que éramos obrigados a colocar redes protetoras no rosto para escrever ou preparar os exemplares obtidos.

\* \* \*

No dia seguinte quase não choveu. A viagem foi esplêndida e vagarosa, descendo aquele belo rio tropical. Até a metade da tarde a correnteza não estava muito forte e a vasta, profunda e plácida massa d'água se estendia em curvas para todas as direções, embora o curso normal se dirigisse para o nordeste. A região era plana e a maior parte do terreno estava debaixo d'água. Continuadamente atravessávamos grandes extensões de mato submerso, onde a água lambia os troncos das árvores. De uma feita, passamos por uma colina. Vimos periquitos de belíssimas cores e lindos surucuás<sup>73</sup>. Finalmente as águas começaram a se agitar e a correnteza cada vez mais forte, qual uma calha, prenunciava corredeiras. Remamos para a margem direita, amarramos as canoas e, enquanto o grosso do pessoal se pôs a armar as barracas, dois ou três camaradas nos

---

73 Aves da família trogonídea, de belíssimas cores, que habitam as grandes matas. São comparadas, em beleza, às aves-do-paraíso. (Nota do trad.).



*Os rápidos Navaité...  
Havia muitas corredeiras e uma ou duas quedas regulares...*



acompanharam até os rápidos. Tínhamos completado vinte quilômetros e verificamos logo que aqueles rápidos constituíam um sério obstáculo. Havia muitas ondulações e uma ou duas quedas regulares, com uns 2 metros de altura, talvez. Seria impossível atravessá-las e sua extensão era de quase uma milha. O carreiro que dava acesso pela mata, aberto sobre a rocha, e quase em linha reta, reduzia muito a distância, porém não se afigurava fácil atravessá-lo, conduzindo pesadas cargas e arrastando canoas. No ponto em que a descida era mais forte existiam grandes e planas aflorações de pedra calcária friável e conglomerados. Em certas partes destas aflorações, cuja superfície se cobria de sedimentos, surgia o capinzal. Outras partes se mostravam nuas e corroídas pela ação do tempo, exibindo formas bizarras, uma das quais semelhava a um chapéu de estilo antigo, com a copa voltada para baixo. Neste local, onde o rio parecia ter-se desviado de seu curso, a torrente se comprimia por um canal profundo e estreito, com grande trecho da largura máxima de cinco ou seis metros, havendo um certo ponto em que não ultrapassava de dois.

No entanto, a um quilômetro ou dois apenas acima desses rápidos, a largura do rio era de mais de cem metros! Parecia inacreditável, quase impossível mesmo, que um rio tão largo pudesse, em tão pequena distância, reduzir suas dimensões de forma a se comportar dentro de tão estreito canal!

Aquela era uma zona em que os nhambiquaras, de tempos em tempos, construía suas aldeias efêmeras e cultivavam a terra no seu sistema primitivo e devastador. Notavam-se vários campos abandonados, onde o mato, já crescido, ocultava os tocos e os troncos queimados, de árvores decepadas. Encontramos indícios de que os nhambiquaras tinham passado, há pouco, por ali. Em certo trilho existia o que os ciganos chamariam *pateran*, isto é, feixes de ramos colocados em cruz, tendo oito folhas cada um e que correspondiam a designações próprias, segundo a ordem desses sinais, com significados peculiares e às vezes complicados, mas muito comuns entre as populações selvagens. Os silvícolas haviam construído uma pinguela que se compunha de quatro varas grossas e compridas, sem corrimão, no ponto mais estreito da garganta de pedra, onde o rio estrondava em cachões espumejantes. Esses silvícolas pertenciam a uma subtribo,

denominada navaité e nós demos este nome aos rápidos, em homenagem aos índios.

O Tte. Lira calculou que aqueles rápidos estavam situados (aproximadamente) na latitude de 11° e 44' sul e 60° e 18' de longitude oeste de Greenwich. Passamos os dias 3, 4 e a manhã de 5 de março na transportação das canoas.

A primeira noite dormimos no local a que havíamos arribado. Na manhã seguinte removemos as cargas para a base dos rápidos, onde pretendíamos colocar as canoas no rio e armar nossas barracas sobre as lajes. Chovia torrencialmente. As abelhinhas sem ferrão apareceram em tal quantidade que se tornaram incômodas. No meio delas surgiam outras maiores, que davam terríveis picadas. Fomos também perseguidos por grandes mutucas, do tamanho de zangões; porém, de tudo isto, o que mais nos molestava, eram os piuns e borrachudos durante o dia, e, ao escurecer, o mosquito-pólvora e carapanãs. Todavia, o pior deles é o borrachudo, porque chupa o sangue com incrível rapidez, deixando marcas que duram muitos dias.

Via-me obrigado a escrever com redes protegendo o rosto e luvas compridas. Pernilongos havia poucos. Felizmente trazíamos várias garrafas de “mata-mosquito” (era o nome do rótulo) colocadas entre os nossos medicamentos pelo Dr. Alexandre Lambert, preparado este já por ele experimentado, com excelentes resultados, nas florestas do Hemisfério Norte. Nunca tivera necessidade de usar tais linimentos e relutei em aceitá-los, mas naquela ocasião verifiquei sua grande utilidade e todos nós o empregamos com bastante êxito. Doravante não mais entrarei nas selvas sem esses “preparados”! O efeito de uma aplicação perdura de meia a uma hora, mas sob certas condições, como, por exemplo, quando a pessoa está transpirando, não produz resultado. Entretanto, quando minúsculos mosquitos se intrometem pelos interstícios das redes e mosquiteiros, é de efeito estupendo, permitindo um sono reparador, que de outro modo não seria possível.

Os cupins invadiram nossas barracas sobre as lajes, fazendo estragos no mosquiteiro e no poncho de Cherrie e já começavam a devorar nossos alforjes de flanela grossa, quando os descobrimos.



*Cherrie com a espingarda, mostrando a largura da "garganta" em Navaité...  
Em certo ponto tinha menos de dois metros...*

Transportar a carga foi coisa simples, mas arrastar as canoas pesadas deu trabalho. A maior de todas era pesadíssima. Lira e Kermit se encarregaram do serviço. Todos os homens, com exceção do cozinheiro e de um camarada que estava com febre, foram convocados. Fez-se uma picada na mata e umas duas centenas de paus foram cortados para o serviço de deslizamento, sendo dispostos na distância de cerca de dois metros um do outro. Com grande dificuldade as canoas foram guindadas do rio até a barranca alta. Em seguida os homens se colocaram aos pares, um em cada lado da corda amarrada na canoa, puxando-a sobre o leito de paus roliços mantendo-se um atrás com uma vara grossa, a fim de facilitar o deslizamento. No local das lajes existiam rebordos difíceis de transpor, contudo, na maior parte do trecho, que era de descida, a passagem foi relativamente fácil. Olhando-se para o local em que as canoas estavam sendo arrastadas e observando-se a disposição, resistência e a força máscula dos camaradas, bem como a inteligência e o esforço infatigável dos dirigentes, mal se poderia tolerar a ignorância daqueles que desconhecem o potencial de força e energia de que dispõe o homem dos trópicos.

Outro ponto lamentável é o que se refere a certos indivíduos que permanecem sempre no recesso confortável do lar, ou que viajam com todas as facilidades possíveis e não perdem oportunidade em menosprezar as realizações dos exploradores e desbravadores das selvas. Certos impostores e literatiços que se dizem exploradores e desbravadores das selvas sul-americanas, mas que deveriam ser condenados ao escárnio, têm desfrutado de grande conceito (os mais eminentes dessa classe não são sul-americanos, diga-se de passagem). No entanto, o trabalho do desbravador, do explorador das selvas, é cheio de perigos, de sofrimentos e de fadigas. Muitas pessoas de poucos conhecimentos falam levemente a respeito de transporte de canoas fora do leito do rio como se fosse coisa simples e fácil; entretanto, em terrenos acidentados ou completamente desconhecidos, o trabalho é duro e arriscado, podendo causar sérios danos às embarcações, o que constitui um horrível contratempo em regiões desabitadas. Esta transporte de canoas que realizamos nos rápidos Navaité estava longe de ser das piores e, no entanto, dispendemos dois dias e meio de penoso e incessante trabalho, para ultimá-la; mesmo assim não se puderam evitar alguns estragos nas embarcações. A minha, especialmente, ficou de tal ma-

neira fendida, que, mesmo remendada, não se podia prever o quanto ainda duraria.

No local em que lançamos as canoas no rio, a barranca era um pouco alta e uma delas se encheu d'água e submergiu, dando sério trabalho para trazê-la à tona.

Estávamos impossibilitados de dizer para onde íamos e o que encontraríamos pela frente. Ao redor do fogo, após a ceia, discutíamos, sem cessar, este assunto, fazendo mil conjecturas e aventando outras tantas hipóteses. O rio poderia desviar-se bruscamente para oeste e desaguar em algum ponto do Ji-Paraná, ou continuar para o norte até o Madeira; dobrar para o leste, desaguando no Tapajós ou ainda correr para o Canumá ou, finalmente, entrar diretamente no Amazonas. O Ten. Lira propendia para a primeira dessas hipóteses e o Cel. Rondon para a segunda. Não se podia prever se ainda teríamos de viajar cem ou oitocentos quilômetros, se o curso do rio seria normal ou cheio de rápidos e cachoeiras, ou se iríamos dar num grande pântano ou lago.

Não podíamos, entretanto, conjecturar se topariamos com índios hostis ou não, de sorte que nenhum de nós arredava dez passos do acampamento sem levar a espingarda. Em conclusão, não tínhamos a menor idéia do tempo de duração da viagem, pois a região era totalmente desconhecida.

\* \* \*

Começamos a descer o rio novamente no dia 5 de março. Traziámos as mãos e as faces inchadas de picadas de insetos de toda espécie e foi, pois, com satisfação que, uma vez mais, nos pusemos ao largo do curso, onde naturalmente diminuiriam as probabilidades de ataques dessas pragas, dado o movimento das canoas.

A correnteza era forte, mas, em face da profundidade do rio, não havia grandes obstáculos. Por duas vezes passamos sobre bancos de areia, que no período das secas, deviam ser "local de rápidos". Outra vez esbarramos num ponto em que a quantidade de redemoinhos denotava a presença de enormes pedras que seriam perigosíssimas não fora a enchente. A distância que cobrimos num dia de descida foi equivalente a oito dias de viagem, se fosse rio acima. Aqui e ali o rio traçava curvas em S, guardando



*Transportação de canoas nas imediações dos rápidos Navaité.  
Passamos os dias 3, 4 e a manhã de 5 de março na transportação...*

invariavelmente a direção nordeste. Apresentava-se sempre majestoso e não se podia prever o que iria surgir ao findar cada curva. Nas matas de ambas as margens viam-se imponentes seringueiras.

As canoas de reconhecimento, como sempre, saíram na frente, ao passo que a minha veio capitaneando as restantes. Mantive-me constantemente entre estas e as de reconhecimento, até que, passando-as, tomei a dianteira, distanciando-me de uma hora, tempo esse suficiente para escolha de local propício ao acampamento. Estava quase tudo inundado, de maneira que dispendemos muito tempo para conseguir um sítio plano e suficientemente enxuto.

Um pouquinho antes de alcançarmos o ponto desejado, Cherrie matou um jacu (bela ave um tanto parecida com o peru, porém bem menor) e, depois de se lhe retirar a parte destinada à coleção, deliciamo-nos com uma excelente canja feita de sua carne. Nas proximidades das barracas, vimos grupos de macacos e as pseudo-arapongas que emitiam seus gritos metálicos característicos dentro da mata densa que nos circundava. Neste local encontramos um grande número de formigas gigantes, com cerca de três centímetros de comprimento; Miller foi picado por uma delas e sofreu durante horas, tal como se fosse ferido por escorpião. Viajamos apenas meio-dia, perfazendo doze quilômetros, e no dia seguinte mais dezoito. O rio se perdia em meandros para todos os lados, mantendo, porém, a direção mais ou menos do nordeste. Certa vez paramos para colher mel numa árvore gigantesca, destas que se denominam “leiteiras”, porque o mais leve corte provoca a saída de uma substância leitosa. Nossos camaradas beberam sofregamente aquele suco leitoso que escorria dos talhos produzidos por seus machados. Também eu o experimentei e seu gosto não era desagradável, mas deixava um ressaibo pegajoso à boca. O timoneiro de minha canoa, o musculoso negro Luís, subiu pela árvore, equilibrando-se admiravelmente num fraco arrimo de cipós.

O mel estava dentro de uma cavidade feita por abelhas sem ferrão, de tamanho médio, que ali construíram uma entrada curiosa, como se fosse uma calha de cera com cerca de 30 centímetros de comprimento.

Na parte de fora, as paredes da calha deixavam perceber que eram de cera, mas em outros pontos confundiam-se com a casca da árvore.

O mel era delicioso: doce, mas de sabor picante. As colméias diferem muito das colméias de nossas abelhas. Os favos eram muito grandes e as células genetrizes, que são menores, se apresentavam simples ao invés de duplas. Nesta árvore encontrei um exemplo típico de mimetismo. Uma vasta perereca, do tamanho do sapo-boi, achava-se completamente imóvel num grande galho podre. Seu dorso amarelo-escuro e lados negros se casavam admiravelmente com as manchas do galho; estava muito bem protegida pela cor, naquelas circunstâncias, como acontece com as nossas espécies arborícolas no seu meio ambiente, isto é, por entre as folhas secas.

Tentei tocá-la e ela, apesar do tamanho, pulou sobre um raminho verde, onde se equilibrou com incrível facilidade, segurando-se com as ventosas das pontas dos dedos. Saltou em seguida para o chão, onde permaneceu imóvel outra vez.

Evidentemente procurava fugir a qualquer observação.

Vimos alguns macacos e rastos frescos de anta. Kermit matou um jacu para a panela.

Mais ou menos às três horas da tarde, minha canoa estava na vanguarda, e aí a correnteza começou a aumentar. Passamos sobre um ou dois pontos mais encrespados, quando ouvimos o ruído de rápidos à nossa frente e as águas começaram a rolar violentamente. Remamos para a barranca e aproveitamos uma trilha de anta para um reconhecimento do terreno. Depois de caminharmos cerca de um quarto de légua, verificamos a existência de grandes corredeiras, através das quais seria impossível atravessarmos nas canoas, e em seguida voltamos ao ponto de desembarque. Todas as embarcações estavam grupadas no mesmo local e o coronel, Lira e Kermit já tinham descido a correnteza, procurando sondar a região. Voltaram depois de uma hora e informaram que os rápidos se estendiam até muito longe e havia quedas d'água de altos degraus e, portanto, que teríamos de despender muitos dias na transportaçã das canoas. Fizemos o acampamento justamente acima das cachoeiras. Havia muita formiga e algumas picavam terrivelmente. Nossos homens, ao abrirem espaço na mata para as barracas, pouparam várias palmeiras altas e esguias.

Os troncos dessas palmáceas eram retos como flechas e encimados por delicada e graciosa fronde recurvada.



Já havíamos percorrido cerca de cem quilômetros do curso do rio, mas ele tanto se perdia em curvas, que estávamos apenas a cinqüenta e cinco ao norte do ponto de partida. As aflorações rochosas eram porfiríticas.

Despendemos os dias 7, 8 e 9 no transporte da carga e das canoas, bem como no lançamento ao rio destas últimas, após a série de rápidos, em cujo ponto inicial havíamos acampado. O nosso acampamento seguinte foi a um quilômetro e meio abaixo dos rápidos, num sítio pitoresco e encantador, na borda do rio, numa enseada rasa com praia de areia firme. Dentro d'água, no ponto central da praia, erguia-se um grupo de três buritizeiros, como grandes colunas. Ao redor das barracas viam-se enormes árvores, sendo duas seringueiras. Kermit fez uma excursão até uns cinco ou seis quilômetros abaixo, onde matou um jacu; disse-nos que, no ponto que atingira, havia outros rápidos, quase uma cachoeira e que teríamos novamente de transportar as canoas por terra.

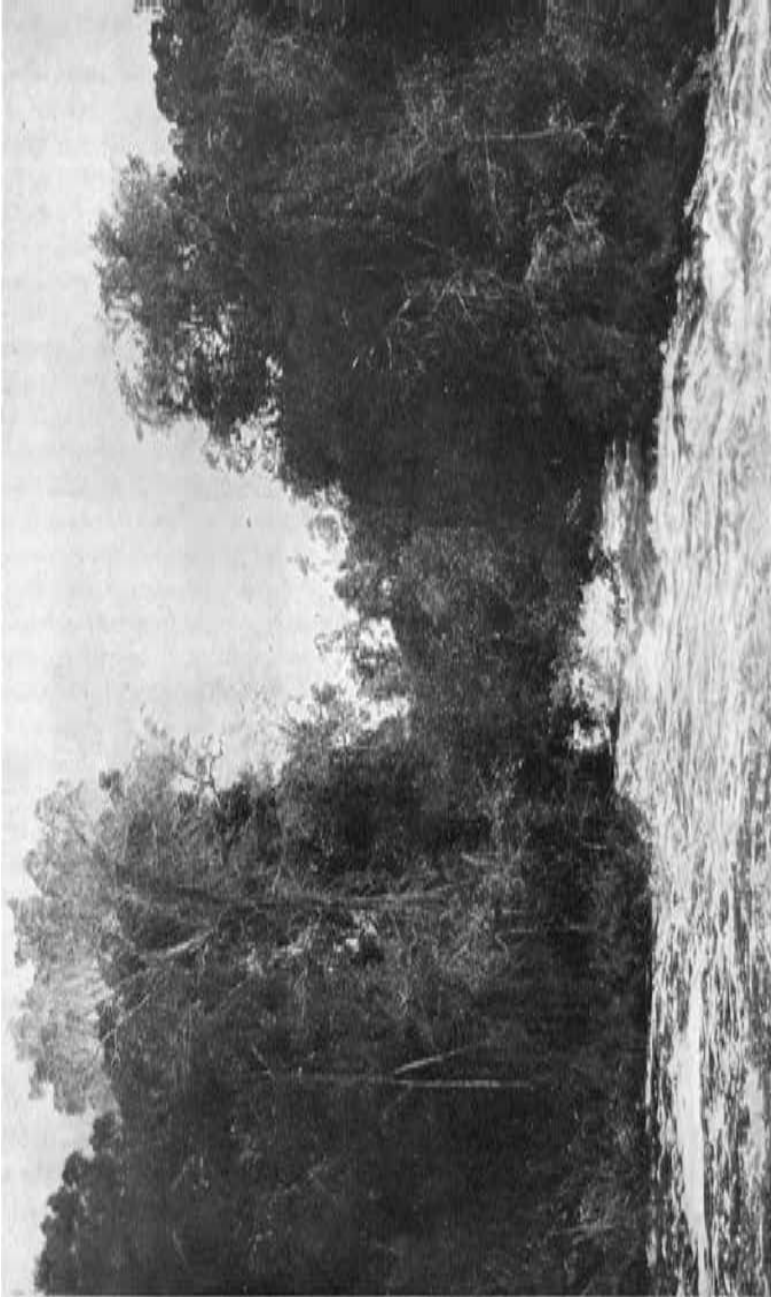
O índio Antônio matou um macaco, o que muito apreciamos, pois o transporte das canoas por terra era um trabalho pesadíssimo e, como os homens gostassem muito de carne de símios, não deixava de ser um incentivo para eles.

Neste ínterim, Cherrie matou sessenta aves peculiares ao rio da Dúvida, todas novas para a coleção e algumas talvez mesmo desconhecidas dos cientistas. Encontramos rastos frescos de paca, cutia e caititus pequenos, e Kermit, acompanhado pelos cães, levantou uma anta, que atravessou o rio no local dos rápidos, porém, nenhum de nós conseguiu acertá-la.

Excetuando-se um ou dois pontos, qualquer canoa grande, com reduzida carga, poderia talvez atravessar aquelas corredeiras, porém seria temeridade, dada a nossa situação, tentar essa empresa, de vez que a perda de uma canoa ou de seu conteúdo significaria um verdadeiro desastre; além disto, uma delas poderia ficar em condições de não resistir ao transporte por terra quando isto fosse absolutamente inevitável.

No primeiro dia conseguimos trazer a carga e as canoas até ao pé do primeiro rápido.

Lira dirigiu os trabalhos de abertura da picada e a colocação dos paus roliços para o deslizamento, enquanto Kermit se incumbia da retirada das canoas de dentro do rio para a barranca, serviço este realizado a braço, com auxílio de paus e cordas. Em seguida reuniram-se todos os homens para o serviço de rolamento que requeria força, dada a situação



*Rápidos do rio da Dúvida.*

irregular do terreno e o peso das canoas. Enquanto isto, o coronel e um auxiliar mediram a distância e, em seguida, foram caçar, mas nada conseguiram. Eu também me meti pelo mato, ao longo do rio, sem encontrar qualquer peça de caça. Nas densas florestas tropicais da bacia amazônica, matar uma caça é coisa algo difícil, sobretudo para quem está muito apressado. Em viagem como a que estávamos empreendendo, conseguir caçar alguma coisa era mais uma questão de sorte.

\* \* \*

No dia seguinte, Lira e Kermit trouxeram as canoas e a carga, com grande trabalho, até a pequena praia, onde estávamos acampados. Ao lado havia muitas musáceas silvestres e os homens aproveitavam suas grandes folhas, algumas com 3,50m de comprimento e 0,70m de largura, na cobertura de abrigos onde armavam as redes.

De uma feita, barafustei-me pela floresta, mas, dado o emaranhado da vegetação, somente por mero acaso poderia ver qualquer grande animal. Comumente a mata estava silenciosa e erma. Vez por outra pequenos bandos de pássaros de várias espécies (pica-paus, papa-formigas, gaturamos e papa-moscas) passavam pelo alto, justamente como acontece no Hemisfério Norte, quando bandos de tordos, chapins<sup>74</sup> e sitídeos, na primavera e no outono, cruzam as nossas matas. Nos interstícios das rochas e nas grandes árvores ribeirinhas, medravam lindas orquídeas brancas e lilases – sobrálias de doce e suave perfume. Naquele momento, meus livros já me causavam enfado e talvez passasse o tempo entediado não fora Miller emprestar-me o *Oxford Book* de versos franceses de Eustache Deschamp, Joachim du Bellay, Ronsard, o agradável La Fontaine, Villon, a *Guitarre* de Victor Hugo, os lindos versos a respeito de uma menina e sua almofada, de Madame Desbordes-Valmore, e muitos outros, com os quais me deleitei, sentado num tronco de árvore, rede à cabeça e luvas compridas, nas margens de um rio desconhecido na Floresta Amazônica!

---

74 Pássaro do gênero *Paridae* (*Parus atricapillus*), estranho à nossa fauna (Nota do trad.).

No dia 10 retornamos às canoas e viajamos um quilômetro e meio, despendendo a maior parte do tempo na travessia de mais dois rápidos. Nas imediações do primeiro, vimos um pequeno caimã ou jacaretinga. Em cada série de rápidos descarregávamos as canoas, e a carga era conduzida na cabeça dos camaradas; três canoas desceram pilotadas por dois homens cada uma; as que estavam unidas em pares foram descidas por meio de cordas, cada par de uma vez, chegando à praia salvas. Um dos homens caiu na correnteza e feriu o rosto nas pedras. Lira e Kermit ajudavam os camaradas. O último, que estava vestido como os trabalhadores, meteu-se na água e, como os galhos pendentes sobre o rio estivessem repletos de formigas bravas, ficou com todo o corpo cheio de marcas e empolas. Efetivamente todos nós sofremos com as formigas e com os mosquitos, que cada vez se tornavam mais numerosos.

As térmitas fizeram buracos em meu chapéu de campo e na lona de minha cama. Todos os outros companheiros usavam redes. Até aquele ponto já havíamos percorrido 102 quilômetros do rio, de acordo com a medição, com uma descida de altitude equivalente a 100 metros, segundo o aneróide. Estes resultados eram, entretanto, aproximados, visto como não se podia confiar plenamente na exatidão do aparelho, neste caso.

Na manhã seguinte verificamos que acontecera um grave acidente conosco. Havíamos parado ao pé das corredeiras e as canoas permaneceram amarradas nas árvores ribeirinhas, no limite das águas correntes. As duas canoas mais velhas, sendo que uma era a maior das de cargas, tinham tomado água e estavam pesadas e, além disso, uma delas apresentava um rombo. À noite o rio encheu e a canoa que estava furada, e que mal flutuava com a borda quase ao nível das águas, encheu-se gradativamente com as ondas mais fortes, arrastando a outra para o fundo. Partiu-se a amarra e ambas rolaram rio abaixo, desaparecendo. Saiu uma canoa à sua procura, porém elas, ao passarem sobre os seixos, foram rapidamente espedaçadas. Encontraram-se apenas destroços boiando nos redemoinhos ou nos remansos da praia, indicando ser inútil prosseguir na procura. Demos a esses rápidos a denominação de Cachoeira da Canoa Quebrada.



*Arrastando as canoas por meios de cordas sobre o leito de paus roliços.*

Não nos eram convenientes paradas prolongadas. Devido aos rápidos, estávamos progredindo lentamente e dado o nosso limitado suprimento de boca e nenhum conhecimento do que existia à nossa frente, era essencialmente importante ganhar tempo. Todavia, não podíamos fugir ao dilema: construir uma grande canoa ou duas pequenas.

Chovia a cântaros quando os homens saíram pela mata em busca de madeira apropriada à fabricação de canoas. Nas proximidades do acampamento vegetavam essências que evidentemente não eram muito boas para tal fim, uma das quais tinha 1,50 m de diâmetro a noventa centímetros do solo. Os homens meteram-lhe o machado imediatamente, sob a orientação do Cel. Rondon. O Tenente Lira e Kermit foram caçar, cada um para seu lado. Lira matou um jacu para nós e Kermit dois macacos para os camaradas. Ao cair da noite o tempo melhorou. Estávamos quase na lua cheia e o rio espumante resplandia como prata.

\* \* \*

Nossos homens eram “voluntários regionais”, isto é, tinham-se alistado no serviço da Comissão Telegráfica especialmente para nos acompanhar e eram muito bem pagos, aliás, como convinha, em vista do trabalho, dos sacrifícios e dos riscos de vida e de saúde a que estavam expostos.

Dois deles já tinham servido com o Cel. Rondon durante seis meses, em 1909, fazendo parte do grupo regular de engenharia. Eram seus assistentes nos últimos meses daquela viagem os Tenentes Lira, Amarante, Alencarliense e Pirineus. Acompanhou-o também o naturalista Miranda Ribeiro. Naquele ano, marchando a pé nas selvas inteiramente desconhecidas, o coronel e sua comitiva alcançaram finalmente o Ji-Paraná, rio este que figurava nos mapas de então (e em muitos ainda hoje) com seu curso completamente errado, acusando mais de um grau fora de sua verdadeira posição. Quando atingiram os afluentes do Ji-Paraná, um terço da comitiva se achava em tal estado de fraqueza que mal podia arrastar-se. Não conduzia bagagens. Suas roupas se transformaram em farrapos e alguns homens ficaram mesmo quase nus. Durante meses se alimentaram apenas de pequenas caças, frutos silvestres e coquilhos.

Não houvesse grande abundância de castanhas-do-pará e teriam todos eles perecido. No primeiro grande rio encontrado, construíram uma canoa e o Tte. Alencarliense, assumindo-lhe a direção, desceu por ele e lhe fez o traçado. Com o tenente seguiram o naturalista Miranda Ribeiro, o Dr. Tanajara, que não podia andar por ter um pé ferido, três homens atacados de febre e seis outros que ainda se encontravam em condições de remar. Ao mesmo tempo, o restante da comitiva procurava alcançar o rio navegável mais próximo, levando onze homens atacados de febre, quase não podendo chegar até ao ponto a que se destinavam. Ali encontraram um pobre-diabo que há quatro meses estava perdido na floresta, morrendo aos poucos, de inanição. Alimentava-se apenas de castanhas-do-pará e de larvas. Não mais podia caminhar; mal conseguia cambalear alguns passos e se sentar.

Construíram então outra canoa e o Tte. Pirineus nela embarcou com os onze homens doentes e o pobre faminto. O Cel. Rondon conseguiu ainda manter o moral da comitiva, estabelecendo a disciplina militar e os soldados esfarrapados se moviam ao som de uma buzina. O Tte. Pirineus havia perdido quase todas as peças de seu vestuário, conservando apenas o chapéu e calças e, assim, seminu, colocou os onze doentes em linha e, ao som da buzina, todos perfilaram e o bravo coronel pôs-se a ler a ordem do dia.

Em seguida a canoa, com sua carga de doentes, rumou rio abaixo. Rondon, Lira, Amarante e doze camaradas continuaram sua marcha fatigante. Quinze dias após, quando finalmente alcançaram um acampamento de seringueiros, três homens estavam inteiramente nus. Nesse meio tempo, o Tte. Amílcar iniciara a subida do Jaciparanã com um mês ou dois de antecedência, conduzindo provisões para eles, mas, devido às incorreções das cartas geográficas em que figurava aquele rio como maior do que o Ji-Paraná, o Cel. Rondon ficou na suposição de que se desviara.

Amílcar regressou após uma série de perigos e sofrimentos. Finalmente os vários grupos se encontraram na embocadura do Ji-Paraná, no rio Madeira. O homem extraviado que tinha encontrado deu mostras de haver melhorado durante a viagem e assim deixaram-no em um rancho nas

margens do Madeira para ser medicado. Entretanto, algum tempo depois, tiveram notícias de seu falecimento.

\* \* \*

No dia 12 os homens ainda se encontravam seriamente empenhados no aparelhamento do tronco de uma enorme árvore, com machados e enxós. Trabalhavam sob fiscalização, a fim de evitar-se que os menos ativos se aproveitassem do trabalho dos companheiros. Kermit e Lira continuaram caçando; o primeiro matou um mutum, o que muito nos alegrou, pois estávamos tentando economizar o mais possível nossas provisões. Comíamos palmitos constantemente. Eu passei o dia na floresta, caçando, a maior parte do tempo nas imediações do rio, sem encontrar coisa alguma.

Na época das chuvas a caça se afasta do rio, o peixe torna-se escasso e as tartarugas desaparecem. Todavia, dava prazer o embrenhar-se na mata silenciosa, onde se viam, aqui e ali, árvores enormes, algumas com vastos contrafortes na base. Havia cipós e lianas de todas as formas e tamanhos. Alguns eram retorcidos; outros, finos e retos, desciam dos galhos com mais de trinta metros de comprimento e outros, ainda, semelhavam grandes serpentes envolvendo os troncos.

Havia também alguns que imitavam grossos cabos com nodosidades. Nos lugares mais sombreados o silêncio era, por assim dizer, absoluto. Raramente o vento refrescava aquele ar quente e úmido. Encontravam-se poucas flores e aves, porém muitos e muitos insetos, aos quais era impossível evitar mesmo andando cautelosamente, sem falar ainda em nossos constantes e assíduos companheiros, isto é, as abelhas e os mosquitos, especialmente os borrachudos.

Procurando abrir caminho por entre os ramos, esbarrei numa casa de maribondos, cuja reação foi imediata; depois, inadvertidamente, pisei no rebordo de um terrível formigueiro; mais adiante tropecei e, para não cair, segurei num ramo, de onde despencou um turbilhão de formigas de fogo; mas, de tudo isto, o que mais me incomodou foi a picada terrível de uma formiga gigante, que me feriu como se fosse um moscardo, fazendo-me sofrer durante mais de três horas. Os camaradas habitualmente andavam descalços ou com alpercatas, de maneira que



tinham sempre os dedos dos pés e os tornozelos inchados e inflamados com as picadas de formigas e borrachudos, ficando alguns até impossibilitados de trabalhar. Todos nós fomos vítimas desses pequenos acidentes, uns mais, outros menos; nossas mãos e faces apresentavam sempre sinais dos borrachudos e, apesar das vestes, não podíamos evitar as picadas das formigas e dos carrapatos por todo o corpo. Nossa roupa se mantinha constantemente úmida.

Durante todo o dia 13 os homens trabalharam na confecção da canoa, já bastante adiantada. Toda vez que se fazia necessário mover o enorme e pesado tronco, todos eram convocados. Como o tempo melhorasse, o serviço prosseguiu até as 10 horas da noite. Para isto, enquanto alguns homens trabalhavam com machados e enxós, outros seguravam tochas, cujas chamas tremulantes iluminavam a floresta tropical que emergia da escuridão em torno. O ar da noite, parado e quente, era saturado de umidade. Os homens estavam nus, da cintura para cima. Seus torsos de cobre e de ébano reluziam como se estivessem untados de óleo e a pele se retesava com o movimento incessante dos músculos.

Na manhã de 14, o trabalho continuou debaixo de um terrível temporal. Pronta a canoa, arrastaram-na para o rio, onde foi lançada bem antes do meio-dia, e uma hora depois partíamos.

Anotamos a posição e a viagem prosseguiu no rio transbordante. Várias ocasiões passamos por grandes redemoinhos, rodopiando...

Meia dúzia de vezes atravessamos rápidos que não seriam obstáculos para as canoas canadenses carregadas e duas destas seriam de imensa utilidade para nós.

As nossas eram toscas e as que conduziam as cargas moviam-se quase submergidas, apenas com oito a dez centímetros da borda acima da superfície das águas; embora estivessem protegidas lateralmente, com folhas de buriti, tomavam bastante água na travessia das corredeiras.

A passagem pelos dois maiores rápidos obrigou-nos a remar imediatamente em direção à praia como meio de defesa. Em certo ponto em que a água descia em borbotões mais fortes, minha canoa quase virou.

Na *selva selvaggia*, sem uma base de previsão no tempo e no espaço, pois não fazíamos absolutamente qualquer idéia de como, onde



*Modo de conduzir uma canoa sobre uma elevação.*



*Fabricação da grande canoa que logo em seguida soçobrou...*

e quando sairíamos daquela situação — é de importância vital a perda de qualquer coisa, sobretudo alimentos. Todavia, representava também fator de capital relevância o avanço, o mais acelerado possível, antes que a falta de provisões viesse provocar o enfraquecimento dos homens e, por consequência, aumentar as probabilidades de desastres. Nesta ocasião, entre as duas hipóteses que se nos apresentavam, opinamos pela passagem direta sobre os rápidos, embora com risco, de vez que nossa marcha até ali havia sido excessivamente lenta e tínhamos de ganhar tempo dada a possibilidade de ficarmos com provisões de boca muito reduzidas, antes de alcançarmos algum ponto de abastecimento, contentando-nos apenas com o pouco que a própria região, na época das chuvas, poderia fornecer. Viajamos até as cinco horas, de sorte que os trabalhadores incumbidos do alojamento das barracas terminaram já no escuro. Tínhamos feito dezesseis quilômetros, aproximadamente, na direção mais ou menos do nordeste.

A noite esteve fresca e agradável e, na manhã seguinte, 15 de março, reiniciamos a viagem, com um tempo excelente. Percorremos seis quilômetros. Quase sempre víamos soberbas castanheiras que dominavam a floresta, ao longo do rio e que, em pontos mais distantes, exibiam proporções verdadeiramente gigantescas. Havia também grandes seringueiras, cujas folhas se compõem de três lobos. Depois o solo se transmudou em elevações desnudas e pedregosas, em ambas as margens e o forte rumor de águas quebradas denunciava, mais uma vez, a aproximação de perigosas corredeiras. Vencida uma curva e eis que elas se apresentam. Era uma larga descida de águas claras com uma ilha no centro, a montante. Ali fomos atingidos por uma desgraça e escapamos por um triz de outra maior.

Kermit, como sempre acontecia, viajava na frente, com sua canoa, que era a menor e a mais fraca de todas. Nela conduzia muito pouca coisa: apenas algumas latas com provisões para uma semana e certos instrumentos; felizmente, nenhum alimento para os camaradas. Seu cão *Trigueiro* o acompanhava. Além de Kermit, seguiam dois homens: João, o timoneiro ou piloto, como dizem no Brasil, e Simplício, o remador. Eram ambos negros e excepcionalmente bons em qualquer sentido. Kermit deteve a canoa na margem esquerda, acima dos rápidos, e aguardou a do Cel. Rondon. Em seguida o coronel e o Tte. Lira desceram, a pé, pela barranca, a fim de verificarem o que havia na frente. Kermit dirigiu sua embarcação

para a ilha, no intuito de se certificar se seria melhor passar pelo outro lado. Após esta verificação, ordenou que os homens voltassem ao local primitivo e a canoa foi dirigida para ali contra a correnteza. Antes de vencerem uns doze metros, remando a toda força, surgiu um dos tais redemoinhos a que já me referi, envolvendo-os e impelindo-os para tão próximo dos rápidos que não havia força humana capaz de evitar a descida. Foram arrastados para o lado mais largo e Kermit deu um grito horrível ordenando o timoneiro a forçar a direção da canoa para o único ponto que oferecia qualquer esperança de salvamento.

A cada borbotão, a água atingia a canoa, invadindo-a. Alcançaram a parte inferior do rápido com a embarcação em posição normal, porém tão cheia de água que mal podia flutuar, e rapidamente forçaram as remadas na direção da praia. Já estavam quase alcançando a barranca, quando um novo borbotão arremessou-os para longe, arrastando-os outra vez para o meio da correnteza, onde a canoa se encheu totalmente e virou. João, agarrando a corda, pôs-se a nadar rumo à praia e embora a mesma fosse arrancada de suas mãos, ainda assim conseguiu alcançar a barranca. O infeliz Simplício foi tragado imediatamente pela torrente e nunca mais apareceu! Kermit agarrou-se à espingarda, sua favorita Winchester 405, com a qual havia realizado todas as caçadas na África e na América, e subiu no fundo da canoa emborcada. Em um minuto, foi arrastado para a segunda série de rápidos e arremessado longe da canoa que rolava, perdendo a arma. A água forçou seu chapéu até tapar-lhe o rosto e o impeliu para o fundo, e quando conseguiu, finalmente, vir à tona, estava quase afogado, falto de forças e a respiração tomada. Aparecera num ponto de águas correntes, porém sem grandes borbotões e nadou na direção de um galho pendido. O paletó o embaraçava, mas ele compreendeu logo, tão cansado estava, que não teria mais forças para retirá-lo, e raciocinando com a calma singular de quem está a pique de morrer, deduziu que, no máximo, sua resistência lhe permitiria alcançar o galho.

Alcançou-o de fato e, ao agarrá-lo, quase não teve mais forças para subir na barranca. O bom *Trigueiro* o havia acompanhado, fielmente, de roldão com as águas, nadando a seu lado até alcançar também a margem. Foi difícil o salvamento! Kermit era a minha grande dedicação e meu consolo naquela viagem, e a simples idéia de perdê-lo num acidente era

para mim um horrendo pesadelo. Pretendia ele casar-se logo terminasse a excursão e penso que não suportaria trazer uma notícia funesta para sua noiva e sua mãe.

Simplício era solteiro. Posteriormente remetemos à sua mãe todo o dinheiro que ele deveria ganhar até o fim da jornada. Na manhã seguinte colocamos numa tabuleta, ao lado do marco que assinalava nosso acampamento, a seguinte inscrição em português:

“Aqui, nestes rápidos, faleceu o pobre Simplício.”

\* \* \*

Em expedição como a que estávamos realizando a morte é uma ocorrência que pode verificar-se a cada momento e o escapar de morrer é um fato corriqueiro. Lamenta-se o que morreu, mas o trabalho tem de prosseguir e assim continuamos imediatamente o serviço de transportação das canoas. Do começo até o fim dessas corredeiras podia haver uns seiscentos metros. Abriu-se uma picada ao longo da margem, por onde passou a carga. As canoas descarregadas venceram os rápidos sem contratempos, cada uma com dois hábeis remadores. Uma delas quase passou por cima de uma anta que nadava no começo da descida, porém, o animal se atirou à correnteza e foi escalar a barranca. Kermít, em companhia de João, desceu umas três a quatro milhas pelo rio, procurando corpo de Simplício e a canoa que submergira. Nenhum dos dois foi encontrado. Acharam, porém, uma caixa com provisões e um remo, que conseguiram salvar após se atirarem a nado no meio da correnteza. Verificamos, então, que mais embaixo havia outra série de rápidos e perlongando-os a pé sob a barranca do lado esquerdo, observamos que ainda eram piores do que os que acabáramos de transpor e impraticáveis às canoas, daquele lado.

Acampamos, ao lado desses rápidos. Existiam ali muitos passarinhos, porém era extremamente difícil alvejá-los nas grimpas das árvores e ainda mais difícil apanhá-los, quando mortos, no intrincado da vegetação, embaixo. Mesmo assim Cherrie conseguiu quatro espécies novas para a coleção. Uma dessas avezinhas era um minúsculo colibri, da espécie conhecida por “estrela-da-mata” (*Doricha*), de plumagem interessante, mas sem brilho; esta espécie somente é encontrada nas pro-

fundezas da mata, em sítios sombrios, que nunca recebem a luz do sol. Seu papo estava cheio de formigas, mas foi alvejada quando se alimentava do néctar de longas inflorescências vermelhas, em cachos. Matou ainda um belíssimo trogonídeo<sup>75</sup> e uma esquisita tanagra pequenina, tão fascinante como se fora um conjunto de pedras preciosas: tinha a garganta lilás, o peito da cor da turquesa, o topete e a fronte da cor do topázio, enquanto a parte superior do dorso era negro-púrpura luzidio e a inferior vermelho rubi.

Tratava-se de exemplar fêmea, pelo que se podia avaliar o que seria o colorido maravilhoso do macho. O outro pássaro era um esdrúxulo gavião<sup>76</sup> do gênero *ibyster*, preto com o ventre branco, face nua e vermelha, e garganta, pernas e pés, também vermelhos. Seu papo estava repleto de frutos e alguns resíduos de insetos, o que não deixa de ser modestíssima dieta para um falconídeo.

\* \* \*

A manhã de 16 se mostrava escura e triste. Através de foscas cortinas de chuva, deixamos o nosso acampamento de infortúnio para outro adiante, onde a desgraça ainda nos rondava. As canoas gastaram menos de meia hora na passagem das corredeiras. Como Kermit já havia explorado o lado esquerdo do rio, o Cel. Rondon e Lira desceram pelo outro lado, onde descobriram um varadouro que contornava a parte mais perigosa da torrente de sorte que seria possível conduzirmos as canoas da própria barranca, por meio de cordas. A distância até a base dos rápidos era de cerca de um quilômetro. Enquanto as cargas estavam sendo conduzidas para a margem esquerda, Luís e Antônio Correia, nossos melhores barqueiros, iniciaram, da barranca direita, o serviço de descida de uma canoa e o coronel marchava à frente para inspecionar o rio. Com ele seguia um de nossos três cães, o *Lobo*. Depois de ter andado quase um quilômetro, ouviu uns gritos que partiam da frente e que ele julgou fossem emitidos por macacos. Continuou na direção dos sons e *Lobo* tomou-lhe a dianteira. Um minuto

---

75 Espécie de ave-do-paraíso. (Nota do trad.).

76 Segundo a descrição trata-se do *Ibyster americanus*, cujo nome comum é caracará-preto ou cançã na Amazônia. (*Dic. de An. do Brasil*).

depois escutou os ganidos do cão, que, ainda caminhando, voltava para o local em que estava o coronel, enquanto a criatura que gritava também se aproximava, evidentemente perseguindo o cão. Em um momento, a um novo ganido, seguiu-se o silêncio, denunciando a morte do animal; e pelo som dos gritos que cada vez se aproximava, o coronel se convenceu de que *Lobo* fora morto a flechadas, por um índio. Provavelmente o silvícola estava imitando a voz dos macacos com o intuito de atraí-los. Aí o Cel. Rondon deu um tiro para o ar como advertência ao índio ou índios que provavelmente nunca tinha visto homens civilizados e não podiam supor que ali se encontrava um. Em seguida regressou à base dos rápidos, onde ainda prosseguiam no trabalho e, em companhia do Tte. Lira, de Kermit e do índio Antônio, voltou ao local em que jazia o corpo do cão. Como previra, o animal havia sido morto por duas flechas. Uma estava enterrada no corpo, e, no chão, bem junto, encontraram uma vara esquisita, dessas que os aborígenes usavam nos tempos mais rudimentares da pesca. Foi o Antônio Parecis quem identificou a tal vara. Os silvícolas, que eram dois ou três, fugiram. Deixamos no local algumas contas e brincos para indicar que éramos amigos.

Nesse ínterim, Cherrie se colocou no ponto inicial e eu na parte inferior dos rápidos como guardas.

Luís e Antônio Correia conseguiram passar a primeira canoa a salvo e, em seguida, começaram a movimentar a nova, que era muito grande e pesada, feita de madeira consistente. Nas corredeiras a corda arrebentou e a canoa se perdeu, ao mesmo tempo que Luís que morreu afogado. Foi um sério contratempo a perda dessa canoa, porém pior ainda considerarmos o desaparecimento da corda das roldanas. Este acontecimento veio revelar que seria materialmente impossível a transportação de canoas grandes através mesmo de pequenas elevações ou de saliência de rocha como já tínhamos feito com freqüência nos inúmeros rápidos que encontráramos. Não seria aconselhável permanecemos quatro dias aguardando que se construíssem outras canoas nesse local, na iminência de um ataque dos índios. Além disso, poderíamos encontrar outras corredeiras logo adiante e, neste caso, as outras canoas iriam estorvar-nos. Todavia as quatro canoas restantes não comportavam toda a tripulação e a carga, por mais que a reduzíssemos. Mesmo assim começamos a abandonar o que

fosse possível, imediatamente. Já havíamos consumido um terço os alimentos durante dezoito dias de viagem e vencêramos apenas 125km. Era muito provável que ainda tivéssemos de atravessar pelo menos cinco vezes esta distância ou talvez mais. Despendemos 15 dias na descida de rápidos em leito de pedra, a menos de setenta metros das quedas, e, à pequena distância destas, a situação era perigosíssima, pois o rio espanadava suas águas aos borbotões.

Possuíamos apenas um aneróide para determinar a altitude, e, portanto, somente obtínhamos cálculos aproximados. Provavelmente teríamos duas a três vezes ainda essas descidas à nossa frente. Até aquele ponto a região se mostrava pobre em alimentos, exceto palmitos. Já havíamos perdido quatro canoas e um homem. Achávamo-nos em região de índios selvagens que sabiam manejar o arco com perfeição. Isto nos induzia a agir com cautela e, ao mesmo tempo, com a maior rapidez possível a fim de evitar sérias complicações. O mais razoável seria determinar que treze homens seguissem ao longo da barranca, ao mesmo tempo que se atasse as canoas aos pares a fim de que fossem pelo rio, vigiadas pelos homens. Se, após dois ou três dias de viagem, não se encontrassem rápidos difíceis de transpor e houvesse probabilidade de se continuar a viagem normalmente, então construiríamos outras canoas, de preferência duas pequenas ao invés de uma grande como anteriormente. Abandonamos toda a bagagem que nos foi possível. Já estávamos bem fracos em matéria de conforto e agora ficamos ainda mais reduzidos. Cherrie, Kermit e eu passamos a dormir sob um toldo de pano fino. Havia ainda uma pequena barraca leve para uma só pessoa, reservada para qualquer emergência. Esta me foi dada e os outros cinco companheiros dormiam em redes sob um grande toldo. Isto queria dizer que havíamos abandonado duas grandes e pesadas barracas. Deixamos ainda, no campo, uma caixa com instrumentos. Cada um de nós colocou seus objetos de uso pessoal em uma caixa ou alforje, embora esta restrição quase nada representasse, de vez que possuíamos tão pouca coisa que para se obter resultado satisfatório, teríamos de nos limitar à roupa do corpo.

As picadas dos mosquitos e das formigas estavam-se tornando um contratempo, e, em certas ocasiões, poder-se-ia mesmo dizer um tormento. Para os camaradas, muitos dos quais andavam descalços ou apenas



usavam alpercatas (nunca tinham usado sapatos), o efeito ainda era mais desastroso.

Envolviam as pernas e os pés com pedaços de lona ou couro e três dentre eles tiveram os pés tão inchados que ficaram impossibilitados de andar. O médico, cuja coragem e bom humor nunca se abatiam, cuidava deles com todo o carinho. Graças a ele, nunca tivemos, até aquele momento, casos de febre, a não ser um ou dois muito benignos. Ministrava-lhes diariamente uma grama de quinino e de três em três ou quatro e quatro dias dobrava a dose.

Na manhã seguinte o Cel. Rondon, Lira, Kermit, Cherrie e nove camaradas partiram atrás do doutor, pela barranca abaixo, enquanto o médico e eu embarcávamos nas canoas duplas com seis homens, três dos quais inválidos com a inchação dos pés. Parávamos continuamente, a fim de esperarmos os companheiros que marchavam a pé e andavam três vezes menos do que nós, nas águas do rio. Após quarenta minutos de viagem esbarramos com outros rápidos. As canoas vazias passaram sem dificuldade, mas as cargas tiveram de ser transportadas. Hora e meia depois estávamos novamente em movimento, porém não conseguimos viajar nem dez minutos e eis que surgem novas corredeiras, num local em que o rio rolava por entre ilhas com grandes sinuosidades.

Houve muita dificuldade na passagem das pesadas e toscas canoas de carga, ligadas umas às outras, aos pares. As corredeiras principiavam justamente nas proximidades. De um grande declive e como fôssemos apanhados pela correnteza, tivemos que descer a primeira etapa. Nos que íamos no primeiro par de canoas por um triz não esbarrávamos em grandes seixos, para onde nos impelia a contracorrente. Todos nós, com fortes remadas – empurrando e arrastando – conseguimos atravessar, por um fio, e nos dirigimos para a barranca onde abicamos. Quase que acontecia um grande desastre. O pessoal do segundo par de canoas, aproveitando-se de nossa experiência, passou em melhores condições e veio arribar ao nosso lado. Em seguida retiramos toda carga das canoas, que, assim vazias foram encaminhadas pelos canais entre as ilhas, onde havia menor perigo. Foi demorada a transposição e tivemos de acampar na base dos rápidos, após termos percorrido perto de sete quilômetros. Aqui, um pequeno curso d'água veloz e de volume igual ao rio da Dú-

vida no ponto de em que iniciamos a viagem, vinha desaguar à margem esquerda. O Cel. Rondon e Kermit foram os primeiros a descobri-lo e aquele deu-lhe o nome de Kermit. Havia uma cachoeira com cerca de 2,50 metros de altura, um pouco acima de sua embocadura. Nesse local encontramos muito peixe. Lira pescou dois pacus, peixe de corpo arqueado bom tamanho e carne excelente. Antônio Parecis contou então que pacu nunca sobe pelas corredeiras em que haja quedas d'água. Supus que ele estivesse com a razão, porque os rápidos que mais adiante encontramos, com pequenas exceções, não exigiram transportação de nossas canoas mais pesadas por terra. A passagem dos rápidos até o ponto em que nos achávamos, exigira sérios esforços, além dos perigos que corremos. Mas, acontecimentos posteriores revelaram que Antônio se achava equivocado. O pior de todos os rápidos ainda estava à nossa frente.

Não obstante o curso do rio em quase toda a sua extensão ter sido em direção ao norte, nos pontos em que havia corredeiras, quase sempre derivava, em meandros, para o ocidente. Este fato parecia indicar que a leste de nós havia uma pequena projeção geográfica dirigida para o norte do platô central que atravessáramos em lombo de burro. Esta projeção aparece nos mapas da região como sendo uma serra. Provavelmente ela deita ramificações para o oeste, cujos pontos mais afastados formam, em vários trechos, os rápidos do rio (somente havia rápidos em sítios de colinas), provocando ligeiras deflexões para o oeste de sua direção normal, que era o norte. Que o rio da Dúvida era um grande rio e de real importância, não podia haver mais contestação. Não era apenas um afluentezinho de qualquer outro afluente. Continuávamos, porém, completamente ignorantes a respeito de sua embocadura. Ainda era possível, posto que muitíssimo improvável, que fosse desaguar nas proximidades da foz do Ji-Paraná, como seu afluente respeitável e de idênticas proporções. Havia ainda maior possibilidade, embora também com pequena probabilidade, de desaguar no Tapajós. As maiores probabilidades, contudo, fortaleciam a hipótese de que o rio da Dúvida levaria suas águas até o Madeira, na junção deste com o Amazonas. Neste caso seria muito possível (apenas conjectura) que sua embocadura se confundisse com a do Aripuanã. Este último aparece nas cartas geográficas imprecisamente; em um dos melhores mapas da América do Sul que trazia comigo, nem sequer constatava seu nome, existindo apenas um pequeno



*A parte alta do rio da Dívida.*



*Cherrie em sua canoa.*

sinal no local em que ele deveria figurar. No entanto, de acordo com informações de um oficial que estudara sua embocadura e pelo que diziam os seringueiros, o Cel. Rondon chegou à conclusão de que se tratava do maior afluente do Madeira e com tal volume d'água que deveria ter-se constituído numa grande bacia. Imaginou, então, que o rio da Dúvida seria um dos principais componentes deste sistema fluvial, apesar de que os mapas existentes não dessem margem a tal conjetura. Os seringueiros informaram que haviam subido esse rio durante muitos dias, até um ponto em que existia uma série de grandes corredeiras, um pouco abaixo da junção de dois outros importantes rios, um dos quais descia do ocidente.

Não puderam prosseguir viagem em fazer a hostilidade dos índios, e, por esse motivo, continuava-se a ignorar onde seria sua embocadura. Por tentativa, o Cel. Rondon havia determinado que um dos seus subordinados, Tte. Pirineus, procurasse encontrar-nos com canoas e provisões, subindo do ponto de confluência do primeiro grande tributário do Aripuanã. Este, aliás, foi o caminho percorrido pelo Cap. Amílcar, quando tentara encontrar os exploradores que, em 1909, desceram o Ji-Paraná. Naquela ocasião os resultados se mostraram negativos e as duas comitivas nunca se encontraram; nós, porém, acalentávamos fortes esperanças, embora o fator sorte, de qualquer modo, fosse decisivo.

\* \* \*

Na manhã seguinte ao havermos acampado na embocadura do rio Kermit, o Cel. Rondon teve grande trabalho em assentar um marco na foz do pequeno afluente do rio da Dúvida. Feito isto, ele me convidou e aos demais companheiros para assistirmos à cerimônia de sua inauguração. Encontramos os camaradas em fila e o coronel se preparando para ler “a ordem do dia”. Pregada no marco via-se uma tabuleta com os seguintes dizeres: “rio Kermit”.

Então o coronel leu que, de ordem do Governo brasileiro e considerando que o ignorado curso d'água era evidentemente um grande rio, ficaria sendo denominado “rio Roosevelt”. Foi para mim uma surpresa, pois, tendo sido consultado a este respeito por Lauro Müller e pelo próprio Cel. Rondon, havia insistido, assim como Kermit, peremptoriamente, que se mantivesse o nome de rio da Dúvida. Achávamos que tal denominação

era muitíssimo acertada e havia toda a conveniência em mantê-la. Aqueles bons amigos, porém, não me quiseram atender e seria, portanto, uma grosseria de minha parte continuar a objetar. Fiquei muito comovido com esta homenagem. No final da leitura, o coronel deu viva aos Estados Unidos, a mim e a Kermit, no que foi calorosamente acompanhado pelos presentes. Nesta ocasião também que dei três vivas ao Brasil e depois ao Cel. Rondon, ao Tte. Lira, ao médico e aos camaradas. Então o Tte. Lira lembrou que todos tinham ganho vivas, com exceção de Cherrie e por isso, todos nós erguemos três vivas a ele. A cerimônia terminou na maior alegria.

Logo após alguns trabalhadores saíram a pé, rio abaixo, à procura de madeira própria para fabricação de canoa. Um quarto de hora depois, também nós partimos, nas canoas. Assim que os alcançamos, fizemos uma parada para dar tempo a que tomassem distância novamente. Logo adiante encontraram eles recentes sinais de silvícolas, chegando mesmo a escutar-lhes o vozear, mas os índios fugiram espavoridos. Chegaram depois em uma aldeia de índios pescadores, a qual se achava abandonada e que constava de três palhoças baixas e oblongas, cada uma com uma única entrada que permitia apenas a passagem de uma pessoa, sem qualquer outra abertura. Eram escuras no interior, naturalmente para proteger seus habitantes contra nuvens e nuvens de mosquitos. Numa estaca, junto das palhoças, deixamos um machado, uma faca e alguns colares de contas vermelhas, na expectativa de que os índios voltassem e, à vista dos presentes, ficassem convencidos de que éramos amigos. Mais adiante notamos outros vestígios dos silvícolas em ambas as margens do rio.

Após duas horas e meia de viagem, fomos ter à embocadura de um pequeno afluente, na margem direita. Tinha o leito bem largo, porém raso, e, no ponto de confluência, despejava suas águas claras através de um declive abrupto feito na rocha, com linda perspectiva e onde paramos para admirá-la. Em seguida, prosseguimos até que, após havermos completado oito quilômetros, encontramos uma seção de rápidos. Atravessamo-la com um terço da carga nas canoas, sendo o restante transportado a mão.

Acampamos na base dos rápidos, onde havia algumas árvores próprias para construção de canoas, o que vinha ao encontro de nosso desejo de fabricar duas, aliás, de menor tamanho. À noite surgiram estrelas no céu, porém em plena floresta, seu brilho, assim como o clarão da lua

e o esplendor do sol nascente e do sol poente, não podem ser sentidos e admirados como as grandes planícies.

\* \* \*

No dia seguinte, 19, os homens começaram a trabalhar na confecção das canoas. A grande canoa que tinha soçobrado fora construída de madeira tão dura que levou tempo a ser preparada e tão pesada que os cavacos se afundavam como chumbo, na água. Porém as árvores que ali encontráramos eram araputangas, cuja madeira é mais leve e mais fácil de ser trabalhada. Nas bases dessas árvores formavam-se grandes troncos falsos e nas pontas dos ramos viam-se volumosos frutos coriáceos. A primeira árvore cortada caiu, derribando tudo a seu alcance, porém sem causar maiores danos. Verificou-se, então, que estava com enormes brocas no cerne e foi transformada em lenha. Os camaradas, posto que fossem bons trabalhadores, diligentes e fortes, naturalmente não podiam ser comparados aos hábeis lenhadores do Hemisfério Norte. Esperávamos terminar as canoas em três dias e assim abrimos uma clareira para as barracas. Por entre as grandes árvores medravam pacovas, ou bananeiras silvestres. Mesmo após a pesca de algumas piranhas, não tivemos receio em tomar banhos no rio. Em torno do acampamento apareceram multidões de formigas carregadeiras. Acendemos fogueiras na entrada dos formigueiros, mas mesmo assim, à noite, elas comeram várias coisas de grande utilidade para nós. De madrugada apareceu um enxame de formiga militar, que afugentamos por meio de fogo. Quando o céu não estava encoberto, o sol era muito quente, de modo que estendíamos todos os objetos para secar. Havia inúmeras borboletas de cores maravilhosas, mas poucos pássaros, embora ouvíssemos, pela manhãzinha e ao cair da noite, seus cantos atraentes no meio da mata. Os dois mais assíduos cantores eram a pseudo-araponga, com sua série de notas estridentes, e um pequenino e mimoso formicarídeo. Este último preferia o chão, onde se movimentava com delicadeza, abaixando e levantando a cauda, e cujo acento e desenvolver de canto, embora com timbre diferente, lembravam o nosso pardal de garganta branca.

\* \* \*

Completavam-se três semanas desde o início de nossa viagem no rio da Dúvida. Tínhamos percorrido cerca de 40km de seu curso sinuoso, com um desnível mais ou menos de 124m. Era muito pouco. Não podíamos prever que obstáculos ainda teríamos de vencer ou se, por outro lado, os índios estariam dispostos a nos fazer algumas surtidas. Todo rio, porém, normalmente, descreve, em seu curso, uma parábola, ficando as descidas mais pronunciadas na parte mais alta, de sorte que, dali para diante, esperávamos não mais encontrar tantos e tão difíceis rápidos como acontecera e, portanto, poderíamos vencer maiores etapas – esperança esta, infelizmente, destinada a malograr.

.....

## *Capítulo IX*

### DESCENDO UM RIO DESCONHECIDO NA FLORESTA EQUATORIAL

O

AMAZONAS É O RIO mais caudaloso do universo. Suas águas correm do ocidente para o oriente, do ocaso para o levante, dos Andes para o Atlântico. A parte mais importante de seu curso demora quase toda na linha do equador, ao passo que a bacia formada pelos seus afluentes se alonga por muitos graus ao norte e ao sul deste círculo. Essa bacia equatorial gigantesca se acha dominada por imensa floresta – a maior do mundo – não se podendo compará-la a qualquer outra, exceto as da Malásia, e África Ocidental. Nós nos encontrávamos na parte meridional dessa vasta *jungle*, percorrendo um rio desconhecido e imprevisto, e de cuja existência os geógrafos não suspeitavam.

Tal rio deflui para o norte, na direção do equador, mas, até o momento, ninguém sabia o seu destino exato e qual a sua extensão; se volvia para a direita ou para a esquerda; ignorava-se ainda onde seria o seu desaguadouro, quais as suas características e que espécie de habitantes havia em suas margens.



Certa manhã, enquanto os homens se empenhavam na construção de canoas, fomos, Kermit e eu, fazer uma pequena excursão de alguns quilômetros, no intuito de examinarmos os rápidos seguintes, mais abaixo. A grande mata silenciosa estava quase deserta. Apenas, nas grimpas das árvores mais altas, lobrigava-se um ou outro pássaro. Encontramos antigos vestígios de índios, rastros frescos de anta e, debaixo de uma cajazeira junto da barranca, pisadas de capivaras que ali tinham ido comer os frutos caídos. São frutos deliciosos os cajás, e bem podiam fazer parte de nossos pomares. Trata-se de uma planta tropical muito resistente e que se desenvolve otimamente quando cultivada, propagando-se por meio de estacas. O Departamento de Agricultura deveria realizar experimentos de sua aclimação no sul da Flórida e da Califórnia. O médico que nos acompanhava na expedição tinha o seu nome tirado desse vegetal: Dr. Cajazeiras. Seu avô paterno, de sangue português, era um grande patriota. Ainda muito jovem, quando foi declarada a independência do Brasil, não quis mais adotar seu apelido português, substituindo-o pelo nome da árvore em questão. Aliás, essas mudanças de sobrenomes são muito comuns no Brasil. O Dr. Vital Brasil<sup>77</sup>, o grande especialista em serpentes, por exemplo, teve seu nome escolhido pelo pai, cujo apelido de família era completamente diferente, e tem um irmão que ainda adota o antigo sobrenome.

Caíam fortes aguaceiros, acompanhados de relâmpagos e trovões, que duravam horas seguidas, porém, tinha-se a impressão de que as chuvas não eram muito pesadas. Todos nós, vez por outra, dávamos a nossa ajuda na construção das canoas. Kermit, em companhia de João e de Antônio Parecis, atravessou o rio e voltou, a pé até o ponto em que desaguava o pequeno afluente da margem direita, a fim de obter esclarecimentos para o Cel. Rondon.

Lira fazia suas observações baseadas no sol e nas estrelas. Achávamo-nos, aproximadamente, na latitude de 11° e 21' sul, exatamente ao norte do ponto em que havíamos iniciado a viagem. O rio se perdia em tais meandros que, a cada milha percorrida na direção normal, correspondiam duas em derivantes. O avanço se fazia lento, e, enquanto não nos afastás-

---

77 O Dr. Vital Brasil Mineiro da Campanha é filho de José Manuel dos Santos Pereira e D. Mariana dos Santos Pereira. (Informação do Dr. Franklin Viegas). (Nota do trad.).

semos daquela região de corredeiras consecutivas e de travessia penosa e arriscada, não seria possível maior rapidez.

Na manhã de 22 de março reiniciamos a viagem com seis canoas, percorrendo dez quilômetros. Vinte minutos após a partida, encontramos a primeira série de rápidos. Aí todos nós tivemos de marchar a pé, exceto os três melhores canoeiros, os quais despenderam uma hora na travessia das canoas, uma após outra. Neste meio tempo descobrimos uma casa de abelhas no tope de uma árvore inclinada sobre o rio; nossos timoneiros escalaram-na para retirar o mel, porém, infelizmente derramaram tudo no momento da descida!

Deparou-se-nos, a seguir, uma pequena, mas forte queda d'água, a qual não tivemos coragem de vencer com nossas toscas e fracas embarcações superlotadas. Felizmente, foi-nos possível seguir por um canal profundo, que se estendia em desvio de um quilômetro, indo ter justamente abaixo da cachoeira, a cerca de cinquenta metros do seu ponto inicial.

Proseguimos com as embarcações em marcha apenas durante hora e meia, pois que novamente encontramos outra série de rápidos que nos tomou mais seis horas de travessia e em cuja base acampamos. Toda a carga foi retirada das canoas que foram descidas, uma de cada vez. Em certo ponto mais difícil e perigoso, empregaram-se cordas para evitar qualquer surpresa desagradável, mas, mesmo assim, quase perdemos uma embarcação. Dirigimo-nos para a margem direita. Na outra barranca havia uma aldeia de índios, que, pelos vestígios, se mantinha desabitada apenas na época da seca. Pelos cortes nos tocos de árvores verificava-se que aqueles índios possuíam machados e facões, notando-se também restos de culturas de algodão, milho e feijão. Saturada de umidade, a floresta gotejava. Havia abundância de seringueiras. Em certos pontos, altas árvores, em pequenos grupos, mantinham as copas cobertas de inflorescências amarelo-pálidas. Outras exibiam flores vermelhas. Muitas das grandes árvores, de espécie várias, mostravam-se reforçadas na base com largas paredes delgadas<sup>78</sup>, formadas no próprio tronco. Outras ainda, inclusive palmáceas, apresentavam peculiaridades mais extravagantes: os troncos, próximos da base, ou, às vezes, a uns dois metros acima do solo, subdividiam-se em doze e mais partes ou troncos menores,

---

78 Sapopemas; raízes adventícias tabuladas (Nota do trad.).

que se curvavam para fora, à guisa de pavilhão, cada qual constituindo uma raiz. As árvores maiores desse tipo davam a impressão de que seus troncos se achavam assentes sobre a estrutura de varas de um abrigo de índios. Em certo ponto do rio, fomos surpreendidos com o aparecimento de um peixe voador. Roçagava as águas como fazem as andorinhas, por uma distância de mais de trinta metros. Apesar de vencermos apenas dez quilômetros labutamos o dia inteiro. As últimas canoas somente abicaram na barranca à noite e as tendas só foram armadas já no escuro.

No dia seguinte avançamos treze quilômetros. Apenas conseguimos remar desimpedidamente, ao todo, pouco mais de uma hora e três quartos. Despendemos sete horas na passagem de rápidos no percurso de um quilômetro, com baldeação da carga por terra, sobre rochas e terrenos acidentados. As canoas desceram vazias, com grande risco, e uma delas emborcou. Todavia, era adorável quando nos achávamos sulcando a correnteza abaixo, por sobre aquela massa líquida e veloz!

Na manhã de nossa partida o céu estava toldado e o ar carregado de vapores. À nossa frente o rio se estendia por entre espessas paredes de floresta, semi-ocultas por cortinas de névoa. Depois o sol espancou a cerração, lançando a princípio brilhantes raios de fogo que aos poucos se transformaram, clareando. À luz deslumbrante do dia, sob o azul límpido do céu, cada particularidade da mata esplêndida se desenhava nítida aos nossos olhos: árvores anosas, tramas de caules sarmentosos, concavidades onde latadas de cipós refohados tudo invadiam! Onde quer que houvesse um seixo oculto no leito do rio, as águas se quebravam em ondas. Em certo ponto, bem no meio da corrente, uma rocha em forma de pirâmide emergia das águas a uns dois metros acima da superfície.

Encontramos, nas margens, sinais recentes de índios.

\* \* \*

Em sua terra, em Vermont, Cherrie é fazendeiro, possuindo uma propriedade de seiscentos acres, a maior parte em matas. Enquanto os remadores, despidos, se moviam por entre as ondas espumantes, ultimando o trabalho de travessia das canoas, nós ambos, sentados na base dos rápidos, começamos a conversar sobre a primavera no Hemisfério Norte, justamente a iniciar-se. Cherrie vende creme, ovos, aves, batata, mel e, esporadicamente

carne de porco e de vitela, mas nesta época cuida especialmente da safra de açúcar de bordo<sup>79</sup>. Possui uma plantação com cerca de duzentas árvores dessa espécie e espera, para muito breve, poder aproveitar outras tantas. Disse-me ele: “É esta uma época trabalhosa para Fred Rice”.

Fred Rice é o encarregado da fazenda e, por ocasião da fabricação de açúcar, os filhos de Cherrie o ajudam com muito interesse e, aliás, são remunerados de acordo com o trabalho que realizam. Ainda se encontram animais selvagens naquela propriedade, apesar de estar localizada nas proximidades de Brattleboro. Certa noite, no começo da primavera, um urso deixou as marcas de suas patas junto do engenho de açúcar e, às vezes durante o verão, Cherrie se vê obrigado a dormir no pomar, a fim de evitar que veados venham comer o feijão e as hortaliças.

\* \* \*

Não havia muitos pássaros na floresta, porém Cherrie conseguiu uns tantos exemplares que ainda não constavam da coleção. Neste acampamento matou ele um interessante formicarídeo, que era do tamanho de um *warbler*<sup>80</sup>, negro azeviche, com a asa branca na parte inferior, caudais brancas e mancha também branca no dorso, a qual normalmente não se vê; as coberteiras eram longas e macias. Quando Cherrie atirou o pássaro estava se pavoneando frente a um exemplar menor e de cor escura, que sem dúvida seria sua companheira; mantinha então as penas brancas levantadas e de tal modo dispostas que seu conjunto dava a impressão de um “crisântemo”<sup>81</sup> de antílope americano, cuja curiosidade fosse despertada. Na obscuridade da mata mal se podia lobrigar o passarinho, porém a rutilância daquela mancha branca se revelava incontinênti, despertando atenção imediata. Tratava-se de excelente exemplo de sinal colorido que se prestava apenas para chamar a

---

79 Árvore do gênero *Acer*, da família das Sapindáceas, peculiar às regiões temperadas do Hemisfério Norte com algumas variedades produtoras de açúcar (*Maple-tree*) (Nota do trad.).

80 Pássaro do gênero *Dendraea*, da família dos silvídeos, da América do Norte (Nota do trad.).

81 Roseta de pelos brancos que se eriça no momento em que o animal se espanta ou lhe é despertada a atenção (Nota do trad.).

atenção, posto que aparentemente fizesse parte de uma exibição de galanteio. Estava pousado a uns dez metros de altura.

Na manhã seguinte, um pouquinho antes de deixarmos o acampamento, uma anta atravessou o rio bem perto de nós, mas ninguém conseguiu acertar-lhe um tiro. No entanto, um bom suprimento de carne de anta nos daria um excelente reforço... Havíamos iniciado a viagem com rações para cinqüenta dias, rações estas que, em absoluto, não representavam alimentação completa para cada homem. Tínhamos duas refeições diárias, aliás bem reduzidas, quer as nossas quer as dos camaradas, exceto quando dispúnhamos de palmitos. Em nossos repastos usávamos as latas preparadas por Fiala, cada uma contendo rações para seis homens, justamente o nosso número. Porém, fazíamos com que cada lata durasse dia e meio e às vezes dois dias, além de cedermos uma parte aos camaradas. Todos comiam mais fartamente apenas quando conseguíamos matar algum macaco ou um mutum ou quando pescávamos, e assim, aquela anta seria um “achado” para nós. Até ali a caça, o peixe e as frutas tinham-se revelado tão escassos que não pesavam em nossas refeições.

Em viagem de exploração como a nossa, através de uma região absolutamente desconhecida e de difícil acesso, notadamente pela densidade da floresta, não há tempo a perder, e, pois, não se pode contar com a caça. Apenas em terras como as nossas do Oeste há trinta anos atrás, ou como na África do Sul, na metade do século passado e na África Oriental de hoje, é que se poderia fazer da caça base de alimentação.

Na viagem que fazíamos, o único alimento substancial que havíamos encontrado até aquele ponto tinha sido o palmito. Destacavam-se diariamente dois homens para tirar palmitos.

Um quilômetro e meio após havermos deixado aquele acampamento, atingimos uma seção de grandes rápidos. O rio naquele ponto se perdia em dobras e meandros, de modo que, na tarde anterior, já tínhamos ouvido o ruído desses rápidos. Depois, não mais o ouvimos, porém Antônio Correia, o que mais entendia de assuntos fluviais dentre os nossos homens, afirmou que, pelo som, aqueles rápidos seriam os piores dos que havíamos encontrado. “Nasci dentro d’água”, dizia ele, “e conheço, como peixe, esse barulho.” Acertara. Tivemos que transportar a carga na extensão de um quilômetro durante a tarde e em seguida as canoas foram puxadas para a barranca, onde permaneceram prontas a serem arrastadas

no dia seguinte. Rondon, Lira, Kermit e Antônio Correia fizeram uma inspeção em ambos os lados do rio. Do lado oposto, isto é, na margem direita, descobriram a embocadura de um rio bem grande, maior do que o rio Kermit, o qual corria do oeste e vinha desaguar bem na parte central dos rápidos. A este rio se deu o nome de Taunay, em homenagem a um grande brasileiro que fora explorador, soldado, senador e notável homem de letras.

Kermit, aliás, estava lendo dois de seus livros e eu já havia lido outro em que descrevia uma épica retirada na guerra do Paraguai<sup>82</sup>.

Na manhã seguinte, dia 25 de março, as canoas foram transportadas. Abriu-se uma picada onde se colocaram os paus roliços e, quando atingiram a metade do caminho, Lira e Kermit, que estavam dirigindo o trabalho e ajudando também a puxar e empurrar as canoas, conseguiram trazê-las a um canal de águas mansas, o que redundou em grande diminuição de esforços. À proporção que os alimentos iam ficando mais reduzidos, procurava-se poupar o esforço dos homens. Um dia a mais e eis completo um mês de viagem, durante o qual já havíamos consumido mais da metade das provisões de boca. Em virtude do grande número de rápidos, vencêramos pouco mais de 160 quilômetros e acreditávamos que ainda houvesse, à nossa frente, três a quatro vezes essa distância, antes que pudéssemos receber qualquer auxílio, quer dos seringueiros, quer do Tte. Pirineus, caso este estivesse mesmo subindo aquele rio. Se a situação de dificuldades perdurasse durante pouco mais de três semanas, estaríamos praticamente sem alimentos, além dos constantes perigos de acidentes nos rápidos, e, se não conseguíssemos acelerar a viagem (aplicávamos todos os meios para isto), muito ainda teríamos de que nos preocupar. O pior é que nada se sabia a respeito da região que ia surgindo à nossa frente...

\* \* \*

O rio agora se apresentava com as características de um grande curso, parecendo impossível que fosse desaguar no Ji-Paraná ou no Tapajós. Era provável que desembocasse no Canumá, grande afluente do baixo curso do Madeira, nas proximidades do Tapajós. Parecia ainda mais provável que

---

82 *A Retirada da Laguna* (Nota do trad.).

*Arara  
verde e  
amarela*



*Arara  
Azul*



*Garça*



*Tucano*



*Mutum*



*Jacamim*



ele representasse as cabeceiras do próprio Aripuanã, rio este que, segundo já me referi, não figurava no excelente mapa inglês do Brasil, que trazia comigo. Apenas sua embocadura era conhecida dos geógrafos, embora seu baixo curso já tivesse sido percorrido pelos seringueiros e ultimamente uma comissão designada pelo governo do Amazonas subira até a metade de um de seus braços, aliás apenas até o ponto já conhecido dos seringueiros, porém não na parte que estávamos descendo.

Dois de nossos homens caíram com febre. Outro, chamado Júlio, aliás um camarada reforçado, era completamente imprestável, sendo por natureza velhaco e malandro: alma de cão danado em corpo de touro. Os outros eram bons homens e alguns chegavam a ser mesmo excelentes pessoas. Achavam-se diretamente subordinados ao cidadão Pedrinho Craiveiro, homem de ótimas qualidades.

Este nosso novo acampamento era muito agradável. Estava localizado nas bordas de uma enseada do rio, num ponto muito largo, logo abaixo das corredeiras. Havia uma praia de areia branca, onde tomávamos banho e lavávamos a roupa. Em torno de nós e em ambas as margens do grande rio, erguia-se a floresta esplêndida. Revoavam bandos de periquitos verdes, azuis e vermelhos. Enormes tucanos, de corpo verde negro luzidio, garganta branca, fronte vermelha, coberteiras da cauda vermelhas e amarelas e vastos bicos pretos e amarelos, piavam no alto. O solo aqui é fértil; ótima gleba para uma futura grande fazenda de café. Na verdade tal região tão rica e fértil não deve ficar abandonada no meio das selvas, sem ser colonizada, enquanto uma multidão de indivíduos se aglutina nos países superpopulosos do Velho Mundo. Os próprios rápidos e cachoeiras, que no momento são o nosso maior e mais perigoso entrave, suprirão a energia necessária para a movimentação de fábricas e conveniente iluminação.

Com o estabelecimento da colonização e em face dos passos avançados da ciência no domínio do combate e controle às moléstias tropicais, não haverá motivos de temor. Regiões como esta são perigosas para os primeiros exploradores e talvez mesmo para aqueles que o seguem imediatamente, mas não o serão para quem vier posteriormente.

Às três da tarde estávamos novamente nas canoas, porém não remáramos mais do que um quilômetro, e eis que o ruído de novos rápi-



dos, adiante, obrigou-nos a encostar na barranca. Na forma do costume, o coronel, Lira, Kermit e Antônio Correia foram inspecionar o rio, enquanto se armavam as barracas. As seções dos rápidos eram mais extensas e profundas do que as anteriores, contudo, do lado oposto, a oeste, havia um varadouro, por onde talvez pudéssemos conduzir as canoas sem a carga, tendo apenas de arrastá-las a pequena distância. A carga seria transportada através da barranca na extensão de um quilômetro até o ponto final dos rápidos. O rio esbravejava por entre grandes obstáculos de pedra roliça, espumando, e, em certo ponto, caía abrupto, num declive de dois a três metros de altura. Nas imediações encontramos ananás e feijão silvestre, sendo que o feijão estava carregado de flores. No jantar tivemos um tucano e alguns periquitos, de ótimo sabor. O dia seguinte foi todo tomado com o trabalho de transportação das canoas, pelo lado direito dos rápidos, até a base onde se encontrava o nosso acampamento, trabalho este executado por três dos nossos melhores homens sob a orientação do Ten. Lira. Na floresta, longas e grossas lianas exibiam belos corimbo de flores odorantes. Os camaradas descobriram várias árvores com mel de abelhas e diversas espécies de frutas e coquilhos; cortaram também palmito em abundância e – o que foi mais importante – colheram uma boa quantidade de grandes castanhas, que, cozidas, tinham sabor igual ao das melhores e além disso eram muito nutritivas. A pesca também deu bom resultado; apanharam alentadas piranhas de carne excelente. Assim, tivemos verdadeiro banquete e todos comeram à vontade e ficaram contentes.

\* \* \*

No local da queda d'água, Cherrie descobriu estranhas gravações na pedra lisa. Foram naturalmente cinzeladas pelo homem há muitos anos. Os índios, atuais habitantes daquela região, ao que consta, não fazem dessas inscrições rupestres. Achavam-se gravadas em duas faces da rocha; uma que dava para terra e outra para o rio.

Estas últimas estavam quase apagadas, o que não se dava com as outras que se encontravam em perfeito estado de conservação e nitidamente entalhadas. Consistiam de quatro círculos concêntricos com um ponto no centro, muito bem feita e com cerca de meio metro de di-

âmetro; e mais embaixo e lateralmente, quatro *M* superpostos ou dáblis invertidos.

Quais foram os autores desses curiosos símbolos e o que significavam, eram problemas absolutamente fora de nosso alcance. É bem possível que, em épocas remotas, alguma tribo de índios, relativamente adiantada, houvesse penetrado neste admirável rio, assim como o estávamos fazendo agora. Antes da conquista da América do Sul pelo homem branco, existiam ali várias semicivilizações, umas rústicas outras, porém, bastante adiantadas, e que floresceram e persistiram durante idades imemoriais, fenecendo em seguida. As transformações por que passou a História da humanidade durante esses estádios, no continente sul-americano, foram estranhas, variadas e inexplicáveis, do mesmo modo que a Paleontologia com relação às altas formas animais, na idade dos mamíferos. O Cel. Rondon afirmou que sinais semelhantes não existiam em outras partes do Estado de Mato Grosso, por ele percorridas, e, por conseqüência, ainda se tornava mais estranho encontrá-los nesse rio desconhecido, jamais visitado por homem branco.

Na manhã seguinte, após viajarmos três quilômetros, avistamos algumas colinas alcantiladas de belo aspecto e revestidas de densa e alta mata, porém, prenunciadoras de novos rápidos. De fato, na falda dessas colinas tivemos de nos preparar para uma longa transportação. As canoas desceram vazias e, mesmo assim, quase perdemos duas, justamente o par em que eu comumente viajava. Numa queda mais pronunciada das corredeiras, entre duas grandes ondulações, foram as canoas atiradas contra os seixos, por baixo do emaranhado de galhos que se projetavam sobre o rio. As canoas se encheram de água e as correntes velozes detiveram-nas onde se achavam uma quase sobre a outra. Todos nós ajudamos a retirá-las e limpá-las; suas amarras foram desfeitas a machado. Kermit, com seis homens nus, abriu caminho até as rochas da pequena queda, justamente acima do ponto em que se encontravam as canoas e atirou uma corda que nós atamos à canoa mais afastada. Nós outros, com água até debaixo dos braços, mal podendo nos equilibrar por entre as pedras do rio, procurávamos empurrar as embarcações, enquanto Kermit e os homens puxavam-nas até que pudessem amarrá-las numa árvore parcial-

mente submergida. As canoas transpuseram a rocha, uma de cada vez, amarradas, e foram postas a salvo por dois remadores.

Já eram quatro horas aproximadamente, quando conseguimos prosseguir viagem, pois tivemos ainda que aguardar cessasse o temporal que desabava e que não nos deixava enxergar o outro lado do rio. Dez minutos de viagem e eis que novos rápidos aparecem; os encarregados da inspeção voltaram com a notícia de que teríamos um dia inteiro de travessia; e então armamos as barracas, debaixo de chuva, o que, aliás, não tinha grande importância, pois já estávamos com as roupas encharcadas. Não nos foi possível, com a lenha molhada, atear o fogo em condições de secar nossos pertences, pois que a chuva continuava a cair. Da canoa avistamos uma anta, no momento em que estávamos rodopiando nos redemoinhos, de sorte que não nos foi possível matá-la.

Na manhã seguinte descemos um quilômetro e abicamos na outra margem do rio. As canoas passaram descarregadas e as cargas foram transportadas para a margem oposta de um pequeno afluente do rio da Dúvida, ao qual o coronel deu o nome de rio Cherrie. Atravessamos este riacho por meio de uma pinguela feita de um grande tronco, por Macário, um dos nossos melhores camaradas. Acampamos novamente, enquanto Rondon, Lira, Kermit e Antônio Correia saíram para uma inspeção na frente, onde permaneceram até depois do meio-dia. Voltaram, então, com a informação de que nos achávamos no meio de uma cadeia de montanhas de pouca elevação, de formação geológica absolutamente diferente da do platô, onde se encontravam os primeiros rápidos que atravessamos no dia 2 de março. Por entre a primeira série dessa cadeia de colinas, pouco adiante de onde nos achávamos, o rio se precipitava por uma garganta de cerca de três quilômetros de extensão.

O solo se mostrava tão acidentado que se tornara impossível arrastar as canoas e muito difícil transportar a carga. De outro lado, os rápidos se nos afiguravam de penoso acesso, contendo várias quedas, uma das quais com, pelo menos, três metros de altura, não se podendo prever quantas canoas poderiam atravessá-los a salvo. Kermit, que era o mais entendido no serviço de cordas, foi o único a acreditar que se pudesse passar sem qualquer contratempo; e, em última instância, naturalmente, seria possível construirmos outras canoas logo adiante, caso perdêssemos alguma.



*E o rio rolava pelo desfiladeiro...*

Em face da distância e das características do terreno, de todas as probabilidades desfavoráveis que se nos apresentavam e, ainda, da necessidade de preservarmos as menores parcelas de alimento, tornou-se imperioso abandonarmos tudo que não fosse absolutamente indispensável.

Supúnhamos que antes já tivéssemos reduzido nossas bagagens ao suficiente, porém, agora é que a coisa fora mesmo de amargar. Guardamos apenas uma lona para nós seis. Kermit ficou sem sapatos, dado o seu constante serviço dentro d'água; lançou mão dos meus e eu me servi do par que trazia de reserva. Além da roupa do corpo, fiquei somente com um pijama, um par de calças, um de meias, meia dúzia de lenços, material de asseio, uma caixa de medicamentos e uma valise com meus óculos, tubo de graxa, emplastro, agulhas e linha, o linimento "mata-mosquito", minha carteira e uma carta de crédito para Manaus. Tudo isto foi colocado na mala em que se achavam meu paletó, cobertor e mosquiteiro. Trazia comigo ainda um pequeno volume com minha cartucheira e cartuchos, tela para abrigar rosto e as luvas compridas. Kermit e os outros ainda fizeram maiores reduções.

Os últimos três dias do mês de março despendemo-los na passagem da garganta até o sopé dos rápidos. Lira e Kermit com quatro dos melhores homens se incumbiram das canoas descarregadas. O trabalho não foi apenas difícil e penoso ao extremo, mas, muitíssimo arriscado, pois que as paredes da garganta eram tão alcantiladas que eles tinham de se esgueirar por pequenas reentrâncias da rocha, a fim de melhor conduzirem as canoas com cordas. Nesse ínterim, o Cel. Rondon orientou a abertura de uma picada destinada ao transporte da carga, por ele dirigido. Os lados da garganta eram excessivamente inclinados para qualquer tentativa de passagem dos volumes. Dada esta circunstância, a picada para à condução da carga tinha de passar pelo alto da colina pedregosa, cujas encostas abruptas eram cobertas de matas. Foi trabalho difícil o transporte da bagagem! Do alto da montanha, por entre as árvores que se erguiam nas bordas de um rochedo, descortinava-se uma belíssima vista da região.

Em torno surgiam serranias de pouca elevação, mais ou menos da altura das mais baixas cumiadas dos *Alleghanus*.

Suas encostas eram alcantiladas e revestidas de florestas.

Nosso acampamento seguinte, armado na parte final da garganta, estava quase debaixo do ponto em que nos achávamos e, dali para diante, o rio rolava em linha reta, em cachões de águas claras, por cerca de um quilômetro; e em seguida perdia-se por entre a serra, o que nos fazia acreditar em outros rápidos mais adiante. Era um panorama digno de ser apreciado, porém, belo o quanto fosse, suas características denunciavam fadiga, dificuldades, árduos trabalhos e, sobretudo, impossibilidade de rápida locomoção. E qualquer delonga significava sério contratempo para quem, como nós, tínhamos diminuídas as rações, cujo equipamento se achava reduzido ao mínimo e que durante um mês, quando ainda munidos de todos os petrechos, vencêramos pouco mais de uma centena de quilômetros! Ademais, não se fazia a menor idéia da distância ainda a percorrer e quais as asperezas que iríamos encontrar pela frente!

Não se viam muitos animais pela floresta, nem grandes, nem pequenos. Passarinhos eram raros; mesmo assim, o esforço incansável de Cherrie, vez por outra, era recompensado com a obtenção de uma nova espécie para a coleção. Existiam rastros de antas, cutias e veados, e, se tirássemos dois ou três dias para caçá-los, poderíamos matar algo; mas isto não se afigurava coisa certa, e o trabalho a que estávamos obrigados se mostrava duro e cansativo; também a necessidade de prosseguirmos com urgência não permitia desviássemos nossas atenções. Caçada só acidentalmente. Aquele tipo de floresta cerrada e impenetrável não era de molde a facilitar qualquer aventura cinegética. O Cel. Rondon e Kermit mataram dois mutuns e um grande macaco. No dia em que o macaco foi morto, Lira, Kermit e seus quatro auxiliares tinham-se empenhado em trabalho árduo e por vezes perigoso, no meio das rochas e da correnteza, e, pois, ficaram muito satisfeitos com a prenda.

A cabeça, pés, cauda, pele e vísceras foram cozidas para os cães rafados e magros. A carne foi dividida entre nós; um naco para cada um, e como soube bem!

\* \* \*

Cherrie, além de sair à procura de pássaros nas horas vagas, ajudava-nos quando havia necessidade – Era um veterano das selvas tropicais. – Conversávamos constantemente sobre várias coisas, pois tínhamos os

mesmos sentimentos e pontos de vista no que concerne aos deveres do cidadão para com sua família, seu semelhante e para com a pátria, em paz ou em guerra. Seu pai servira num regimento de cavalaria em Iowa, durante toda a Guerra Civil, onde começou como soldado raso e foi até o posto de capitão, e teve o esterno partido por uma bala de mosquete, num choque de forças em Shiloh.

\* \* \*

Durante a transportação fomos favorecidos pelo tempo. Estávamos chegando no fim da estação chuvosa. No último dia do mês, quando nos encontrávamos transferindo o acampamento para o pé da garganta, caiu uma tempestade, acompanhada de trovões, mas, de um modo geral, não tínhamos sido perturbados pelas chuvas, até a noite anterior, quando uma carga pesada chegou a atravessar a lona, molhando minha cama.

Contudo, ainda consegui dormir muito bem, enrolado no cobertor úmido.

Sem o cobertor não me sentiria confortável, pois é objeto indispensável para conservação da saúde.

No terceiro dia, Lira e Kermit, com seus ousados e eficientes auxiliares, após um trabalho penoso, conseguiram atravessar cinco canoas, na parte pior dos rápidos, vencendo a queda principal.

A sexta, que era leve e frágil, teve o fundo arrebetado nas pontas das pedras. Esta noite, apesar de haver colocado minha roupa em lugar seguro, as térmitas e as formigas alcançaram-na e comeram uma perna da ceroula, fizeram grandes buracos nos sapatos e rendilharam o lenço completamente; e não era possível substituí-los.

No dia seguinte, Lira, Kermit e os camaradas conduziram as cinco canoas para as proximidades do local do acampamento.

Durante quatro dias vinham eles realizando um trabalho penosíssimo e de grande importância, pois, a princípio, supúnhamos absolutamente impossível evitar o abandono das canoas, dado o aspecto dos declives da torrente e a conformação da garganta, que era como um desfiladeiro.

No dia 2 de abril partimos novamente, sem sabermos em que ponto surgiriam novos rápidos e se dentro em breve sairíamos, como indicava o aneróide, daquela região acidentada para o plano, onde pudéssemos realizar viagem menos atribulada. Fazia exatamente um mês que estávamos atravessando sucessões ininterruptas de corredeiras e durante este tempo vencêramos apenas 110 quilômetros com um desnível de cerca de 150 metros em dados aproximados<sup>83</sup>.

Perdêramos quatro canoas das que trazíamos desde o início da viagem e mais um homem e um cão, cuja morte, aliás, equivaleu à salvação da vida do Cel. Rondon. Em linha reta para o norte, na direção que supúnhamos ser a nossa, não havíamos vencido mais que uma milha e um quarto por dia, progressão esta que custara amargas fadigas para a maioria da comitiva e grandes riscos para todos. Muitos camaradas estavam desanimados; vez por outra, perguntavam se acreditávamos na possibilidade de nos safarmos daquele dédalo ainda com vida e nós procurávamos animá-los da melhor maneira possível.

Não havia modificações em nossos trabalhos.

Naquele dia percorremos apenas três quilômetros e a maioria do pessoal andou a pé o tempo todo, mas as canoas conduziram a bagagem até o começo da série de rápidos que nos iriam deter nos próximos dois ou três dias. O rio descambava pela garganta ou desfiladeiro, cujos lados eram de rocha viva e alcantilados, apesar de que, em muitos pontos, surgia uma vegetação luxuriante, arbórea ou arbustiva, nascida das frinchas, e ainda atapetada de musgos, de maneira a interceptar quase completamente a visão da pedra nua. Rondon, Lira e Kermit, que iam à frente, descobriram um local plano com pequena praia de areia e mandaram aviso para que se acampasse ali, enquanto continuaram a descer por mais uma hora, inspecionando a região adiante. As canoas desceram vazias e a carga foi conduzida a mão, penosamente, sobre a superfície do rochedo, ao longo de caminhos tão pouco acessíveis que eu dificilmente podia percorrer, apesar de conduzir apenas minha espingarda e a cartucheira.

---

83 Os quatro dias iniciais, antes de encontrarmos os primeiros rápidos, e nos quais perfizemos cerca de 70 quilômetros, não estão incluídos neste cálculo (N. do autor).



Os encarregados da inspeção voltaram informando que as montanhas se estendiam até muito além e que os rápidos continuariam por toda sua extensão. Tínhamos a esperança de que o aneróide estivesse certo e de que, portanto, muito em breve chegaríamos à região relativamente plana. O trabalho continuado e árduo, onerado com a redução das rações, vinha refletindo na resistência e no espírito dos homens; Lira e Kermit, além de suas próprias atribuições, ainda executavam trabalhos materiais, que competiam aos camaradas.

\* \* \*

No dia seguinte começamos a descer os rios sinistros daquele abismo. O Cel. Rondon subira até o cume da montanha, a fim de descobrir melhor trilha para a passagem da carga, porém nada conseguiu e os homens tiveram mesmo de atravessar pela superfície do rochedo.

Expedição como esta, em que estávamos com carência de tudo, exige muito trabalho penoso e arriscado e apresenta perigos de toda ordem.

Seguir o curso de um rio desconhecido, interrompido por inumeráveis rápidos e cataratas, que se precipitam por entre montanhas imprevisíveis, não é a mesma coisa que explorar o curso de um outro, que, embora perigoso, já fora percorrido em toda sua extensão, tornando-se, de algum modo, via de penetração. Neste caso pode-se lançar mão de guias experimentados e encontram-se, já abertos, os caminhos para a transportação das canoas, com todos os pontos perigosos dos rápidos conhecidos antecipadamente! No caso em questão não se podia predizer se o rio abriria caminho por entre encostas das cadeias de montanhas, cavando estreitas gargantas nas quais as paredes da rocha quase se unissem! Quando o rio se precipita por esses *canyons*, como diríamos no oeste, e as montanhas são muito alcantiladas, torna-se quase impossível passar com as canoas pelo seu leito e absolutamente impraticável arrastá-las ao longo do rochedo íngreme, do mesmo passo que se afigura difícilimo conduzir as cargas através das montanhas. Além disso, ninguém podia antecipar quantas vezes teríamos de repetir essa tarefa ou quando ela terminaria, e, ainda, se o alimento iria faltar. Cada hora de trabalho nos rápidos está sujeita a desastres os mais graves, e, no entanto, não se pode fugir à necessidade de executá-lo; e tudo

isto é realizado em plena selva desabitada, ou melhor, habitada apenas por índios inamistosos e onde qualquer impossibilidade de retirada significa a morte por doença ou pela fome!

Têm sido freqüentes os desastres totais das expedições na América do Sul. A primeira e mais recente tentativa, visando descer um rio ignorado, cujo curso começa nos altiplanos brasileiros e se dirige para o Amazonas, resultou num desses malogros. Foi intentada em 1899 por uma comitiva com as mesmas proporções que a nossa, pouco mais ou menos, e sob a chefia de um oficial engenheiro, o Cel. Teles Pires. Na descida de um dos rápidos perderam tudo; canoas, alimentos, remédios e utensílios.

A febre os atacou e em seguida veio a fome. Quase todos morreram, excetuando-se um oficial e dois homens, que foram salvos alguns meses mais tarde. Ultimamente, nas Guianas, um veterano das selvas, André, perdeu dois terços de sua comitiva, mortos de fome. A genuína exploração das selvas é tão perigosa quanto a guerra. A conquista da natureza bravia demanda supremo vigor, resistência e ousadia, e cobra dos conquistadores pesada taxa de saúde e de vida.

\* \* \*

Lira, Kermit e Cherrie, com quatro homens, movimentaram as canoas até a metade do desfiladeiro. Continuadamente tinham de empurrá-las para pontos mais acessíveis.

Em certo local a torrente se despenhava por uma passagem de apenas quinze metros de largo. Uma canoa se perdeu, de sorte que somente restavam duas das sete com que havíamos iniciado a viagem. Cherrie, vez por outra, ia ajudar os demais camaradas e montava guarda sobre eles, de vez que o trabalho que estavam executando não lhes permitia conduzir armas. A experiência de Kermit em matéria de construção de pontes foi de inestimável utilidade, pois que conseguiu resolver o problema da colocação das cordas para condução das canoas pelo desfiladeiro. Ele e o ten. Lira há dias que trabalhavam dentro d'água e mantinham sempre a roupa molhada. Seus sapatos já estavam estragados. As contusões em seus pés e pernas se transformaram em chagas. As picadas de insetos se apostemaram, como, aliás, aconteceu também com todos nós. Formigas, moscardos, carrapatos, maribondos e abelhas constituíam um infundável tormento. Contudo,

ninguém fora ainda vítima de cobras, escorpiões e centopéias, embora tivéssemos morto exemplares dessas espécies no âmbito do acampamento.

\* \* \*

Na situação em que nos encontrávamos, qualquer perversidade latente na natureza humana poderia exteriorizar-se. Naquele dia aconteceu uma imprevista e horrorosa tragédia. Um dos camaradas era o de nome Júlio, descendente de gente branca, e do qual já falei. Tratava-se de um homem forte, reputado bom trabalhador, e que havia pedido com insistência para nos acompanhar.

Entretanto, como tantos outros camaradas dispostos, ele não fazia a menor idéia do que fosse aquela expedição, e, sob a pressão do trabalho, dos sacrifícios e dos perigos, sua natureza revoltou-se, revelando-se-lhe o instinto do egoísmo, covardia e ferocidade. Evitava qualquer trabalho; fingia estar doente e ninguém conseguia fazê-lo cumprir suas obrigações; e, no entanto, ao contrário de seus corretos companheiros, estava constantemente pedindo favores.

Kermit era o único, dentre nós, que fumava e sempre distribuía um pouco de fumo aos camaradas que se destacavam como seus auxiliares, mas eles nunca o pediam. Júlio, porém, que se esquivava de qualquer serviço, estava sempre e sempre a pedir, inutilmente. O Cel. Rondon, Lira e Kermit, cada um por seu turno, tentaram fazê-lo trabalhar e para o conseguir se viram na contingência de ameaçá-lo com o abandono no meio das selvas. Ele deixava sempre sua tarefa para os companheiros e ainda furtava suas rações, o que, aliás, fazia até conosco. Nas circunstâncias em que nos encontrávamos, o furto de alimento é classificado, na escala criminal, logo abaixo do assassinio e passível de idêntica punição. Não se lhe podia confiar a tarefa de cortar palmitos ou colher castanhas, pois que ele os comia, ao invés de trazê-los para todos nós. Finalmente, os camaradas o apanharam furtando seus alimentos, por diversas vezes. Com este proceder era o único da comitiva que se mantinha com boas carnes e em pleno vigor. Entre os nossos bons camaradas havia um negro forte, que se chamava Paixão (Pashon – diríamos nós) e que era cabo, mas servia como sargento no Batalhão de Engenharia. Tinha ele, digamos de passagem, rasgado totalmente as calças, de maneira que usava apenas um farrapo, até que eu

lhe dei as que trazia de sobressalente, na ocasião da restrição da bagagem. Era carrancudo e disciplinador. Certa noite descobriu Júlio furtando comida e lhe deu um soco na boca. Júlio veio queixar-se com a fisionomia transtornada de ódio; porém após as necessárias investigações foi-lhe dito que não tinha absolutamente razão. Os homens possuíam três ou quatro carabinas, as quais, muitas vezes, eram conduzidas por outros que não os seus donos. Nesta manhã, ao iniciarmos a transportação, Pedrinho descobriu Júlio furtando carne-seca dos companheiros. Pouco depois Paixão foi encontrá-lo na retaguarda, andando vagarosamente, como de seu hábito, e o repreendeu. Nesta ocasião havíamos atingido o local da barranca em que as canoas se encontravam amarradas para em seguida serem descidas, uma de cada vez.

Estávamos sentados, aguardando a chegada das últimas cargas. Pedrinho ainda se achava no local do acampamento que havíamos deixado. Paixão acabara de chegar com um volume, colocando-o no chão, ao lado da carabina e regressou pelo mesmo caminho, para buscar nova carga. Em seguida veio Júlio com a sua, pô-la junto das outras, apanhou a carabina e voltou resmungando, porém, sem denotar qualquer excitação. Não nos preocupamos com o fato, pois que ele estava constantemente resmungando e como, vez por outra, um ou outro camarada via um macaco ou um pássaro grande e procurava matá-lo, não nos causou estranheza o ter ele apanhado a carabina.

Não demorou um minuto e ouvimos um tiro; e daí a pouco três ou quatro homens, vieram nos participar que Paixão estava morto, assassinado por Júlio, que fugira para o mato. O coronel e o Ten. Lira se encontravam mais adiante; despachei-lhes um mensageiro e determinei a Cherrie e Kermit que permanecessem onde se achavam, a fim de resguardarem as canoas e provisões, e segui com o médico – cidadão absolutamente calmo e corajoso e que trazia como defesa, apenas, um revólver – e mais quatro camaradas.

Logo adiante passamos pelo cadáver do pobre Paixão. Estava em desalinho, numa poça de sangue, com o coração traspassado por bala.

Receava que Júlio seguisse à cata de outros camaradas, no intuito de os matar, antes que fosse também morto, e que naturalmente, comesse por Pedrinho, que permanecia só e desarmado no local do acampamen-

to que havíamos abandonado. Por essa razão, apressei os passos, seguido pelos companheiros, perscrutando de um lado e de outro; porém, quando chegamos ao local do acampamento, o médico se adiantou calmamente para mim e observou: “Tenho a vista mais forte do que o senhor, coronel; se ele estivesse por aqui, eu já lho havia apontado para que o senhor atirasse.” Entretanto, o assassino não se achava ali, e, logo em seguida, os outros homens vieram ao nosso encontro com a boa notícia de que haviam encontrado a carabina.

Júlio se postara ao lado do caminho e aguardara, deliberadamente, que sua vítima se aproximasse até a uns doze passos de distância.

Praticado o crime, naturalmente, seu ódio assassino foi substituído por inata covardia, e, talvez, ouvindo o ruído de passos de alguém que se aproximava, fugiu pela mata, espavorido. A carabina caiu de sua mão ao bater numa árvore. Suas pegadas demonstravam que, após ter avançado alguns metros, tentou voltar, com certeza para apanhar a carabina, porém resolveu prosseguir na fuga, provavelmente porque o cadáver já havia sido encontrado. Admitia-se a hipótese de haver ele se dirigido para a aldeia dos índios, o que era mais provável. Não era homem para ter remorsos – nem qualquer outro sentimento –, porém evidentemente, aquele assassinio fora praticado em condições tétricas, dada a ameaça da fome e da febre, caso se embrenhasse nas selvas.

França, o cozinheiro, arriscou o provérbio da filosofia popular: “Quem vê cara não vê coração” e em seguida se manifestou, com profunda convicção, através de cabalística credence que eu nunca ouvira antes: “Paixão agora está seguindo Júlio e o perseguirá até a morte; quando ele caiu para morrer fê-lo sobre as mãos e joelhos, e quando um assassinado cai desse jeito seu espírito perseguirá o assassino até morrer.” Não fomos à procura do assassino. A lei não nos permitia passá-lo pelas armas, apesar de se tratar de um soldado que, de sangue-frio, deliberadamente, matara outro soldado. Se estivéssemos próximo da civilização, teríamos envidado esforços no sentido de capturá-lo e entregá-lo à Justiça. Mas nós nos achávamos no meio da floresta e sem sabermos quantas semanas de viagem ainda nos separavam do mundo civilizado. Nossos alimentos diminuía rapidamente; as doenças já haviam iniciado sua faina entre os homens, cuja resistência e coragem declinavam gradativamente. Nossa obrigação precípua seria salvar a vida e

preservar a saúde de nossos homens, que haviam cumprido e vinham ainda cumprindo, honestamente, seu dever, arrostando todos os perigos. Se prendêssemos o assassino, teríamos de vigiá-lo dia e noite, numa situação em que sempre havia armas carregadas espalhadas e onde constantemente se lhe apresentavam oportunidades de conseguir alimentos e armas para fugir, talvez fazendo antes outras vítimas; não poderia ficar agrilhoado às canoas onde seria fácil fazê-las soçobrar, morrendo ele afogado. Além disso, a manutenção de guarda sobre ele redundaria numa obrigação a mais para aqueles pobres homens já exaustos de tanto trabalho. A expedição se encontrava em situação melindrosa e nos exigia grandes esforços para levá-la a bom termo. O destino do assassino no meio das selvas não tinha, no momento, maior significação, comparado com o nosso dever de preservar a vida dos componentes da comitiva. Durante os dois dias que se seguiram, mantivemo-nos em constante espreita, aguardando sua volta, pois que poderia facilmente sacrificar outro homem, empurrando-o pela ribanceira ou no fundo da garganta, no momento em que se estivesse empenhado no trabalho. Não o logramos avistar, porém, até na manhã do terceiro dia.

Havíamos terminado a passagem do último rápido do desfiladeiro e as canoas já se achavam em movimento, rio abaixo, quando apareceu ele, por trás das árvores da barranca, gritando que desejava se entregar a fim de continuar a viagem, pois era um rematado pusilânime, um estranho misto de ferocidade e covardia. A canoa em que ia o Cel. Rondon estava muito à frente; e ele não a fez parar e nem deu qualquer resposta. Eu procedi do mesmo modo com as canoas que vinham na retaguarda, pois não tencionava conduzir o assassino, em face do perigo a que se exporiam os outros membros da expedição, a menos que o coronel fizesse qualquer recomendação neste sentido, dada a sua condição de oficial do Exército e servidor do governo brasileiro. Na primeira parada o coronel veio a mim e disse que o seu dever era prender o assassino, porém não havia parado, porque desejava primeiro me consultar, como chefe da expedição. Respondi-lhe que, em face às razões já apontadas, não pensava ser de justiça submeter os bons homens da expedição ao risco de viverem em comum com um assassino, e, se a responsabilidade fosse minha, recusava aceitá-lo; porém ele, Cel. Rondon, como superior hierárquico de ambos, assassino e assassinado, e de todos os oficiais e homens alistados para a



*Corredeiras no desfiladeiro.*



*Tomamos banho e nadamos no rio, apesar das piranhas...*

expedição, e como, por outro lado, tivesse que dar satisfação de seus atos ao governo e cumprir as leis do país, deveria agir conforme determinassem a sua consciência e seu dever. Desse modo, do próximo acampamento ele destacou dois homens, experimentados em matéria de batidas nas florestas, para procurarem o assassino e trazê-lo. Não conseguiram encontrá-lo<sup>84</sup>.

\* \* \*

Fiz uma antecipação à minha narrativa, porque não quero recorrer ao horror mais do que o necessário. Agora voltemos à história. Depois de verificarmos que Júlio havia fugido, retornamos ao local da tragédia. O assassinado jazia com um lenço cobrindo a face. Enterramo-lo junto ao local em que caíra morto. Os camaradas abriram uma cova rasa com machados e facas, enquanto nós outros permanecemos ao lado, com a cabeça descoberta. Em seguida, com todo respeito descemos o pobre corpo à sepultura, aquele mesmo corpo que, meia hora antes, ainda se achava estuante de vida e de vigor! O coronel e eu o seguramos na cabeça e nos ombros, depositando-o na cova, sobre a qual colocamos uma cruz tosca, no ponto em que se achava a cabeça. Demos uma salva de tiro como última homenagem àquele soldado leal e bravo, morto no cumprimento do dever. Em seguida deixamo-lo ali, para sempre, sob a copa de grandes árvores, ao lado do rio solitário...

Neste dia conseguimos apenas atravessar a metade dos rápidos até um ponto em que não havia local para o acampamento. Porém, na base de um rochedo alcantilado, existia uma estreita chanfradura, revestida de seixos, onde era possível colocar as redes e cozinhar, e, em lugar inclinado, foi armada minha cama de campanha, que estava sem uso até aquela ocasião e parecia uma centopéia arqueada. Choveu um pouco durante a noite, mas não o suficiente para nos encharcar.

No dia seguinte, Lira, Kermit e Cherrie terminaram seu serviço e trouxeram as quatro canoas restantes para próximo do acampamento, uma das quais bastante estragada com os baques nas rochas. Descemos então pelo rio umas poucas centenas de metros e fomos acampar no lado oposto; o local não era bom, porém melhor do que o outro.

---

84 Todos os fatos relacionados com o assassinio foram objeto de uma ata, que foi lida e aprovada pelos seis membros da expedição (N. do autor).

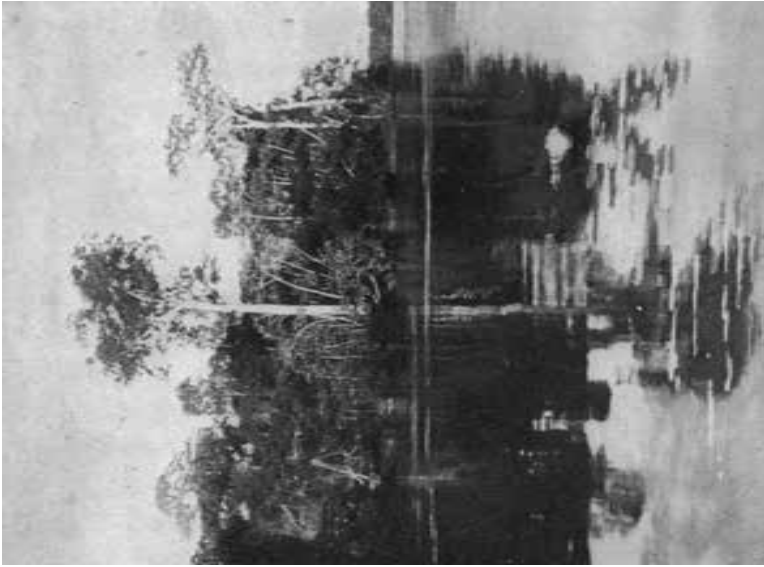


Os homens cada vez mais se enfraqueciam com os trabalhos excessivos. Kermit estava com febre e Lira e Cherrie apresentavam sinais de desintéria, porém todos três continuavam a trabalhar.

Enquanto permanecia dentro d'água ajudando a recolocar uma canoa em sua devida posição, contundi minha perna numa pedra, e a ferida inflamou, incomodando-me bastante. Nesta ocasião fui acometido de sério ataque de febre, que, graças à dedicação do médico, foi atalhado em quarenta e oito horas; entretanto, Kermit piorou e teve de ficar dois ou três dias sem trabalhar, porém, mesmo assim, conseguíamos caminhar na ocasião das transportações. Um bom médico é indispensável em expedições como esta, dada a natureza perigosa da região e a ameaça de terrível mortalidade entre seus componentes; além disto, os riscos de acidentes e desastres são tão grandes que os meios de evitá-los se apresentam inoperantes, apesar de todas as precauções.

No dia imediato, fizemos nova transportação, bastante longa, contornando outros rápidos e fomos acampar à noite, ainda sob a atmosfera quente, úmida e sombria da garganta de pedra. No outro dia, 6 de abril, vingamos outra série de rápidos, que era a última do desfiladeiro. Viajamos por vários quilômetros contornando as serras e receosos de um novo desfiladeiro, o que significaria outros tantos dias de labuta e perigo para os nossos homens já desanimados, fracos e doentes. Muitos deles tinham sido atacados de febre. Essa situação era inevitável, pois que havia mais de um mês que vinham realizando trabalhos pesados e ininterruptos na travessia dos rápidos, e maiores delongas, acrescidas de esforços estafantes, provocariam, não há dúvida, a morte daqueles que se achavam em condições mais precárias. Havia já dois camaradas cujo estado de fraqueza era motivo de séria apreensão de nossa parte.

Todavia, as colinas começaram a desaparecer, gradativamente, até se confundirem com a planície e conseguimos avançar rio abaixo, numa velocidade até ali impraticável, vencendo, durante o resto do dia, trinta e seis quilômetros, o que foi um *record*. Por duas vezes, antas cortaram a correnteza, porém em lugares muito afastados de minha canoa. Contudo, na tarde anterior, Cherrie matara dois macacos e Kermit um, de sorte que todos nós tivemos uma pequena ração de carne fresca; aliás já tivéramos uma boa sopa de tartaruga, apanhada por Kermit. Fomos ainda obrigados



*Castanhas-do-pará.*



*Pacova.*  
*“As folhas largas da pacova refletem o aspecto tropical da região”*

a uma pequena transportação à vista de um rápido de pouca extensão, porém as canoas descarregadas passaram-no sem dificuldades.

Finalmente, às quatro horas da tarde chegamos na embocadura de um grande rio, na margem direita. Pensamos que deveria ser o Ananás, mas não havia certeza. Seu volume de águas era menor do que o do rio que estávamos descendo, porém quase tão largo quanto este. Sua largura ali na foz era de noventa e cinco metros contra cento e vinte do outro. Existiam algumas corredeiras na frente, logo abaixo da junção, cuja localização marcava 10° e 58' de latitude sul.

Já tínhamos percorrido 216km em números redondos, e estávamos em posição quase ao norte do lugar da partida. Acampamos num sítio entre os dois rios. Parecia impossível que ali, quase a 11° de latitude, existisse um largo rio, completamente ignorado pelos cartógrafos, sem qualquer indicação ou mesmo um pequeno traço, nos mapas.

Demos a este grande tributário o nome de rio Cardoso, em homenagem ao bravo oficial da Comissão Telegráfica que havia morrido de beribéri justamente no início de nossa expedição. Permanecemos um dia neste lugar, procurando determinar nossa verdadeira posição, baseados no sol e nas estrelas, e destacamos dois homens para inspecionar os rápidos, os quais regressaram dizendo haver grandes cachoeiras e de tal ordem que iriam tomar-nos muito tempo de travessia. Nessa inspeção conseguiram pescar um enorme bagre<sup>85</sup>, que forneceu excelente refeição para todos nós. À tarde, na hora do sol se pôr, do próprio acampamento apreciamos a esplêndida paisagem constituída pela junção dos dois grandes cursos d'água; e pela primeira vez tivemos em torno o descampado e acima o céu aberto, onde as estrelas e a grande lua pálida brilhavam com sublime fulgor, lançando reflexos de prata sobre as rochas batidas pelas águas da corrente.

\* \* \*

O grande silurídeo pescado pelos homens contava mais de um metro de comprimento, tendo a cabeça caracteristicamente enorme, em desproporção ao corpo, vastíssima boca. Tal peixe, apesar de possuir pe-

---

85 Grande silurídeo encontrado nos rios da vertente amazônica, cujo nome comum ali é "piraíba" (Nota do trad.).

quenos dentes, devora grandes presas. No seu estômago, encontramos restos, já quase digeridos, de um macaco. Provavelmente ele apresara o símio quando este bebia água, dependurado de um galho, e uma vez introduzido naquela terrível caverna, que é sua boca, não pôde mais escapar. Nós, os norte-americanos, ficamos espantados ao ver como um macaco pode ser engolido por um peixe, mas nossos amigos brasileiros nos contaram que, no baixo Madeira e em parte do Amazonas, nas proximidades de sua foz, existe uma variedade desse silurídeo, bem maior, que costuma apresar e engolir até homens. Tal variedade atinge 2,70m de comprimento e é de cor pardo-esbranquiçada, tendo a cabeça enormemente desproporcionada em relação ao corpo e a boca desmesurada, ornada de pequenos dentes dispostos em círculo; estes, propriamente, não representam qualquer perigo; o perigo se encontra nas fauces. É denominado “piraiíba”, com acento no último *i*. O nosso médico, quando se encontrava estacionado na pequena cidade de Itacuatira, no Amazonas, viu um desses monstros na embocadura do Madeira, o qual havia sido morto por dois homens, que foram, por ele, atacados. Estavam pescando, em canoa, quando o peixe surgiu do fundo do rio (são peixes que vivem nas profundezas dos rios), e colocando à mostra a metade do corpo, atirou-se sobre a borda da embarcação, ameaçando-os com a boca escancarada. Os homens o mataram a facão e, em seguida, levaram-no em triunfo pela cidadezinha, num carro de boi.

Disse o médico que a piraiíba tinha três metros de comprimento, informando ainda que os banhistas se mostravam mais receosos desse peixe do que dos grandes jacarés, por isso que estes se deixam ver facilmente, ao passo que a piraiíba vive escondida no fundo do rio.

O Cel. Rondon contou também que, em várias povoações do baixo Madeira em que tinha estado, o povo, para poder tomar banho, construía currais dentro d'água, a fim de se defender das piraiibas e dos jacarés.

\* \* \*

No dia seguinte, 8 de abril, fizemos apenas cinco quilômetros, por causa da série de rápidos. Tivemos de carregar o material apenas em dois deles, nos quais, aliás, as Canoas vazias passaram sem dificuldades, pois do lado ocidental havia longos canais de águas serenas por entre a mata.

O rio estivera mais volumoso, porém ainda se mostrava bem cheio, formando muitas ilhas que, neste ponto, dividiam os canais. Às quatro horas acampamos na cabeceira de outra série de rápidos, sobre os quais a nossa canoa canadense deslizaria sem apanhar uma gota d'água, ao passo que as outras mal podiam atravessar sem as cargas. Cherrie matou três macacos e o Tte. Lira pescou duas grandes piranhas, de maneira que tivemos, novamente, provisão para o jantar e o almoço do dia seguinte. Quando um grupo de homens está submetido a meias rações e executando trabalhos pesados, mostra-se vivamente interessado em qualquer alimento adicional que possa aparecer.

No dia 10 seguimos a mesma rotina: pequena quilometragem, transportação na distância de algumas poucas centenas de metros, mas que tomou pelo menos duas horas para ser ultimada; novamente alguns minutos de descida pelo rio e outra vez mais rápidos pela frente. Fizemos ainda menos de cinco quilômetros; nos últimos dois dias estávamos descendo na proporção de um metro para cada quilômetro anteriormente feito e não podíamos avaliar se este estado de coisas perduraria de vez que o aneróide acusava que já atingíamos um nível muito baixo. Como eu suspirava por uma daquelas jangadas do Maine, com que certa vez descí o Mattawankeag na época das cheias! Teria deslizado por esses rápidos como as moças numa contradança!

Porém, nossas canoas carregadas teriam metido o bico para o fundo em cada borbotão. A região era adorável. O grande rio, ora em um, ora em vários canais, contornava as colinas; a floresta orvalhada refletia os raios do sol; várias espécies de palmáceas muito belas e as largas folhas da pacova imprimiam ao cenário o aspecto peculiar das regiões tropicais – como se estivéssemos perlongando um gigantesco horto botânico.

À tarde conseguimos um tucano já bem velho, uma piranha e uma boa quantidade de jabutis, que constituíram novas rações de carne fresca. Dormimos como de costume, nas proximidades dos rápidos. Já estávamos viajando havia seis semanas e, durante quase todo este tempo, vencendo dificuldades para abriremos nosso caminho por entre rápidos seguidos e que constituem os maiores entraves aos exploradores e desbravadores desses rios.

O dia seguinte foi uma repetição do anterior. A manhã inteira foi tomada com o transporte da carga até a base das corredeiras, a cujo lado estávamos acampados e onde se encontravam as canoas vazias. Então, após trinta a quarenta minutos começamos a descer pelas águas enovelas do rio, com as duas canoas conjugadas que quase se despedaçaram no momento em que um golpe da correnteza as atirou contra umas árvores existentes sobre pequena ilha submergida. Em seguida atingimos outros rápidos, atravessamo-los carregando a bagagem e fomos acampar, já noite e debaixo de chuva. Não resta dúvida que era um bom exercício de paciência para aqueles que, como nós, ainda se mostravam febris. E, na verdade, nenhum de nós gozava perfeita saúde.

Durante algumas semanas vínhamos repartindo com os camaradas as nossas rações das latas, porém eles não se satisfaziam com aquela qualidade de alimento. Exigiam quantidade, o que se conseguia apenas com os palmitos, mas neste dia não tiveram tempo de os cortar. Finalmente resolvemos atravessar os rápidos com as canoas descarregadas e o conseguimos sem qualquer contratempo. Em tais viagens é altamente recomendável evitar-se qualquer risco desnecessário, dadas suas terríveis conseqüências; entretanto, se se não aventurar alguma coisa, a marcha será tão lenta que os desastres dar-se-ão, quer queiramos ou não; e torna-se necessário variar os termos do dilema, ora decidindo-se pela audácia, ora pelo excesso de precaução. Naquela noite tivemos um excelente peixe, uma grande pescada, de cuja espécie ainda não havíamos comido.

Certo dia *Trigueiro* não tomou a canoa conosco e tivemos de procurá-lo no dia seguinte. Passamos o domingo de Páscoa nas mesmas condições dos outros dias. Conseguimos viajar em curso normal do rio apenas dez minutos, ao todo, dependendo oito horas na transportação das cargas e passagem dos rápidos com as canoas, que, aliás, quase foram ao fundo. Nesse dia pescamos vinte e oito peixes bem grandes, na maioria piranhas, e todo mundo se fartou ao jantar e no almoço do dia seguinte.

A maior arte do outro dia foi uma repetição do anterior, porém lá pelo fim da tarde o rio começou a correr normalmente, em grandes extensões. Vencemos quinze quilômetros e pela primeira vez, depois de várias semanas, acampamos sem o ruído das cachoeiras. O silêncio foi agradável e reparador. No dia imediato, 14 de abril, viajamos um bom trecho, comple-

tando trinta e dos quilômetros. Passamos por um pequeno afluente na margem esquerda. Atravessamos normalmente uns dois ou três rápidos suaves e tivemos de baldear as cargas em um outro. O rio rolava tranqüilo por longas distâncias. Na manhã da saída, a paisagem se descortinava adorável.

Durante umas duas milhas de percurso, o grande rio, largo e manso, corria por entre altas paredes da floresta tropical, debruadas de névoa. Vários membros da expedição pescaram muitos peixes, mataram um macaco e duas jacutingas (ave aparentada com o peru, porém bem menor), de sorte que tivemos outra vez grande fartura. Aproximava-se a estação seca, mas ainda caíam pesados chuviros. Nesse dia os camaradas descobriram uma nova espécie de castanha, de cujo paladar eles gostaram; tratava-se, entretanto, de alimento nocivo à saúde e a metade dos homens ficou intoxicada, sem poder trabalhar no dia seguinte.

Apenas dois estavam em condições de fazer alguma coisa e Kermitt teve de remar o dia inteiro. Por isso na manhã seguinte, 15 de abril, a turma embarcou um tanto tristonha e abatida, porém, mais tarde, o dia se transformou em dia de festa. Na véspera tínhamos encontrado algumas incisões nas seringueiras, coisa já de um ano, o que provavelmente teria sido feito por seringueiros desbravadores, mas que não se podia afirmar. Porém, neste dia, em que percorremos vinte e cinco quilômetros durante duas horas e meia, encontramos pregada em um poste na barranca do lado esquerdo, uma tabuleta com as iniciais *J. A.*, assinalando o ultimo ponto atingido por um seringueiro e ao mesmo tempo indicando sua posse. Uma hora mais tarde avistamos uma casa recentemente construída numa clareira com algumas plantações, e respiramos de satisfação. Não havia viva alma na casa, que era de palmeira e estava muito limpa e agradável. Dois cães se mantinham de guarda e, pelos objetos, verificamos que nela viviam um homem, uma mulher e uma criança, que, não fazia muito, haviam-se retirado. Outra hora de viagem e eis-nos novamente frente a outra casa idêntica à primeira e na qual morava um preto que logo demonstrou a delicadeza inata do homem do interior do Brasil. Passamos por essas habitações de seringueiros mais ou menos na latitude de 10° e 24'.

Já ia o sol bem inclinado quando paramos em outra pitoresca, fresca e asseada habitação de palmeira. Os moradores fugiram à nossa aproximação receosos de um ataque de índios, pois nunca poderiam supor que

fosse gente civilizada que viesse daquela região desconhecida. Regressaram depois e se mostraram hospitaleiros e comunicativos; e ali passamos a noite.

Antônio Correia disse a Kermit: “Parece um sonho nos acharmos novamente dentro de uma casa, ouvindo a voz de homens e mulheres, ao invés do ruído dos rápidos no meio daquelas montanhas!” O rio era por eles denominado *Castanho* e principal afluente, ou, aliás, o braço esquerdo ou ocidental, do Aripuanã; é rio Castanho apenas para os seringueiros, pois é desconhecido dos geógrafos. Estávamos, segundo nossos informantes, a 15 dias de viagem da confluência dos dois rios; havia, porém, muitos seringueiros ao longo das margens, alguns já radicados ali.

\* \* \*

Já havíamos percorrido mais de trezentos quilômetros de regiões completamente desconhecidas, em quarenta e oito dias; não víamos um único ser humano, embora por duas vezes escutássemos a voz de índios. Despendemos seis semanas na travessia de séries intermináveis de rápidos. Antes, ficáramos admirados de descer um rio mais ou menos igual ao alto Reno ou Elba e que nenhum geógrafo tinha a menor idéia de sua existência. Entretanto, nenhum homem civilizado jamais o encontrara.

Agora, porém, tratava-se de um rio cujas margens eram habitadas, sendo que alguns moradores já por ali se achavam havia oito a dez anos; e, contudo, nem ao menos um traço se encontrava nas cartas geográficas oficiais que denotasse sua existência!

Estávamos fazendo o levantamento de um rio cujo curso se acha entre cinco e seis graus de latitude (sete a oito graus se fosse incluído, como propriamente o devia ser, o baixo Aripuanã) e do qual nenhum geógrafo, quer nos mapas publicados na Europa, nos Estados Unidos, ou no Brasil, tinha conhecimento, de vez que o lugar em que deveria figurar está ocupado por outros cursos imaginários ou cadeias de montanhas.

Antes de iniciarmos a viagem, a Comissão de Limites do Amazonas veio até o baixo Aripuanã e daí seguiu por um de seus braços ou alto Aripuanã, a 8° e 48', seguindo-lhe o curso que, há já cerca de duas décadas, fora percorrido pelos seringueiros, porém não indo muito adiante. Um empregado da Comissão, ou de um dos grandes seringueiros, subiu o rio Castanho, que é de fácil acesso no seu baixo curso, até aquela latitude, não



passando além do ponto alcançado pelos seringueiros; isto nós verificamos quando descemos o baixo Castanho.

A maior parte de seu baixo curso e de seus principais afluentes havia sido navegada comercialmente pelos seringueiros e colonos durante umas duas décadas e, segundo notamos imediatamente, era de fácil acesso, ao contrário do seu alto curso, o qual acabáramos de percorrer; porém as autoridades do lugar e de fora, bem como os cientistas, permaneciam em completa ignorância, assim como os próprios seringueiros, que não faziam a menor idéia de suas cabeceiras, localizadas em região nunca até então percorrida por homem civilizado. Evidentemente, o rio Castanho, pelo menos em extensão, era igual ou mesmo superior ao alto Aripuanã; e agora parecia mesmo mais provável que o Ananás constituísse sua cabeceira principal, ao invés do rio Cardoso<sup>86</sup>.

Pela primeira vez este grande rio, o maior afluente do Madeira, foi estudado em todos seus detalhes, após sete semanas de árduo e perigoso trabalho, em região inteiramente desconhecida! E nesta hora em que se tem procurado aumentar os conhecimentos da geografia universal, sinto-me extremamente feliz em haver tomado parte nesta realização, que representa o vértice de uma pirâmide que vem sendo construída, há sete anos, pela Comissão Telegráfica Brasileira!

Agora estava findo o período de possibilidade de desastre e terminaram os perigos para a expedição. Naturalmente ainda havia riscos, porém riscos individuais, assim como dificuldades e aborrecimentos para todos nós, mas não possibilidade de um desastre total da expedição. Não teríamos que viver mais em constante ansiedade, fazendo economia de alimentos, trabalhando penosa e indefinidamente sob amarga incerteza do futuro!

\* \* \*

---

86 Espero que este ano o Ananás seja também devidamente colocado nas cartas geográficas, pois um dos auxiliares do Cel. Rondon está empenhado em fazer o seu levantamento. Passamos em suas cabeceiras no planalto e possivelmente na sua embocadura, embora não seja improvável que ele vá desaguar no Canumá ou Tapajós. Contudo, só poderá ser traçado nos mapas quando alguém, de fato, verificar seu curso (Nota do autor).

Chegou finalmente o momento da partida. Os resultados dos trabalhos pesados e contínuos estavam estampados na face de todos. A metade dos camaradas havia apanhado a febre e se achava muito enfraquecida; poucos ainda conservavam boa saúde e disposição. Cherrie e Kermit recuperaram a saúde, porém este e Lira ainda sofriam em conseqüência dos ferimentos adquiridos no trabalho dentro d'água. Eu estava em piores condições: os efeitos da febre ainda se faziam sentir e a perna machucada na ocasião em que ajudava a revirar a canoa dentro d'água se agravara, apresentando um abcesso.

O bom médico, a quem eu devia inúmeros cuidados e grande dedicação, lancetou o abcesso e colocou-lhe um dreno. A operação foi revestida de especial encanto, pois que os piuns e borrachudos nela tomaram parte com grande entusiasmo! Eu mal podia andar claudicando, mas conseguia manter-me bem em pé. Entretanto, “não há paradas, seu condutor, quando as baterias estão em ação!” Ninguém tem o direito de arriscar a vida dos companheiros, numa viagem como esta, para cuidar de seus próprios sofrimentos ou fraqueza. Tem-se o dever de prosseguir, se necessário de rastros, até cair de uma vez. Felizmente, eu não estava nessas condições. Mantive-me bem até passarmos o último rápido do desfiladeiro. Quando meus padecimentos se agravaram, já tínhamos pela frente o caminho desimpedido. Não é interessante para um doente passar as horas mais quentes do dia estirado em cima de caixões, no fundo de uma canoa, sob os raios quase intoleráveis do sol dos trópicos, com alternativas de terríveis chuviões; mas ainda muitas graças tinha de render aos fados! Kermit e Cherrie cuidavam de mim como se fossem adestradas enfermeiras e o Cel. Rondon e o Tte. Lira não eram menos atenciosos.

\* \* \*

A saudade falava bem alto no coração dos três homens do norte: Cherrie suspirava pela sua fazenda de Rocky Dell; eu, por Sagamore Hill, e Kermit, por coisa mais importante!

À noite vimos a Ursa Maior bem acima do horizonte, em posição invertida, com as duas estrelas da extremidade apontando para a estrela do norte, que brilhava um pouco abaixo da constelação. Chegara a primavera em nossa terra, a esplêndida primavera do Hemisfério Norte, com

seus longos dias garridos, adoráveis crepúsculos e noites deliciosamente frescas!

Pintarroxos e “siálias”<sup>87</sup>, calhandras e pardais-cantores deviam estar gorjeando agora em nossos rincões! As árvores reverdecem; anêmonas e sanguíneas já se acham floridas, enquanto os últimos blocos de neve se vão desfazendo; e não nos era dado ouvir os transbordamentos do “ermitão”<sup>88</sup> em Vermont e a melodia suave e cantante do tordo-da-mata em Long Island! Cada qual ama o solo em que nasceu! E todos nós estávamos saudosos de nossos lares e de nossa gente!

---

87 Pássaro norte-americano, da família *Turdidae* (Nota do trad.).

88 Espécie de tordo de hábito solitário (Nota do trad.).

.....

## *Capítulo X*

### EM DIREÇÃO AO AMAZONAS PARA O REGRESSO À PÁTRIA; RESULTADOS ZOOLOGICOS E GEOGRÁFICOS DA EXPEDIÇÃO

**T**ERMINARAM os riscos e as inquietações. Experimentávamos agora o esplêndido contraste entre a descida de um rio conhecido e navegado e outro inteiramente misterioso.

Após quatro dias de viagem contratamos um seringueiro para nos servir de guia, homem que conhecia perfeitamente todos os varadouros e desvios e sabia quando era necessário retirarem-se as cargas das canoas. A viagem, a essa altura era como um brinquedo em comparação com o que havíamos passado. Tivemos longos dias de viagem, pois que, à noite, sempre estacionávamos em alguma cabana de palha habitada ou abandonada, poupando aos nossos homens a trabalhadeira de instalarem os acampamentos; ao mesmo tempo adquiríamos amplos suprimentos de gêneros, não havendo mais necessidade de pesca e de palmitos.

O sol era abrasador e, no entanto, tinha-se a impressão de que a época das chuvas houvesse retornado em face dos constantes aguaceiros que caíam comumente à tarde e esporadicamente de manhã ou à

noite. Às vezes os mosquitos vinham perturbar-nos o sono; de dia eram os piuns que nos atacavam, em grandes nuvens, até mesmo quando nos fazíamos ao largo do rio.

Durante quatro dias viajamos desembaraçadamente, sem qualquer estorvo de grandes corredeiras. No dia 19, então, adquirimos, uma canoa de um Sr. Barbosa, cidadão extraordinariamente bom e hospitaleiro e que nos presenteou com um pato, uma galinha, aipim e um pouco de arroz.

Vivia numa casa espaçosa juntamente com sua mulher, que era bem morena e fumava charuto, e numerosa prole. A nova canoa, em que se adaptou um toldo para me servir de abrigo, pois que ainda me achava doente, era maneira e espaçosa.

Ao meio-dia cruzamos a foz de um caudaloso rio – o rio Branco – afluente da margem esquerda, na latitude aproximada de 9° e 38'. Logo após, encontramos o primeiro rápido perigoso, o Panela. Passamo-lo com as Canoas sem a carga e fomos acampar embaixo, numa grande casa. Por essa ocasião o médico comprou um belo jacamim muito manso e que, dali por diante, me serviu de distração e companhia na canoa. Já havíamos passado por inúmeras cabanas abandonadas e outras habitadas. Seus moradores eram seringueiros, geralmente de residência permanente, com suas mulheres e filhos. Alguns deles, bem como suas companheiras, eram negros puros, outros 100% índios ou ainda de sangue sul-europeu, mas, em regra geral, o que mais se notava, era a miscigenação dessas três raças, em vários graus. Todos se mostravam atenciosos, amigos e hospitaleiros. Muitas vezes se privavam do pouco de que dispunham para nos dar, não aceitando qualquer retribuição.

Quando cobravam, os preços eram bastante elevados, aliás, muito justamente, dado o local distante em que viviam, onde as provisões chegavam oneradíssimas, exceto o que eles próprios pudessem cultivar. As casas de pau-a-pique e teto de palmeira, muito frescas, continham apenas redes, alguns utensílios rústicos e quase sempre um relógio de parede ou máquina de costura e espingardas Winchester de fabricação norte-americana. Geralmente cultivavam algumas flores, inclusive rosas de excelente perfume, ao lado das residências. Suas criações, não se fa-

lando nos cães, constavam apenas de um pequeno número de patos e galinhas. Cultivavam ainda mandioca, milho, cana-de-açúcar, arroz, feijão, abóbora, abacaxi, bananas, limões, laranjas, melões, pimenta e vários outros frutos e hortaliças regionais, como o quiabo – fruto-hortaliça que nasce nos ramos de um arbusto e é preparado com carne. Vivem também da caça e da pesca, sobretudo desta última.

Não existe qualquer representante do governo junto deles e sua existência, mesmo agora, é vagamente conhecida das autoridades governamentais: acham-se inteiramente abandonados pela Igreja e pelo Estado. Quando se pretendem casar, são forçados a longas jornadas, gastando meses, até Manaus ou qualquer outra cidade menor e, geralmente, realizam o batizado e o casamento, simultaneamente. Mantêm apenas a posse provisória das terras em que trabalham e vivem sempre na iminência de ser esbulhados por indivíduos inescrupulosos revestidos de todas as formalidades legais. A legislação vigente deveria conceder a esses pioneiros o domínio das terras por eles escolhidas e cultivadas e onde construíram suas residências. O pequeno lavrador pioneiro, quando proprietário da terra que cultiva com suas próprias mãos, é o maior fator de desenvolvimento de qualquer país. São os verdadeiros colonos e reais conquistadores das selvas. Nunca continente algum foi efetivamente conquistado ou integralmente explorado por uma pequena elite, embora seja esta de grande utilidade. A conquista de fato, a exploração conveniente e a colonização são realizadas por uma multidão anônima, cujos elementos mais destacados se contam, por certo, entre os que constroem suas próprias residências. Cada um que vai chegando, a maioria das vezes, segue os passos dos que o precederam, mas, dentro de pouco tempo, desbrava novo sítio mais adiante e constrói sua casa, em terreno completamente virgem. Esse cidadão legítimo pioneiro, não deve ter a preocupação de vida social e não necessita, ou mesmo desconhece, qualquer fausto ou conforto, exceto o mais mezinho. O colono que está sempre ansioso pelo fausto e conforto das grandes cidades não é absolutamente um verdadeiro pioneiro. Esses que nós encontramos mostravam-se satisfeitos com a vida das selvas. Achavam o clima saudável e a terra dadivosa; visitar uma cidade significava acontecimento excepcional e não era objeto de pronunciados anseios.

Em resumo aqueles homens, assim como outros, nas mesmas condições, que se acham espalhados pela fronteira da civilização brasileira, estão desempenhando o papel dos nossos “peregrinos”, quando, há 125 anos passados, começaram a conquistar a extensa bacia do Mississípi ou então dos *boers*<sup>89</sup> na África do Sul há mais de um século, ou ainda dos canadenses, na conquista do nordeste daquele país há menos de meio século. Repetidamente se diz que a “última fronteira da civilização” se encontra atualmente no Canadá ou na África e já está quase desaparecida. Extensão mais vasta dessa fronteira se encontra no Brasil – país tão grande quanto a Europa ou os Estados Unidos – e ainda muitas décadas hão de passar até que ela se desfaça.

Os primeiros colonizadores aportaram no Brasil um século antes da chegada dos conquistadores dos Estados Unidos e do Canadá. Pelo espaço de trezentos anos se fez muito lento o progresso do país (o governo colonial português, naquela época, era tão retrógrado quanto o espanhol), mas, no decorrer destes últimos cinqüenta anos, tem-se operado um notável e rápido desenvolvimento, com tendência a aumentar cada vez mais. Os paulistas-bandeirantes, partindo em busca de minas e de novas terras, foram os primeiros brasileiros que, há cem anos passados, representaram o papel mais importante na colonização de vastas extensões de terras desconhecidas. Nestas últimas décadas, o seringueiro tem substituído o bandeirante paulista. A borracha o seduz, do mesmo passo que ouro e o diamante fascinaram a outros que se perderam por imensos espaços recônditos da Terra.

Em busca da borracha esquadrinham rios ignorados, que não se encontram nas cartas geográficas. Quer vençam, quer malogrem, deixam outros que os venha substituir, labutando e constituindo famílias. Desse modo inicia-se o povoamento, primeiro passo para a conquista das selvas!

\* \* \*

---

89 Nome dado aos holandeses colonizadores da África do Sul e que cuidavam especialmente da agricultura e criação (Nota do trad.)



*Na casa de um seringueiro.*



*Adaptou-se um toldo na canoa que abrigava o Cel. Roosevelt doente.*



No dia 20 paramos no primeiro armazém, onde compramos, naturalmente por preços elevados, açúcar e fumo para os camaradas que, nos locais de fatura, comiam excessivamente e sempre ficavam doentes. Na canoa de Cherrie, apenas ele e o timoneiro podiam remar continuamente. Os gêneros dos armazéns estavam bastante reduzidos constando apenas do restante de suprimento de um ano antes, pois que os batelões ainda não haviam chegado até ali. Tínhamos esperança de encontrá-los mais abaixo, na cachoeira do Inferno. Os negociantes ou mascates trazem seus suprimentos anuais em batelões, partindo em fevereiro e alcançando a parte alta do rio em princípios de maio, quando já terminada a estação das chuvas. Nessa época, os seringueiros preparam e armazenam seus produtos para as trocas e, em câmbio, compram gêneros de primeira necessidade e certas bugigangas que lhes agradam. Este ano a safra de castanhas foi um desastre, constituindo sério contratempo para toda aquela população.

Naquele mesmo dia 20, percorremos a maior distância até ali conseguida: cinquenta e dois quilômetros. Lira registrou a posição de nosso acampamento: latitude de 8° e 49'. Neste local o grande e belo rio tinha pouco menos de trezentos metros de largura.

Ocupamos uma casa vazia em cuja parte baixa das paredes ainda se viam as marcas da enchente de há dois meses passados, quando o rio invadira o local. A diferença de nível do rio entre a época de chuvas e a estiagem é extraordinária.

No dia 21 fizemos outro estirão, ultrapassando a cachoeira do Inferno, que se acha a 8° e 19' de latitude sul. Até alcançarmos o rio Cardoso, tínhamos avançado quase na direção norte, daí em diante o curso se derivava um pouco para o noroeste. Antes de atingirmos aquela cachoeira, detivemo-nos um pouco numa espaçosa e agradável casa de sapé, onde adquirimos uma grande, leve e cômoda embarcação e deixamos as duas canoas pequenas. Um pouco acima da cachoeira desembocava um ribeirão, o Madeirinha, afluente da margem esquerda. Essa queda d'água tinha mais de 10m de altura e se despenhava com grande impetuosidade. Se a houvéssemos encontrado noutra situação, teríamos tomado muitos dias de árduos e arriscados trabalhos, para atravessar com nossos barcos, porém não mais realizávamos serviços de exploração ou

desbravamento de regiões indevassadas e é fácil seguir-se por caminhos já de outrem familiares. Tínhamos um guia e a bagagem foi conduzida por um atalho de cerca de duzentos e cinqüenta metros; no dia seguinte as canoas foram levadas através de canais já conhecidos. Ao pé da cachoeira havia uma grande casa e um armazém; nós acampamos no ponto em que os trabalhadores aguardavam a chegada de um batelão que os conduziria até o local do serviço, acima dos rápidos. Tratava-se de um grupo de pobres-diabos que levavam uma vida arriscada e cheia de sacrifícios; continuamente enfrentam a morte e pouco se incomodam com a de seus semelhantes. Não se compreende bem porque esses caboclos, algumas vezes, atiram-se à luta contra os índios completamente selvagens, quando entram em contato com eles, de vez que trazem forte percentagem de sangue indígena em suas próprias veias.

Na manhã seguinte, após a passagem das canoas vazias, continuamos a viagem, aliás, percorrendo pequena distância. Tivemos que transportar a bagagem à vista de novos rápidos e fomos acampar numa casa vazia, em plena força da chuva.

No outro dia vencemos quase cinqüenta quilômetros, acompanhando uma longa curva para o oeste. Encontramos bem uma meia dúzia de batelões subindo o rio, cada um com tripulação de seis a oito homens e alguns com mulheres e crianças também. Os homens usavam varejões com ganchos na ponta; aliás, eram as próprias varas a que davam a forma de ganchos. Com estes eles afastavam os ramos marginais, ajudando aos que se firmavam no leito do rio com as zingas, quando a profundidade o permitia, a fim de abrir caminho às embarcações.

O rio era tão largo quanto o Paraguai em Corumbá, porém apresentava forte contraste com aquele, dada a ausência quase completa de aves aquáticas. Pela manhã passamos por um rápido bem forte, o Inferninho, sem que fosse preciso o descarregamento das canoas. À noite atracamos junto de uma grande casa aberta, uma espécie de barracão onde se achavam dois ou três porcos, as primeiras criações que víamos, excetuando as galinhas e os patos. Aí passamos a noite. Era um lugar imundo, mas, em todo caso, conseguimos arranjar uns ovos.

No dia seguinte, 24, sulcamos mais cinqüenta quilômetros até as quedas de Carupanã, que se achavam, segundo observações do Tte. Lira,

a 7° e 47' de latitude. Cruzamos com vários batelões e notamos que as casas marginais já se mostravam com aspecto bem melhor do que as anteriores. Nas proximidades das quedas d'água existia um grande armazém de propriedade de um Sr. Caripe, o seringueiro mais rico da região; muitos homens que encontramos ao longo do rio estavam a seu serviço. Tinha-se feito ali mesmo. Era homem cortês e hospitaleiro e nos deu um bote para substituímos a nossa última canoa remendada. Sua casa era ampla, limpa e confortável.

Aquela queda d'água foi o início de uma série de mais seis, numa extensão de doze quilômetros e todas de travessia bem difícil. Junto de uma delas vimos as sepulturas de quatro cidadãos e ali pereceram. Vários outros também morreram nesses rápidos e seus corpos não foram encontrados: o imposto de vida ali foi pesado. Estivéssemos nós desbravando aquele trecho e não levaríamos menos de 15 dias de trabalho penoso e arriscado, até que o vingássemos. Agora, porém, apenas em um dia e meio o atravessamos. Todos os varadouros eram conhecidos, todos os atalhos esmiuçados. O Sr. Caripe, profundo conhecedor da região, homem calmo, destemeroso e forte como um touro, serviu-nos de guia. Mais de meia dúzia de vezes as cargas foram retiradas e transportadas na cabeça. Em uma das cataratas, as embarcações tiveram de ser arrastadas por terra e em outro ponto desceram vazias, mas tomaram bastante água. Na base da queda em que tivemos de arrastar as canoas fora d'água, fizemos nosso pouso. Aí Kermit matou um enorme caimã. Esse acampamento estava situado ao lado das sepulturas de três homens que morreram afogados naquela cachoeira. O Sr. Caripe nos contou muitas aventuras de seringueiros, entre os quais alguns que foram seus empregados. Um desses homens que trabalhava no Ji-Paraná, um belo dia se perdeu e depois de vinte e oito dias nas selvas foi dar no rio Madeirinha, o qual ficou assim descoberto. Tratava-se de um cidadão de muita saúde e resistência e que trazia material para acender fogo, e, além disso, encontrou muita castanha e alentados jabutis com que se alimentou. Informou o Sr. Caripe que os seringueiros atualmente não ultrapassam as imediações de 9° de latitude, no rio Aripuanã propriamente dito, pela carência de seringueiras dessa zona em diante. Um ano antes, cinco seringueiros, índios mundurucus, trabalhavam no rio Canumá, de difícil navegação, mais

ou menos naquela latitude. Passavam vários dias seguidos embrenhados na mata à procura do caucho. Numa dessas incursões, após quinze dias, vieram ter, com grande surpresa, no rio Aripuanã. Regressaram para dar a notícia a seu patrão e, por ordem deste, trouxeram o produto recolhido até o Aripuanã, onde construíram uma canoa e desceram até Manaus com a mercadoria. Naquela ocasião já haviam regressado e se achavam trabalhando no alto Aripuanã. Os mundurucus estão sempre em boa camaradagem com os civilizados e são mesmo mais inimigos dos índios completamente selvagens do que os próprios civilizados.

Na manhã de 26 de abril, passamos o último rápido perigoso. Os remos rompiam vigorosamente as águas velozes e as canoas dançavam, sulcando o rio largo. Cherrie e Kermit, como sempre, ajudavam os remadores. Continuava a paisagem da selva densa debruando as ribas; e apesar da enchente diminuir, as águas ainda se achavam tão altas que, em muitos lugares, várias ilhotas estavam inteiramente submersas e a vegetação tomada pela torrente.

À uma hora alcançamos a embocadura do rio Castanho propriamente dito e avistamos a barraca do Tte. Pirineus com as bandeiras dos Estados Unidos e do Brasil à frente. Foi com uma salva de tiros partida das canoas e outra da praia que aportamos naquele sítio de acampamento limpo e marcial.

\* \* \*

O alto Aripuanã, rio de volume igual ao do Castanho, porém mais largo naquele ponto, e possivelmente menor curso, aqui se funde com este, formando o que os seringueiros denominam o baixo Aripuanã.

Nas cartas geográficas, apenas se nota a foz deste rio, como se fosse um curso d'água sem maior importância.

Viajamos dois meses nas canoas, do dia 27 de fevereiro ao dia 26 de abril, perfazendo um pouco mais de 750 km. O rio, desde suas nascentes a 13º, até o ponto em que se torna navegável e onde nós o penetramos, tem um curso provável de 200 ou mesmo 300km. Portanto colocáramos na carta geográfica um rio com cerca de 1.000km de curso, cuja existência era completamente desconhecida. Mas, não era tudo. Parecia que este cur-

so d'água de 1.000km fosse realmente o alto Aripuanã propriamente dito, e neste caso teria aproximadamente 1.500km de extensão. Pirineus nos aguardava havia mais de mês, na confluência do que os seringueiros denominavam Castanho e do que eles chamavam de Alto Aripuanã (ele não podia saber em que ponto nós iríamos sair). No dia 26 de março dele fizera a medição de ambos e verificara que o Castanho, apesar de mais estreito, era mais fundo e de maior correnteza, e que, em volume, sobrepujava o outro em 84 metros cúbicos por segundo. Daí em diante o Castanho diminuíra, tornando-se um pouco menor do que o outro, apresentando, após a junção, volume correspondente a cerca de 4.500 m<sup>3</sup> por segundo. Isto a 7° e 4' de latitude.

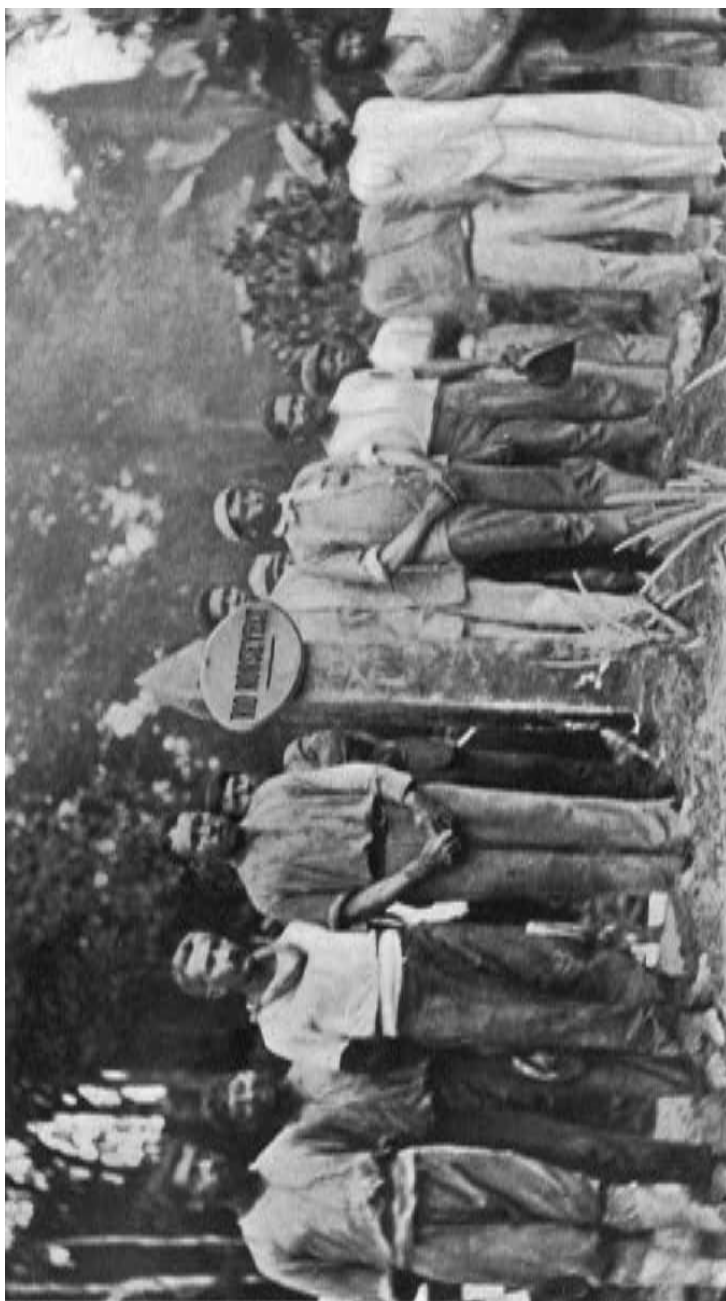
Ficamos realmente satisfeitos em encontrar o Tte. Pirineus e aderimos ao seu esplêndido acampamento.

Achávamo-nos apenas a quatro horas do pequeno porto São João, empório dos vapores seringueiros e de onde as embarcações maiores alcançam Manaus em dois dias. A maioria desses vapores pertencia ao Sr. Caripe. Soubemos, por intermédio de Pirineus, que o Tte. Laureadó e Fiala tinham chegado em Manaus no dia 26 de março. Nas correntezas da garganta do rio Papagaio, sua canoa virou e Fiala perdeu todos seus pertencentes, escapando ele próprio de morrer, por um triz. Fiquei imensamente satisfeito em saber que o belo amigo e companheiro havia escapado. A canoa canadense tinha-se portado à altura. Não ficamos menos contentes em saber também que Amílcar, chefe da comitiva que descera o Ji-Paraná, se encontrava em boas condições, apesar de que sua canoa também tivesse virado nos rápidos, perdendo-se todo o material, inclusive suas cadernetas de apontamentos. Chegara em Manaus no dia 10 de abril. Fiala seguiu viagem para a casa e Miller estava coligindo material nas proximidades de Manaus. Realizava importante trabalho.

\* \* \*

Aqui as piranhas eram terríveis e ninguém podia banhar-se. Cherrie mesmo na borda da praia foi ferido; porém, com uma proteção, conseguiu ficar na água sem perigo.

Dormimos a última noite sob toldos de lona no acampamento do Tte. Pirineus. Chovia a cântaros. Na manhã seguinte fomos visitar o marco



*Os camaradas reunidos em torno do monumento mandado erigir pelo Cel. Rondon.*

comemorativo erigido pelo Cel. Rondon, junto do qual leu ele a “ordem do dia”. Constatou esta, justamente de um resumo dos acontecimentos, salientando o fato de que, pelas nossas investigações e explorações, descobríamos que o rio, cujo alto curso fora denominado nos mapas da comissão telegráfica de “rio da Dúvida”, e cuja maior parte, completamente ignorada, acabávamos de percorrer, e ainda que o rio, apenas conhecido por uns poucos seringueiros – o Castanho – e o baixo curso do Aripuanã (que não aparece nas cartas geográficas, a não ser apenas em uma ligeira indicação de sua embocadura sem qualquer referência a extensão), fazem parte de um único e mesmo rio; e que, de ordem do governo do Brasil, este rio, o maior afluente do Madeira e cujas cabeceiras se acham a 13° e sua foz um pouco ao sul de 5°, até aqui inteiramente desconhecido dos geógrafos e em sua maior parte de qualquer pessoa, a não ser de algumas tribos locais, passaria a se chamar “rio Roosevelt”.

\* \* \*

Deixamos Rondon, Lira e Pirineus fazendo investigações e embarcamos pela derradeira vez nas canoas sulcando a correnteza impetuosa; atravessamos uma série de rápidos sem maior importância, e fomos chegar, à uma hora da tarde do dia 27 de abril no porto São João, justamente antes de uma pesada carga de chuva.

Vencemos aproximadamente 800 km durante os 60 dias de canoa. Naquele ponto tomamos o vapor fluvial *Pirineus*, que nos pareceu extraordinariamente confortável. Na residência do Sr. Caripe fomos cumprimentados por sua esposa, que nos proporcionou uma recepção excessivamente cordial e principesca. À nossa frente tínhamos apenas 36 horas de viagem em vapor, até Manaus.

Para esta expedição havíamos escolhido homens experimentados. Cherrie demonstrou suas altas qualidades e, nele, Kermit e eu encontramos um excelente amigo, cuja amizade havemos de conservar.

Ao cair da tarde seguinte todos nós da comitiva, e mais o Sr. Caripe, partimos no vapor. Levamos apenas pouco mais de 12 horas de marcha veloz até a foz daquele rio, cujo alto curso havíamos percorrido tão penosa e lentamente; de suas nascentes até a embocadura, de acordo com nosso roteiro e os cálculos do Tte. Lira, mediam-se cerca de 1.500 km, aproximadamente 500 milhas ou talvez 1.000 desde o ponto inicial, que

ficava mais ou menos a 13° do planalto, até a foz, no Madeira, a cerca de 5° Na manhã seguinte já estávamos no largo e sereno curso do baixo Madeira, belo rio tropical.

Caíam fortes temporais, como já vinha acontecendo, apesar de estarmos no fim das águas. À tarde entramos, finalmente, no maravilhoso Amazonas, rio majestoso que encerra um décimo das águas fluviais de todo o globo. Tinha várias milhas de largura no ponto em que penetramos, e na verdade não poderíamos dizer se a margem mais afastada, a qual apenas lobrigávamos, era o continente ou uma ilha. Subimos o rio até meia-noite mais ou menos; passamos, então, para o rio Negro durante pouco tempo e à uma hora da manhã, dia 30 de abril, chegamos em Manaus.

\* \* \*

Manaus é uma cidade digna de observação. Está situada apenas a três graus ao sul do equador. Sessenta anos atrás era simplesmente um aglomerado de cabanas ocupadas por índios e alguns cidadãos da classe mais pobre do país. Atualmente é uma grande, bela e moderna cidade, com teatro, bondes, bons hotéis, lindas praças e edifícios públicos e esplêndidas casas residenciais. O colorido das habitações e sua bizarra arquitetura lhe emprestam uma fisionomia de especial atração para nossos olhos de americanos-do-norte. Seu rápido desenvolvimento deve-se ao comércio da borracha, que atualmente está bem menos valorizada, mas, indubitavelmente, há de se normalizar e, de qualquer modo, o progresso da Amazônia, região rica e fértil, há de prosseguir, o que se dará com muito maior rapidez se se fizer sua ligação com o planalto que lhe demora ao sul.

Aí encontramos Miller, fato que nos proporcionou imensa satisfação. Havia ele feito boa coleção de mamíferos e aves no Ji-Paraná, no Madeira e nas cercanias de Manaus; sua coleção de mamíferos era realmente de grande valor.

Entre os espécimes coligidos, achava-se a única preguiça que víramos durante a viagem. A ave mais interessante que encontrara foi a “cigana”, espécime curioso de tipo arcaico; voa pouco e os filhotes, ainda sem penas, têm esporões na asa, com auxílio dos quais se movimentam ativamente por entre os galhos e nadam com desembaraço. Miller descobriu um ou dois ninhos dessas aves, cujos exemplares conservou, fazendo um



estudo completo de seus hábitos. Nas proximidades de Megaço, um jaguar abateu um dos novilhos que ele trazia para corte. O grande felino matou o tourito, abrindo-lhe a jugular com as garras.

Fomos admiravelmente tratados em Manaus, sobretudo pelo governador do Estado e o prefeito da cidade.

Mr. Ribiliard, representante consular da Inglaterra e da Booth Line, nos cumulou de gentilezas; forneceu-nos passagens em um de seus vapores-cargueiros até o Pará e dali em vapor misto da linha Barbados-Nova Iorque. Todo o pessoal da Cia. Booth foi muito gentil conosco.

Despedi-me dos camaradas com verdadeira amizade e pesar; gratifiquei-os com moedas de ouro e fiquei sobremaneira comovido ao saber mais tarde que eles combinaram entre si reservar carinhosamente uma moeda em homenagem à minha pessoa. Era um grupo de homens bons, bravos, obedientes e fortes.

No momento haviam já esquecido a luta por que passaram; estavam engordando e descansando; iam conhecer o Rio de Janeiro, o que significava uma de suas grandes aspirações e se sentiam orgulhosos de ter feito parte da expedição.

Mais tarde, em Belém, eu me despedi do Cel. Rondon, do Dr. Cajazeiras e do Tte. Lira. A par da minha admiração pela sua bravura, coragem e decisão, comecei a dedicar-lhes profunda amizade. Tornei-me um de seus admiradores e tive grande satisfação em lhes fazer companhia numa obra de bastante importância e de repercussão duradoura.

\* \* \*

A 1º de maio deixamos Manaus com destino a Belém do Pará, como se dizia até bem pouco tempo. Foi uma viagem interessante. Navegamos sob alternativas de tempestade e sol forte; e a floresta majestosa semelhava um jardim liliputiano à orla do rio-gigante.

O pôr e o nascer do sol lançavam sobre a imensa superfície líquida pinceladas de luz de um cromatismo sem par; e tudo isto dava maior relevo à solidão grandiosa das selvas. Todavia, o homem procurava dominar aquele isolamento. Passamos por muitas cidades fluorescentes, em uma das quais o vapor atracou para receber carga. Por toda a parte notava-se

progresso e movimento. A transformação por que passou a região desde o advento de Bates e Wallace, então, pobre e primitiva, é surpreendente.

Um dos fatores preponderantes desse desenvolvimento foi a imigração européia, principalmente do sul da Europa. O caldeamento das raças se faz em todos os sentidos; não existe fixação de cor como na maioria das regiões de língua inglesa e as linhagens negras e indígenas se mostram muito acentuadas, mas a cor dominante, a que se revela com mais regularidade e progressão, é a oliva-clara.

Apenas de raro em raro o rio se mostrava em toda sua largura; geralmente navegávamos por entre ilhas ou em canais. Verdadeiras ilhotas de vegetação flutuante pontilhavam a superfície do rio. Miller informou-nos que grande parte dessas massas vegetais provinham de lagoas onde estivera caçando, nas proximidades do Solimões, lagoas estas ricas de vitórias-régias e de maciços de jacintos aquáticos.

Miller, que era um apaixonado por animais, vivendo constantemente preocupado com eles, trazia uma pequena coleção que destinava ao Jardim Zoológico do Bronx. Ente esses animais, havia uma cutia tão brava que tinha de ficar separada; entretanto, três macacos, um grande, um médio e outro pequeno, juntamente com um caititu ainda novo, constituíam uma família feliz. O macaco maior chorava e derramava lágrimas como se fosse uma criança, quando se o tomava nos braços, lastimando-o. O outro, de tamanho médio, era estúpido e resignado, razão por que se tornou a vítima do bando; o pequenino vivia montado no seu lombo e o caititu se servia dele como travesseiro, quando estava com sono.

\* \* \*

A cidade de Belém, capital do Estado do Pará, é uma admirável ilustração do verdadeiro e quase assombroso desenvolvimento do Brasil nestes últimos anos. É uma bela cidade quase sob a linha do equador. Mas não é apenas uma cidade bonita: as docas, o serviço de pesca, os armazéns, as lojas e casas comerciais, tudo isto reflete a solidez de seu comércio. É tão asseada, saudável e bem policiada como qualquer cidade do mesmo tamanho na zona temperada do Norte. São belos seus edifícios públicos e muito atraentes os particulares; há um ótimo teatro, um excelente serviço de bondes e um bom museu e horto botânico. Existem cavaliças, onde as luzes se mantêm acesas

a noite inteira para evitar morcegos vampiros. Os parques, os renques de palmeiras e de mangueiras, os restaurantes ao ar livre, a vida alegre à noite sob os flocos de luz, imprimem à cidade um particular encanto. Belém e Manaus são bem a revelação do que se pode realizar nos trópicos.

O governador do Estado e sua encantadora esposa nos cumularam de atenções.

Cherrie e Miller passaram o dia no Jardim Zoológico com a zeladora, Miss Snethlage, de nacionalidade alemã, excelente naturalista de campo e de gabinete e notável exploradora, que já viajou a pé do Xingu ao Tapajós. Muito inteligentemente ela restringiu as coleções do Jardim Zoológico a espécies do vale do baixo Amazonas e, como consequência deste fato, devo dizer que não conheço, em parte alguma outro de âmbito regional igual a este. Possui Miss Snethlage uma inestimável coleção de aves e mamíferos da região e vale a pena conhecê-la e conversar com ela.

Fomos apresentados também ao etnólogo Prof. Farrabee, da Universidade de Pensilvânia. Acabara justamente de realizar, através do rio Branco, uma importante excursão de Manaus até o planalto das Guianas o qual percorreu a pé, alcançando a costa marítima da Guiana Inglesa. É um dos mais altos representantes dos homens de ciência que atualmente estudam a América do Sul.

\* \* \*

No dia 7 de maio, despedimo-nos de nossos amigos brasileiros e partimos para Nova Iorque, via Barbados.

Sob o ponto de vista zoológico, nossa expedição foi coroada do melhor êxito.

Cherrie e Miller coligiram para mais de 2.500 aves, cerca de 500 mamíferos, alguns répteis, batráquios e peixes, muitos dos quais novos para a ciência, pois que grande parte da região ainda não havia sido visitada por colecionadores científicos. Contudo, o nosso principal trabalho foi de ordem geográfica, representado pela exploração de um rio desconhecido, feito sob os auspícios do governo brasileiro e em colaboração com seus representantes. Realizações dessa natureza não se executam sem uma prévia e demorada preparação. Segundo já me referi alhures, o que realizamos se limitou apenas à colocação da cúpula de um edifício que fora construído pelo Cel. Rondon e seus auxiliares da Co-



Traçado do rio da Dúvida, denominado rio Roosevelt e mais tarde rio Teodoro, pelo Governo brasileiro.

missão Telegráfica, durante seis anos. Sua exploração científica no Chapadão, o levantamento da bacia do Juruena e sua descida pelo Ji-Paraná, possibilitaram-nos a solução do mistério do rio da Dúvida. O mapa anexo apresenta um traçado completo de minha excursão na América do Sul. O curso do novo rio se acha em esboço à parte.

O trabalho da Comissão, um dos maiores já executados na América do Sul, e uma das muitas e muitas realizações devidas ao governo republicano do país.

O Brasil tem sido louvado pela grande maioria dos países hispano-americanos, seus co-irmãos, pelo fato de se haver tornado uma república por evolução, ao invés de revolução. Eles se entregaram às mais extremas experiências de governo, desde os mais populares aos mais autocratas, depois de sofrerem as conseqüências de cada forma de auto-controle, de autoconfiança e de iniciativas próprias, através de três séculos de existência sem relevo, sob as mais frágeis formas de governo colonial até hoje aparecidas, quer sob o ponto de vista civil ou religioso. O mais extraordinário, entretanto, não é o fato de muitos deles terem fracassado, mas, ao contrário, é que alguns conseguissem eventualmente vingar, sob esses sistemas estapafúrdios.

O Brasil, pelo contrário, logo que encontrou o caminho de sua independência, estabeleceu primeiramente um sistema imperial autoritário e, em seguida, liberal. Quando do evento da República, o povo já se achava razoavelmente preparado para isto. O grande progresso do país – e este progresso se fez realmente acentuado – tem sido conseguido com o sistema republicano. Poderia citar inúmeros exemplos ilustrativos do que acabo de afirmar. A transformação por que passou o Rio de Janeiro, de um pitoresco foco de miasmas que era, para uma grande cidade, singularmente bela, saudável, limpa e moderna, seria o suficiente, mas quero também citar como um dos grandes empreendimentos o trabalho da Comissão Telegráfica.

\* \* \*

Colocamos no mapa um rio de cerca de 1.500 km de extensão, cujo alto curso, sobre ser absolutamente desconhecido, nem ao menos era suspeitado, ao passo que seu baixo curso, embora desvendado há alguns

anos por uns poucos seringueiros, permanecia inteiramente ignorado dos geógrafos.

Trata-se do principal afluente do Madeira, que, por seu turno, é o mais importante tributário do Amazonas. As nascentes desse rio se encontram entre o décimo segundo e décimo terceiro paralelos de latitude sul e entre 59° e 60° de longitude oeste de Greenwich. Nele embarcamos na posição de 12° e 1' de latitude sul e 60° 15' de longitude oeste. Deste ponto em diante seu curso inteiro se estende entre 60° e 61° de longitude, aproximando-se desta última posição, nas imediações de 8° e 15' de latitude. Os primeiros rápidos encontrados situavam-se na latitude de 11° e 44' e em séries ininterruptas se estendiam por um grau, separados uns dos outros a menos de um dia de viagem.

A 11° e 23' se acha o ponto de desaguamento do rio Kermit, afluente da margem esquerda; a 11° e 22' o rio Marciano Ávila, afluente da direita; a 11° e 18' o Taunay na margem esquerda e a 10° e 58' o Cardoso na direita. A 10° e 24' situava-se o primeiro seringueiro. O rio Branco desemboca na margem esquerda, a 9° e 38'. O nosso acampamento, situado na posição de 8° e 49', estava nos limites do Estado de Mato Grosso com o Estado do Amazonas. A confluência com o Aripuanã, que entra pela direita, dava-se a 7° e 34', e sua foz no Madeira acusava 5° e 20', aliás já delineadas nas cartas geográficas. A parte que percorremos representava, portanto, o maior trecho de seu curso.

.....

## *Apêndice A*

### A TAREFA DO ZOÓLOGO E DO GEÓGRAFO NA AMÉRICA DO SUL

**A**SSINALA-SE EM grandes áreas da América do Sul, presente-mente, notável desenvolvimento social e industrial. Outras permanecem quase desconhecidas do mundo exterior, dentro de suas próprias condi-ções sociais e econômicas; muitas, entretanto, conservam-se inexploradas, constituindo vastas extensões de terra virgem. Os únicos continentes que ainda se mantêm nesta situação são a África e a Ásia, porém nenhum deles oferece melhores possibilidades de exploração no sentido geológico, zoo-lógico e paleontológico. O explorador das selvas não passa de uma espécie de geógrafo arrojado; e ainda existem dois ou três pontos importantes ati-nentes à geografia e à zoologia experimental na América do Sul. De um modo geral, os excursionistas que ora visitam (da mesma maneira que no século passado) a América do Sul pertencem a três categorias, embora não seja fácil a demarcação perfeita das fronteiras de cada uma. Em primeiro lugar, alinham-se os que visitam o litoral, de um porto a outro, em vapores confortáveis, e esporadicamente fazem uma pequena excursão, em estra-da de ferro, a alguma cidade grande do interior, não muito afastada. São

viagens interessantes e agradáveis, que fazem parte do programa de todo homem inteligente e de posses e cuja freqüência vem aumentando consideravelmente. Não apresentam mais dificuldades do que aquela viagem do Mediterrâneo que imortalizou Mark Twain. É um tipo de excursão que, para homens inteligentes e bons observadores, proporcionam uma ponderável soma de conhecimentos, podendo ser equiparada a viagens da mesma classe, realizadas na Europa e nos Estados Unidos. Provavelmente o melhor exemplo de aplicação da inteligência neste tipo de viagens é o livro de Mr. Bryce.

Em regra geral, essas viagens podem ser comparadas a uma excursão de Atlanta a Calgary ou de Madri a Moscou.

Em seguida temos os viajantes que, por terra ou em rios navegáveis, já percorridos durante séculos, visitam regiões mais afastadas e cidades coloniais que ainda permanecem no mesmo grau de primitivismo relativamente a acomodações e transporte. Tais viagens se apresentam tão difíceis quanto as que se realizam em certas zonas da Espanha, sul da Itália e países balcânicos.

Para homens e mulheres que apreciam percorrer lugares de mais difícil acesso e que, portanto, não se incomodam com algum desconforto, podendo recrear-se e ainda tirar resultados práticos que interessem a terceiros, a América do Sul é um largo campo de ação. Sob o ponto de vista econômico, social e político, as observações desses excursionistas são indispensáveis para completar e, às vezes, corrigir as opiniões dos da primeira categoria, que não estão livres de expenderem opiniões muito generalizadas a respeito do país, baseados apenas em visitas às capitais e portos principais. Os viajantes deste segundo tipo poderão dar informações muito úteis e valiosas a respeito de curiosas e recônditas cidades, da gente do interior com suas peculiaridades, e dos antiquados sistemas de transportes que, em matéria de conforto, nada diferem dos da Europa nos tempos medievais. Os viajantes que sobem e descem rios já navegados há mais de cem anos, – rios, como o Paraguai, Paraná, Amazonas, Tapajós, Madeira e baixo Orenoco., – fazem parte desta categoria. Pouco podem acrescentar a respeito dos nossos conhecimentos de geografia, porém se são competentes zoólogos e arqueólogos, sobretudo se permanecem por algum tempo nos lugares que visitam, seus trabalhos se tornam valiosos sob o ponto de vista



científico. A tarefa do arqueólogo em referência às imensas ruínas que se encontram nas florestas das planícies e nos platôs andinos, está neste caso. Haja visto o que realizou Agassiz com relação ao peixe no Amazonas e Hudson com os pássaros na Argentina.

As publicações de Burton a respeito do interior do Brasil oferecem um ótimo exemplo dessa categoria, embora sem propósitos científicos. Naturalmente excursionistas desse tipo devem se lembrar que sua atuação não é de molde a colocá-los no grupo dos verdadeiros exploradores das selvas. Exatamente como um arqueólogo pode não estar à altura de tratar de problemas políticos e sociais, qualquer cidadão que tenha realizado trabalho importante como observador, em curta visita a cidades e remotas estradas, necessita compreender que não deve se incluir por essa razão na categoria dos verdadeiros exploradores e também se achar suficientemente competente para julgar do trabalho destes. Atravessar os Andes em lombo de burro, ao longo de estradas comuns, é um fato comparável ao que fazem os “turistas” que, desde há séculos, cruzam os caminhos afastados e sinuosos da Suíça. Uma viagem comum nas partes navegadas do Amazonas, Paraguai e Orenoco, não dá a quem quer que seja o título de explorador de ignorados rios sul-americanos, da mesma sorte que uma excursão no baixo São Lourenço não induz pessoa alguma a se considerar em condições de realizar com êxito uma viagem de canoa no Labrador ou em certas zonas da baía de Hudson.

Há um século passado ou talvez menos (setenta ou oitenta anos), antes do aparecimento dos navios a vapor e das estradas de ferro, seria ainda muito mais difícil do que atualmente estabelecer-se um limite entre esta classe e a seguinte; contudo, ao esboçarmos esse limite, fazemos questão de frisar que não nos move qualquer intenção de nivelar os livros sobre viagens. Considero a *Voyage of Beagle* de Darwin, como o melhor livro no gênero; é um dos livros consagrados, que paira acima de qualquer classificação, valendo por si mesmo e, no entanto, o escritor, com sua modéstia, fê-lo numa viagem de iate. O trabalho de Humboldt lançou uma impressão profunda no pensamento da humanidade civilizada; sua viagem se mostrou aventureira e arriscada, e, todavia, não se lhe pode, a rigor, atribuir cunho de exploração propriamente dita. Ele visitou lugares colonizados e habitados durante séculos e atravessou regiões

já percorridas por homens civilizados muitos anos antes. Esses lugares, contudo, eram no Império Colonial Espanhol e o ingresso nessas colônias havia sido proibido por uma tirania turbulenta e intolerante (eclesiástica, política e econômica), a qual transformou a Espanha no país mais atrasado da Europa; e Humboldt foi o primeiro cientista de mentalidade independente que teve permissão de os visitar. Muitas de suas observações científicas são de real valor até hoje. Bates viajou o Amazonas justamente antes da era dos vapores naquele rio, e nunca se afastou dos caminhos comuns. Porém, era naturalista devotado e capaz. Suportou uma vida excessivamente solitária, primitiva e trabalhosa durante 11 anos. E agora, um século após haver escrito seu livro *Um naturalista no Amazonas*, continua este a ser interessante e valioso como nunca, nenhum outro posterior conseguindo suplantá-lo.

Entre os viajantes da terceira categoria se incluem os verdadeiros exploradores das selvas, cujos trabalhos vêm aumentar nossos conhecimentos geográficos, e homens de ciência que, seguindo seus pendores, se dedicam ao desbravamento de regiões ignoradas.

O Cel. Rondon e seus auxiliares muito realizaram no tocante à exploração geográfica de regiões desconhecidas e Cherrie e Miller penetraram e viveram durante meses e anos no recesso das selvas, às suas próprias expensas, em trabalhos de suas especializações. O professor Farrabee, antropologista, é um exemplo típico dessa categoria de exploradores.

Grande soma de trabalho de natureza geográfica e zoológica ainda está por fazer na América do Sul, e somente poderá ser executado, com relativa amplitude, por meio do esforço de muitos especialistas, cada um no seu campo de ação. Há toda conveniência que, em certas ocasiões, parte dos trabalhos seja executada sob um plano delineado como em nosso caso; o mesmo se poderia fazer, por exemplo, no interior das Guianas, nas cabeceiras do Xingu e em certos pontos a leste da Cordilheira dos Andes.

De um modo geral, porém, os trabalhos devem ser especializados. Os primeiros exploradores das selvas, sob o aspecto geográfico, os primeiros excursionistas que têm de se haver com os percalços da fome, moléstia, perigos e várias forma de ameaça de morte, não podem conduzir os elementos necessários a um trabalho científico completo. Se isto

é verdade em relação às explorações nos cursos de rios desconhecidos, ainda mais se positiva quando se trata de viagens de estudos, aliás, cada vez mais necessárias, no interior da América do Sul, em regiões afastadas dos cursos de rios. O trabalho científico desses primeiros explorados deve ser de natureza primária; em outras palavras, as mais difíceis e, portanto, mais importantes realizações são precisamente as que demandam a colaboração de cartógrafos, geólogos, botânicos e zoólogos, posteriormente. O zoólogo, para trabalhar com eficiência nas selvas, deve acompanhar as pegadas dos primeiros exploradores e não seguir juntamente com eles. Qualquer cidadão que quiser realizar ótimo trabalho científico, nessas regiões, não deve tentar combinar tipos incompatíveis e realizações e nem estender excessivamente seu raio de ação em tempo muito limitado. Não encontraremos melhor exemplo de zoólogo que tenha realizado obra de primeira plana, do que John Haseman, o qual procedeu a pacientes e completas investigações científicas, de 1907 a 1910, numa extensa área do território sul-americano, até ali completamente ignorada ou parcialmente explorada. O principal objetivo de Haseman foi estudar as características e distribuição dos peixes sul-americanos, porém, ao lado desses estudos, teve a primazia de abordar outras questões mais ou menos correlatas, como se pode depreender de suas notas sobre os índios e na excelente publicação *Alguns Fatores de Distribuição Geográfica na América do Sul*.

O citado cientista executou seus trabalhos com equipamento bastante reduzido; seu extraordinário sucesso decorreu, sobretudo, de sua saúde e vigor, de seu cabedal científico, da confiança em si mesmo e sua decidida resolução. Seus escritos se tornaram valiosos pela exatidão e senso. A necessidade do primeiro desses atributos será melhor apreciada por quem se der o trabalho de estudar as ficções escandalosas que têm sido publicadas como coisa verdadeira por alguns “exploradores” modernos e aventureiros, a América do Sul, e a imprescindibilidade do segundo para quem estudar algumas das teorias propostas em nome da Ciência como no caso da Biologia aplicada ao continente sul-americano. Há, todavia, uma grave restrição ao trabalho de Haseman: sua extrema obscuridade de estilo – obscuridade esta intercalada de trechos de pedantismo científico,

o que torna difícil dizer, em certos pontos, se seu pensamento também está ou não confuso.

Os cientistas modernos assim como os modernos historiadores e, sobretudo, os professores de Ciência e História, devem ter sempre em mente que a clareza do discurso é essencial para a compreensão do pensamento e que um estilo claro, simples e se possível vívido, tem influência capital no estudo dessas matérias. Darwin e Huxley são clássicos e tal não seriam se não houvessem escrito em aprimorada da linguagem. O pensamento é essencial, porém a faculdade de transmiti-lo com clareza é complemento indispensável. A habilidade de escrever bem sem que haja um pensamento presidindo a obra, pode trazer ao autor zombaria ou desprezo; porém, os mais profundos pensamentos serão imensamente prejudicados se representados de maneira medíocre ou obscura. Haseman os possui tão elevados que é pena não se fazer compreender com a facilidade desejada. Estou certo de que, se ele houvesse dispensado aos seus escritos o mesmo cuidado que tomou com seus trabalhos científicos, aliás, muito mais difíceis, teria realizado coisa mais perfeita.

Pelo menos, se o quisesse, teria desenvolvido suas sentenças até o ponto em que pudessem ser analisadas, evitando assim que seu pensamento ficasse em suspenso, a exigir do leitor um esforço terrível para completá-lo. Seus pontos de vista pessoais e as citações de outrem a respeito das teorias estáticas e dinâmicas de distribuição das espécies, são exemplos de expressões imprecisas numa questão tão importante, que deixam margem a desconfianças se o autor as compreendeu bem. Poderia ele ter evitado o emprego de termos pedantes que apenas irritam e que, felizmente, nada mais são que mera “gíria” científica. Tem estado em grande voga, por exemplo, o abuso generalizado e tautológico da palavra “*complexus*”, um excelente termo, aliás, para ser empregado com finalidade explícita. Haseman aplica-o constantemente, sem propriedade ou com redundância, servindo apenas para dificultar a compreensão. Fala de “*complexus* Antilhano” para significar as Antilhas, “*complexus* orgânico” ao invés de característica ou caracteres somáticos de um animal ou de uma espécie e de “*complexus* ambiental” quando quer dizer apenas meio ambiente. Em resumo, Haseman e aqueles cujo mau exemplo ele seguiu nessas citações de “*complexus*”, apresentam mais ou menos o mesmo es-

pírito daquela famosa dama, já velhusca, que toda vez que se referia à Mesopotâmia, dava-lhe um cunho religioso, dizendo: “a santa palavra Mesopotâmia”.

A razão por que me detenho nessa crítica ao estilo de Mr. Haseman decorre do valor de sua obra. O opúsculo sobre a distribuição das espécies sul-americanas revela, além de sua excepcional habilidade como naturalista de campo, um raro poder de tirar conclusões com agudeza e originalidade dos resultados de suas próprias observações e dos estudos de outros investigadores; e nada é mais necessário entre os modernos cientistas do que o estabelecimento de uma escola de homens que, além de diligentes, observadores acurados, colecionadores e generalizadores cautelosos, não permitam que as generalizações científicas se estiolem pela excessiva devoção a detalhes labirínticos.

Haseman sustentou, com fortes argumentos, a teoria de que, a partir da idade carbonífera e do aparecimento de todas as formas da vida, no globo, com exceção das mais rudimentares, já existiam três grandes massas continentais, às vezes inteiriças, às vezes descontínuas, estendendo-se do hemisfério norte para o hemisfério sul e de tempos em tempos ligando-se na parte norte, mas nunca nas meridionais. Ele sustentou que a vida fora intermitentemente distribuída no sul, ao longo dessas massas continentais, quando não existia desconexão das mesmas naquela região, havendo trocas periódicas entre todas quando se achavam ligadas na parte norte; sustentou também que espécies oriundas de uma única forma ancestral, muitas vezes apareciam em localidades afastadas, sem qualquer contato, quando as condições de meio ambiente eram idênticas.

O ponto de vista oposto é de que essas massas telúricas estiveram sempre ligadas quer nos trópicos, quer na zona temperada do sul ou na região antártica.

Os partidários dessa teoria se baseiam quase que exclusivamente nas formas vivas e nos fósseis, isto é, firmam-se, sobretudo, em considerações de ordem biológica e não geológica.

Inquestionavelmente a distribuição de muitas formas de vida no passado e no presente oferece problemas que, com os nossos conhecimentos paleontológicos atuais, se tornam inteiramente insolúveis. Se

considerarmos apenas os acidentes biológicos relativos a um único grupo de animais, não é somente fácil, mas até inevitável concluir-se que sua distribuição geográfica se explica com a existência de uma antiga ligação que se estendesse, por exemplo, entre a Patagônia e a Austrália, entre o Brasil e a África do Sul, entre as Índias Ocidentais e países do Mediterrâneo ou entre parte da região andina e o nordeste da Ásia. Surgem dúvidas, porém, quando são tomados em consideração vários grupos de animais sob essa mesma hipótese, dado o número dessas pontes de ligação exigido para justificar a existência de uma distribuição constante e ininterrupta. Recente livro de um dos mais destacados defensores dessa teoria requer pelo menos dez das tais pontes entre a América do Sul e todos os outros continentes, atuais e desaparecidos, a contar de um período geológico não muito remoto. Muitas dessas pontes, todavia, devem ser pontes retóricas, seriam longas e estreitas línguas de terra que se projetassem em todas as direções do vasto oceano. De acordo com essa hipótese, as massas telúricas continentais teriam de se manter em conveniente estado de fluidez. Por força desse raciocínio as pontes seriam consideradas aos milhares em vez de dez apenas. O fato é que a distribuição geográfica das espécies, em muitos casos, apresenta-se inexplicável em face de nossos conhecimentos atuais; todavia, se a existência de formas afins em zonas distanciadas fosse comumente interpretada de conformidade com os pontos de vista dos extremados partidários dessa escola, poderíamos, estudando determinado grupo de animais, concluir que, em períodos diferentes, os Estados Unidos e quase todas as outras partes da terra foram ligados entre si, e, depois, separados pelas águas; do mesmo modo, se tomássemos outros tipos de animais, chegaríamos a conclusões inteiramente opostas, o que seria incongruente.

O mais brilhante e ousado expoente dessa escola foi Ameghino, que possuía e abusava de dois predicados essenciais a cientistas de alta linhagem, que são a faculdade de escrever com clareza e primor e a de generalização, ambas raras e perigosas enquanto o investigador não conseguir o hábito de expor com mestria as sutilezas dos detalhes. Ameghino prestou reais serviços à Paleontologia, porém fez generalizações pouco cuidadosas, baseada em dados escassos; e mesmo escassos, algumas vezes ainda os confundiu interpretando-os erroneamente. Sua tese preferida

incluía a origem da vida dos mamíferos e do próprio homem no extremo meridional da América do Sul e incidentalmente com a suposição de que os estratos de fósseis de mamíferos nesta parte do mundo eram muito mais antigos do que os estratos correspondentes de outras regiões; que, na América do Sul, várias espécies e gêneros de homens existiram na época terciária, alguns dos quais em estado tão adiantado quanto as mais adiantadas tribos selvagens de hoje; que existiram várias pontes de ligação entre a América do Sul e outros continentes do mesmo hemisfério, inclusive a África; e, finalmente, que os tipos ancestrais dos atuais mamíferos e do próprio homem atravessaram uma dessas pontes para o Velho Mundo e, posteriormente, seus remotos descendentes, após várias idades, retornaram ao Novo Mundo. Completando valiosas investigações de camadas fósseis da Argentina, fez ele excelentes sugestões de ordem geral, *verbi gratia*, que os antropóides, como os babuínos<sup>90</sup>, não fazem parte das linhagens ancestrais do homem, porém representam um desvio da forma comum humana e tendente a uma regressiva bestialização. Não apresentou ele, porém, provas em favor de suas principais teses e contra elas temos bastantes argumentos. No Museu de La Plata verifiquei que as autoridades na matéria eram unânimes no ponto de vista de que os fósseis do homem terciário e do proto-homem eram: ou fósseis de macacos americanos terciários ou de ameríndios, em estratos muito posteriores a esse período. A extraordinária descoberta de fósseis do homem associados com os da grande extinta fauna sul-americana, tais como do “Milodon”, de um gigantesco ungulado, de um enorme gato semelhante ao leão, e de um esquisitíssimo cavalo (gênero completamente diferente do cavalo atual), deve-se ao eminente cientista Dr. Moreno. Este fato revela que a fauna sul-americana, em seus últimos estádios, constava, por excelência, de tipos que haviam desaparecido em outras regiões e que persistiram na América do Sul até um período geológico muito recente, (dezenas de milhares de anos) quando o homem selvagem de um tipo relativamente moderno já ali existia.

---

90 Macacos cinocéfalos (Nota do trad.).

As provas de que dispomos revelam que a fauna sul-americana foi sempre de um tipo mais arcaico do que a fauna artogéia do mesmo nível cronológico.

Para corrigir as generalizações ousadas e errôneas interpretações paleontológicas, o estudo realizado por Haseman é de inestimável valor. No meu entender, ele apresentou mais seguros argumentos em favor de teorias que abraçou, do que tem sido feito em favor de teorias de qualquer outro acatado cientista, de cujas conclusões ele discorda.

Somente após demoradas, cuidadosas e acuradas pesquisas é que se pode chegar a um resultado definitivo; e tais pesquisas, para que sejam efetivas, devem ser empreendidas por muitos cientistas, cada qual possuindo em larga escala a excepcional capacidade de trabalho de Mr. Haseman, no campo e nos estudos, seus profundos conhecimentos e segurança de observação, além de sua determinação em procurar a verdade com inflexível retidão, onde quer que ela esteja – aliás, uma das maiores entre as grandes qualidades que colocaram Huxley e Darwin acima de seus companheiros.



.....

*Apêndice B*

MINHA CARTA DE 1º DE MAIO AO GENERAL  
LAURO MÜLLER

**M**EU PRIMEIRO RELATÓRIO sobre expedição após nossa chegada em Manaus, e publicado no Rio de Janeiro, foi o seguinte:

“1º de maio de 1914

A S. Ex<sup>a</sup> o Sr. Ministro de Estado dos Negócios do Exterior.

Rio de Janeiro

Prezado general Lauro Müller,

Desejo, antes de tudo, apresentar meus sinceros agradecimentos a V. Ex<sup>a</sup> e aos demais membros do Governo do Brasil, a quem se deve a realização da Expedição Científica Roosevelt-Rondon.

Desejo, outrossim, manifestar a minha grande admiração e estima pelo Cel. Rondon e seus auxiliares que foram meus companheiros nesta viagem de exploração.

Quero, em seguida, evidenciar que esta realização somente pode tornar-se verdadeiramente útil, graças ao trabalho difícil e arriscado da Comissão Telegráfica Brasileira nos sertões longínquos de Mato Grosso, nestes últimos anos. Nós fizemos uma viagem arriscada e penosa sob certos

aspectos, porém com grande êxito. Nada menos de seis semanas dispendemos em marcha lenta e perigosa através de uma região que se constituía de uma sucessão interminável de rápidos e cachoeiras. Passamos 48 dias sem ver um único ser humano.

Na travessia desses rápidos perdemos cinco das sete canoas com que havíamos iniciado a viagem e fomos obrigados a construir outras. Aí também perdeu a vida um de nossos melhores homens. Acossado pelas vicissitudes, outro camarada revelou-se um péssimo elemento, furtando o alimento de seus companheiros, procurando descartar-se de qualquer serviço e, quando punido pelo sargento, assassinou-o covardemente, fugindo em seguida. O Cel. Rondon teve a vida salva pelo seu cão, na ocasião em que caçava, quando dois índios atiraram suas flechas. Conseguimos fazer o estudo de um rio de 1.500 quilômetros de extensão, cujo curso se inicia justamente a 13° e a 5° norte e que é o maior afluente do Madeira.

Até essa data a parte superior de seu curso era inteiramente ignorada, sendo que a inferior apenas era conhecida de alguns seringueiros. Sua nascente se acha entre 13° e 12° de latitude sul e 59° e 60° de longitude oeste de Greenwich.

Penetramos nas águas desse rio na posição de 12° 1' de latitude sul e 60° 18' de longitude oeste. Daí em diante seu curso se encontra entre 60° e 61° de longitude, aproximando-se da latitude de 8° 15'. Os primeiros rápidos se apresentaram em Navaité, a 11° 44' e daí em diante em uma série quase contínua, perigosos e de difícil travessia, até o local em que foi assassinado o sargento Paixão, a 11° 12', local este a que demos o seu nome. Na posição de 11° 23' desemboca o rio Kermit, pela esquerda. A 11° 22' o Marciano Ávila entra pela direita. Como afluentes também da margem direita, surgem o rio Taunay a 11° 18' e o Cardoso a 10° 58'. A 10° 24' aparece o primeiro seringueiro. O rio Branco deságua na margem esquerda, a 9° 38'. Fizemos um acampamento nas proximidades da linha divisória entre Mato Grosso e Amazonas, a 8° 49'. A confluência com o alto curso do rio Aripuanã, que desemboca na margem esquerda, fica a 7° 34', e, finalmente, o rio da Dúvida deságua no Madeira, na posição de 5° e 30'. O curso d'água que percorremos é

o que vem de região mais afastada da embocadura e cujo desenvolver, quase todo, é na direção norte.

Meu caro ministro, agradeço-lhe de todo o coração a oportunidade que me foi concedida de participar dessa grandiosa obra de exploração.

Com a mais alta estima e respeito, creia-me.

*Theodore Roosevelt.*

.....  
*Índice onomástico*

**A**

AGASSIZ – 350  
ALENCARIENSE – 276  
AMARANTE – 276  
AMEGHINO (Dr.) – 47, 355  
AMÍLCAR – Ver MAGALHÃES, Amílcar  
ANTÔNIO – Ver PARECIS, Antônio  
ARNEBERG – 50

**B**

BARBOSA – 331  
BARBOSA RODRIGUES – 126  
BARROS, de – 82, 84, 131, 343, 351  
BELLAY, Joachim du – 272  
BENEDITO – 161, 162, 163  
BORDH, Jake – 131  
BRADDOCK – 28  
BRASIL, Vital (Dr.) – 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 58, 294  
BRYCE – 349  
BURTON – 350

**C**

CAETANO – 193  
CAJAZEIRAS (Dr.) – 178, 193, 294, 342  
CAMÕES – 233  
CARDOSO – 168  
CARIPE – 336, 340  
CASTRO, de – 190  
CHAPMAN, Frank – 23, 26, 27

CHERRIE, George K. – 27, 28, 29, 32, 57, 79, 113, 116, 125, 147, 162, 165, 173, 177, 180, 182, 190, 191, 193, 194, 209, 214, 219, 222, 223, 232, 233, 239, 243, 250, 256, 258, 263, 268, 270, 282, 284, 285, 286, 290, 296, 297, 302, 311, 313, 317, 318, 322, 327, 351  
COLOMBO [Cristóvão] – 240  
CORREIA, Antônio – 283, 284, 298, 299, 302, 325  
CRAVEIRO, Pedrinho – 301, 313  
CRUZ, Osvaldo – 58  
CUNHA – 102

**D**

DANTE – 155  
DARWIN – 350, 353, 357  
DESBORDES-VALMORE (Mme.) – 272  
DESCHAMP, Eustache – 272,  
DITMARS – 41

**E**

EGAU, Maurice – 25

**F**

FARRABEE – 183, 344  
FIALA, Antonio – 28, 29, 32, 80, 148, 173, 178, 193, 194, 298  
FRANCO – 225

**G**

GIBBON – 233, 250

GOETHE – 250

GOFF, Johnny – 131

**H**

HARPER, Frank – 28, 29, 125, 173, 178

HASEMAN, John – 183, 352, 353, 357

HAY, John – 31

HERFORD, Oliver – 201

HOEHNE – 179

HUDSON – 48, 52, 53

HUMBOLDT – 350, 351

HUQUÉN, Marcelino – 50

HUXLEY – 353, 357

**J**

JOÃO – 281, 282, 294

JOHNSTON, Harry – 58

JÚLIO – 253, 312, 313, 314, 317

**K**

KEMPIS, Thomas – 113

KERMIT – 28, 29, 83, 87, 89, 93, 95, 98, 100, 104, 105, 113, 127, 130, 131, 146, 165, 166, 180, 203, 208, 214, 215, 219, 233, 239, 245, 250, 253, 255, 265, 269, 270, 272, 273, 275, 277, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 289, 290, 294, 299, 302, 303, 304, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 317, 318, 324, 325, 327

KIPLING – 208

**L**

LA FONTAINE – 272

LAMBERT, Alexandre – 263

LAUREADÓ – 188, 214, 226

LIRA, João – 70, 143, 156, 167, 178, 190, 192, 193, 198, 214, 219, 250,

253, 260, 263, 265, 269, 270, 272, 273, 275, 276, 277, 283, 284, 286, 290, 299, 302, 304, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 317, 318, 322, 327, 334, 335, 340, 342

LUÍS – 253, 268, 283, 284

**M**

MAC GAHAN, Januarius Aloysius – 25

MACÁRIO – 304

MACKENZIE, Murdo – 137

MADERO – 191

MAGALHÃES, Amílcar – 70, 167, 178, 193, 214, 225, 230, 236, 239, 245, 249, 250, 252, 276, 289

MARQUES JÚNIOR, João – 122, 126, 127

MARQUES, João da Costa – 117, 118

MC LEAN – 137

MELO – Ver MELO FILHO, Joaquim de  
MELO FILHO, Joaquim de – 70, 188, 214, 239, 250

MERRIAM, Hart – 98

MIGUEL EVANGELISTA – 246

MILLER, Leo – 27, 29, 57, 79, 80, 81, 83, 84, 87, 113, 127, 139, 147, 151, 173, 175, 176, 177, 180, 182, 191, 193, 209, 214, 216, 219, 223, 232, 239, 241, 243, 252, 253, 268, 172, 341, 343, 344, 351

MIRANDA RIBEIRO – 275, 276

MONTES, Vicente – 51

MORENO, Francisco P. (Dr.) – 46, 47, 48, 49, 50, 356

MÜLLER, Lauro – 23, 31, 68, 193, 289, 358

**O**

OLIVEIRA, Eusébio de – 70, 193, 214, 219, 239, 241, 250

ONELLI (Dr.) – 51

OSBORN, Henry Fairfield – 23, 26

**P**

PAIXÃO – 312, 313

PARECIS, Antônio – 158, 159, 161,  
162, 163, 253, 270, 284, 287, 294

PARRISH, Howard Pile Maxfield –  
253

PEDRINHO – Ver CRAVEIRO, Pedri-  
nho

PIRINEUS – 70, 276, 289, 337, 340

**R**

RAINLY, Paul – 131

RAMSEY – 137

REINISCH – 126, 239

RIBILIARD – 342

RICE, Fred – 297

RICKARD, Tex – 58

ROGACIANO – 130, 131

RONDON, Cândido Mariano da Sil-  
va – 31, 32, 68, 70, 71, 80, 82, 84,  
91, 93, 99, 100, 113, 126, 127, 130,  
131, 143, 144, 145, 146, 148, 149,  
152, 153, 158, 161, 163, 165, 167,  
168, 178, 186, 187, 190, 192, 193,  
194, 195, 197, 198, 203, 208, 211,  
214, 216, 219, 222, 226, 228, 232,  
240, 246, 249, 250, 253, 255, 257,  
275, 276, 283, 284, 286, 289, 290,  
294, 299, 303, 304, 306, 307, 309,

310, 312, 315, 321, 326, 327, 340,  
342, 344, 351, 358, 359

RONCARD – 272

**S**

SCHILLER – 250

SCHILLING – 132

SCLATER – 53

SELOUS – 132

SHIPTON – 250

SHIRAS – 132

SHOBELOFF – 25

SIGG, Jacob – 28, 29, 32, 142, 156, 173,  
191, 209, 212

SIMPLÍCIO – 281, 282

SNETHLAGE, Mis – 183, 344

**T**

TANAJARA – 276

TELES PIRES – 311

TWAIN, Mark – 349

**V**

VICTOR HUGO – 272

VILLON – 272

**W**

WALLACE – 343

**Z**

ZAHM (padre) – 25, 26, 28, 29, 75, 143,  
155, 191, 209, 212



*Nas Selvas do Brasil*, de Theodore Roosevelt,  
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê  
areia 85g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações),  
do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em novembro de 2010,  
de acordo com o programa editorial e projeto gráfico  
do Conselho Editorial do Senado Federal.





Nas Selvas do Brasil contém um apanhado das observações do grande estadista Theodore Roosevelt, realizadas no curso de uma viagem pelo interior de nosso país.

Em junho de 1913, se reúnem, no Museu Americano de História Natural da cidade de Nova Iorque, um dos diretores dessa instituição, aquele ex-presidente dos Estados Unidos da América, um sacerdote católico e alguns naturalistas,. O projeto apresentado por Roosevelt, de uma excursão pelo interior do Brasil, com o intuito de estudar e recolher exemplares da fauna dessa região, é abraçado entusiasticamente pelos presentes.

O interesse científico e, sobretudo, o sabor esquisito da aventura em terra estranha, levaram o estadista ilustre a transformar-se em uma nova sorte de sertanista, à cata de exemplares zoológicos, explorador da geografia de zonas ainda não conquistadas pela civilização, observador inteligente da terra e do homem que iria conhecer, os quais analisaria com carinho e justeza.

Este livro constitui importante contribuição científica e representa um exemplo de intrepidez, de cooperação e de sacrifício.



ISBN 978-85-7018-309-5

